



MEU

*Chefe*

ENVOLVENTE

SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 5

JUJU FIGUEIREDO



MEU *Chefe*  
ENVOLVENTE

SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 5

Copyright 2020 © Juju Figueiredo

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Barbará Dameto

Revisão: Bah Pinheiro

Diagramação Digital: Juju Figueiredo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# Sumário

[Nota da Autora](#)

[Redes Sociais](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Marcela](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Marcela](#)

[Capítulo 36](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo 39](#)



[Capítulo 40](#)

[Afonso](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo 43](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Marcela](#)

[Epílogo](#)

[Prévia do Próximo livro](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)





Olá querido leitor, como vai?

Ansiosos para mais essa história que está de tirar o folego?

Gustavo e Marcela estão prontos para abalar suas estruturas em mais uma história dessa história emocionante.

Lembrando que este livro é independente dos outros, e pode ser lido separadamente, mas se você quiser ficar por dentro das outras séries basta acessar de acordo com a ordem.

[Meu envolvente professor - livro 1](#)

[Meu Juiz Envolvente - livro 2](#)

[Meu médico Envolvente - Livro 3](#)

[Meu Policial Envolvente - Livro 4](#)

[Combustão - Livro 4,5](#)

Espero que apreciem a leitura!





Me siga nas redes sociais para ficar por dentro de todas as minhas obras!

[Grupo no whats](#)

[Página da Autora](#)

[Instagram](#)

[perfil wattad](#)

[autorajujufigueiredo@gmail.com](mailto:autorajujufigueiredo@gmail.com)

[Grupo facebook](#)





As principais músicas que embalam essa história estão no spotify! Basta abrir o aplicativo, acessar a aba “buscas” selecionar a câmera e apontar para o QRcode a baixo:



Ou acessar pelo link:

<https://open.spotify.com/playlist/5npBJUAcY2ERgKGqQ5gQGP?si=-ZFbpFM4Sl2nuOb6sGSw8g>







Marcela Ferreira era tudo que um homem poderia temer, decidida, confiante, alto astral e completamente sexy. Uma mulher que sabe bem o que quer e como quer. O que ela não esperava era se ver presa em um jogo de sedução completamente perigoso.

Gustavo Simmons é um playboy assumido, já foi considerado o homem perfeito para casar, mas desde que assumiu o cargo de CEO de uma das filiais da Simmons Architecture and Engineering, se tornou mulherengo e arrogante. O que ele não imaginava era se ver enfeitiçado por uma deusa mandada diretamente do Olimpo para tentá-lo.

Ela esconde um segredo terrível.

Ele não tolera mentiras.

Ela não quer compromissos ou relacionamentos sérios, ele também não.

Ela não pretende ir para cama com ele, ele fará de tudo para que ela ceda.

Eles não querem se apaixonar, mas considerando que o destino gosta de pregar peças, isso será inevitável.

Mas quem caíra primeiro nas armadilhas do amor: ele ou ela? Façam suas apostas, porque garanto que o desafio está explícito em cada frase.





Algumas coisas em nossa vida são inevitáveis e uma delas é a mudança.

Nós mudamos o tempo inteiro, seja para melhor ou pior, isso fica a critério de cada um. Mas o que não sabemos é como fazer as pessoas lidarem com essas mudanças.

No momento, eu estou em uma fase constante de mudanças. Funciona como um escudo de proteção, assim eu me mantenho intacto e posso seguir no grande propósito que meu pai dizia ter para mim.

— Você ouviu o que eu disse nos últimos dez minutos, Gustavo? — A voz grave do Rômulo Corrêa me

chamou a atenção.

Ele era um dos acionistas da empresa de meu pai aqui no Brasil, e por sermos uma empresa internacional de Arquitetura e Engenharia a sede oficial ficava localizada em Nova Iorque.

— Acabei me perdendo em pensamentos, pode repetir? — pedi.

E ele apenas sorriu e balançou a cabeça.

— Vamos encerrar este jantar de negócios e beber algo no bar hotel — disse, se levantando e eu o acompanhei.

— Concordo plenamente.

Terminamos a faculdade de Arquitetura há dois anos, e foi assim que além de se tornar meu amigo, se tornou também um dos mais importantes arquitetos da empresa, consolidando seu nome dentro do ramo da arquitetura.

Sentamos no balcão e pedimos dois copos de uísque.

— Quem diria que Gustavo Simmons estaria frente à empresa que ele mais queria manter distância, irônico, não?

— Não é ironia, apenas mais uma artimanha do todo poderoso Roberto Simmons — falei, tomando todo o conteúdo do copo.

— Deveria dar um basta nisso e fazer o que realmente ama, sabe disso.

— Sim, mas não é simples, estamos falando de jogar para o alto milhões e ir me aventurar no que eu amo fazer.

— Dinheiro não é problema para você, sempre me disse isso.

— Sim, eu realmente não me importo, mas eu tenho pessoas que dependem da minha presença ali. Tem minha mãe, minha irmã, não dá para jogar tudo para o alto.

— Falando na sua irmã, como ela está? —  
questionou.

— Melhor a cada dia, o tratamento tem surtido  
efeito, acreditamos que logo ela poderá ir para casa.

— Já se passaram anos — refletiu.

— Sim, apesar de o médico dizer que a situação  
dela é grave, acreditamos que ela possa voltar a ser a  
Mariana de antes.

— Com certeza! — disse, erguendo o copo em um  
brinde e o virando em seguida.

— E você, terminou mesmo com a Carol?

— Sim, não era para ser, cara, tem coisas que não  
podemos insistir, porque não vai. Éramos mais amigos que  
um casal, me entende?

— Compreendo o que você quer dizer — falei, ao  
me lembrar do meu último relacionamento sério.

— Mas mudando de assunto... — meu amigo  
começou, mas parou antes mesmo de concluir a fala. Ele



olhava fixamente para um ponto atrás de mim. — Quem é aquela deusa?

Olhei para trás, sendo contemplado com a visão da mulher mais linda que eu já vi na minha vida. Uma morena de cabelos curtos e lisos, usava uma roupa social que se moldava perfeitamente em seu corpo curvilíneo. Subi o olhar para o seu rosto e me deparei com o sorriso mais lindo que eu já tinha visto na minha vida. Não era falso, muito menos ensaiado, era verdadeiro e espontâneo, isso me deixou completamente hipnotizado.

Então, como um ímã atraindo os dois polos de uma pilha, seu olhar cruzou com o meu, fazendo com que uma onda de choque percorresse cada centímetro do meu corpo e tudo ao nosso redor desaparecesse.

Ela parecia uma deusa, mandada diretamente do Olimpo para me tentar, para testar os meus limites. Os olhos marcados por uma maquiagem escura, mostravam a personalidade forte que emanava dela. A maneira como

seu olhar parecia transmitir as emoções que ela provavelmente seria incapaz de expressar com tanta clareza, a forma como levantou os lábios para esconder o sorriso, o piscar completamente sedutor. Tudo nela fez meu corpo se acender, eu necessitava percorrer as mãos pela pele branca, queria poder me perder nos seus olhos.

Putá que pariu! Eu queria me perder nela!

Então algo a fez quebrar o contato dos nossos olhos, ela voltou a olhar para o homem que a acompanhava e o momento acabou, me fazendo questionar que porra tinha acabado de acontecer aqui.

— Pode esquecer essa, meu amigo — Rômulo disse, batendo no meu ombro. — Pelo jeito, está bem acompanhada.

— Eu não falei nada.

— Mas olhou.

— Olhar não arranca pedaço — falei, voltando a encarar a deusa, que agora não me notava e estava

totalmente alheia ao que o seu olhar causou em mim.

— Vamos embora, sei de uma festa que pode te animar — falou, já se levantando.

— Vamos — falei, já o acompanhando.

Próximo à saída, olhei novamente para a mulher misteriosa, e ela me encarava curiosamente, como se pudesse me ler.

Dei um sorriso de canto para ela, que arqueou uma sobrancelha, indicando deboche e balançou a cabeça em negativa, foi um gesto tão imperceptível que pensei ter sido fruto da minha imaginação, então ela parou de me olhar.

Balancei a cabeça negativamente e sorri, enquanto atravessa o saguão do hotel. Afinal, era apenas mais uma mulher como todas as outras.

O que me intrigava era apenas o fato dela ter prendido completamente a minha atenção sem ter se esforçado para isso, a forma como meu corpo reagiu aos seus olhos e sorriso, mas não iria adiantar nada, afinal, as

chances de eu encontrar essa mulher novamente era de uma em um milhão.





## **SEIS MESES DEPOIS – SÃO PAULO**

Empurrei a última caixa para dentro do apartamento e me joguei no sofá, completamente morta. Fechei os olhos e coloquei o braço sobre os olhos, seria tão simples dormir agora, eu estava tão cansada. Mudar de um estado para o outro era supercansativo.

Um latido e uma lambida em minha perna indicaram que eu não tinha tempo para descansar, me sentei e fiz um carinho em Adônis, meu cachorro que me acompanhava há pouco mais de um ano.

— O que foi, amigão? Eu só queria dormir um pouco, estou morta por causa da viagem e tenho que organizar essa bagunça toda para poder começar a trabalhar.

Ele latiu novamente e eu suspirei.

Eu era apaixonada por mitologia grega e quando ganhei o Adônis, ainda filhote, de uma senhora muito simpática que foi minha vizinha no Rio, não pude deixar de nomeá-lo assim, combinava com ele. Adônis era um mini pitbull, mas valia por um grande, pois tinha a raiva de um.

Meu fiel companheiro e meu melhor amigo.

Levantei-me e olhei novamente a zona do meu novo apartamento.

— É, Adônis, vamos ter que começar a arrumar essa bagunça e depois vamos ver se encontramos o mercado para comprar alguma coisa.

Peguei meu celular e selecionei uma playlist animada no Spotify para me dar algum ânimo para a

arrumação.

A minha mudança para São Paulo tinha apenas um motivo: trabalho. O que as pessoas não faziam por ele, não é? Me mudar por causa do disso não era algo que eu estava acostumada a fazer, mas o cliente pagava bem, muito mais do que eu havia pedido e ainda poderia levar mais dinheiro no final de tudo.

O apartamento que eu aluguei não era tão grande, mas também não era tão pequeno. Pedi indicações a algumas pessoas na internet e o bairro Itaquera foi o meu escolhido, tinha uma localização boa e não era caro. Eu só ficava longe do trabalho, mais de uma hora até o centro de São Paulo, o Uber facilitaria meu trajeto, mesmo assim, seria cansativo me deslocar todos os dias até lá.

Levei todas as caixas até os respectivos cômodos em que as coisas ficariam. Peguei a suíte para mim e o outro quarto deixaria como meu escritório. Só de pensar em montar todo o meu equipamento me dava uma



preguiça enorme, mas era necessário deixar tudo organizado para minha investigação.

Organizei primeiro a sala, pendurando meus quadros estrategicamente na parede que dava de frente com a porta, coloquei os porta-retratos na mesinha de canto que eu havia comprado em uma loja de antiguidade, coloquei a televisão do meu quarto na sala e as almofadas no sofá.

Segui para a cozinha, colocando todos os utensílios domésticos dentro dos armários, organizei a geladeira que estava vazia e isso me lembrou de que eu precisava fazer compras urgentemente. Aproveitei que estava ali e servi a ração para o Adônis, que veio comer abanando o rabinho, coloquei água também e fui em direção ao meu quarto.

A situação ali era um pouco pior, várias malas no chão e na cama, bolsas e vestidos estavam por todos os lados. Olhei meu guarda-roupa recém-montado e completamente vazio, suspirando em seguida, já me

preparando para a batalha que seria arrumar tudo ali dentro.

Meu emprego me fazia comprar roupas que, provavelmente, eu usaria apenas uma vez na vida, mas eu tinha tanta pena de vendê-las ou doá-las, que apenas as deixava acumulando em meu guarda-roupa. Eu sempre sentia que precisaria delas alguma vez, então simplesmente as acumulava.

Suspirei, voltando à realidade. Prendi meus cabelos em um coque e respirei fundo, pronta para começar a verdadeira tarefa. Todos os vestidos foram para os cabides, depois foi a vez dos conjuntos sociais, essas ficariam com acesso mais fácil, já que eu usaria essas peças para o trabalho. As calças jeans foram dobradas e guardadas. Os blazers e casacos de frios pendurados. As roupas que usava para ficar em casa coloquei dentro da cômoda, juntamente com as lingerie.

Os sapatos, eu organizei todos dentro da sapateira, deixando os de salto mais à frente. Após arrumar essa parte e organizar os panos de cama e toalhas, foi a vez dos acessórios e maquiagem. Guardei todas as maquiagens dentro da gaveta do banheiro, e os acessórios dentro de uma caixa que ficava no guarda-roupa.

Quando olhei para o meu quarto completamente organizado me deu vontade de me jogar na cama e dormir até o próximo mês.

Procurei meu celular, que havia parado de tocar minhas músicas em algum momento, para olhar a hora. Já eram seis da tarde, uma boa hora para dar uma volta no bairro e procurar um mercado, mas iria tomar um banho primeiro, pelo menos, para dar um jeito nessa minha cara de acabada.

Após o banho, vesti uma roupa leve e fui procurar a coleira do Adônis, que havia passado a tarde dormindo, enquanto eu me matava de trabalhar.

— Adônis, onde coloquei a coleira? — perguntei ao cachorro, como se ele fosse me responder.

Bom, ele latiu e abandonou o rabinho e, com isso, considerei que ele queria dizer “não faço a mínima ideia”.

Após quinze minutos procurando, achei a bendita coleira na área de serviço, que estava uma bagunça, mas eu a arrumaria apenas no outro dia. Prendi o Adônis, peguei minha bolsa e as chaves do apartamento, enquanto trancava minha casa, ouvi a porta do elevador se abrindo e vi um casal saindo de lá.

Meu guarda-costas começou a latir para eles.

— Calma aí, amigão! — o homem disse, ainda sorrindo.

— Adônis, para! — briguei com ele, enquanto guardava as chaves na bolsa.

— Você deve ser a vizinha nova, meu nome é Emilly — a mulher me cumprimentou, sorrindo e estendendo a mão. Retribuí o cumprimento.

— É, eu me mudei ontem. Me chamo Marcela.

— Prazer, Marcela. — O homem também me estendeu a mão. — Antônio.

Apertei sua mão e sorri.

— Precisando de alguma coisa, é só falar — Emilyly disse. — Meu apartamento é o da frente.

— Obrigada — agradei, e comecei a ser puxada pelo meu cachorro que já estava um tanto impaciente. — Agora, eu preciso ir.

— A gente se vê — ela disse, enquanto eu praticamente corria em direção às escadas por conta do meu cachorro.

— Claro! — gritei.

Saí do prédio e puxei a coleira do Adônis, olhei para os dois lados da rua, tentando decidir para qual lado eu deveria ir.

— Vamos por ali, Adônis. — Indiquei o lado esquerdo e começamos a caminhar.

Talvez as coisas dessem certo por aqui, eu só tinha a ganhar com meu novo trabalho. Afinal, eu era a caçadora, a minha presa só não sabia disso, ainda.



Odiava meu relógio biológico que me fazia acordar às seis da manhã em pleno sábado, me sentei na cama, procurando meu celular na mesa de cabeceira para olhar a hora.

06h15.

Tentei dormir mais, até fechei os olhos e contei carneirinhos, mas nada, absolutamente nada, me fazia dormir de novo. O que me restava era levantar e encarar um Adônis completamente elétrico naquele horário.

Escovei os dentes e fui preparar um café. No dia anterior consegui comprar algumas coisas, isso incluía meu

elixir matinal. Coloquei a água para ferver e fui conferir a comida e água do meu cachorro.

Quando voltei à cozinha, a água já estava no fervendo. Preparei tudo como de costume e fui recebida com um cheiro maravilhoso do café sendo coado.

Agora eu iria arrumar meu escritório e organizar minhas coisas do trabalho, tinha que botar tudo em prática na segunda-feira, não seria fácil, mas eu tinha uma carta na manga, carta essa que nem a minha cliente sabia que existia.

Meu celular tocou, chamando minha atenção, deixei minha xícara em cima da pia e fui até a mesa, vendo o nome dela piscar na tela.

— Não morre tão cedo — murmurei, antes de atender. — Alô.

— *Espero que esteja tudo pronto para segunda-feira.*

— Está duvidando da minha capacidade?

— *Nenhum pouco, mas não admito falhas, Marcela.*  
*Te contratei porque sei que é a melhor e sei que vai me entregar exatamente tudo que eu preciso.*

— Quanto a isso, não se preocupe, eu sei fazer o meu trabalho.

— *Aguardo notícias, até mais.*

A ligação caiu e eu bati os dedos no aparelho. Caminhei até o sofá e peguei meu notebook, abrindo a pasta que indicava o meu caso atual.

Apenas um clique em uma foto e ela se abriu.

Olhos escuros e sedutores, sorriso cafajeste, completamente egocêntrico e extremamente sensual.

Jamais esqueceria esse homem, ele emanava perigo por cada poro do seu corpo. Sabia que eu corria um grave risco ao aceitar o trabalho, mas valia a pena, sempre valia, afinal, eu precisava desse dinheiro. Mas não podia ignorar o fato da minha pulsação aumentar ao me lembrar daquela noite, aquele único encontro, aquela troca de



olhares onde tudo ao meu redor pareceu sumir, a eletricidade que tomou conta do meu corpo.

Foi surreal.

Pensei que nunca mais veria esse homem, mas o destino amava brincar comigo e o colocou no meu caminho.

— Gustavo Simmons, se prepare — falei, olhando para a foto e sorrindo —, você vai cair do cavalo ao me reencontrar.





Acelerei a moto e subi a rampa feita de terra, quando cheguei ao topo, fiz a moto saltar no ar. A adrenalina correndo pelas minhas veias ao sentir o impacto das rodas com o chão, a moto derrapando, dando aquela leve inclinada, a poeira voando e tudo correndo ao meu redor.

Eu era um amante da velocidade.

Um homem que amava desafiar o perigo, principalmente em duas rodas.

Era algo que eu poderia fazer de olhos fechados sem me importar com julgamentos e comentários.

Minha maior paixão.

Parei a moto, tirei o capacete e os óculos.

— Está cada vez melhor — Rômulo disse, sorrindo e se aproximando.

— O desafio é me superar a cada dia — falei, descendo da moto.

— Já disse que deveria competir, não tenho dúvidas de que você seria campeão.

— Não é assim que as coisas funcionam, sabe que não gosto de me prender às regras, correr em trilhas me dá mais liberdade, sabe disso.

— E como sei

— murmurou, e ergueu os óculos em seguida, olhando além de mim. — A bruxa está vindo.

Olhei para trás e fui contemplado pela visão da ruiva que algumas vezes já esquentou minha cama.

— Rapazes, não esperava vê-los por aqui hoje. — Veio nos cumprimentar com um beijo no rosto.

— Sabe que o Gustavo adora correr aos sábados —  
meu amigo disse.

— E, com isso, gosta de te arrastar para cá, você odeia — comentou, rindo.

— Ah, bruxinha, você me conhece tão bem, por que não me dá uma chance? — Revirei os olhos, Rômulo conseguia ser exagerado quando queria.

— Rômulo Côrrea, se a sua fama de mulherengo não fosse pior que a do Gustavo, eu até acreditaria.

— Eu estou aqui, sabiam? — reclamei, e Ariella gargalhou, se virando para mim.

— Meu irmão vai dar uma festa hoje, na boate dele, eu tenho ingressos vips. Topa?

Eu sabia muito bem aonde esses ingressos vips iam dar, na cama de algum hotel, com ela embaixo de mim.

— A gente se vê à noite, bruxinha — falei, sorrindo.

— Vejo você também, Rômulo? — perguntou, ainda olhando para mim e sorrindo.

— Pensei que o convite fosse estendido apenas ao ilustríssimo CEO.

Ela virou o rosto para ele.

— Eu sei que vocês não vivem um sem o outro. —  
Então começou a se afastar de nós dois. — Até à noite,  
rapazes.

Virou-se e aproveitei para dar uma bela conferida na bunda redonda e empinada, completamente marcada pelo jeans justo.

— Essa mulher definitivamente é uma bruxa.

— Uma bruxa muito gostosa, devo ressaltar — falei.

— Você é um filho da puta sortudo.

— Não, Rômulo, eu sou um filho da puta inteligente,  
é diferente.

Coloquei o capacete no guidom da moto e comecei a empurrá-la para a caminhonete.

Ariella era uma amiga que tínhamos em comum, cursei Administração com ela e acabou rolando algo entre

nós dois, o tempo passou e continuamos amigos, que de vez em quando paravam na cama um do outro.

Apresentei o Rômulo para ela, algum tempo depois, e eles viviam em um jogo estranho de provocação, perguntei alguma vez se ele era afim dela e ele negou até não poder mais. Como voltei a morar em São Paulo e ele continuou no Rio, os encontros entre Ariella e eu eram cada vez mais frequentes.

Ela era filha do dono desse clube de motocross, que eu fazia aula há anos, foi assim que aprendi a amar esse tipo de esporte, demorei alguns anos para pegar a prática, mas atualmente eu era um dos melhores do circuito, apesar de recusar a participar de campeonatos.

— Vai para casa? — perguntou, ao dar partida no carro.

Peguei meu celular e vi que havia três chamadas perdidas do meu pai, provavelmente me convocando para algum almoço.

— Vou *pro* meu apartamento e antes de sairmos, à noite, passo em casa.

— Sua irmã teve alta ontem, não é?

— Sim, ainda não tive a oportunidade de ir vê-la, mas já conversei com ela ao telefone e parece bem.

— Sua mãe está mais calma com essa notícia?

— Eu não diria calma e, sim, em um estado menor de colapso. Ainda se preocupa muito com ela.

— Imagino que sim, não deve ser fácil para ninguém.

— Minha mãe merece um lugar no céu, nossa família não é fácil.

— Seu pai continua traindo sua mãe?

— A última foi uma secretária, quando ele ainda estava nos Estados Unidos.

Observei meu amigo balançar a cabeça.

As coisas nunca foram fáceis para nós, minha irmã tinha um transtorno psicológico que afetava diretamente



sua vida e isso custou seu casamento e sua liberdade. O casamento dos meus pais estava para terminar, eles estavam juntos apenas no papel e por puro status, já que havia muito dinheiro em jogo, mas eles mal se falavam.

O único assunto que eles tinham em comum era a Mariana. Minha irmã estava internada em uma das melhores clínicas do Brasil, e meus pais revezavam as temporadas para acompanhar o tratamento. Por esse motivo, assumi a responsabilidade da filial da empresa em São Paulo. Com meu pai quatro meses aqui e depois quatro meses nos Estados Unidos, ele não conseguiria administrar nenhuma das empresas, entregou o cargo de CEO para mim e cuidava apenas da sede em Nova Iorque; minha mãe tinha uma famosa loja de roupas no centro da cidade mais badalada dos Estados Unidos, porém, vendeu tudo, assim que ela soube que a Mariana receberia alta.

Por causa disso, dona Pillar se mudou definitivamente para o Brasil, meu pai ainda havia chegado

de Nova Iorque no dia anterior e eu não sabia o que poderia acontecer de agora em diante. Segunda-feira teríamos uma reunião importante e ele estaria presente, infelizmente, eu me preocupava com a decisão que ele poderia tomar.

Eu não gostava de ser o todo poderoso Gustavo Simmons, o CEO da Architecture and Engineering, mas aprendi muito com aquela empresa ao longo dos anos, não posso negar isso. Aprendi a lidar com pessoas, com números, com projetos, a ensinar e comandar uma grande equipe, algo que eu sabia apenas na teoria e era mais difícil do que parecia. Cresci profissional e empresarialmente, e se meu pai dissesse que queria voltar a tomar as rédeas, eu me sentiria deslocado dentro do meu próprio ambiente de trabalho.



Cheguei em casa e fui recebido por vários latidos seguidos. Minha cachorra se enrolava em minhas pernas e rosnava pela falta de atenção, coloquei as coisas em cima da mesa e me abaixei para pegá-la.

— Afrodite, meu amor, como você está? — perguntei, fazendo carinho nela, que se enrolava em meus pés.

Um dos assuntos que eu sempre fui fascinado durante a juventude foi mitologia grega. Quando comprei essa *Bull terrier*, ela ainda era um filhote, decidi que colocaria nela o nome da deusa do amor, porque ela entrou em minha vida exatamente para isso, me dar o amor, quando minha família não era capaz de fazê-lo.

Fui para a cozinha, peguei a ração dela dentro do armário e a servi. Depois de deixar minha fiel companheira se alimentando, fui tomar meu banho. Pretendia pedir algo para comer, enquanto revisava alguns relatórios da

empresa e depois me arrumaria, passaria na casa da minha mãe e iria para a festa que a Ariella havia convidado.

Enquanto a água escorria pelo meu corpo e tirava o cansaço da manhã, eu já pensava na segunda-feira, em que eu teria uma reunião com meu pai, mas antes disso tinha reunião com as candidatas à vaga de minha secretária. Não que eu tivesse demitido minha última secretária, não demiti, porém, ela entraria em licença maternidade, então eu precisaria de uma substituta.

Quem estava cuidando de tudo era minha própria secretária, Hellen, e ela me disse que havia separado três candidatas em potencial e, na segunda, eu me reuniria com todas elas.

Era a pior coisa em ser o chefe, realizar as entrevistas de emprego, porque em 99,9% das vezes, eu não conseguia encontrar uma que fosse apta para o cargo,

a Hellen foi a exceção, o famoso 0,01% que se salvou. Era ou não desesperador?

Desliguei o registro e peguei a toalha, saindo do box em seguida, parando em frente ao espelho.

Observei meu semblante e vi o quanto havia mudado nesses últimos anos, e nem sempre me orgulhava disso, mas era o que tínhamos para o momento, e só queria esquecer que eu era Gustavo Simmons.



Além de alguns contratos para revisar, aproveitei para olhar o contrato do próximo projeto que eu queria fechar na segunda-feira, na parte da tarde. Daniel Marcondes era um dos maiores investidores em rede hotelaria de São Paulo e queria fechar o projeto de seu próximo hotel conosco.

Estava ansioso e já tinha milhares de ideias na cabeça, seria um projeto grande e de suma importância para a empresa, se conseguíssemos pegá-lo, sem contar que eu faria toda a planta da construção, fazia questão disso. Então, sim, era um *puta* projeto, e eu estava ansioso *pra caralho* para fecharmos contrato e eu começar a trabalhar nele.

Depois de tudo conferido, me vesti casualmente, peguei as chaves do carro e comecei a me preparar para ir, se não fosse minha cachorra começar a latir perto de mim, querendo sair.

Analisei as opções, eu havia saído com ela pela manhã, mas a Afrodite sentia falta de ficar com pessoas, minha empregada vinha apenas duas vezes na semana e eu passava o dia inteiro fora. Então, a peguei no colo e fiz um carinho nela.

— Que tal ir para a casa da dona Pillar, Afrodite? —  
Ela latiu e eu sorri, considerando a resposta como um sim.

Minha mãe adorava animais, já meu pai e minha irmã eram mais avessos, mas quem mandava ali dentro era a dona Pillar, então a entrada da Afrodite estava liberada.

Coloquei os óculos escuros e saí de casa com minha cadela no colo.



De carro, a casa da minha mãe ficava a apenas quinze minutos da minha, coloquei uma música para escutar no trajeto, enquanto andava pelas ruas de São Paulo.

Quando coloquei o carro em frente à garagem, o portão se abriu imediatamente, e eu acelerei, estacionando-o na minha vaga em seguida.

Tirei a Afrodite da casinha para viagens e prendi a alça na coleira dela.

— Vamos lá, garota! — A coloquei no chão e fechei a porta do carro, indo para a entrada da mansão.

Abri a porta e pude ver minha mãe sentada no sofá, mexendo no celular. Afrodite latiu e ela se virou para nos olhar.

— Ah, mas que visita maravilhosa! — disse, se levantando e indo abraçar minha cachorra, que ficou alegre com a atenção.

— Nossa, a Afrodite é mais importante que eu nesta casa — brinquei, e minha mãe riu.

— Não seja bobo, Gustavo — disse, ao pegar a cadela no colo e vir me dar um beijo.

— Não estou sendo bobo, você dá mais atenção a ela do que a mim.

Ela revirou os olhos e se sentou no sofá.

— A que devo a honra da visita? — perguntou.



— Eu vim porque....

— Gustavo, você está aí!

Olhei para as escadas e vi meu pai parado no topo. Impecavelmente vestido e com os óculos pendurados na gola da camisa. O mandachuva da família Simmons.

— Esperei você para o almoço — disse, enquanto começava a descer.

— Eu tinha outros compromissos — falei.

— Imaginei. — Se sentou em sua poltrona e me encarou. — Como está aqui, irei te dar a notícia em primeira mão.

— Que notícia? — questionei, já sentindo que não vinha coisa boa.

— Como estou de volta ao Brasil, irei retomar a presidência da empresa e, caso fecharmos o contrato com o Daniel, quero o projeto do hotel sob a minha supervisão.

*Putá que pariu, isso não podia ser verdade.*





Se fosse em outro tempo, eu ficaria imensamente feliz com isso, se eu não estivesse com tantas ideias para esse projeto, se não estivesse tão empenhado em conseguir que a Simmons Architecture and Engineering fechasse com Daniel Marcondes, eu teria dado pulos de alegria quando meu pai disse que voltaria para a empresa, mas as coisas não funcionavam assim.

— Você está mesmo *pra* baixo, hein, nem a festa está te animando — Rômulo disse em voz alta, me trazendo de volta à boate.

— Só vim porque havia prometido para a Ariella que estaria aqui — falei, tomando um gole do meu uísque.

— Que merda, seu pai reivindicar a presidência e querer justo esse projeto.

— Se fosse há alguns anos ou, até mesmo, meses, Rômulo, eu estaria soltando foguetes, de tanta felicidade. Você sabe como eu me empenhei, como estudei sobre o pedido do Daniel, como me reuni com a equipe semanas, após o expediente, apenas para entregar algo que pudesse ser do agrado dele, para que ele aceitasse fechar conosco. Esse projeto é meu, meu pai não pode simplesmente voltar para São Paulo e achar que as coisas vão voltar a ser do jeito que ele quer.

— Talvez ele deixe você ficar responsável...

— Ele foi bem claro, Rômulo — o cortei. — Quer o projeto do hotel. Não tem como negar.

— *Foda.*

Meu amigo chamou o barman e pediu mais uma bebida, aproveitei para fazer o mesmo. Tomei mais uma dose de uísque e olhei para frente, foi então que eu a vi.

Seu corpo ondulava de acordo com a música. O vestido estava colado ao corpo escultural e perfeitamente desenhado, os cabelos presos deixavam à mostra as costas nuas por conta do corte do vestido. E foi a tatuagem que marcava a pele exposta que me chamou a atenção, foquei os olhos, tentando descobrir qual era o desenho, mas a escuridão não me deixava enxergar direito, só que cobria praticamente toda a extensão de suas costas.

Subi os olhos no exato momento que a mulher se virou para me olhar e então aconteceu, a mesma sensação antes. A mesma mulher que agora olhava diretamente para mim era a mesma de seis meses atrás. A mesma que, de vez em quando, dominava meus pensamentos, me fazendo questionar quem era ela.

Estava fascinado pela forma como ela dançava, passando as mãos pelo corpo, colocando-as acima da cabeça. A maneira como sua cintura ganhava vida, a forma

como seus olhos penetravam os meus, como os lábios se entreabriam e ela sorria misteriosamente.

Ela virou de costas novamente, mexendo a bunda redonda e empinada, que estava em completa evidência por conta do vestido colado. Desci meus olhos pelas coxas grossas, as pernas torneadas e firmes. Refiz o mesmo caminho, parando na misteriosa tatuagem que eu precisava saber sobre o que se tratava.

Estava para me levantar e ir até ela, quando outro corpo parou na minha frente. Levantei o olhar e vi os cabelos cor de fogo de Ariella.

— Desculpa a demora, acabei tendo um problema com a entrega de bebidas, mas já está tudo resolvido. Estão gostando da festa? — Desviei os olhos dela para procurar a deusa que havia me hipnotizado pela segunda vez, mas ela havia desaparecido no meio da multidão.

— Gustavo, está tudo bem? — perguntou.

Balancei a cabeça e fechei os olhos.

Eu estava ficando maluco, só podia ser.

— Está sim, não estou com a cabeça boa — falei.

— Você é a pessoa certa para ajudá-lo, bruxinha — Rômulo disse, se levantando. — Eu vou atrás de uma loira que chamou minha atenção. Crianças, se protejam.

Dito isso, ele nos deixou e Ariella se aproximou ainda mais de mim, se colocando entre minhas pernas.

— Será que eu consigo resolver seu problema? — Se abaixou até ficar na mesma altura que eu.

Minhas mãos subiram pelas suas pernas, que estavam com livre acesso por conta do microvestido que ela usava.

— Se for me ajudar, Ariella, tem que ser agora — falei em seu ouvido, sugando o lóbulo em seguida.

— Sorte a sua, que eu conheço esta boate como a palma a minha mão. — Sorriu maliciosamente. — Vem comigo, você sabe que não vai se arrepender.

Segurei sua mão e fui puxado entre a multidão

Eu precisava disso.

Uma foda.

Aliviar a tensão do corpo e da mente, gozar até esquecer meu nome, e Ariella era a pessoa certa para que eu extravasasse tudo isso.

A bruxinha me levou para o escritório do irmão dela e trancou a porta.

— E se seu irmão quiser usar este escritório? — perguntei, me aproximando dela lentamente.

— Conheço meu irmão, Gustavo. Ele deve estar fodendo alguém neste momento, não vai aparecer por aqui, tão cedo. — Passou a língua nos lábios carnudos, para mordê-los em seguida. — Está esperando o que mesmo?

Não perdi tempo, empurrei o corpo dela contra a porta, ergui suas mãos acima da cabeça e tomei sua boca, com urgência. Minha língua buscava a dela, enquanto ela lutava para se soltar, mas em vão.

Afastei sua boca da minha e sorri para ela.



— É bom que ninguém passe aqui perto, Ariella, porque você vai gritar, e vai gritar muito, implorando para que eu te foda.

— Então me fode, Gustavo. Estou esperando.

Por isso eu gostava de foder com a Ariella, erámos objetivos e sabíamos o que queríamos.

Simples e sem complicação.



O domingo passou sem nenhum estresse aparente. Passei o dia em casa, não liguei para ninguém, nem peguei no celular, para falar a verdade. Conferi a agenda da semana, saí para passear com a Afrodite e passei o restante da tarde lendo.

Quando deu oito da noite, me levantei do sofá e estiquei meu corpo, o que fez com que os ossos estralassem, me dando uma sensação de alívio. Fui para a

varanda e observei os carros passando na avenida, me apoiei no parapeito e fiquei um tempo observando tudo ao meu redor.

Olhei para o céu limpo e estrelado, fechando os olhos em seguida. Os pensamentos perdidos no cara que já fui um dia, que pensava em se casar e ter filhos ao lado da mulher que amava, que acreditava no amor e que faria tudo por ele, independe de qualquer coisa.

Esse homem morreu há muito tempo, e não porque fui traído ou porque minha noiva em questão me abandonou. Sabe quando não era para ser e depois de um tempo você vê que não existe a pessoa certa? Basicamente foi o que aconteceu comigo, então para que esperar a certa, se podia me divertir com as erradas? Tão simples e prático, se todas as mulheres pensassem assim, não haveria tantos problemas.

De repente, minha mente me levou até a mulher da noite anterior, tinha certeza de que se tratava da mesma

pessoa que eu vi no restaurante, no Rio de Janeiro, seis meses atrás. Eu jamais esqueceria aqueles olhos, muito menos como meu corpo reagiu ao dela quando a vi dançando.

Era uma coincidência enorme ela estar em São Paulo, e nos encontrarmos novamente. Só queria ter a oportunidade de descobrir qual era o seu nome, apenas isso.

Minha campainha tocou e eu franzi o cenho. Afrodite começou a latir perto da porta e fui ver quem era. No instante que abri a porta, rolei os olhos.

— O que fazem aqui? — perguntei, dando passagem para que entrassem.

— Domingo, e você enfurnado dentro deste apartamento. Mandamos várias mensagens e nem se deu ao trabalho de responder — Ariella disse, ao entrar e pegar a Afrodite no colo.

Essa cadela era abusada, vivia mais no colo dos outros do que no chão.

— Exato, iríamos chamar você para irmos em uma pizzeria, mas o senhor resolveu sumir o dia todo.

Rômulo entrou com as caixas de pizzas e as cervejas, indo direto para a cozinha.

— Eu estava cansado, precisava descansar.

Fechei a porta e fui ajudar meu amigo.

— Ainda bolado com o assunto do seu pai? — Ariella perguntou, abrindo uma garrafa de cerveja e bebendo no bico mesmo.

— Não estou a fim de falar sobre isso, amanhã o dia será cheio de reuniões, incluindo a reunião com o Daniel — falei.

— Nem me fale dessa reunião — Rômulo disse, abrindo a cerveja e tomando na garrafa mesmo, copos para quê, não é?

— Vai dar tudo certo — falei, tomando um gole da minha cerveja.

— Você está muito otimista, para alguém que pode perder o cargo de CEO amanhã.

— Na verdade, não estou — confessei —, mas a gente tem que enfrentar a situação.

— Um brinde, então, ao seu “não otimismo”. — Ariella ergueu a garrafa e fizemos o mesmo, batendo umas nas outras.

Era bom tê-los comigo, pelo menos, eles entendiam o que eu estava passando.



O elevador parou no andar presencial e eu caminhei até a mesa da minha secretária, que mexia no computador.

— Bom dia, Hellen. Alguma coisa para mim, agora de manhã?

— Bom dia, Gustavo. — Ela se levantou e pegou a agenda, caminhei até a minha sala e ela veio atrás de mim.

— O senhor tem a reunião com as candidatas a vaga de secretária.

— Elas já chegaram? — perguntei, me sentando.

— Sim, senhor. Todas as três estão na sala de reuniões.

— Certo, chame a primeira, por favor.

— Claro.

Virou-se, mas eu chamei novamente:

— Hellen.

— Sim?

— Você tem certeza de que elas são capacitadas?

— Com certeza, foram selecionadas a dedo.

— Confio em você, pode chamar a primeira. — Ela assentiu, sorrindo, e saiu da sala.

Liguei o computador e enquanto o sistema iniciava, peguei a pasta que havia alguns documentos que precisavam ser assinados.

Ouvi a porta se abrindo e depois sendo fechada, mas não levantei o olhar para ver quem era. O som dos saltos batendo contra o piso chamaram minha atenção, então ergui o olhar.

E meu mundo parou naquele exato momento.

O destino não poderia ser tão filho da puta. Ou poderia?







Observei a mulher à minha frente e não falei nada por alguns segundos, fazendo com que ela arqueasse uma sobrancelha para mim, esperando alguma reação minha.

Levantei-me e estendi a mão para ela.

— Seja bem-vinda. Sou Gustavo Simmons, CEO da Simmons Architecture and Engineering, no Brasil, e irei te entrevistar.

Cobri sua mão com a minha, apertando e sorrindo.

— Muito prazer, senhor Gustavo, me chamo Marcela Ferreira.

— Pode sentar, Marcela. Vamos começar a nossa reunião. — Indiquei a cadeira em frente à mesa e ela se

sentou, colocando a bolsa no colo e arrumando o cabelo atrás da orelha.

Quando ela levantou a mão, pude notar uma tatuagem em seu pulso, pareciam ser folhas, mas não pude comprovar minha teoria, já que rapidamente ela abaixou o braço. Desviei o olhar para a tela do computador e abri o e-mail encaminhado pela Hellen, que continha o currículo dela, juntamente com a foto da candidata.

*Hellen, se você tivesse mandado esse documento antes, eu teria me preparado.*

Jamais me esqueceria desses olhos. Expressivos e intensos demais.

— Então, Marcela — comecei —, você não conseguiu terminar seu curso de administração — falei, e olhei para ela depois.

— Infelizmente, não — lamentou. — Tive que parar e não tive oportunidade de voltar.

— Certo, mas você tem experiência em secretariado. Tem boas referências em empresas de tecnologias, hotelaria e é muito boa com computadores, em geral.

— Isso mesmo.

— Você morava no Rio de Janeiro — falei, observando a data do último trabalho dela. — O que a fez vir para São Paulo?

— Oportunidades, existem algumas que podemos agarrar e outras nem tanto.

— Por que foi demitida? — questionei, indo direto ao ponto.

— O senhor Carlos iria para o Canadá, eu era secretária particular dele. Então, não precisaria mais dos meus serviços quando fosse embora.

— Não quis arrumar nada pelo Rio?

— Não, resolvi enfrentar novos desafios.

— Trabalhar para mim, seria um desafio? —  
perguntei, testando-a.

— Vejo qualquer trabalho novo como um desafio e procuro me sair melhor em cada um deles.

Assenti, aprovando sua resposta e analisando-a por um instante.

Era ainda mais linda do que eu conseguia me lembrar, o que me fazia questionar se ela se lembrava de mim. Porém, não perguntaria isso a ela.

— O que a faz pensar que se encaixa na vaga disponibilizada?

— Já trabalhei para várias pessoas nessa área. Sou competente, centrada, sei me portar em ambientes de alto escalão. Tenho conhecimento avançado em computadores, além de ser fluente em inglês e me arriscar no francês.

Coloquei uma mão no queixo e observei a mulher. Ela era muito boa, realmente. Hellen escolheu muito bem

essa candidata, porém, ainda faltava entrevistar mais duas pessoas.

— Obrigada por suas respostas, Marcela. Caso seja selecionada, a Hellen entrará em contato com você, hoje mesmo. — Me levantei e ela fez o mesmo.

— Muito obrigada. — Estendeu a mão para mim, que apertei novamente. Sentindo a pele macia sobre a minha, olhei de relance para sua mão e vislumbrei unhas bem feitas, não visualizei aliança, em nenhuma das mãos. Isso era um bom sinal, certo?

Levei-a até a porta e pedi que a Hellen chamasse a próxima candidata.



Após a última candidata sair, Hellen entrou em minha sala e caminhou até a minha mesa.

— Então?

— Uma decisão difícil, Hellen. — Apoiei os cotovelos na mesa, pensativo. — Todas são excelentes. Currículos impressionantes, últimos trabalhos executados com sucesso, são fluentes em, pelo menos, duas línguas, sabem se portar diante de diferentes situações e as perguntas foram respondidas de forma satisfatória.

— Sim, selecionei a dedo esses currículos.

— Quem você contrataria, Hellen? — perguntei, olhando-a. — Afinal, é a sua vaga. Qual das três você chamaria?

A mulher analisou minha pergunta por uns segundos, antes de responder, sorrindo:

— Todas são excelentes, sem dúvidas, se encaixariam perfeitamente no cargo.

— Mas.... — completei a palavra implícita em sua frase.

— Eu gostei mais da primeira. Ela é muito simpática, sem contar que conversamos um pouco depois que ela saiu daqui. Sempre sorrindo e atenciosa. Acho que a empresa precisa de mais sorrisos, as outras duas eram sérias demais, mal abriram a boca para falar algo. Trabalhamos com pessoas e não robôs. Além do mais — continuou, ao se sentar em minha frente —, nenhuma das duas última ousaria ir contra algo que você falasse, então, se você pedisse a opinião delas, como costuma fazer comigo, elas sempre concordariam com você.

Sorri diante à sua justificativa e ponderei que ela tinha razão, as outras duas candidatas, apesar de serem muito boas e terem ótimas referências eram sérias demais. Abriam a boca para falar apenas o necessário. Hellen sabia o que eu precisava em uma secretária, eu pedia opiniões e gostava de saber o que elas estavam pensando. As duas últimas tinham cara de que concordariam comigo apenas para me agradar e isso não era algo que eu tolerava.

Suspirei e encostei as costas na cadeira.

— Já sabe quem será a escolhida então, Hellen.

Minha secretária sorriu e se levantou, caminhando até a porta, mas se virou para mim, ainda sorrindo.

— E ela é muito bonita também, esqueci de mencionar isso.

Piscou e me deixou sozinho, mas acabei sorrindo. Ela tinha razão, Marcela era linda. Uma deusa, para falar a verdade.

Respirei fundo e passei as mãos no rosto. Eu só precisava me controlar. Nunca tinha me envolvido com nenhuma das minhas secretárias, apesar de algumas serem bem insistentes quanto a isso. Mas eu mantinha minha palavra, eu precisava de uma secretária que sabia separar esses dois lados, só esperava que Marcela soubesse também.

Na verdade, minha preocupação maior não era ela, e sim, eu mesmo. Não dava para negar que ela me atraía,



a vi apenas duas vezes, mas foram suficientes para me deixar hipnotizado. A primeira vez, seis meses antes, naquele hotel; e a segunda, no sábado, dançando, completamente alheia ao efeito que causava em mim.

— Foco, Gustavo. Não vá se prejudicar por conta dessa mulher — falei para mim mesmo, enquanto me levantava, indo até a mesa onde meus desenhos estavam.



Olhei para a planta finalizada em cima da minha mesa, vendo se não havia me esquecido de colocar nada. Coloquei o papel no quadro, pregando com imãs e me apoiei na mesa para observá-lo melhor.

Era a planta de uma loja para decoração, a proprietária entrou em contato conosco, dizendo que queria montar algo mais dinâmico e sair da mesmice de todas as

lojas. Com base nisso, elaborei vários desenhos, quebrei a cabeça até chegar nesse resultado em minha frente. Só esperava que ela gostasse.

Ouvi uma batida na porta da minha sala e em seguida ela se abriu, me virei e olhei para a Hellen, que caminhava até mim com alguns papéis nas mãos.

— Ficou excelente.

— Tem certeza? — questionei, ainda encarando o desenho.

— Absoluta, sabe que quando não gosto de algo, eu digo de uma vez.

— Sei disso — falei, havia contrato a Hellen por conta de sua sinceridade, às vezes lhe faltava um filtro entre o cérebro e a boca, mas nada que causasse problemas.

— Vim informar que os diretores e seu pai já estão esperando na sala, para a primeira reunião do dia.

— Não tenho como fugir, certo? — questionei, já pegando meu terno sobre o sofá e o vestindo.

— Sabe que não — respondeu, e veio arrumar a minha gravata. — Vamos torcer para tudo isso dar certo.

Assenti e ela se afastou.

— Eu espero não sair com dor de cabeça no final de tudo isso — falei, e ela sorriu, se afastando de mim.

— Vamos ser otimistas. Ok?

Assenti e a acompanhei, pegando minha pasta em cima da mesa.

Quando chegamos à sala onde aconteceria a reunião, cumprimentei todo corpo de diretores e me sentei na ponta da mesa, abrindo meu notebook em seguida. Procurei pelo meu pai, porém, não havia o menor sinal dele. Eu estava nervoso e tentava a todo custo não transparecer isso, administrar uma grande empresa como a Simmons Architecture and Engineering não era uma tarefa simples, apanhei muito desde que peguei o cargo, não era

o que eu queria, mas foi graças a isso que me tornei quem sou hoje e eu não estava disposto a deixar de ser o presidente porque meu pai queria o trono dele de volta.

Meu celular vibrou e eu vi a mensagem do Rômulo.

***Rômulo:*** *Você parece tenso, se acalme.*

***Gustavo:*** *Impossível, não quero nem imaginar o motivo da demora do meu pai.*

***Rômulo:*** *Ele deve estar chegando, fique tranquilo.*

Eu iria responder sua mensagem, mas a porta da sala de reuniões foi aberta e meu pai entrou, impecavelmente vestido em seu terno feito sob medida, ao lado de sua nova secretária.

— Desculpe o atraso, acabei pegando trânsito no caminho para a empresa — disse, ao se sentar na outra ponta da mesa.

Não falei nada, engoli em seco e observei meu pai, que abriu seu computador e me ignorava completamente.

— Gustavo — Hellen chamou minha atenção e me entregou um tablet com os assuntos a serem discutidos, na verdade, era o assunto.

A reunião havia sido marcada apenas para discutir sobre a volta de Roberto Simmons à presidência.

— Vamos começar, já que estão todos aqui — falei e me levantei, mas fui interrompido pelo meu pai.

— Não precisamos de enrolação, Gustavo — me cortou, se levantando também e caminhando até onde eu estava. — Esta reunião tem apenas um motivo, anunciar minha volta à presidência da empresa.

— Não vou te entregar a presidência — falei, o que gerou burburinhos na sala.

Meu pai sorriu e olhou para os diretores.

— Todos sabem dos motivos que me levou a entregar à presidência desta filial nas mãos do Gustavo — começou. — Eu precisava tomar conta da sede em Nova Iorque, ficar na administração geral de duas empresas, que

estão em países diferentes, não faria bem às empresas, economicamente falando. Mas agora, com a alta da minha filha mais nova; como vocês sabem, ela passou um longo período internada e agora será tratada em casa, eu estou de volta ao Brasil, de maneira definitiva.

— E como ficará a sede em Nova Iorque? — Rômulo perguntou.

— Como eu tinha um projeto muito importante, a construção de um aeroporto sob a responsabilidade da empresa em Nova Iorque, não podia tomar essa decisão que tomei agora, precisava finalizar esse projeto antes de fazer esse anúncio.

— Que anúncio? — a diretora da área de contabilidade perguntou.

— Estou transferindo a sede de Nova Iorque para o Brasil — falou, e eu fechei os olhos. — Em outras palavras, A Simmons Architecture and Engineering de Nova Iorque e

a Simmons Architecture and Engineering do Brasil passam a ser uma só, de agora em diante.







Todos começaram a falar de uma vez só e eu apenas fiquei calado, enquanto encarava o nada, por essa eu não esperava. Uma das minhas preocupações era ser mandado a Nova Iorque para liderar a presidência da sede, mas isso não aconteceu, na verdade, isso era pior do que eu esperava. Olhei para o meu pai, que sorria para os diretores.

— E quanto a presidência? — perguntei.

Roberto Simmons me olhou e arrumou o terno, sorrindo em seguida.

— Sei que tem muitos projetos pela frente, Gustavo. Trabalhou muito duro nesta empresa e fez o seu nome no

mercado de arquitetura, por esse motivo você tem dois meses para deixar tudo organizado para que eu possa retomar à presidência da empresa, como um todo.

— Dois meses? — repeti, completamente incrédulo.

— Dois meses. Tempo suficiente, não? — Arqueou uma sobrancelha para mim.

— Eu não vou... — comecei, mas a mão da Hellen em meu braço me fez parar, respirei fundo e tornei a olhar para a diretoria. — Acredito que esse assunto deverá ser tratado em outro momento, são muitas coisas que devem ser analisadas ao juntar a empresa de Nova Iorque com a do Brasil, mas vamos marcar uma nova reunião, acredito que possamos resolver tudo isso em duas semanas?

Meu pai sorriu e confirmou com um aceno de cabeça.

— Claro, presidente.

Senti acidez em suas palavras, mas não me manifestei.

— Reunião encerrada — falei, e fechei meu notebook, saindo da sala em seguida.

— Gustavo, calma, não adianta se estressar dessa forma — Hellen falou, quando já estávamos em minha sala.

— Tem como não me estressar, Hellen? — perguntei.

— Ela tem razão, Gustavo — Rômulo disse, ao entrar e fechar a porta. — Se você for contra as ordens dele, sabe que será pior. Gostando ou não, ele é o dono disso tudo e seu pai.

Mordi a língua para não falar nenhuma merda, apenas me sentei na cadeira e encarei o nada.

Tinha algo muito errado nisso tudo, meu pai sempre preferiu morar em Nova Iorque e nunca escondeu isso, tanto que quando falei que queria fazer faculdade no Brasil, anos antes, ele se opôs de todas as formas possíveis e impossíveis, mas me mantive firme. Querer unir as duas

empresas era algo que me deixava intrigado, e eu iria descobrir o motivo dessa decisão.

Eu tinha dois meses para isso.

— Vamos almoçar. — A voz do meu amigo me tirou da onda de pensamentos que eu me encontrava. — Você precisa se distrair.

Assenti, mesmo sabendo que isso não me distrairia, de maneira nenhuma.



Estava relendo alguns relatórios e uma batida na porta me fez erguer o olhar, minha secretária entrou e parou na frente da minha mesa.

— O senhor Daniel Marcondes acabou de chegar e te espera na sala de reunião.

Assenti e passei uma mão no cabelo. Eu estava com uma dor de cabeça intensa, desde o final da reunião com o corpo de diretores e nenhum remédio foi capaz de aliviar.

— Certo, quem mais já está presente na sala?

— O Rômulo, a Dr. Estefânia, o Douglas e seu pai.

Evitei revirar os olhos, sabia que ele estaria ali.

— Vamos enfrentar isso de uma vez. — Me levantei e caminhei para a porta, mas parei e olhei para a Hellen.

— Acha que vamos fechar esse negócio? — questionei e ela sorriu.

— Tenho certeza quanto isso.

Assenti e saí da sala, pronto para mais um round com o senhor Roberto Simmons.

Cheguei à sala já cumprimentando os presentes, então caminhei até Daniel e o cumprimentei, indo até a cabeceira da mesa, em seguida.

— Uma boa tarde a todos, há cerca de duas semanas, o Daniel entrou em contato com a empresa com a proposta de fechar contrato conosco em relação à construção de seu mais novo hotel.

Continuei apresentando a proposta ao Daniel, que apenas assentia, enquanto eu falava das ideias que havia tido e nos benefícios de fechar um contrato desse porte conosco.

— Acredito que se trabalharmos juntos será um grande investimento — falei, quando terminei a apresentação.

— Gostei muito de suas colocações, Gustavo — Daniel se manifestou, pela primeira vez. — São ideias e pontos importantes.

— Porém são falhos — meu pai disse, e todos o encararam, surpresos. — Daniel é conhecido pelos seus hotéis de luxo, por fazer e acontecer, podemos ter mais sofisticação nos detalhes que você colocou, alguns pontos

técnicos precisam ser melhorados antes de passar para o engenheiro também, acredito que deva saber disso.

— Esse não é projeto final, deve saber disso também — falei. — Além do mais, o Douglas está aqui para isso, é um dos nossos melhores engenheiros atualmente.

— Sim, sei disso, tenho ouvido falar muito bem do seu trabalho, Douglas — se dirigiu ao engenheiro, que apenas assentiu. — Quero apenas dizer que...

— Eu tenho uma proposta para vocês dois — Daniel falou, interrompendo ao meu pai e alternando o olhar entre nós dois.

— Que proposta? — indaguei, já imaginando o que ele queria.

— Eu pego o projeto, se o melhor arquiteto — apontou para mim — e o melhor engenheiro — olhou para o meu pai — aceitarem trabalhar juntos. O que acham? É a minha proposta final.

Eu estava em um beco sem saída.

Não que meu pai não fosse um bom engenheiro, ele era um dos melhores, afinal, ergueu essa empresa do zero, fazendo nosso nome tanto aqui no Brasil quanto fora dele. Inclusive, ele foi o engenheiro responsável pela construção de uma das redes do Daniel em Nova Iorque, sabia muito bem do que ele precisava e de suas necessidades. O problema era que o senhor Roberto fazia questão de me diminuir na frente de todos, corrigir erros inexistentes ou simplesmente tentar falar algo para dar a volta por cima.

Por mais que eu fosse o CEO, que mandasse e gerenciasse tudo nessa filial em São Paulo e ainda em outras localizadas pelo Brasil, meu pai era o dono, o todo poderoso. E se tinha uma coisa que o senhor Roberto Simmons não tolerava era ser contrariado.

Daniel havia dado sua cartada final, havia dito o que queria e quem gostaria que fizesse parte da equipe.



Não me restava nenhuma alternativa, a não ser aceitar.

— Então, Gustavo — perguntou, me fazendo encará-lo. — Qual a sua resposta?

Como eu havia dito, um beco sem saída. Se eu negasse, perderíamos a chance de elevar ainda mais o nome da empresa; se eu aceitasse, teria que aguentar o meu pai o tempo inteiro reclamando de algo que eu estava fazendo ou deixando de fazer, o que ele faria de qualquer jeito, já que pretendia voltar a ocupar seu cargo de CEO.

— Aceito — falei, e olhei em direção ao meu pai, que assentia sutilmente, apenas para que eu visse.

Engoli em seco e voltei meu olhar para o Daniel.

— Temos um acordo? — questionei, erguendo a mão para ele, que se levantou e estendeu a mão para mim também, apertando-a em seguida.

— Temos um acordo. — Esboçou um sorriso e completou: — A Simmons Architecture and Engineering

ficará responsável pelo projeto do meu novo hotel. Meus parabéns.

Todos bateram palmas e eu sorri em agradecimento, mas não estava nem um pouco feliz com essa situação.



Ainda fiquei alguns minutos na sala, ouvindo o Daniel explicar sobre detalhes técnicos e saí logo após ele, que conversava animadamente com meu pai. Caminhei para a minha sala, querendo que o mundo ao meu redor desaparecesse, quase não ouvi minha secretária chamando ao passar em frente sua mesa.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Nada que você possa resolver, não se preocupe.

O que houve?

— O Rômulo e a Ariella estão em sua sala, te esperando.

— Obrigado por avisar, Hellen — agradei, e voltei a caminhar.

Entrei em meu escritório e só não bati a porta porque não queria que os outros vissem meu ataque de fúria.

— O que foi aquilo? — Rômulo perguntou, se levantando do sofá e vindo até mim. — Sabemos que seu pai é um ótimo engenheiro e que, inclusive, já trabalhou como engenheiro chefe na construção de um dos hotéis do Daniel, em Nova Iorque, mas dizer que só fecharia o projeto se você e seu pai trabalhassem juntos, foi longe demais, uma pressão desnecessária.

— Daniel é um louco, que idolatra o trabalho do meu pai — falei, me sentando em minha cadeira e respirando fundo. — Não tive escolha, a não ser aceitar.

— Seu pai mal chegou ao Brasil e já está te causando problemas — Ariella falou, pela primeira vez.

Olhei para ela e ergui uma sobrancelha. Apesar do jeito despojado que ela apresentava durante as festas e nos fins de semana, fora do trabalho, Ariella era uma mulher que trabalhava muito para conseguir seu lugar de direito. Então, vê-la usando terninho, saia social até o joelho, saltos e maquiagem discreta, ainda era um pouco estranho. Apenas o cabelo vermelho ela mantinha, pois dizia que nada a faria tirar isso.

— Ariella... — comecei, mas ela ergueu a mão, me calando.

— Eu já sei o seu discurso de cor e salteado, não precisa se dar ao trabalho de repeti-lo. Porém tornarei a repetir o meu, você sabe que está acabando com sua vida, enfurnado neste escritório, passando horas e horas desenhando. Você ama o que faz, sim? É o seu trabalho, aprendeu a gostar dele, mesmo sendo da forma mais difícil

possível, mas se sujeitar às humilhações do homem que se diz seu pai, já é demais para mim.

Ela se levantou e colocou a bolsa no braço.

— Você sabe o que eu penso a respeito disso tudo. Você tem medo de enfrentá-lo. Se esconde nessa fachada de filho perfeito, do filho que o senhor Roberto Simmons sempre desejou ter, você está tentando ocupar o lugar da Mariana, mas adivinhe? Você não é a sua irmã.

— A Mariana está doente, Ariella — falei, já sem paciência.

— Sim, e por isso você tenta se passar por ela. E apesar de ela ser uma pessoa mentalmente desequilibrada, era o sonho do seu pai que a Mariana comandasse tudo isso, que estivesse sentada nessa cadeira, mas não foi o que aconteceu e, por esse motivo, você desistiu dos seus sonhos para viver os sonhos do seu pai, só que não é assim que as coisas funcionam, Gustavo. A pergunta que quero te fazer é a seguinte: quando você

vai parar de agir pela cabeça dos outros e passar agir por conta própria?

Não respondi e ela sorriu tristemente.

— A gente se vê por aí, tenho uma reunião daqui a pouco.

Ela veio até mim e me deu um beijo no rosto, depois fez a mesma coisa com o Rômulo e nos deixou sozinhos.

Meu amigo se sentou na cadeira que ela estava ocupando e assoviou.

— É uma bruxa mesmo — comentou.

— E tem toda a razão. — Apoiei os braços na mesa e fechei os olhos em seguida. — Mas não tem nada que eu possa fazer para mudar essa situação.

— Não tem nada ou você simplesmente não quer que a situação mude? Convenhamos, Gustavo, você não precisa de nada disso. — Abriu os braços para mostrar a sala. — Sabemos bem do que você gosta e que pode muito bem sobreviver sem tudo isso.

— Você sabe o porquê continuo aqui.

— Sua mãe não depende de você para sobreviver, sua irmã pode até precisar de ajuda, mas ela tem a sua mãe e, querendo ou não, seu pai também, ou você acha que ele iria abandonar a princesa dele?

Suspirei e me levantei.

— Não, ele não iria.

— Mas não é apenas isso que te prende aqui — concluiu, e se levantou, fechando o terno. — Você quer o reconhecimento, não das pessoas do lado de fora, porque delas você já tem, mas do seu pai. É para ele que tenta provar alguma coisa.

— Rômulo...

— Não precisa falar nada — falou. — A gente se vê. Com isso, ele se virou e deixou a sala.

Ariella e Rômulo eram as pessoas que mais me conheciam e diziam tudo isso com convicção. Não neguei nenhuma palavra deles, porque era a verdade, por mais

que eu não quisesse, por mais que eu negasse para mim mesmo, era a verdade.

Só queria o reconhecimento dele. Porque a coisa que mais me doía, era saber que meu pai não me dava o devido valor, nem como filho, muito menos, como homem de negócios.

Meu celular apitou e eu vi uma mensagem da minha mãe, convidando-me para um lanche com ela e a Mariana, respondi que estava saindo da empresa e bloqueei a tela. Peguei minhas coisas e saí do escritório, pelo menos por algumas horas tentaria não pensar nos problemas da empresa.



Cheguei à cafeteria que ela havia mencionado e as encontrei à minha espera, abracei e beijei as duas, me



sentando em seguida.

— Como estão? Já pediram algo? — questionei, abrindo o cardápio.

— Ainda não pedimos, estávamos esperando você — minha mãe disse, sorrindo.

— Eu estava com saudade desta cafeteria — Mariana falou, enquanto olhava para o local e sorria.

Isso me fez sorrir também. Estava feliz em saber que ela estava bem.

— Como você está, Mari? — perguntei.

— Bem, na medida do possível. Mas foram muitos anos de tratamento para que eu conseguisse me estabilizar.

— Fico feliz que você esteja de volta, Mari. Senti sua falta. — Segurei sua mão por cima da mesa e ela sorriu.

— Obrigada por não ter me abandonado, sei que o que fiz não tem perdão, mas...

— Ficou no passado, Mari. Você está bem agora, medicada e vamos fazer o possível para não ter mais nenhuma crise.

— Fico grata por isso.

Era bom ver o brilho nos olhos da minha irmã, me deixava feliz. Apesar de tudo que passou, de tudo que viveu e suportou durante esses anos, ela havia voltado.

— Nem acredito que tenho meus dois filhos de volta — minha mãe disse, a voz embargada e o sorriso singelo nos lábios. — Pedi tanto a Deus que minha família voltasse a ser o que era antes.

Apertei sua mão e lhe dei um sorriso triste. Ambos sabíamos que isso nunca iria acontecer, pois o casamento dos meus pais havia acabado há muito tempo e nada indicava que eles voltariam algum dia.

— Não podemos perder a esperança. Certo, mãe?

— Mariana perguntou.

— Jamais, minha querida. Jamais. — Minha irmã beijou a mão dela e eu apertei a outra.

Pelo menos, por algumas horas assumimos o papel de família feliz, sem problemas e que estávamos dispostos a tudo um pelo outro.





Assim que saí do prédio da empresa, abri um sorriso enorme, tinha certeza de que conseguiria aquele emprego. Sabia que eu havia mexido com o homem que me entrevistava. Tinha muita facilidade em ler as pessoas e quando ele me olhou intensamente, que fez todos os meus nervos entrarem em colapso, tive que usar todo o meu autocontrole para que não percebesse o quanto sua presença me afetava também.

Parecia que um arrepio subia por todo o meu corpo, fazendo os pelos se eriçarem. Foi assim no sábado, quando senti que estava me observando, enquanto eu dançava naquela boate. Fiz tudo que podia para fingir que

não sabia da sua presença e quando senti que seu olhar não estava mais sobre mim, fui embora.

Era algo inexplicável o que apenas o olhar daquele homem me causava. Mas eu precisava esquecer e focar no meu trabalho, apenas isso importava. Era um trabalho como qualquer outro, somente isso.

Conferi a hora no relógio e decidi resolver alguns assuntos pessoais antes do almoço, precisava comprar algumas coisas para a casa, mandar colocar internet e organizar a instalação de uma antena de TV. Como os locais eram um longe um do outro, demoraria para resolver tudo.

Peguei meu celular e solicitei um Uber, ainda bem que eu tinha um dinheiro guardado, porque andar de Uber para cima e para baixo todos os dias me faria perder um rim para pagar a fatura do cartão de crédito.

Olhei para o céu azul e sorri, alguns sacrifícios deveriam ser feitos para que o trabalho fosse bem

executado.



Sentei-me em uma cafeteria que havia ali perto e abri meu notebook. Enquanto o sistema iniciava, pedi um *cappuccino* e um pedaço de bolo para ir comendo. A manhã havia sido tão corrida, que mal tive tempo para almoçar.

Conferi o celular mais uma vez e não havia um único sinal de ligação da empresa do Gustavo, não que estivesse nervosa, longe de mim, mas a demora me incomodava um pouco.

Balancei a cabeça negativamente, nada de pessimismo naquele momento.

Encarei o notebook, que já havia ligado, peguei os fones de ouvido e tentei sintonizar a escuta que coloquei

no braço da cadeira que sentei. Como era um dispositivo pequeno, era praticamente imperceptível, a não ser que alguém colocasse a mão ali. Não havia som algum, então decidi programar um alarme para quando o sistema começasse a emitir frequências.

Meu café chegou, agradei a atendente e comecei a comer. Aproveitei para ler a última reportagem que havia saído sobre a família Simmons. A matéria era sobre a filha mais velha do casal, Roberto e Pillar, que havia saído de uma unidade psiquiátrica depois de sete anos de reclusão. Mariana, como se chamava, era portadora de um grau elevado de esquizofrenia e foi presa, após um surto psicótico, em que sequestrou e atirou na atual esposa do seu ex-marido, o pesquisador italiano, Fellipo Vitale.

Havia ouvido falar no incidente, na época, tinha saído em todos os jornais, principalmente quando a Bruna, vítima da Mariana, decidiu não prestar queixa contra a mulher.



Foi algo completamente surreal.

Beberiquei meu *cappuccino* e observei a foto da família. Era antiga, já que há muitos anos eles não apareciam juntos em algum evento. Rolei a tela e vi a foto do homem que vinha atormentando meus sonhos e o observei.

Meu trabalho não envolvia sua família, apenas ele e a empresa.

Mordi um pedaço do meu bolo e abri outra matéria, sobre o filho rebelde que virou um exímio arquiteto.

Gustavo havia estudado Administração e, em seguida, Arquitetura, o que me fez contestar várias coisas quando fui contratada, mas meu trabalho não era questionar e, sim, fazer o que me foi mandando.

O computador apitou no exato instante que vozes começaram a sair no fone de ouvido. Coloquei o garfo em cima do prato e prestei atenção na conversa.

— *Eu já sei o seu discurso de cor e salteado, não precisa se dar ao trabalho de repeti-lo. Porém tornarei a repetir o meu, você sabe que está acabando com sua vida, enfurnado neste escritório, passando horas e horas desenhando. Você ama o que faz, sim? É o seu trabalho, aprendeu a gostar dele, mesmo sendo da forma mais difícil possível, mas se sujeitar às humilhações do homem que se diz seu pai, já é demais para mim.*

Alguns segundos de silêncio para depois a mesma mulher voltar a falar.

— *Você sabe o que eu penso a respeito disso tudo. Você tem medo de enfrentá-lo. Se esconde nessa fachada de filho perfeito, do filho que o senhor Roberto Simmons sempre desejou ter, você está tentando ocupar o lugar da Mariana, mas adivinhe? Você não é a sua irmã.*

— *A Mariana está doente, Ariella* — Gustavo respondeu, e eu apoiei o queixo na mão, prestando ainda mais atenção no que eles conversavam.

— Sim, e por isso você tenta se passar por ela. E apesar de ela ser uma pessoa mentalmente desequilibrada, era o sonho do seu pai que a Mariana comandasse tudo isso, que estivesse sentada nessa cadeira, mas não foi o que aconteceu e, por esse motivo, você desistiu dos seus sonhos para viver os sonhos do seu pai, só que não é assim que as coisas funcionam, Gustavo. A pergunta que quero te fazer é a seguinte: quando você vai parar de agir pela cabeça dos outros e passar agir por conta própria?

A coisa estava ficando interessante e começava a fazer sentido. Fez-se um silêncio por alguns segundos, então o toque estridente do meu celular me fez pular de susto na cadeira.

Peguei o aparelho e vi o nome da empresa do Gustavo piscar na tela. Tirei os fones e atendi a chamada.

— Alô.

— *Senhorita Marcela Ferreira?* — a voz do outro lado da linha perguntou.

— Sim, sou eu.

— *Aqui é a Hellen, secretária do senhor Gustavo Simmons, estou ligando para informar que a senhorita foi selecionada para o cargo e que pode comparecer ao RH amanhã, para dar entrada em todos trâmites da contratação.*

Sorri, sabendo que 10% do meu plano estava concluído.

— Muito obrigada, Hellen, você não imagina a felicidade que é ouvir essa notícia.

— *Nós que agradecemos, nos vemos amanhã, então.*

— Nos vemos amanhã.

Encerrei a chamada e sorri, olhando para o nada e em seguida voltando a encarar o celular, procurei o contato da minha chefe e liguei.

— *Espero que tenha um bom motivo para me telefonar* — a voz disse, assim que atendeu. — *Já avisei que essa é uma via de mão única, apenas eu entro em contato.*

— Liguei apenas para comunicar que consegui o emprego.

A ligação ficou muda por alguns instantes, até que ela se pronunciou novamente:

— *Muito bem, uma parte do que foi combinado está feita. Preste atenção no que tem que fazer e em qual é o seu trabalho.*

— Pode deixar, eu farei isso. Não vai se decepcionar.

— *Sei que não, até o próximo contato.*

Então, desligou.

Respirei fundo e fechei os olhos por alguns instantes, isso daria certo.



Voltei para o meu apartamento, sendo recebida pelos latidos do Adônis, me abaixei para fazer carinho em sua cabeça. Me levantei e fui para o meu quarto, guardando minhas coisas e tirando os sapatos de salto. Eu os odiava completamente, não gostava de usar sapatos sofisticados, vez ou outra, tudo bem, mas sempre? Nunca precisou! O fato era que de agora em diante eu precisaria viver em cima de um.

Peguei um short *jeans* e uma camiseta e fui ao banheiro me trocar, guardei minhas coisas e fui para cozinha ver o que tinha para comer. Não tinha nada pronto e eu estava com coragem zero para preparar algo, então decidi pedir uma pizza para jantar, que provavelmente viraria meu café da manhã.

Eu não tinha frescura, se desse para comer, beleza, se não desse, tudo bem. Disquei um número que a dona do prédio me forneceu, dizendo que era muito bom e pedi uma pizza grande com uma Coca-Cola.

Sentei-me no sofá e liguei a TV, imediatamente Adônis subiu em cima de mim, comecei a fazer carinho em sua cabeça, enquanto zapeava pelos canais da televisão.

Mas me perdi em pensamentos, principalmente para o dia em que vi o Gustavo pela primeira vez.

Seus olhos presos ao meus, a forma como me encarou, como se quisesse descobrir todos os meus segredos, como se pudesse ler minha alma. Dessa vez, não foi diferente, eu só precisava me acostumar com essa situação.

Suspirei e olhei para o meu amigo.

— Eu estou encrencada, Adônis. Completamente encrencada, porque não sei se sou forte o suficiente para resistir às possíveis investidas de Gustavo Simmons.







Como eu só teria que ir para a empresa no dia seguinte, aproveitei para deixar todos os meus equipamentos de espionagem organizados. Havia aproveitado o dia de e renovado todo o meu estoque de acessórios para espionagem, alguns apetrechos tive que pedir pela internet, mas comprei tudo que consegui encontrar por aqui.

Tinha uma variedade de acessórios para captação de imagens e sons como relógios, óculos, pen-drives, canetas e microcâmeras. Separei um estojo para guardar as coisas que precisaria usar no dia seguinte. Aproveitei o tempo também para colocar um programa espião no pen-

drive para instalar no computador do Gustavo quando tivesse tempo.

Separei todos os documentos que a atual secretária do Gustavo pediu que eu levasse ao RH, tirei cópia de tudo e separei os originais em pastas.

Meu escritório também estava quase organizado, havia ligado meus computadores e organizado meus livros em prateleiras, faltava pendurar apenas alguns quadros e conectar meu computador ao celular que eu usava exclusivamente para os casos novos.

Sentei-me na cadeira e fechei os olhos, morta. Querendo ou não, eu era muito meticulosa com a organização do meu ambiente de trabalho. E a cada vez que eu precisava me mudar era o mesmo drama para organizar tudo.

Olhei a hora no relógio da parede e vi que se passavam das vinte horas. Era sempre isso, perdia horas

limpando e organizando tudo, mas era só no início, depois apenas o manteria organizado.

Meu celular tocou e eu estiquei a mão para pegá-lo em cima da mesa, vi o nome da minha mãe e me sentei rapidamente. Ela quase não me ligava e quando isso acontecia, eu tinha certo medo, porque significava que ela havia aprontado algo.

— Oi, mãe — falei, ao atender.

— *Marcela, meu amor! Que saudade de você, meu bebê.*

— Onde a senhora está? — perguntei, já saindo e fechando a porta do escritório, indo em direção ao meu quarto.

— *Neste exato momento, estou em Marrocos!*

Sentei-me na cama, perplexa.

— Marrocos? — questionei, incrédula.

— *Sim! Deveria conhecer, Marcela, é um lugar incrível!*

— Como o Rogério está?

— *Está bem. Foi tomar um banho, para darmos uma volta.*

— Ah, sim. — Mordi os lábios. — Estou com saudade de vocês dois.

— *Também estamos com saudade da nossa princesa, querida. Por que não arruma um tempo para vir nos visitar?*

— Mãe, eu tenho uma coisa que se chama trabalho, conhece? — perguntei, ironicamente.

— *Claro que conheço, Marcela! Mas você só faz isso, querida. Você tem dinheiro, sabemos muito bem disso, porque o traste do seu pai te deixou uma fortuna, mas você insiste em não querer nada.*

— Não quero falar nisso — pedi, já fechando os olhos. Sempre que meu pai biológico era mencionado em alguma conversa nossa acabávamos discutindo.

— *Tudo bem, querida, não está mais aqui quem falou, apenas expus a verdade e sabe disso. Mas entendo o seu lado, se fosse eu no seu lugar também não aceitaria nada vindo daquele traste.*

— *Você se casou com aquele traste, mãe — a lembrei.*

— *É, querida, mas naquele tempo, eu não sabia um terço do que eu sei hoje, se pudesse voltar atrás...*

— *Se pudesse, mas não pode. Vamos parar de pensar nisso! Prometo que vou tentar visitar vocês, só preciso terminar esse trabalho agora e...*

— *Cuidado, minha filha — pediu, me interrompendo.*  
— *Sei que ama fazer o que faz, mas cuidado, não sabemos o dia de amanhã.*

— *Sabe que eu sempre me cuido.*

— *Sim, mas não tenho bons pressentimentos sobre esse novo trabalho.*

— *Vai ficar tudo bem, dona Diana.*

— *Eu espero que sim, querida. Te amo, não se esqueça.*

— Eu também te amo, mãe. Beijos.

Encerrei a chamada e joguei o celular em cima da cama. Se tinha uma coisa que eu odiava que minha mãe falasse, era sobre o meu pai. Quando ele e minha mãe começaram a namorar, viviam o seu conto de fadas, tudo parecia perfeito, mas a perfeição não existe e depois que eles se casaram, as coisas começaram a piorar. Meu pai era um homem muito rico e minha mãe sempre foi a moça pobre, que para todos havia dado o golpe do baú, infelizmente as pessoas adoram julgar a vida dos outros e distorcem todos os fatos. Quando eu tinha cinco anos, meu pai se divorciou da minha mãe, deixando-a sem nada. Tivemos que recomeçar do zero, eu era pequena, mas me lembrava vagamente dos choros dela durante a madrugada, por não conseguir arrumar um emprego, e por várias vezes não conseguir me dar o que comer. Foram

anos, até que eu conseguisse ver o sorriso em seu rosto novamente.

Quando eu tinha 18 anos, descobri que meu pai havia se casado novamente e morava em algum lugar da Alemanha, como se essa descoberta fosse afetar algo na minha vida. Eu nunca quis contato algum com ele, muito menos, com o dinheiro que ele mencionou em uma carta que me foi entregue, no dia do meu aniversário, que havia guardado para mim em um banco. Era muito dinheiro, como se isso fosse compensar todo o sofrimento que minha mãe e eu passamos durante anos.

Não respondi a carta, muito menos mexi no dinheiro. Ele estava ali, caso um dia eu precisasse, mas eu esperava que esse dia nunca chegasse.

Levantei-me para ir até a cozinha comer a pizza que havia chegado, porém, na metade do caminho, Adônis começou a me atormentar, passando entre minhas pernas e latindo.

Rolei os olhos.

— Adônis, onde você coloca a comida que eu dou a você todos os dias? — questionei, colocando as mãos na cintura e parando.

Meu cachorro era tão cara de pau que parou, sentou na minha frente, colocou a língua para fora e começou a abanar o rabinho.

— Safado — falei, passando por ele e indo pegar a ração.

Coloquei a comida para ele e sorri ao vê-lo comer. Ele era minha única companhia desde que comecei a morar sozinha e trabalhar nessa vida.

— Ai, Adônis, não sei o que seria da minha vida se você não estivesse nela. — Ele latiu, como se estivesse entendendo tudo que eu falasse e voltou a comer. — Bom garoto!





Não vou mentir, dizendo que não estava nervosa para o primeiro dia de trabalho. Eu estava uma pilha, para falar verdade, mesmo assim, tentei não deixar o meu medo transparecer.

Vesti uma roupa social básica, calça e uma blusa lisa de manga curta, fiz uma maquiagem casual e discreta e deixei meus cabelos presos em um rabo de cavalo alto, calcei os benditos sapatos de salto, que gostando ou não faziam parte do meu visual.

Não sabia quais eram as regras a respeito de tatuagem dentro da empresa e, como a blusa deixava a tatuagem do pulso à mostra, optei por levar um blazer para vestir, caso precisasse. Pedi um Uber, enquanto fechava o apartamento, e dei de cara com a minha vizinha, que saía de seu apartamento.

— Bom dia! — cumprimentei, trancando a porta.

— Bom dia! Já está indo para o trabalho? — perguntou, enquanto chamava o elevador.

— Sim, primeiro dia, preciso acertar algumas coisas com o RH e não quero chegar atrasada.

O elevador chegou e entramos juntas.

— Sempre ficamos assim quando estamos no primeiro dia, depois a gente acostuma.

— E você, trabalha com o quê? — perguntei.

Não tinha cara de quem trabalhava em alguma empresa, pois estava usando uma calça jeans e uma camisa feminina, e o cabelo estava solto.

— Eu trabalho como babá durante o dia e, à noite, faço faculdade de Direito.

— Que escolha interessante de curso — falei.

— Sim, sempre quis fazer isso, mas nunca tive ninguém que me incentivasse, até eu conhecer o Antônio e...

O elevador chegou ao térreo e saímos, mas acabei interrompendo sua pergunta com outra.

— Antônio é aquela cara que estava com você aquele dia, não é?

— Ele mesmo! — respondeu, sorrindo.

— Seu namorado?

— Oi? — perguntou, perplexa. — Não! Ele é meu amigo!

Parei no meio do saguão e olhei para ela, com a sobrancelha arqueada.

— Amigo? Menina, tem algum problema com você? Como consegue ser amiga de um cara tão lindo como aquele?

Emilly apenas riu e me seguiu para a rua.

— Somos apenas amigos, as pessoas até estranham, mas não passa disso e ele me incentivou muito a fazer faculdade.

— Ele é advogado? — perguntei, verificando o meu celular para confirmar a placa do Uber e conferir se ele já havia chegado.

— Não, ele é delegado da polícia federal.

— Uau, caramba! — exclamei, sem saber como reagir a essa.

— Eu tento não pensar no cargo dele.

— Eu também tentaria — murmurei.

Avistei o carro que eu pedi se aproximando e me despedi de Emilly.

— Nos vemos depois, então, e você me conta como consegue ser amiga de um homem lindo como aquele.

— Pode deixar! — respondeu, rindo, mas percebi que ficou sem graça.

Entrei no carro e fiquei mexendo no celular, enquanto percorríamos as ruas de São Paulo.

Realmente, necessitava saber o segredo de Emilly, porque eu sentia que precisaria aplicar com o Gustavo,

pois eu sabia que não seria fácil trabalhar ali.

O motorista me deixou em frente ao prédio e eu desci do carro me sentindo aquelas protagonistas de romances que iriam para o primeiro dia de trabalho, na empresa de um CEO mega lindo e gostoso.

Caminhei para a entrada, falando para mim mesma que a comparação era errada, pois, ao contrário daquelas mocinhas ingênuas dos livros, eu tinha um objetivo concreto dentro dessa empresa: descobrir a verdade sobre Gustavo Simmons e a Simmons Architecture and Engineering.





Estava atrasado e estressado, minha insônia havia resolvido se manifestar essa noite, fiquei acordado até às cinco da manhã, apenas virando na cama. Como sabia que não conseguiria dormir, de qualquer forma, me levantei e fui acender um cigarro na sacada da janela, pelo menos isso me dava uma sensação de quietude, não era o correto a se fazer, mas me sentia menos estressado e toda vez que não conseguia dormir, fazia isso.

Juntando o fato de a noite em claro, com o congestionamento que peguei na hora de vir para a empresa, isso aumentou ainda mais meu nível de mau

humor matinal, o que me fez parar o carro na minha vaga e subir pelo elevador privativo.

Respondi uma mensagem da minha mãe, avisando que não poderia almoçar com ela, pois tinha um compromisso para o almoço e que marcaríamos outro encontro no decorrer da semana.

O elevador parou no andar presidencial e caminhei pelo saguão, parando em frente à mesa da Hellen.

— Minha agenda de hoje, Hellen — pedi, guardando o celular no bolso do terno.

— Claro, senhor — respondeu. — Gustavo, essa é a Marcela, acredito que se lembre dela, a nova secretária que será treinada por mim.

Voltei o meu olhar para a mulher e preendi a respiração por um instante. Eu precisava me acostumar à beleza dela. Não que minha atual secretária não fosse bonita, ela era, mas algo em Marcela me atraía e era extremamente perigoso alimentar essa atração.



— Bem-vinda, Marcela — falei, de maneira seca.

— Obrigada.

Voltei a olhar para minha secretária, iria dizer algo, porém apenas balancei a cabeça e caminhei para a minha sala.

Coloquei minhas coisas em cima da mesa e me sentei, já ligando o notebook. Seria um dia e tanto, teríamos uma reunião com Daniel para começarmos a fazer um levantamento do que ele queria para o hotel, detalhes de conceito, expectativas, necessidades. Enfim, era nesse momento que o cliente iria me dizer tudo que queria e visualizaria dentro do projeto. Eu só precisava confirmar a hora que ele chegaria e...

— Senhor, com licença. — Minha secretária entrou na sala, acompanhada da Marcela. — Vim repassar os compromissos de hoje.

Apenas assenti e ela começou a citar os compromissos diários. A reunião com o Daniel seria no

período da manhã, às 10h, após isso eu tinha um almoço com um casal que queria uma reforma na casa em que moravam. Na parte da tarde, uma reunião com a prefeitura para a aprovação de um projeto voltado para uma área de lazer, porém, o arquiteto responsável não era eu e, sim, Rômulo.

— Depois disso, temos alguns projetos para o senhor assinar, inclusive, uma reunião de última hora com outro possível cliente, pelo que eu entendi, já é antigo, mas não me informou no e-mail se ele queria falar de um projeto anterior ou sobre algum novo.

— Certo, encaminhe os compromissos para o meu e-mail — pedi, já pegando a pasta que ela havia deixado em minha mesa no dia anterior. — Este é o projeto do Rômulo, certo?

— Sim, senhor — confirmou, e emendou em seguida: — A agenda foi enviada, qualquer coisa, basta me chamar.

— Pode deixar — falei, abrindo o projeto da planta baixa desenhada pelo Rômulo e observando o desenho.

Rômulo tinha um talento imprescindível para desenhos, era inacreditável a riqueza de detalhes que ele colocava em cada projeto, não era à toa que ele era um dos nossos melhores arquitetos.

Levantei-me, indo até o quadro branco e prendi o desenho ali, cruzei os braços e comecei a fazer anotações que poderiam melhorar ainda mais o projeto.



Já havia tirado o terno e arregaçado as mangas da camisa, enquanto terminava de organizar algumas coisas no projeto do meu amigo, quando uma batida na porta me tirou a concentração.

— Gustavo, desculpe atrapalhar.

Olhei para trás e vi a Hellen parada na porta.

— O que houve?

— O senhor Daniel ligou agora e disse que teve um contratempo e que, talvez, não chegue a tempo para a reunião, mas pediu que se o senhor puder ir ao encontro, dele, seria melhor.

Cocei a testa e coloquei as mãos na cintura.

— Estamos com um prazo apertado, não é? —  
questionei.

— De acordo com o planejamento feito ontem, nem tanto. Mas o senhor sabe como são os clientes nessas reuniões de levamento, pedem o possível e impossível, mas acredito que possa ser feito fora da empresa.

Assenti.

— Diga a ele para passar o endereço, que estaremos lá.

Ela assentiu e se virou para sair, mas percebi no momento que se apoiou no batente da porta e deixou o

tablet cair no chão, colocando a mão na barriga.

— Hellen! — chamei, ao mesmo tempo que a Marcela entrava na sala para ajudar.

Corri para ela e ajudei a levá-la para o sofá.

— O que está sentindo? — Marcela perguntou, se abaixando ao lado dela.

— Apenas uma tontura e uma pontada no pé da barriga.

— Eu vou pegar uma água para você — anunciou, se levantando.

— Já sentiu isso alguma outra vez? — questionei.

— Apenas uma, eu estava em casa e fiquei sentada, esperando passar.

— Não foi ao hospital?

— Não vi necessidade — respondeu, fazendo uma careta.

Marcela voltou com um copo de água e entregou a ela, que prontamente bebeu tudo.

— Tire o restante do dia de folga e vá ao médico, pode ser algo grave — instruí.

— Gustavo, não posso deixar a empresa agora, a Marcela ainda não sabe como as coisas funcionam — falou, olhos arregalados e visivelmente preocupada.

— Não se preocupe — Marcela disse, segurando sua mão. — Você já me ensinou o básico durante essas horas e...

— Marcela, você precisará acompanhar o Gustavo nas reuniões, ajudar com ligações e...

— Não se preocupe, Hellen — a interrompi. — Eu mesmo vou auxiliar a Marcela.

Minha secretária apenas olhou para nós e suspirou, se dando por vencida.

— Certo, vocês venceram.

— Marcela, solicite um táxi e peça para que venha até a empresa — pedi, e me virei para a Hellen. — Você vai direto para a casa e trate de ir ao médico.

— Sim, senhor, farei isso.

— Ótimo.

Levantei-me e observei Marcela ajudar Hellen a se levantar.

— Marcela — chamei, e ela olhou para trás.

— Sim?

— Ligue para o Daniel e confirme nossa presença, pegue o endereço do local que ele deseja nos encontrar e diga que dentro de meia hora estaremos lá.

— Farei isso.

Voltou a ajudar Hellen a andar e me deixou sozinho na sala. Suspirei e passei as mãos no rosto.

Era trabalho, apenas isso.



Optei por irmos no carro da empresa, mas ficar em um espaço pequeno com seu perfume tomando conta de mim era altamente preocupante. Aproveitei que ela estava mexendo no tablet da empresa e a observei sutilmente, detalhes que antes não tinha prestado atenção, como a postura ereta, a forma como mordia os lábios ao pensar em algo, as pernas cruzadas, a pele branca. A tatuagem que eu havia notado no dia anterior estava ali, à mostra. Parecia um ramo de folhas que subia desde o pulso até metade do braço.

— É um ramo de Oliveira — Marcela falou, chamando minha atenção.

— Eu não estava...

— Tudo bem — falou, sorrindo. — As pessoas geralmente têm curiosidade sobre essa tatuagem.

— Algum significado?

— resolvi perguntar.



— Eu tatuei essa quando saí de casa — falou, erguendo o pulso, me mostrando que o desenho começava no final do polegar e atravessava o pulso até chegar ao início do braço. — Significa paz, segurança e vitória.

Abaixou o braço e sorriu, sem graça, voltando a mexer no tablet. Reprimi a vontade de perguntar sobre a tatuagem das costas que havia visto no sábado, mas não era adequado, afinal, ela não sabia que estava observando-a dançar.

Apoiei a cabeça no encosto do carro e fechei os olhos, eu precisava tratá-la como uma funcionária e esquecer que ela mexia com a minha cabeça, maldita hora que parei para observá-la, meses atrás, no Rio de Janeiro, e no sábado, naquela balada.

O universo deveria realmente estar de sacanagem com a minha cara, para colocar essa deusa com um mero mortal como eu, para testar os meus limites, me restava

saber se eu era forte o suficiente para não me render aos seus encantos.



— Espero que tenha conseguido pegar todas as minhas ideias — Daniel comentou, apertando minha mão.

— Irei estudar tudo no decorrer da semana, acredito que até o final da próxima semana eu já tenha um estudo preliminar para te mostrar.

— Confio no seu trabalho, Gustavo. Tenho certeza de que irá me surpreender. — Então se virou para a Marcela: — E continuo encantado com sua nova secretaria, é muito inteligente.

— Obrigada — respondeu, e sorriu discretamente.

— Tentarei entrar em contato o mais breve possível — falei, chamando a atenção do homem, que apenas

sorriu.

— Aguardarei.

De volta ao carro, que percorria as ruas de São Paulo, eu olhava meus e-mails recebidos pelo celular, quando a voz da minha nova secretária me fez olhá-la.

— Seu almoço com o casal começará em quinze minutos.

Ela não me encarava, continuava em sua tarefa de digitar no tablet, eu estava para perguntar se ela queria evitar conversar comigo, mas mordi a língua e perguntei outra coisa.

— Vamos almoçar com os meus clientes, creio que a Hellen lhe disse que sempre me acompanha.

— Sim, ela disse.

Observei-a guardar o aparelho e fixar o olhar na janela do carro, suspirei e voltei minha atenção ao celular, onde havia chegado uma mensagem de Ariella. Respondi

que estaria no escritório após o almoço e ela disse que passaria por lá, pois precisava falar comigo.

O almoço foi tranquilo e eu me limitei a escutar a ideia do casal, principalmente do marido, já que a esposa acabou arrastando a Marcela para uma conversa sobre tatuagens e não pude evitar de ouvi-la dizer que tinha mais duas e uma delas era nas costas.

A maldita tatuagem que tirou minha sanidade no sábado.

Quando voltamos para a empresa, subimos direto para o andar presidencial, onde, mais uma vez, fui recebido pelo seu silêncio, que no momento era bem-vindo, pois, quando estávamos sozinhos, eu não sabia que assunto falar com ela para não soar indelicado.

As portas do elevador se abriram e ela saiu primeiro, mas parou abruptamente, me fazendo parar também. Olhei para a frente e vi a Ariella vestida impecavelmente em suas

roupas sociais, apenas os cabelos vermelhos se destacando sobre a roupa preta.

— Acabei chegando mais cedo e resolvi esperar — disse, sorrindo.

— Claro — falei.

— O que houve com a Hellen? — perguntou, e apontou para a Marcela com a cabeça.

— Ariella, essa é a Marcela, minha nova secretária, que está sendo treinada pela Hellen. Marcela, essa é a Ariella, diretora do setor de administração de uma empresa imobiliária.

— Prazer — Marcela cumprimentou, e minha amiga sorriu.

— O prazer é meu, Marcela. Bem-vinda, espero que tenha paciência para lidar com esse aí. — Observei Marcela sorrir discretamente e assentir. — Vamos, Gustavo? Preciso falar com você, é um assunto sério.

O semblante dela mudou de repente, ficando mais sério e fechado. Assenti, já desviando do corpo da Marcela para ir até a minha sala, mas me virei para ela novamente.

— Parabéns por hoje, Marcela. Me surpreendeu, sabendo exatamente o que fazer e como agir.

Ela sorriu e caminhou para a sua mesa.

— Fiz apenas o meu trabalho.

E começou a organizar algumas pastas, assenti e sorri, indo para a minha sala na companhia de Ariella.





Eu juro que queria ser uma mosquinha para saber o que a falsa ruiva e o Gustavo conversaram naquela hora; como eu estava em horário de trabalho, não dava para colocar os fones de ouvidos, seria péssimo para alguém que havia começado a trabalhar naquele dia ser pega usando fones no trabalho. Mas pela cara que o Gustavo tinha quando saiu, minutos atrás, ao lado da mulher que veio falar com ele, pedindo que eu reagendasse todos os seus compromissos, o que ela tinha dito para ele não era nada bom.

Infelizmente, não tive tempo de fazer uma busca pelo computador dele, após sua saída, eu realmente tinha



que trabalhar, mas consegui pegar alguns contratos arquivados no computador da recepção, coloquei no *pen drive* e levei para analisar em casa.

Liguei meu notebook e, enquanto o sistema iniciava, fui para cozinha me servir de uma taça de vinho. Enquanto abria a geladeira, meus olhos pararam na minha tatuagem do pulso, minha pele se arrepiou involuntariamente ao me lembrar do olhar de Gustavo. Sempre soube que seria difícil ficar perto dele, mas controlar as reações do meu corpo quando sentia seus olhos sobre mim era praticamente impossível.

Balancei a cabeça para espantar esses pensamentos, bebi o conteúdo da taça de uma vez só e voltei para o escritório.

Coloquei o *pen drive* e abri o primeiro contrato, nomeado como “Casa Noturna”. Era uma boate que havia sido construída em meados de 2018, passei meus olhos

por todo o documento, mas não encontrei nada que pudesse me ajudar no que eu queria.

Eu precisava das plantas desses projetos, apenas contratos não provariam que a empresa dele estava envolvida com fraude de documentação, desvio e lavagem de dinheiro.

Abri outro contrato e vi que pertencia à construção de uma casa, o valor da reforma passava de duzentos mil reais. O projeto foi assinado pelo Gustavo e pelo Roberto, essa casa foi vendida e, um tempo depois, o teto dela cedeu, após uma forte tempestade, foi noticiado por algumas emissoras e uma criança ficou em estado grave, vindo a falecer em seguida. A menina de três anos era filha de um médico psiquiatra, chamado Afonso Braga.

Abri o Google e digitei o nome dele, e vi que ele tentou processar a empresa, mas não havia provas o suficiente. O homem vivia recluso e agora atuava em

hospital psiquiátrico. Havia notícias de que seu casamento tinha acabado, após a morte da menina.

Encostei a cabeça no encosto da cadeira e fechei os olhos. Minha cliente tinha certeza de que havia fraudes dentro da empresa, além de lavagem de dinheiro. Parte do dinheiro que deveria ser usado para compra de material ou contratação de mão de obra era desviado e eles compravam matérias de uma qualidade inferior ao que deveria ser comprado, além de não contratar mão de obra suficiente.

Minha cabeça latejou e eu apertei as têmporas, tentando amenizar a dor, mas vi que teria que tomar algum tipo de remédio. Fechei os arquivos e desliguei tudo, indo para o meu quarto, precisava dormir e ter uma boa noite de sono.



Eu definitivamente odiava a ruiva falsificada, me perguntava em que aquela mulher trabalhava, já que todos os dias estava na empresa. Havia se passado uma semana, desde que eu tinha começado a trabalhar, e ela fazia questão de aparecer ali e ainda sorrir cinicamente para mim.

Uma verdadeira cobra.

— Boa tarde, Marcela — disse, com aquela voz que eu já havia enjoado.

— Boa tarde, dona Ariella — respondi, sem tirar os olhos do computador.

— O Gustavo está?

— Sim, mas pediu para não ser incomodado. — Olhei para ela e sorri de canto.

— Ele vai me receber, não se preocupe. Até mais, querida. — Dito isso, ela saiu rebolando até a sala do meu chefe.

— Até mais, cobra — falei baixinho, revirando os olhos.

— Parece que alguém não gosta da Ariella — Hellen comentou, se sentando ao meu lado.

Encostei-me na cadeira e fechei os olhos.

— Ela não me engana — murmurei. — Qual a necessidade de aparecer na empresa, todo o santo dia, Hellen?

Minha nova amiga riu baixinho e se levantou.

— Vamos tomar um café, pelo jeito, eles vão demorar.

Meio a contragosto, me levantei e fui com ela para a copa.

— Sério, Hellen, o que tem entre os dois? — perguntei, me encostando no balcão, após tomar um gole de café.

— Quando eu cheguei aqui, a Ariella já tinha mania de vir ao escritório, sempre pensei que fossem namorados.

Já conheceu o Rômulo, certo?

— Sim, o vi de longe — falei, me lembrando do homem lindo que, vez ou outra, vinha no escritório do Gustavo.

— Certo, um dia o Rômulo soltou que eles três eram amigos, mas que às vezes o Gustavo e a Ariella se pegavam. — As últimas palavras foram pronunciadas em um sussurro e ela ainda olhou para os lados, para garantir que não havia mais ninguém ali, além de nós duas.

— Amigos com benefícios? — questionei, erguendo uma sobrancelha.

— Tecnicamente, sim. Um dia eu peguei os dois se beijando, no escritório dele, mas eles não me viram.

— O que ela faz? — perguntei, pensando se seria o caso de investigá-la.

— Ela administra uma empresa de imobiliária. Em alguns projetos, ambas as empresas trabalham em parceria na compra de terrenos.

Assenti, achando tudo isso muito interessante.

— Mas a Ariella deve estar com ciúme do Gustavo, por esse motivo está vindo todos os dias aqui.

Quase cuspi o café.

— Ciúme por quê? Eles não são apenas amigos? Mesmo que seja com benefícios?

— Marcela, você já se olhou no espelho? Já viu o quanto é linda? E vai me dizer que nunca viu a forma que o Gustavo te olha?

Eu já havia percebido que, algumas vezes, ele me olhava por mais tempo que o necessário, mas pelo bem da minha sanidade, decidi ignorar esse fato.

— Você está vendo coisa onde não tem — falei, terminando de beber meu café e indo lavar a xícara.

— Só cego não percebe, Marcela. — Me entregou sua xícara e eu a lavei. — Só que Gustavo é muito correto em relação as regras sobre não se envolver com

funcionários, mas pode ter certeza de que se não fosse isso, você não escapava.

— Hellen! — falei, jogando um pano de prato nela e rindo, mas tentando a todo custo conter o arrepio que subiu por minha pele.

— Falei apenas a verdade. Aceita que dói menos!

— Vamos trabalhar, porque pelo que estou vendo, a gravidez está afetando seus neurônios!

Ela apenas gargalhou e começamos a caminhar de volta para a recepção.

— Nem acredito que hoje é o seu último dia — murmurei, quando o expediente acabou.

O treinamento havia acabado e ela entraria de licença-maternidade.



— Você pode me ligar a qualquer hora, sempre que tiver alguma dúvida! E eu vou cobrar uma visita sua, hein? Não se esqueça!

— Não vou esquecer, pode ter certeza — falei lhe dando um abraço. — Agora você vai descansar, para essa princesa vir ao mundo de forma saudável.

— Duvido que eu vá conseguir descansar.

Ela pegou sua bolsa e sorriu para mim.

— Hellen, já está indo? — A voz grave do Gustavo fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem, definitivamente eu odiava esse efeito que a voz dele tinha sobre mim.

— Sim, o Uber deve estar chegando a qualquer momento.

— Fiquem bem, desejo um bom parto e se precisar de qualquer coisa pode me ligar.

— Obrigada, Gustavo! Agora eu preciso ir, até mais.

— Até mais. — Sorri, observando-a ir embora.

Virei-me, dando de cara com meu chefe. Engoli em seco diante da intensidade do olhar dele.

— Eu preciso dos contratos que vamos assinar amanhã — pediu.

Assenti, procurando reaprender a falar.

— Claro, estão prontos já. — Me virei e respirei fundo, caminhei até a mesa e peguei os papéis que haviam sido impressos há pouco. Entreguei a ele e voltei a arrumar minhas coisas para ir embora.

Desliguei o computador e olhei a mesa para saber se eu já havia pegado tudo.

— Eu estou indo embora — falei, já chamando um Uber pelo aplicativo e caminhando para o elevador.

— Certo, irei lê-los em casa e assinar.

Arfei baixinho ao sentir sua voz perto de mim. Caminhei tranquilamente com ele ao meu lado e entramos no elevador, acionei o térreo e ele, o subterrâneo.

As portas se fecharam e eu comecei a bater o pé no chão para conter o nervosismo.

Passamos pelo nono andar, oitavo, sétimo. Parecia que tudo estava mais lento e a presença dele se fazia ainda mais perceptível, por estarmos em um ambiente fechado.

— Marcela... — ele começou a dizer, mas as luzes do elevador desligaram de repente e a cabine deu um solavanco, fazendo com que eu me desequilibrasse e caísse para o lado, sendo amparada por ele.

Suas mãos apertaram minha cintura com força e senti sua respiração perto do meu rosto.

Tudo estava escuro e não havia um único ruído a não ser as nossas respirações erráticas.

— Deve ter caído a energia — murmurei.

— Sim, mas os elevadores têm estrutura e assistência para continuar funcionando, caso haja interrupção de energia.

Levantei-me e tentei enxergar um palmo à minha frente, mas não era possível.

Gustavo acendeu a lanterna do celular e pegou o telefone que havia ali dentro, tentou duas vezes falar com alguém, mas não teve resultados.

— Ninguém atende — falou, se encostando na parede metal.

— E agora? — perguntei, apavorada.

— Estamos presos aqui até alguém aparecer e perceber que teve uma queda luz.

Era só o que me faltava, ficar presa com o meu chefe dentro do elevador. Quer algo mais clichê que isso?





Não estávamos dentro de um livro, muito menos, em um filme.

Fazia uns quinze minutos que estávamos ali dentro e nenhum sinal de que alguém sabia que os elevadores estavam parados. Me sentei no chão e fiquei encarando a escuridão.

— Por que não se senta? — perguntei.

— Não quero — falou.

— Você está de salto, vai ficar com os pés doendo.

Ela não respondeu de imediato, mas logo se sentou ao meu lado.

— Sabe por que o sistema não funcionou automaticamente? — questionou.

— Não, estou tentando pensar sobre isso, mas nada me vem à mente. De qualquer forma, vou verificar amanhã.

Ficamos em silêncio, um sentado ao lado do outro.

Quando um dos nossos sentidos eram prejudicados os outros ficavam mais fortes, isso era um fato. Mas estar ao lado dela me deixava ainda mais alerta. O perfume dela me deixava maluco, sua respiração se tornava mais alta conforme o tempo ia passando e a vontade de tocá-la aumentava a cada segundo.

Afrouxei a gravata e me afastei da parede para tirar o terno, estava começando a ficar quente ali dentro e nem se dava ao fato de ser porque a Marcela estava ao meu lado, a falta de energia desligava o ar-condicionado, deixando tudo abafado.

Minha respiração começou a ficar mais pesada, inspirei e expirei, devagar. Focando em como o ar sairia

dos meus pulmões e entraria, tentando a todo custo não entrar em pânico, pois seria pior.

— Você está bem? — Ouvi a voz de Marcela.

— Estou, eu... — Tornei a respirar fundo novamente e fechei os olhos.

— Gustavo, respira — ela disse.

— Estou respirando — murmurei.

— Tente não entrar em pânico também.

Senti suas mãos em meus braços, subindo até chegarem aos ombros, indo para a gola da camisa e abrindo os três primeiro botões.

— Vai ajudar à sensação de claustrofobia passar — disse.

— Como você...

— Minha mãe tem — sussurrou, e parei de sentir suas mãos em mim, para em seguida sentir que ela me abanava com alguma coisa. — Então, sei lidar com as crises, quando é preciso.



— Obrigado — agradei, ainda tentando controlar o pânico dentro de mim.

— Não precisa agradecer — disse.

Não deve ter se passado nem um minuto inteiro quando finalmente consegui me acalmar.

— Já estou melhor.

— Tem certeza?

— Tenho, eu consigo controlar na maioria das vezes em que isso acontece.

— Minha mãe evita andar de elevador por causa disso, ela prefere subir lances de escadas a andar em uma caixa de metal.

— Se eu tivesse uma crise mais forte, faria o mesmo.

Ouvi sua risada e sorri também.

— Mais calmo? — perguntou.

— Sim, mas ficar aqui não está ajudando muito — soltei.

— Logo eles devem restaurar a luz e o elevador volta a funcionar.

Não falei nada.

Tinha alguma coisa muito errada, primeiro as desconfianças da Ariella, agora o fato de o elevador ter parado. Eu só sabia que precisava descobrir a verdade o mais rápido possível.

Ficamos em silêncio por um período, eu já não conseguia mais contar o tempo que se passava, parecia que tudo estava se arrastando.

— Quanto tempo acha que estamos aqui? — questionei.

— Uns 15 minutos? Meu celular descarregou.

Peguei o meu e estava desligado também, que maravilha! Pisquei várias vezes, tentando fazer meus olhos se acostumarem com a escuridão.

— Por que secretária? — perguntei a ela.

— Oi?! — Sua voz denotava surpresa.

— Por que escolher ser secretária? Você tem um currículo invejável para uma secretária, além de ser fluente em inglês e se arriscar no francês.

— Quando eu comecei, não sabia nada disso, meu ex-patrão que fez questão que eu aprendesse, ele era um homem que fazia muitas viagens e que tinha contato com pessoas do exterior, tive que aprender na raça tudo isso e ainda executar minha função corretamente. Não foi um período fácil.

— Mas você obteve êxito — falei.

— Sim, muita dedicação e noites sem dormir — completou e a ouvi suspirar. — Não era o que minha mãe queria para mim, ela tinha outros sonhos, mas não segui nenhum deles.

— Queria ter feito isso — comentei.

— E por que não fez?

— Às vezes, precisamos nos sacrificar para o bem de outras pessoas — falei, meio sem pensar.

— Mas anular os seus sonhos não é bom — rebateu. — Se eu fosse ouvir minha mãe, estaria viajando pelo mundo com ela agora. Não é que eu não queira conhecer outros países, até quero, mas não é a minha prioridade no momento.

— Sua mãe gosta de viajar? — perguntei, interessado.

— Sim, é o que ela mais ama fazer, depois que se casou com o Rogério, não perdeu tempo. Esses dias falei com ela, e descobri que estava no Marrocos, toda feliz por estar conhecendo outras culturas.

Sorri, mesmo que ela não pudesse ver.

— E você sonhava em ser secretária? — questionei, achando um sonho estranho.

— Não necessariamente, eu gosto de aprender. Com meu antigo chefe, aprendi muita coisa, desde aulas de etiqueta a outras línguas e como secretariar uma

pessoa importante, então parte do meu sonho estava se concretizando. E você?

— O que tem eu?

— Se você não queria ser chefe disso tudo, qual o seu sonho?

Lembrei-me dos momentos em que eu estava na pista de corrida, de quando de comprei minha primeira moto, de como comecei a correr, de aprender sobre Motocross.

— Queria ser piloto de motocross — respondi e acabei sorrindo.

— Está falando sério? — perguntou.

— Sim, seriíssimo. Meu sonho.

— Mas você chegou a tentar algo? — Podia detectar curiosidade em seu tom de voz.

— Claro, eu participo de um circuito, quase todos os fins de semana.

— Uau!

— O que foi? — Virei a cabeça na direção que sua voz estava, mesmo que não pudesse vê-la, podia sentir sua presença ali.

— É que não se passa pela minha cabeça que um, perdão pela palavra, “engravatado” feito você, gostasse de um esporte tão radical.

— As pessoas são rotuladas por aquilo que vestem e falam.

— Verdade, as pessoas julgam por causa da sua aparência e pelo seu modo de falar.

— Quem diria que você fala duas línguas fluentemente, além de ter visitado outros países? — questionei.

— Ninguém, realmente. Mas a culpa é nossa, por tentarmos nos encaixar em um padrão que eles querem.

— Isso foi indireta? — brinquei.

— Talvez? — Ela riu, e eu podia jurar que essa risada tinha um som maravilhoso.

Eu queria perguntar sobre a tatuagem nas costas, mas fazer isso seria como admitir que já a conhecia, e eu não queria fazer isso agora.

— Gustavo.

— Sim?

— Pode parecer loucura o que vou perguntar, mas...

Ela se calou no instante em que as luzes se acenderam, fechei os olhos por conta da claridade repentina.

— Graças a Deus! — falei me levantando e olhando para a ela, estendi a mão. — Vem.

Marcela colocou a mão na minha e eu a ajudei a levantar.

— Obrigada.

Ela estava descalça e os cabelos bagunçados, as mangas da blusa estavam dobradas até o cotovelo e alguns botões estavam abertos. Eu não conseguia parar de

olhá-la, parecia uma deusa, uma ser mítico descido do Olimpo para transitar entre os mortais.

O telefone no elevador tocou, me fazendo piscar. Desviei os olhos dela e atendi.

— Alô — falei.

— *Dr. Gustavo, pedimos mil perdões pelo transtorno, em alguns minutos o elevador voltará a funcionar.*

— Conversaremos sobre isso quando eu sair daqui — esclareci, e coloquei o telefone no gancho e voltei a olhar para a Marcela.

Ela estava desdobrando as mangas da camisa social e os cabelos já estavam presos em um coque.

— Acho melhor você arrumar essa camisa — disse, e sorriu, sem graça.

Assenti e comecei a abotoar os botões, sem tirar os olhos dela.



O que estava acontecendo comigo? Pisquei e desviei o olhar.

O elevador voltou a se movimentar no instante que fechei o último botão da camisa, peguei a gravata e o terno que estavam no chão e coloquei no braço. Me virei para frente e ela fez a mesma coisa.

As portas se abriram e nos apressamos em sair, havia várias pessoas ali fora, incluindo técnicos de manutenção e o Rômulo, que vinha em nossa direção, a passos rápidos.

— Estou tentando averiguar o que aconteceu — falou.

— Quero todos os detalhes, quero saber de quem foi a falha.

— Farei isso. — Ele se virou para a minha secretária. — Você está bem?

— Estou, sim, obrigada por perguntar — respondeu, sorrindo.

— Tem uma ambulância ali fora, é bom fazermos uma checagem...

— Não precisa, estou realmente bem. Só preciso de um celular emprestado para pedir um Uber, o meu descarregou.

— Eu levo você — falei, e ela arqueou uma sobancelha, sorrindo em seguida.

— Não precisa, acho que você tem um problema muito grande com os elevadores. Não quero incomodar.

— Não é incômodo.

Ela sorriu novamente.

— Vou recusar novamente sua carona, quem sabe em uma próxima.

— Rômulo, peça um Uber, por favor — pedi, ainda olhando para ela. — Até amanhã, Marcela.

— Até amanhã, Gustavo.

Virei-me e saí, pronto para conversar com a pessoa responsável pelos elevadores, mas parei e olhei para trás

novamente. Marcela ainda me encarava, mesmo falando com o Rômulo.

Abri um sorriso de canto e balancei a cabeça.

— Gustavo, Gustavo — murmurei para mim mesmo, enquanto voltava a andar. — Essa mulher tem uma placa gritante que diz: “Proibido ultrapassar”, não cometa essa besteira.

— Falando sozinho agora, Gustavo? — Rômulo perguntou, se apressando para andar ao meu lado.

— Apenas me avisando do perigo — respondi.

Meu amigo apenas riu e colocou o braço em volta do meu ombro.

— Eu não queria dizer nada, mas como você se pronunciou, tenho apenas uma dica, fuja enquanto é tempo e, se não quiser fugir, te mandei o endereço dela por mensagem.

Balancei a cabeça negativamente.

— Você não presta, Rômulo.

— Aprendi com o melhor, meu amigo!





Digitei a mesma palavra errada pela décima vez, fechei os olhos e respirei fundo. Havia três dias que eu não conseguia trabalhar direito, o tempo que passei no elevador com o Gustavo não saía da minha cabeça, por mais esforço que eu fizesse para isso.

Eu não deveria estar pensando tanto nisso, deveria estar focada no que tinha que fazer, mas nos últimos dias não tive muito tempo para qualquer outra coisa a não ser trabalhar. O projeto do hotel estava na primeira fase e logo haveria uma reunião para a realização da visita ao terreno onde seria construído o hotel. O Gustavo precisava

analisar todo o terreno para começar a elaboração do projeto arquitetônico.

Ele estava uma pilha de nervos, chegava ao escritório às sete da manhã em ponto, e só saía após o fim do expediente. Não saía para almoçar e só comia ou bebia algo diferente após eu levar para ele.

Respirei fundo e voltei a olhar para o computador, eu só precisava enviar esse e-mail para ir para casa, apenas isso. Voltei a focar no meu computador e finalizei o e-mail, enviando-o em seguida.

Guardei minhas coisas e desliguei tudo, mas antes de sair olhei para a porta da sala do Gustavo, tudo estava quieto demais. Deixei a bolsa em cima da mesa e fui até a porta, abrindo-a devagar, espiando pela fresta deixada. Como não o avistei, abri mais um pouco, até poder olhar do lado oposto a porta, onde ele costumava desenhar, e o vi deitado no sofá, dormindo.

Mordi o lábio, indecisa sobre ir até lá e acordá-lo para que fosse embora ou comesse algo. Sabia que era mais conveniente ir embora, afinal, não era responsabilidade minha se ele iria comer ou não, mas eu não conseguia simplesmente deixá-lo aqui. Umedeci os lábios e abri a porta o suficiente para que eu passasse, me aproximei para tocá-lo.

Observei o formato do rosto, a barba por fazer que o deixava com um ar sexy, o queixo quadrado, as sobrancelhas espessas. Ergui a mão para tirar uma mecha do cabelo que estava em sua testa, mas parei no meio caminho.

*Marcela, o que você está fazendo?*

No instante que ia recolher a mão e me levantar, soltei um grito de susto ao senti-lo segurar meu pulso, me puxando para si e me fazendo cair em cima dele.

Nossos olhos se prenderam um no outro e eu engoli em seco, pois parecia que ele me devoraria a qualquer



momento. Minha respiração acelerou, minha boca secou e eu senti a necessidade de passar a língua nos lábios. Seus olhos imediatamente desceram para a minha boca, mesmo com toda a minha atenção focada nele, vi quando ergueu a mão e levou até meu rosto, traçando os lábios com o dedo.

Sutilmente ele começou a erguer a cabeça, nunca sem deixar de encarar meus olhos, me fazendo perder qualquer linha de raciocínio. Como aquilo podia ser absurdamente errado; primeiro, ele era meu chefe; segundo, qualquer envolvimento entre funcionários era proibido; terceiro, ele era o motivo da minha investigação nessa empresa, não dava para simplesmente beijá-lo assim, do nada, por mais que meu corpo desejasse isso, com toda a força.

Quando estava a centímetros de distância um do outro, as bocas praticamente se tocando, eu voltei à realidade e me afastei, me levantando e me virando de

costas para ele, tentando acalmar meu coração que havia resolvido subir pela garganta.

*Deus, o que foi isso?* — perguntei a mim mesma, ainda de costas para ele.

— Marcela...

Não me atrevi a olhar para trás quando disse meu nome, então apenas respirei fundo e fechei os olhos.

— Estou indo para a casa, achei melhor avisar. — Me afastei, a passos rápidos, e abri a porta, mas não saí de imediato. — Talvez seja melhor comer alguma coisa, já que ficou a manhã inteira sem comer nada — completei, e saí, batendo a porta atrás de mim.

Respirei fundo mais algumas vezes, tentando me acalmar, o que foi em vão. Caminhei até minha mesa e peguei minha bolsa, indo para o elevador. Assim que entrei, conferi o meu visual no espelho, minhas bochechas estavam coradas e minhas pupilas dilatadas.

Encostei a cabeça no vidro e fechei os olhos, gemendo em seguida.

— Marcela, você é burra, por um acaso? — perguntei a mim mesma. — Deveria ter ido embora e não passado na sala do chefe.

O elevador parou no saguão e eu caminhei rapidamente para a saída, enquanto digitava freneticamente no celular, pedindo um Uber. Assim que pisei do lado de fora, dei de cara com o Rômulo.

— Como vai, Marcela? — perguntou, cordialmente.

— Eu? Vou bem — respondi, ainda desnorteada pelo acontecimento na sala do Gustavo.

— Tem certeza? Você parece um pouco ofegante e está vermelha.

— Estou?

Coloquei a mão no pescoço e balancei a cabeça.

— Deve ser impressão sua — falei.

— Certeza? — Arqueou uma sobrancelha e eu assenti, sorrindo.

— Sim. — Um carro estacionando chamou minha atenção e eu vi que era o Uber. — Preciso ir, meu carro chegou. Até amanhã.

— Até amanhã — respondeu, sorrindo, e eu me apressei para entrar no carro.

Encostei a cabeça no banco e senti o veículo começar a andar.

Meu celular vibrou e logo em seguida tinha uma mensagem, que mais parecia ameaça.

*É bom manter o foco, não tolero distrações e você sabe disso.*

Bloqueei a tela e olhei para a janela, já imaginando o congestionamento que eu pegaria até chegar em casa.

*Que os céus tenham piedade de mim!*

Gustavo

Ainda podia sentir o seu hálito quente perto da minha boca, podia sentir seu perfume me dominar por completo, podia enxergar seus olhos castanhos vidrados em mim.

Inferno!

Eu estava prestes a beijá-la, era isso. E mesmo que fosse contra as regras que eu mesmo havia criado na empresa, estava disposto a quebrá-las, apenas para saber se a textura dos lábios dela era tão macia quanto eu tinha imaginado nos últimos dias.

— Que cara é essa, de quem perdeu o brinquedo favorito? — Rômulo perguntou, entrando na sala.

— Nada — respondi, e fui para a minha mesa terminar de organizar minhas coisas.

— Certeza?

— Sim.

— Certo — falou, ficando calado por um tempo, até voltar a falar: — Vi sua secretária ali embaixo, ela não parecia bem, estava ofegante e levemente corada, parecia até que queria sair o mais rápido possível.

Parei, me lembrando do que aconteceu mais cedo. Eu não estava dormindo realmente, apenas tinha fechado os olhos, antes tivesse dito a ela que estava acordado.

*Gustavo, o que te deu para agir dessa maneira?*

Essa era a pergunta de um milhão de dólares, o que deu em mim? Eu não fazia ideia, só sabia responder que quando senti o perfume dela mais próximo de mim e que quando senti que ela me observa, parecia que o tempo tinha parado. Meu autocontrole foi para o espaço quando vi sua mão no ar e ela prestes a levantar e ir embora. Segurar seu pulso e puxá-la para mim foi puro reflexo.

Se ela não tivesse se afastado, se ela tivesse demorado um pouco mais para se dar conta do que estava

acontecendo, eu a teria beijado e não teria me arrependido em nenhum momento.

— No que você tanto pensa? — Rômulo questionou, e olhei para o meu amigo.

— Uma coisa que jamais pode acontecer — falei, vestindo meu terno e fechando os botões. — Em hipótese alguma.

Peguei minha pasta e dei a volta na mesa, indo para a porta.

— Você não vem? — perguntei, parando.

— Claro.

Sáímos do escritório e parei em frente à mesa da Marcela.

*Gustavo, essa mulher tem uma faixa que grita perigo!* Tornei a repetir para mim mesmo.

— Aquilo em cima da mesa da Marcela é uma carteira? — perguntou Rômulo, chamando minha atenção.

Aproximei-me e vi uma carteira pequena, abri e conferi os documentos da Marcela, assim como cartões de crédito e um pouco de dinheiro.

— Ela deve ter esqueci

do — refleti.

— Não diga, gênio! — ironizou.

— Bom, de qualquer forma, vou levar e devolvo amanhã.

— Por que não devolve hoje? — Deu a ideia, enquanto entrávamos no elevador.

— Por que eu faria isso hoje?

*Exatamente, por que eu faria isso?*

— Eu vi a Marcela pegando o Uber mais cedo, e se ela não tiver dinheiro para pagar?

— Não existe a opção de pagar no cartão? — perguntei.

— Sim, mas e se tiver solicitado no dinheiro?



O elevador abriu as portas no térreo e eu saí em direção ao meu carro.

— Tenho certeza de que ela saberá o que fazer — falei.

— Mas pensa nisso, *tá?* — gritou, caminhando para o lado oposto ao meu. — Você tem o endereço dela.

Não respondi, entrei no meu carro e coloquei minhas coisas no banco de trás, dei a partida, mas não saí de imediato. Primeiro, a cena do elevador; agora, isso, por que diabos eu não conseguia tirar essa mulher da cabeça?

Arranquei o carro e coloquei uma música aleatória para tocar, enquanto eu dirigia, ficava repensando em tudo que aconteceu e quase atravessassei o sinal vermelho.

— Que se foda! — falei, e parei de qualquer jeito no acostamento, pegando o celular para procurar o endereço da Marcela que o Rômulo havia me passado, dias atrás, quando ficamos presos no elevador.

Digitei tudo no GPS e ele me informou um grande congestionamento, mas isso não me abalaria. *É melhor fazer algo que você está com vontade do que se arrepender se não tiver feito, certo?*

Voltei para a pista e sorri.

— Talvez algumas regras tenham sido feitas para serem quebradas — murmurei, sorrindo em seguida.





Eu estava torcendo para que minha carteira tivesse ficado em cima da mesa do escritório, eu me lembrava vagamente de tê-la colado ali em cima, depois que voltei do almoço, mas eu estava tão distraída, que não prestei atenção.

Adônis latiu e eu olhei para ele, irritada.

— Eu já te dei o jantar, nem venha querer mais comida!

Estava estressada, irada e praticamente me batendo por dentro. A cena do escritório veio para acabar com toda a minha sanidade mental e física. Que raios eu fui fazer naquela sala? Por que eu não fui embora?

Eram tantos “porquês” que eu estava ficando maluca.

Saí da cozinha e me joguei no sofá da sala, fechando os olhos e gemendo em seguida. O pior de tudo era ter desejado aquele beijo, desejado sentir a boca dele contra a minha.

Seria tão errado me entregar aos meus desejos, apenas uma vez? Só para saber se seria tão bom como eu costumava sonhar e imaginar.

Peguei uma almofada e pressionei o rosto, isso era falta de sexo, eu tinha certeza. Precisava transar e tirar todo esse desejo pelo meu chefe o mais rápido possível, eu aproveitaria que o dia seguinte era sexta e iria em balada, encontraria um cara lindo e solteiro, iríamos para um hotel e pronto, problema resolvido.

Simples, fácil e sem complicação.

Meu celular tocou, me tirando da onda de pensamentos em que eu me afogava naquele instante. Me

sentei e procurei o aparelho pelo sofá, encontrando-o debaixo da almofada.

Tapei a boca com a mão ao ver o nome do Gustavo na tela.

— Não, não, não, não! — repeti, várias vezes, querendo que fosse engano aquela ligação.

A chamada caiu e eu fiquei olhando para o aparelho, apreensiva. Então fechei os olhos novamente, quando ele voltou a tocar e vi o nome do meu chefe. Não parecia ser um engano.

Respirei fundo e atendi a chamada, tentando colocar uma falsa calma na minha voz.

— Gustavo, o que deseja? Esqueci de te entregar alguma coisa? Foi algum erro em algum relatório? Quer que eu refaça?

Mordi a língua e fechei os olhos.

*Marcela, pelo amor de Cristo, o que é isso?*

Ouvi sua risada do outro lado da linha, o que fez todas as células do meu corpo estremecerem.

— *Liguei para avisar que você deixou sua carteira em cima da mesa do escritório* — explicou e eu mordi o lábio.

— Sim — respondi, depois de alguns segundos. — Suspeitei, deve ter caído da minha bolsa depois que almocei.

— *Ela está comigo* — avisou.

Levantei-me e comecei a andar pela sala, passei a língua nos lábios e olhei para a janela, sorrindo, mesmo que ele não pudesse ver.

— Obrigada, eu pego amanhã com você e...

— *Eu estou com o carro estacionado em frente ao seu prédio, Marcela. Vim devolver a carteira.*

Putaquepariu.

Sentei-me novamente no sofá, sem saber o que falar. Como ele havia conseguido meu endereço? Por que

ele veio atrás de mim, sendo que poderia me devolver a carteira no dia seguinte?

Gemi involuntariamente e me repreendi no mesmo instante.

— *Marcela? Está tudo bem?* — questionou.

— Sim! Estou descendo para pegar a carteira.

Encerrei a chamada e joguei o celular em cima do sofá.

— Marcela, não haja feito uma criança, pelo amor de Deus — falei para mim mesma, ao me levantar. — Você é uma mulher adulta, pode muito bem lidar com o fato de que seu chefe veio até sua casa lhe devolver a carteira, você poderia precisar dos seus documentos, certo? Não tem nada de mais nisso.

Conferi minha aparência no espelho que estava na parede e me sentia apresentável. Rosto sem maquiagem, os cabelos estavam presos em um coque, estava com uma camiseta e um shorts jeans. Perfeito!



Olhei para o meu cachorro.

— Deseje sorte para sua mãe, meu amor. Acredito que eu não saiba como controlar o meu corpo quando estou perto daquele homem.

Adônis latiu e passei a mão em sua cabecinha, me virando para sair em seguida.

*Que seja o que Deus quiser.*

O elevador parou no térreo e no instante que as portas se abriram, eu vi o carro do Gustavo estacionado, ele estava encostado na lateral, mexendo no celular.

Respirei fundo e caminhei até entrada do prédio, cumprimentei o porteiro quando passei por ele e abracei a mim mesma quando o ar frio entrou em contato com a minha pele no instante que pisei na calçada.

— Gustavo — falei, fazendo com que ele me olhasse.

Ele guardou o celular no bolso e se aproximou de mim.

— Marcela, como vai? — perguntou, completamente devagar e me olhando intensamente.

— Vou bem — respondi, tentando não parecer abalada diante da sua voz e do seu meio sorriso. — Não precisava ter se dado ao trabalho de vir aqui, eu poderia pegar a carteira amanhã, sem problema nenhum.

— Fiquei pensando que talvez você pudesse precisar dela — disse.

Observei o exato momento que ele colocou a mão no terno e retirou minha carteira do bolso, estendendo-a para mim.

— Obrigada.

Peguei o objeto e sorri para ele.

— Não precisa agradecer, você foi de extrema competência nos últimos dias, apesar de todo o estresse.

Assenti e olhei para a rua, desviando o olhar dele.

— Eu agradeço mais uma vez por ter vindo aqui, eu já vou subir. Boa noite.

Virei-me para entrar no prédio no exato momento que sua mão segurou meu braço, me puxando de volta para ele. Bati o corpo contra o dele e olhei para cima, arfei ao sentir olhar intenso sobre mim.

— Gustavo...

— Eu estou tentando me controlar, Marcela. Desde que eu vi você pela primeira vez.

Sabia que ele estava se referindo ao Rio de Janeiro, nunca falamos desse assunto, mas estava nítido em suas palavras.

— Não podemos fazer isso — falei, olhando para ele, tentando ser a pessoa que tinha juízo.

— Podemos fazer o que quisermos, Marcela, somos adultos e responsáveis.

— E a suas regras? — perguntei.

Ele não respondeu e ficamos nos olhando pelo que pareceu ser um século.

— Sabe de uma coisa, Marcela? — Suas mãos seguraram a base do meu pescoço e ele se aproximou ainda mais de mim, quase colando nossos narizes.

— O quê? — sussurrei, completamente inebriada por ele.

*Maldito desejo!*

— Algumas regras foram feitas para serem quebradas.

Então, no instante seguinte, ele me beijou.

Sua língua entrou em minha boca, explorando e exigindo o mesmo de mim. Seus lábios maltratavam os meus de maneira ávida e deliciosa, suas mãos em meu pescoço me deixavam à sua mercê e eu podia apenas me entregar àquilo que eu estava desejando há séculos.

Segurei em seus braços, como uma forma de equilíbrio e gemi baixinho ao sentir a pressão de seus dentes em meu lábio inferior.

Não era um simples um beijo.

Era algo para dominar, marcar e me fazer desejá-lo ainda mais do que eu já desejava.

Gustavo sabia como atíçar, como me fazer querer mais dele.

Sua boca se afastou da minha e desceu para meu queixo, logo em seguida, senti uma leve mordida ali.

— Eu estava louco para fazer isso — sussurrou, levando a boca até a minha orelha, deixando a pele arrepiada por conta da barba, chupando o lóbulo em seguida.

— As regras... — sussurrei, completamente a rendida a ele.

— Fodam-se as regras, eu não quero nem saber que elas existem depois de beijar você.

— Você é louco — falei, e abri os olhos para encará-lo.

— Você me deixou louco, completamente maluco toda as vezes que eu te vi.

— O que pretende fazer a respeito disso? —  
perguntei, lambendo os lábios.

Ele me beijou novamente, dessa vez o braço em  
minha cintura, me fazendo ficar na ponta dos pés, colando  
ainda mais nossos corpos.

— Hoje não vou fazer nada, infelizmente — disse,  
ao desgrudar nossas bocas. — Tenho um jantar em família,  
mas da próxima vez pode ter certeza de que não haverá  
saída.

— E se eu não quiser? — provoquei, arqueando  
uma sobrancelha e isso o fez sorrir.

— Você não quer? — perguntou, beijando minha  
bochecha, em seguida o canto da minha boca, fechei os  
olhos e ele mordeu meu lábio e o sugou. — Tem certeza?

— Vamos descobrir isso depois — falei.

Ele me beijou mais uma vez e me soltou.

— Nos vemos amanhã, no escritório, Marcela.

Observei-o caminhar até o carro e em seguida arrancar com ele.

— Foco, Marcela — falei, observando o veículo se afastar.

*Algumas regras foram feitas para serem quebradas.*

Maldito, Gustavo Simmons!

Por que tinha que ser tão bonito e gostoso?

Entrei no prédio e fui direto para o elevador, apertei o botão do meu andar e encostei a cabeça na parede fria.

— Será que seria muito errado me entregar apenas uma vez?







Minha cabeça dava voltas e mais voltas sobre o que tinha acontecido ontem. A verdade era que foi difícil parar de pensar no beijo que roubei dela, superou todas as minhas expectativas e me fez pensar que quebrar as regras era necessário em alguns casos.

Peguei o terno em cima da cama e o vesti, ajeitando a gola da camisa e me preparando para sair. Passei pela cozinha e preparei um café rápido na cafeteira, enquanto respondia algumas mensagens que demandavam atenção da minha parte.

Passei pelo contato da Marcela e abri a foto do perfil do WhatsApp. Linda era pouco para definir a beleza dela,

eu ficava abismado em como ela podia ser tão natural, a ponto de me fazer quebrar minhas malditas regras.

Olhei seu sorriso, aberto e espontâneo, que me faziam querer vê-lo pessoalmente, já que ela raramente sorria no escritório dessa maneira, tudo nela naquele ambiente decretava profissionalismo, desde a maneira de falar, se vestir, sorrir e se comportar. E porra, era sexy *pra caramba* essa mistura nela.

Bloqueei a tela e guardei o aparelho no bolso do terno, indo até a cafeteria para pegar o café pronto. Tomei sem açúcar mesmo e conferi a hora no relógio de pulso.

— E vamos para mais um dia de trabalho — murmurei, enquanto caminhava até a saída.

Peguei as chaves do carro no aparador da sala e parei ao ver que a Afrodite dormia em sua caminha. Me abaixei e acariciei seu pelo.

— Quando eu chegar, vamos dar uma volta. Prometo, garota.

Ergui-me, peguei os óculos escuros e saí do apartamento.



Desci do carro e tirei os óculos escuros, observando atentamente o terreno à minha frente, enquanto fazia anotações, tanto mentais quanto na prancheta em minha mão.

— Qual a área total do terreno? — perguntei ao Rômulo, que havia ido comigo para realizar os cálculos.

— São 10 mil m<sup>2</sup>. É uma área bem grande — falou.

— Sim.

Anotei o valor no topo do papel e observei a área, já visualizando como poderia começar os desenhos.

Daniel havia falado sobre a estrutura do hotel na última reunião que havíamos feito. No térreo, ele queria

uma recepção grande, com entrada para o salão de festas do lado esquerdo e, do lado direito, a entrada para o restaurante. Aos fundos do restaurante, ficaria a cozinha, lavanderia e área dos funcionários. Ao fundo do salão de festas, ficaria a administração do hotel, mas ele queria que esses dois salões se ligassem de alguma maneira, e eu ainda estudaria como faria isso.

Haveria cinco elevadores na recepção, dois deles adaptados para pessoas com deficiências e mais dois para os funcionários, que ficariam na ala deles. Seriam 20 andares, onde cada andar deveria conter ao menos dez quartos, todos sendo suítes e com um grande espaço.

A cobertura seria como um pequeno apartamento, então, ele pediu apenas cinco quartos para as suítes presidenciais. Mentalizei o projeto em minha cabeça, enquanto olhava o terreno vazio. Olhei para cima conforme os andares iam se materializando em minha cabeça.

Andei um pouco mais à frente e montei na minha mente, todo o aparato para a área de lazer, com três piscinas, uma pequena quadra de futebol e basquete, mais um parque para recreação infantil.

Virei-me para o Rômulo, que apenas sorria de lado para mim.

— Quem dera se a construção desse hotel fosse igual a maneira como você o constrói na sua imaginação.

— Seria meu sonho — murmurei. — Venha, vou te falar como eu imaginei e como eu irei realizar os desenhos.

Ele veio até mim e eu expliquei brevemente as minhas ideias, estabelecendo pontos importantes, medidas extras e comentários necessários, enquanto rabiscava no papel em branco.



Abri os primeiros botões da camisa e passei as mãos no cabelo, completamente frustrado. O terno já havia ido para o espaço há muito tempo, eu olhava para o quadro em branco, como se o desenho pudesse se materializar ali, do nada.

Odiava esses bloqueios esporádicos que eu tinha. O projeto estava todo na minha cabeça, mas eu não conseguia, de maneira nenhuma, passar para o papel, o que me deixava irritado.

Sentei-me no braço do sofá e fechei os olhos, respirando fundo. Só precisava desenhar a primeira parte e o restante fluiria tranquilamente. Abri os olhos e encarei a folha que eu havia usado mais cedo para rascunhar. Por que era tão difícil transmitir o que tinha ali para a planta baixa que eu precisava fazer?

A porta do meu escritório foi aberta e eu olhei para trás, observando Marcela entrar com uma xícara de café na mão.

— Acredito que precise disso — falou, e me entregou o objeto.

— Obrigado.

Tomei um pouco do líquido quente, mas não tirei os olhos dela. Ela desviou o olhar após um tempo e se virou para olhar os papéis presos nos quadros.

— Dia difícil? — perguntou.

— Um bloqueio para o desenho, devo dizer.

Coloquei a xícara em cima da mesinha que havia no centro e me sentei no sofá, me encostando nele e fechando os olhos em seguida.

Ouvi os sons do salto da Marcela sobre o chão, em seguida suas mãos em meus ombros, realizando uma massagem que me fez suspirar.

— Você está tenso, deveria descansar um pouco.

— Impossível descansar quando se tem um projeto como o do Daniel para entregar.

— E acha que ficar horas neste escritório vai resolver o problema? — Sua voz soou melodiosa em meus ouvidos e eu abri os olhos, encarando os papéis nos quadros à minha frente.

— Não, você tem razão.

Levantei-me de repente, dando a volta no sofá e prensando seu corpo contra o encosto.

— O que está fazendo? — perguntou, arregalando os olhos.

— Marcela, quando eu quero uma coisa, eu pego, simples assim. Sou direto e não gosto de complicações. Sei muito bem as regras que eu criei dentro deste escritório e prezo muito por elas, mas como eu disse ontem, algumas regras precisam ser quebradas e eu queria saber apenas uma coisa. Você está disposta a quebrar essas regras comigo?

Eu já não podia mais esconder o desejo que eu sentia por essa mulher, tudo nela me fazia querê-la e eu



tinha certeza de que se eu não provasse dela ao menos uma vez para matar essa vontade dentro de mim, eu ficaria louco.

— Eu... — Ela fechou e abriu a boca várias vezes, mas não me dava uma resposta coerente.

— Deixa que eu te ajudo a obter a resposta para a minha pergunta — falei, puxando seu corpo pela cintura de encontro ao meu, segurei sua nuca e tomei sua boca.

Pedi passagem pela sua boca com a minha língua e ela cedeu prontamente. Senti suas mãos se infiltrarem em meus cabelos e ela aprofundar ainda mais o beijo. Chupei sua língua e mordi seus lábios, fazendo-a ofegar e arranhar minha nuca, segurei sua cintura com as mãos e coleí ainda mais nossos corpos, fazendo-a sentir que se ela quisesse, eu poderia fodê-la bem ali.

Meu pau estava duro, pronto para entrar dentro dela, eu só precisava que ela dissesse sim.

Movimentei minhas mãos para dentro de sua camisa, sentindo a pele macia enquanto explorava seu corpo. Ela afastou a boca da minha, apenas um pouco, continuava sentindo seu hálito quente em meu rosto.

Abri os olhos e observei suas pupilas dilatadas, ela apertava minha camisa entre as mãos, deixando os nós dos dedos brancos com a pressão exercida.

— Isso é loucura — sussurrou, completamente rendida.

Mordi seu queixo, passei a boca pelo pescoço dela, aspirando o seu perfume, arranhando a pele sensível.

— É uma loucura — falei, enquanto voltava a encará-la. — Mas estou disposto a cometer essa loucura com você, Marcela. Tem noção do quanto você está me tirando o juízo?

— Por que eu?

— Me faço a mesma pergunta, mas não é de agora que você mexe comigo, você está na minha cabeça desde

que eu te vi pela primeira vez.

Decidi abrir o jogo de uma vez, falar que eu me lembrava dela naquele restaurante do Rio de Janeiro, da forma que nos olhamos e de como eu desejei beijá-la naquele instante.

— Você se lembra — murmurou.

— Você se lembra? — perguntei, surpreso.

— Sim, só não imaginava que você se lembrava.

— Pois eu me lembro. — Apertei seu corpo ainda mais contra o meu. — Desde o primeiro momento, Marcela, eu desejei você. Não é de agora, eu só reprimi o que estava sentindo.

— Você é meu chefe — apontou.

— E você, minha secretária. — Sorri de lado. — Isso importa?

Ela ficou calada por alguns instantes, apenas me encarando, até que ela negou, abrindo um sorriso fodidamente sexy.

— Agora? — perguntou, e ela mesma respondeu. — Não importa mais nada, você já começou o trabalho, apenas termine.

Sorri de lado.

— Seu desejo é uma ordem.

Ataquei sua boca novamente, descii minhas mãos para a bunda empinada, apertando a carne e dando dois tapas que estralaram. Senti seus dedos abrirem o botão da minha camisa com muita habilidade e eu fiz o mesmo com a dela.

Afastei-me apenas para olhar em seus olhos e os ver consumidos de desejo. A puxei para o outro lado do sofá e me sentei, observando a deusa à minha frente. A camisa desabotoada até abaixo dos seios, deixando parte do sutiã vermelho à mostra, os cabelos desgrehados e os olhos cheios de tesão.

Marcela sorriu diabolicamente e terminou de abrir a camisa, jogando a peça no chão, exibindo a pele branca e

os seios fartos. Sorri de lado ao notar uma tatuagem entre eles.

Essa mulher sabia como despertar minhas curiosidades de todas as maneiras, exibindo mais uma tatuagem em seu corpo perfeito.

Peguei sua mão e a puxei para mim, fazendo-a se sentar em meu colo, a saia subindo e se embolando em sua cintura, exibindo as coxas torneadas. Subi minhas mãos por elas, indo para cintura e parando abaixo do sutiã, abrindo a peça em seguida e jogando-a em algum canto do sofá.

Observei seus seios pularem em minha frente, implorando para serem chupados. Meus olhos foram a rosa que desabrochava entre os seios e levei a boca até ela, passando minha língua na pele, ouvindo-a gemer baixinho.

— Você é uma caixinha de surpresas, Marcela — murmurei, ainda admirando a tatuagem.

— Gostou?

— Isso deixa você ainda mais sexy e misteriosa — falei, olhando para cima e vendo-a morder os lábios.

Ela sorriu atrevidamente e abaixou a cabeça para me beijar, segurei firme em sua cintura, fazendo-a sentir o quão duro eu estava. Marcela arfou contra a minha boca e começou a rebolar lentamente em cima de mim, enquanto eu fodia com nossas bocas.

— Gostosa *pra* cacete — falei, dando outro tapa em sua bunda e desci minha boca para os seios. Onde eu mamei, mordi e me fartei de seus gemidos.

— Gustavo... — sussurrou, de olhos fechados e boca entreaberta.

— O que você quer? — questionei.

— Tudo — exigiu.

— Eu vou te dar mais que tudo.

Voltei a beijá-la, massageando seus seios, enquanto ela rebolava em meu colo, me deixando maluco.

Então uma batida na porta nos fez separar rapidamente, fazendo com que arregalássemos os olhos.

*Merda!*







Eu sabia que alguma ia acontecer, estava bom demais para ser verdade. Me levantei do colo do Gustavo, peguei minha camisa que estava jogada no chão e corri os olhos pelo sofá, procurando meu sutiã.

A batida na porta soou novamente.

— Só um instante! — Gustavo gritou, enquanto terminava de fechar a camisa.

— Vou *pro* banheiro — sussurrei, correndo para lá com minhas roupas nas mãos.

Fechei a porta atrás de mim e passei a chave, me escorando nela. Observei meu reflexo no espelho e me xinguei mentalmente.

— Marcela, você é burra? — sussurrei e comecei a me vestir.

Fiz um coque nos cabelos e lavei o rosto com água fria.

*Mas também, Marcela! Você quer pegar o homem no escritório! Onde já se viu? Pior seria se a pessoa tivesse entrado sem bater.*

Apoiei as mãos bancada da pia e respirei fundo, tentando organizar os pensamentos. Foi imprudente? Com toda a certeza! Faria novamente, mas é claro!

Eu tinha que admitir, o Gustavo tinha uma *senhora* pegada que me fazia respirar fundo só de lembrar. Com toda a certeza iríamos terminar o que começamos naquele sofá, eu nunca começava algo para não terminar, então ele que me aguardasse, porque eu tinha certeza de que aqueles amassos no sofá iriam render uma bela noite de sexo.

Seria apenas uma vez, não me faria mal, certo?

Éramos adultos e responsáveis, e essa coisa que existia entre nós precisava ser apagada a todo custo, nada melhor do que ser dessa forma.

Apenas uma vez e tudo se resolveria.

A maçaneta da porta girou, me fazendo dar um pulo, e eu a destranquei, Gustavo entrou e a fechou.

— Quem era? — perguntei.

— Minha mãe, disse que precisava conversar um assunto sério comigo. Irei levá-la para comer alguma coisa e, então, você pode sair.

— Certo — concordei, e passei as mãos no cabelo, mas acabei sendo prensada contra a pia.

— Isso ainda não acabou, Marcela. Ainda vou ter o que quero — falou, e eu sorri.

— Não acabou mesmo, eu não começo algo para deixar pela metade — falei, e ele sorriu, me soltando em seguida.

— Até daqui a pouco — disse, e deixou o banheiro.

Mordi o lábio e sorri.

Homens, tão fáceis de iludir.

Esperei mais uns dois minutos e abri a porta do banheiro para espiar se a sala estava vazia, soltei o ar ao ver que sim. Deixei o banheiro e me apressei em sair da sala, mas parei no meio do caminho, olhando para a mesa do Gustavo e vendo o computador dele ali.

Era a hora perfeita para vasculhar suas coisas.

Mordi o lábio e saí do escritório dele, indo para a minha mesa. Me sentei e peguei minha bolsa, procurando o *pen drive* que eu tinha colocado o programa espião. Apertei o objeto na palma da minha mão e guardei a bolsa, me levantando em seguida, mas parei ao ver o pai do Gustavo entrar na recepção e se aproximar da minha mesa.

— Senhor Roberto, boa tarde — cumprimentei.

— O Gustavo está na sala? — questionou, ignorando meu cumprimento.

— Não, ele saiu com a mãe, agora há pouco — respondi.

— Certo — assentiu, já caminhando para a sala do filho.

— Eu disse que o Gustavo não estava... — falei, já saindo atrás do pai dele, mas ele parou e se virou para mim, quase me fazendo esbarrar nele.

— Eu entendi essa parte, agora seja boazinha e fique aí, eu só preciso pegar um documento na sala dele.

— Eu posso pegar para o senhor — ofereci, e ele sorriu.

— Se eu precisasse da sua ajuda, eu teria pedido, por que não volta ao trabalho?

— Eu...

— Marcela, poderia marcar uma reunião com o Gustavo para mim, por favor? — Olhei para trás e vi a Grazi, do setor de contabilidade.

— Claro que posso — falei e sorri sem graça para ela, voltei a encarar o Roberto, que ainda sorria para mim.  
— Com licença.

— Toda — respondeu, e se virou, entrando na sala do filho em seguida.

Voltei para a minha mesa e abri a agenda do Gustavo.

— Precisa de algo para que dia? — perguntei, sorrindo.



Tinha alguma coisa muito errada, eu estava sentindo isso. Sabe o famoso sexto sentido feminino? Então, ele estava apitando naquele exato momento. Eu estava com uma pulguinha atrás da orelha sobre o que o Roberto havia ido fazer na sala do Gustavo mais cedo, se ele queria

algum documento, bastava pedir, que eu mesma buscava e entregava.

Já tinha dado para perceber que os dois não se davam bem, pelo modo que o Gustavo falava do Dr. Roberto e até mesmo pelo modo como se olhavam. Mordi a ponta da caneta e franzi a sobrancelha. Tinha alguma coisa muito errada, eu não sabia o que era, mas iria descobrir.

Olhei a hora no relógio e vi que estava quase na hora de ir embora. O Gustavo não tinha voltado nem avisado se iria retornar. Peguei o *pen drive* que eu tinha jogado dentro da gaveta da mesa e caminhei para a sala do meu chefe, fechando a porta e indo até a mesa dele.

Sentei-me na cadeira e olhei para o computador.

*Descubra tudo o que puder, faça o possível e o impossível para isso.* A voz do meu chefe soou em minha cabeça e fechei os olhos, geralmente eu não reclamava do meu trabalho, mas nesse momento eu não sabia se estava

fazendo algo certo. Gustavo não era um homem que tinha cara de quem roubava a própria empresa ou fraudava plantas de casas ou prédios, mas eu precisava cumprir o meu trabalho, precisava descobrir a verdade e eu descobriria isso apenas se eu pegasse as plantas salvas em seu computador.

— Meu Deus, o que eu faço? — murmurei, mas eu sabia que só havia uma resposta para essa pergunta. Era o meu trabalho e eu deveria fazê-lo, sem questionamentos.

Pluguei o *pen drive* no gabinete do computador e dei início ao processo de instalação do programa.

Tamborilei os dedos na mesa e corri os olhos para a sala, parando nos desenhos do Gustavo. Me levantei e caminhei até lá, observando os seus rabiscos, até mesmo os esboços que ele havia feito, ao ir ao terreno hoje pela manhã, eram bem traçados. Ele tinha talento, mas não gostava do que fazia.



*Por que estaria aqui, então?* Trabalhar com algo que gosta não é algo do feitio dele.

A primeira conversa que ouvi no dia em que coloquei a escuta aqui veio à minha mente. A mulher que estava dando a bronca nele era a Ariella, ela dizia que ele queria se passar pelo filho perfeito, mas ele nunca seria a Marina.

*“Você sabe o que eu penso a respeito disso tudo. Você tem medo de enfrentá-lo. Se esconde nessa fachada de filho perfeito, do filho que o senhor Roberto Simmons sempre desejou ter, você está tentando ocupar o lugar da Mariana, mas adivinhe? Você não é a sua irmã.”*

A conversa que tivemos no elevador também veio em minha cabeça.

*“— Queria ser piloto de motocross — respondeu.*

*— Está falando sério? — perguntei, não acreditando.*

*— Sim, seriíssimo. Meu sonho.*

— Mas você chegou a tentar algo? — Estava curiosa, nunca imaginaria isso dele.

— Claro, eu participo de um circuito quase todos os fins de semana.

— Uau!

— O que foi? — perguntou, e eu mordi os lábios antes de responder, mas acabei falando o que veio na minha mente.

— É que não se passa pela minha cabeça que um, perdão pela palavra, “engravatado” feito você, gostasse de um esporte tão radical.

— As pessoas são rotuladas por aquilo que vestem e falam.

— Verdade, as pessoas julgam por causa da sua aparência e pelo seu modo de falar.”

— As pessoas são julgadas constantemente — murmurei, enquanto me aproximava dos desenhos, me lembrando agora do que ele disse mais cedo.

*“— Dia difícil? — perguntei, ao entrar na sala.*

*— Um bloqueio para o desenho, devo dizer — falou, ainda olhando para os papéis.”*

Balancei a cabeça e voltei para o computador, eu não podia pensar nessa situação como se ele fosse inocente, tudo apontava para o lado o contrário, todas as provas e argumentos.

Sentei-me na cadeira dele e retirei o *pen drive* do gabinete, desligando o computador. Saí da sala e fui para minha mesa, ao guardar minhas coisas na bolsa, percebi que havia esquecido meu celular em cima da mesa do Gustavo, voltei para a sala e peguei meu aparelho, respirando fundo em seguida.

— O que você está fazendo aqui?

Pulei de susto e me virei em direção à porta.

— Ariella?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou, entrando na sala.

— Vim organizar a sala. — Cruzei os braços ao terminar de falar.

A ruiva apenas sorriu e se aproximou de mim.

— O Gustavo não gosta que mexam em seu escritório quando ele está trabalhando em alguma planta.

Assenti e sorri.

— Vou anotar o lembrete — falei, ao passar por ela, mas sua mão agarrou meu braço e nós duas nos encaramos.

Não piscamos, muito menos ousamos falar nada por cerca de um minuto, apenas analisando as expressões uma da outra.

Uma avaliação silenciosa e ameaçadora.

— Eu não confio você, Marcela — falou baixinho. — E não sei por qual motivo, mas eu sinto que você está aprontando alguma coisa.

— Pois compartilhamos do mesmo pensamento, também não confio em você, Ariella.

Ela sorriu e se aproximou ainda mais.

— Eu sei qual é o seu jogo.

— E qual é o meu jogo? — questionei.

— A secretária boazinha, que faz de tudo para agradar o chefe e ganhar a confiança. A sua atuação pode funcionar com o Gustavo, mas comigo, não.

— Com isso, você está sugerindo que eu quero algo com o Gustavo? — perguntei, quase rindo.

— Não, porque eu conheço meu amigo. Quando Gustavo quer uma coisa, pega sem fazer cerimônia, e eu consigo ler nos olhos dele que ele quer você, então, vai ter mais cedo ou mais tarde. Mas você não o quer, você quer algo relacionado a esta empresa.

Gelei, mas tentei não demonstrar.

— O que eu poderia querer? — É tudo que eu perguntei, rezando para que ela não notasse a mudança em meu comportamento.

— É isso que eu vou descobrir, Marcela. Pode ter certeza disso. — Então ela me soltou e se afastou. — Até mais.

Observei-a deixar a sala e fechei os olhos. Eu precisava tomar cuidado, não que ela fosse descobrir quem eu era, mas Ariella poderia ser uma pedra enorme no meu sapato.

— Por enquanto, Marcela — falei para mim mesma, enquanto saía da sala —, tente despistar a vadia ruiva da melhor forma que você sabe.





— Eu não aceito isso! — falei, fazendo o possível para não gritar.

— Você não tem que decidir nada, Gustavo. É a decisão da sua irmã!

— Acha que a Mariana tem capacidade para decidir alguma coisa? — questionei.

— Dessa maneira, até parece que ela é uma incapaz!

Olhei para minha mãe e respirei fundo.

— Meu pai concordou com isso? — perguntei, por fim.



— Não aceitou, mas também não negou. A Mariana precisa viver além da nossa proteção, ela já sofreu tanto no passado.

— Ela amava o Fellipo — falei.

— Mas ele não foi homem suficiente para ficar ao lado dela! E agora, está aí, com uma família feliz ao lado de uma mulher que, inclusive, é a sua ex-noiva!

Respirei fundo, odiava falar do passado. Odiava também quando minha mãe mencionava o nome da Bruna em nossas conversas, como se isso fosse justificativa para algo.

— Mãe. — Segurei suas mãos por cima da mesa. — A Bruna não tem culpa do que aconteceu, ela não sabia que o Fellipo era ex-marido da Mariana, muito menos, que minha irmã fosse surtar da maneira que surtou.

— Mas se ele...

— Algumas pessoas não são tão fortes quanto aparentam — interrompi sua fala. — Eu sei que você quer

que a Mariana seja feliz, eu quero que ela seja feliz, mas temos que ser cautelosos.

— Meu filho. — Apertou minhas mãos. — O Dr. Afonso cuidou tão bem da Mariana durante todo esse tempo, não acha que fora da clínica esse cuidado vai continuar?

— Mãe...

— Eu sei que você está com medo de que nossa menina sofra novamente, mas ela precisa viver a vida dela. E se ela quiser namorar o médico que cuidou dela tão bem, durante tantos anos, eu não vejo problema.

— Ele é médico dela, isso é antiético e...

— Depois que a Mariana saiu do hospital, o Dr. Afonso deixou de ser médico de dela, e passou o caso para outro psiquiatra, disse que a partir dali todo cuidado seria como namorado.

Relações amorosas entre médicos e pacientes, na maioria das vezes, não dava certo, mas eu não podia

impedi-los de se envolverem. Eu não tinha outra escolha a não ser concordar com a minha mãe.

— Está certo, mãe. Vamos dar um voto de confiança para o ele.

— Obrigada, filho. Tenho certeza de que não vai se arrepender.

— Disso já não tenho tanta certeza — murmurei, e minha mãe sorriu.

— Já que estamos nesse assunto — comentou, após bebericar o café que havia pedido. — Não tem ninguém especial na sua vida?

Ri de lado e encarei minha mãe.

— Não, mãe. Não tem ninguém de especial na minha vida, de relacionamentos eu quero distância.

— Pensei que você estava saindo com aquela mulher dos cabelos vermelhos, sempre esqueço o nome dela.

— Ariella? Não, somos apenas amigos.

— Amigos... Sei...

— Não é agora que você vai ter um neto, dona Pillar.

— Vocês, filhos, estragam qualquer sonho de uma mãe de se tornar avó.

Apenas ri e tomei um gole do meu suco, mas ainda estava pensando no assunto da minha irmã.

Sempre quis a felicidade de Mariana, principalmente depois que ela desenvolveu um alto grau de esquizofrenia, mas eu tinha medo de que ela sofresse igual ou mais, do que sofreu no casamento com o Fellipo. Eu não o culpava por nada, era algo realmente difícil de dar conta, talvez minha mãe tivesse razão e o médico que cuidou dela durante todos esses anos pudesse ser a pessoa certa para estar em um relacionamento com ela.



— Mas isso não é antiético? — Ariella perguntou, se servindo de uma bebida.

— Ela tem razão, relações amorosas entre médico e pacientes não pode ser bem vista — Rômulo apontou.

— Eu sei disso, comentei isso com a minha mãe, mas ela disse que depois que a Mariana saiu da clínica, esse tal de Afonso pediu para que outro médico cuidasse dela. Isso não significa que eu não esteja preocupado, mas minha mãe não quer interferir na vida amorosa da Mariana, disse que minha irmã já sofreu muito no passado e agora merece uma chance de ser feliz.

— Não discordo dela — Ariella disse. — Mas nessa fase da vida, não sei. Tem algo estranho nisso.

Terminei minha bebida e respirei fundo, não queria pensar nisso agora. Estava cansado e com dor de cabeça, o dia foi estressante ao extremo, e isso se dava ao fato do que tinha acontecido na minha sala com a Marcela.

Aquela mulher ia acabar me matando, eu tinha certeza disso.

— Como anda a elaboração do projeto? — Ariella perguntou, me arrancando de pensamentos nada decentes.

— Estou com um bloqueio terrível nos desenhos — falei.

— Por quê? Você estava esboçando tão bem no dia que em visitamos o terreno — Rômulo perguntou.

— Não sei, apenas não consigo passar para o papel o que está na minha mente, é como se uma coisa não casasse com a outra, entende?

— Sim, sim.

— Por que você não visita o hotel em Nova Iorque?

— Ariella sugeriu.

— Visitar?

— Sim, pense como uma pesquisa diferente. Como eu sei que você não vai pedir ajuda para o seu pai, de

qualquer forma, visitar um hotel que já foi projetado pela empresa pode te ajudar a fazer as ideias fluírem.

— A Ariella tem razão, e mesmo o Daniel dizendo que não quer o projeto igual ao do hotel de Nova Iorque, você tem uma base de como trabalhar e de como é o estilo dele.

Assenti, meus dois amigos estavam certo. Era uma ideia a ser estudada.

— Se amanhã eu ver que o desenho não irá fluir, levarei a ideia até o Daniel.

Eles assentiram e o Rômulo se levantou.

— Bom, irei embora, tenho algumas coisas para organizar, minha secretária torceu o pé esta semana e está trabalhando de casa, ou seja, a mesma coisa que nada. — Ele vestiu o terno e se virou para a Ariella. — Você vai ficar?

— Sim, tenho um assunto importante para tratar com o Gustavo.

Meu amigo arqueou uma sobrancelha e sorriu.

— Assunto importante, *né*? Conheço bem esse tipo de assunto. Enfim, comportem-se crianças. Até amanhã.

— Até — falei, e pedi para o garçom servir mais dose de uísque para mim. — O que você queria me falar? — perguntei para a Ariella.

Ela mexeu na bolsa e me entregou um envelope pardo.

— O que tem aqui?

— São os relatórios de vendas dos últimos terrenos e casas, fornecidos pela Imobiliária, para alguns projetos da Simmons Architecture and Engineering.

Peguei o envelope, mas não o abri. Voltei a olhar para a minha amiga.

— O que eu vou achar aqui?

— Pelo teor da conversa que eu ouvi outro dia, nada de bom.



Coloquei o envelope em cima da mesa e passei as mãos nos cabelos.

— Gustavo, sei que pode parecer confuso, mas...

— Não tem um *mas*, Ariella, se tudo que você me disse aquele dia for verdade, lidaremos com uma quadrilha que age dentro das duas empresas.

— Eu sei disso — falou, baixando o tom de voz e olhando para o lado, verificando se tinha alguém prestando atenção em nós. — Mas isso é crime. Superfaturar o preço o de imóveis e terrenos, sabe disso.

— Sim, eu sei. Tem certeza de que isso foi apenas para a Simmons Architecture and Engineering?

— Eu não tive tempo de conferir todos os relatórios, mas ao que tudo indica, sim, foi apenas para sua empresa. Todas essas vendas foram feitas nos últimos dez anos. E, pelo que entendi, estão retomando o negócio com aquela ligação. Dentro desse envelope não estão apenas terrenos que a empresa indicou e o proprietário comprou, mas

também temos casas que foram reformadas pela Simmons Architecture and Engineering, e que, um tempo depois, sofreram algum tipo de dano.

— Pode estar relacionado?

— Sim e não, estou confusa quanto a isso —  
confessa.

— Certo.

Peguei o envelope e coloquei dentro da minha pasta.

— O que você vai fazer em relação a isso? —  
questionou, preocupada.

— Ainda não sei, mas irei ler todos esses relatórios e pesquisar dentro da empresa. Eu me tornei CEO da empresa há menos de cinco anos, mas eu já trabalhava na área administrativa há muito tempo, meu pai que sempre cuidou dos projetos, poucas coisas foram assinadas por mim.

Passei as mãos na cabeça e tomei o restante da minha bebida, minha cabeça estava dando um nó.

— Fique de olho nesse funcionário — pedi.

— Pode deixar, qualquer ação suspeita, eu te aviso.

— Eu vou ler esses documentos, nos vemos depois.

— Certo.

Levantei-me e beijei seu rosto, saindo do bar em que estávamos.

Entrei no meu carro e joguei a pasta no banco do carona.

Superfaturamento em imóveis envolvendo a Imobiliária Castro e a Simmons Architecture and Engineering. Por que eu sentia que ainda tinha muita coisa a ser descoberta?



Olhei para o relógio e vi que estava prestes a dar 4h da manhã, eu estava concentrado nesses contratos desde que havia chegado e não tinha percebido a hora passar.

Peguei um cigarro e acendi, havia várias coisas me incomodando. Poderia ser apenas coincidência? Sim, mas eram coincidências demais para negar. O que me chamava a atenção mais que os terrenos, eram os imóveis vendidos. Todos em uma condição de baixa habitabilidade, nesses casos, a casa era vendida por um valor mais alto do que deveria, e a Simmons Architecture and Engineering era contratada para realizar a reforma do imóvel. Só que, algum tempo depois, esse mesmo imóvel apresentava problemas na estrutura física, colocando em risco as pessoas que moravam ali.

Um contrato em especial me chamou a atenção, estava no nome de Patrícia Braga, ela comprou a casa pelas mãos do corretor que a Ariella estava suspeitando, e contratou a Simmons Architecture and Engineering para

realizar a construção da obra, a casa foi refeita e, dois anos depois, por causa de uma forte tempestade, o teto cedeu. O acidente deixou uma criança de três anos hospitalizada em estado grave, infelizmente ela veio a falecer um tempo depois. Pesquisei a respeito e o marido da mulher havia tentado processar a empresa responsável pela obra, ou seja, a minha, mas não havia provas suficientes para que isso acontecesse.

Eu me lembrava vagamente desse caso, foi há muito tempo, meu pai ainda era o CEO da empresa naquela época e eu tinha acabado de me formar em Arquitetura, se eu não estava enganado, eu havia feito a planta da casa, mas precisava ter certeza. Precisava pegar esse contrato.

Abri o Google e digitei o nome da mulher.

*Patrícia Braga.*

Apareceram algumas matérias da época, abri uma e esperei carregar, enquanto tragava meu cigarro.

Passei os olhos pelo artigo e um nome me chamou a atenção, um nome que eu já havia escutado no mesmo dia.

*Afonso Braga.*

— Não pode ser a mesma pessoa, pode?

Digitei o nome dele no Google e cliquei no primeiro link.

*Afonso Braga, famoso médico psiquiatra, assinou divórcio com Patrícia Braga, meses após a morte da filha, Heloísa.*

Encostei as costas na cadeira e fechei os olhos.

— Coincidências demais para ignorar. Merda!





— Viajar? — perguntei, incrédula.

— Exato, será algo de quatro dias, cinco, no máximo

— Gustavo disse, mas sem prestar atenção em mim, estava focado, mexendo em algumas pastas antigas.

— Tem certeza de que tem necessidade de que eu vá com você? — perguntei, fazendo-o me encarar.

— Preciso da minha secretária ao meu lado — falou pausadamente. — Não irei apenas visitar um hotel, irei cuidar de outras coisas também.

Assenti e engoli em seco. Essa viagem iria acabar com meu psicológico, eu tinha certeza disso. Porque eu não iria apenas para ser a secretária dele, com toda a



certeza Gustavo iria querer terminar o que começamos nessa sala.

— Certo, irei providenciar as passagens e a hospedagem no hotel. Cinco dias mesmo?

— Sim, pode colocar cinco.

— Tudo bem.

Virei-me para sair da sala, mas sua voz me fez parar novamente.

— Arrume minha agenda internacional, Marcela. Teremos muita coisa para fazer em Nova Iorque.

— Pode deixar, senhor — falei, saindo de sua sala em seguida.

Sentei-me na cadeira e fechei os olhos, respirando fundo.

— Respira, Marcela, não é o fim do mundo, é apenas uma viagem — murmurei para mim mesma. — Tire isso como proveito para descobrir tudo que você precisa.



Terminei de fechar a mala e me sentei na cama, respirando fundo. Por mais que eu tentasse ficar tranquila a respeito dessa viagem, eu não conseguia. Eu sabia que a partir do momento que a linha entre trabalho e desejo fosse ultrapassada, não teríamos como voltar atrás.

Meu celular tocou e eu sorri ao ver o nome da minha mãe na tela.

— Oi, mãe.

— *Querida, que saudade que eu estava de você!*

— Também, é quase impossível falar com a senhora.

— *Estamos planejando fazer um mochilão no Chile, queria aproveitar e passar no Brasil para te visitar.*

— Mãe...

— *Nada de “mãe”, Marcela. Faz tempo que não vou ao Brasil, já que você não consegue vir me ver, eu irei até*

*você, simples assim.*

— Certo, dona Diana — falei.

— *Me conte as novidades, o que anda fazendo ultimamente, ainda naquele serviço de investigação?*

— Sim, é mais difícil do que pensei.

— *Entendo, mas tenha cuidado, pode ser perigoso.*

Sorri e tirei alguns pelinhos invisíveis da calça.

— Eu sei, mas ninguém vai descobrir que eu estou investigando isso.

— *Qualquer coisa, sabe que pode me ligar, não é?*

— Eu sei, mãe. Obrigada! Mãe?

— *Sim, querida?*

— Estou indo para Nova Iorque, amanhã de manhã.

— *Vai fazer o que em Nova Iorque?*

— Assunto de trabalho, se não conseguir me ligar, já sabe o motivo.

— *É justamente para isso que serve o aplicativo de mensagens.*

— Isso mesmo — concordei, suspirando em seguida.

Ouvi minha campainha tocar e em seguida o Adônis latir, deveria ser a Emilly, ela tinha ficado de passar aqui à noite.

— Mãe, a vizinha que vai cuidar do Adônis chegou, conversamos em outro momento, pode ser?

— *Claro, querida! Pode ir, te amo! Se cuida! Beijos.*

— Também te amo, mãe. Beijos!

Encerrei a chamada e joguei o celular em cima da cama, indo para a sala, assim que abri a porta, sorri ao ver Emilly.

— Oi — cumprimentei, dando um beijo em seu rosto. — Entra.

Emily entrou e sorriu para o meu cachorrinho, que imediatamente abanou o rabinho.

— Tem certeza de que não quer deixá-lo lá em casa? — perguntou ao pegá-lo no colo.

— Tenho, sim, já foi um sacrifício para acostumá-lo com este apartamento, não quero te dar trabalho. Ele faz uma bagunça que você não imagina.

— Certo — falou, fazendo carinho nele. — Mas isso não significa que eu não posso tentar, é capaz de você voltar e ele não querer saber de você.

Ri do seu comentário.

— Do jeito que esse cachorro é safado, não duvido nada. Vem, vou te mostrar onde estão as coisas dele.

Emilly colocou o Adônis no chão e me seguiu.

— Muito organizada sua casa — comentou.

— Obrigada, como passo o dia fora, ela fica arrumada durante a maior parte do tempo. O que dou graças a Deus, porque não tenho muita paciência para limpeza.

— Te entendo, às vezes dá um pouco de preguiça mesmo.

Mostrei a ela onde estavam a ração, coleira, todos os brinquedos e itens que eu usava para sua higiene, além de deixar o número do veterinário com ela, caso acontecesse algum acidente.

— Quer beber alguma coisa? — perguntei, após lhe entregar uma cópia da chave da sala.

— Não, eu estou esperando meu amigo.

— O delegado? — questionei, arqueando a sobrancelha.

— Ele mesmo, marcamos de comer alguma coisa, depois que ele saísse da delegacia. — Ela olhou a hora no relógio e me encarou, sorrindo. — Ele deve sair a qualquer instante.

— Ainda não entendo como você consegue ser apenas amiga dele — comentei, me recordando de uma conversa que tivemos, tempos atrás, no elevador.

— Eu sei, parece meio difícil, *né?*

— Com toda a certeza, queria ter seu autocontrole.

Emilly sorriu e seu celular começou a tocar, observei-a atender ao telefone e o seu semblante mudar para decepcionada.

— Certo, então. Nos vemos outro dia, beijos.

Ela guardou o celular no bolso e me encarou.

— A bebida ainda está de pé? — questionou, e eu sorri.

— Está sim, conheci um local maravilhoso. Vamos?

— Vamos, sim, me dá só quinze minutos para eu me arrumar?

— Claro! Vou fazer isso também.

Levei-a até a porta e marcamos de mandar mensagem, assim que estivéssemos prontas. Me virei para o Adônis, que me seguia silenciosamente e me agachei para fazer carinho nele.

— Uma bebida não faz mal a ninguém, não é, querido?

Ele latiu e eu tomei aquilo como um sim.



Assim que chegamos à boate, percebi a Emily meio desconfortável com o local.

— Não se preocupe, Emily, se solte.

— Não me sinto à vontade em boates — falou um pouco alto, para que eu escutasse.

— Esta daqui é maravilhosa, o dono é gente boa e tem um atendimento excelente — falei, enquanto tentávamos chegar ao bar.

— Pensei que estivesse mais vazia, por ser meio de semana — Emily disse, assim que nos sentamos.

— Pois é, pensei isso também.

— O que vão querer meninas? — o barman perguntou, chamando nossa atenção.

— Uma dose de tequila — pedi.



— Um dry martini — Emilly pediu.

Nossas bebidas foram servidas e eu tomei minha dose de uma vez, pedindo outra em seguida.

— Parece que alguém está querendo ficar bêbada cedo — Emilly disse.

— Eu não fico bêbada só com isso, na verdade, preciso relaxar, e isso — falei, erguendo outra dose de tequila — me faz relaxar.

— Por que precisa relaxar?

— Meu chefe não é a pessoa mais fácil do mundo — falei.

— Ele te dá muito trabalho?

— Antes fosse trabalho o que ele dá, seria muito mais fácil de lidar.

Lambi os lábios, ponderando se deveria contar ou não, mas eu precisava de um conselho e eu não tinha amigas a quem recorrer a isso.

— Meu chefe e eu temos uma atração sexual muito forte — falei, me aproximando dela.

— E isso tem algum problema?

— Eu não posso me envolver com ele, Emily, de jeito nenhum, mas não vou conseguir me segurar por muito tempo. Já ultrapassamos essa linha uma vez e tenho certeza de que nesta viagem as coisas vão sair do meu controle.

— Se você gosta dele, vá em frente.

— Não gosto dele, é só atração.

— Então, se você sabe que é só atração, por que não dá uma chance para isso? Não seria mais fácil para lidar com esse desejo?

Era isso que eu pensava, se fosse com uma pessoa diferente, eu não teria esse tipo de problema, mas com ele... com ele, eu não tinha certeza. Era como se fosse um pressentimento de que a partir do momento que

cruzássemos a linha, não teria mais volta para nenhum de nós dois.

— Tenho medo.

— De se apaixonar?

— Não sei, é só um sentimento de que eu vou me ferrar no final dessa história.

— Às vezes, são essas as histórias que devemos viver — refletiu.

— E você, não ficou com o delegado até hoje, por quê? Ele parece ser uma história que valha a pena viver.

Ela desviou o olhar e notei que estava triste.

— Eu conheci o Antônio quando ele era namorado da minha patroa — contou, e eu arregalei os olhos.

— Amada?!

Ela apenas sorriu.

— Ele era namorado dela, a Verônica passou por muita coisa, o marido dela desapareceu por dois anos, nesse período ela descobriu que estava grávida, a Vivi

nasceu com síndrome de Down e o filho mais velho dela acabou se tornando um adolescente rebelde. Quando o marido dela voltou...

— Ele voltou? Que canalha!

— A história não foi bem assim, muitas coisas precisavam ser esclarecidas, mas no final, eles se separaram e ela começou a namorar o Antônio, mas não durou muito tempo, pois ela sempre amou o ex-marido e por mais que ele tenha ido embora no passado, eles conversaram e voltaram a ser o que eram antes, mas pelo que entendi, ele havia saído em missão pela Interpol e pela polícia federal.

— Uau, que bug.

— É uma história complicada. A Verônica terminou com o Antônio no dia do aniversário dele, no dia que ele e a pediu em casamento. Ela negou e disse que não podia fazer isso com ele, o Antônio foi tão respeitoso com a decisão dela, que emprestou o carro dele para que ela

fosse atrás do homem que amava de verdade. Aquele dia, nós dois começamos a nossa amizade, mas nunca passou disso.

— E você fica triste, porque queria ser mais que amiga dele — completei.

— Está tão na cara?

— Para mim, ficou ainda mais claro agora, mas ele pode não saber disso, homens tendem a ser mais lentos.

— Eu sei, mas eu nem tenho esperanças de termos alguma coisa, ele é viúvo, tem a delegacia e só me vê como uma amiga que o ajudou a sair da fossa.

— Você nunca demonstrou seus sentimentos, por que não tenta fazer isso?

— Para eu levar um fora?

— E isso não acontecer? — perguntei. — Você é linda, Emilly. Só um maluco te daria um fora.

Ela tomou um gole da sua bebida e eu desviei o olhar para a pista de dança, e foi nesse exato que eu vi o

Gustavo e o Rômulo vindo em nossa direção.

— O que foi? — Emilly perguntou. — Você ficou pálida de repente.

— Meu chefe está vindo em nossa direção — respondi, tomando a quarta ou quinta dose de tequila, não me lembrava mais. Só sabia que precisaria delas para enfrentar meu querido chefe.





Não tirei meus olhos dela nem por um instante, conforme me aproximava, eu não tinha capacidade para fazer isso.

Um maldito imã.

Era isso que tinha entre essa mulher e eu, pois ficar longe dela era impossível, saber que ela me desejava da mesma forma que eu a desejava, me deixava fora de mim, pois tudo que mais queria era me perder nela e marcá-la.

Seus olhos encontraram os meus e pude notar um leve sorriso em seus lábios, mas foi tão rápido, que pode ter sido apenas coisa da minha mente. A mulher que



estava com ela se virou para trás rapidamente, apenas para nos ver e voltou à sua posição original.

— Marcela, que coincidência encontrar você aqui — Rômulo disse, já indo cumprimentar minha secretária com beijos no rosto.

— Não estava nos planos — ela respondeu, e se virou para a mulher ao lado. — Emilly, esses são Gustavo Simmons e Rômulo Correa, ambos são arquitetos na empresa onde eu trabalho, e o Gustavo é o meu chefe.

— Prazer em conhecê-los — cumprimentou, com voz sedosa e um sorriso contido.

Rômulo se apressou para lhe dar um beijo no rosto e eu apenas acenei com a cabeça e me virei para a minha secretária.

— Espero que saiba que temos uma viagem amanhã cedo.

Marcela sorriu de canto e tomou um gole da bebida que segurava em sua mão, presumi ser tequila.

— O senhor também, afinal, estamos no mesmo ambiente — alfinetou.

— Eu não estou bebendo — argumentei, e me sentei no banco vazio ao seu lado.

— Eu não fico bêbada tão fácil.

Arqueou uma sobrancelha para mim e se virou na cadeira, pedindo outra dose de bebida.

— Essa viagem de vocês vai ser bem interessante — Rômulo comentou, e a Marcela se virou para ele.

— Por quê? — questionou.

— Parece coisa de livro, a viagem da secretária com o patrão. Eles chegam ao hotel e infelizmente terão que dividir o mesmo quarto, pois o local está em temporada e todos quartos estão alugados. — Terminou de falar e piscou.

— Como se o Gustavo precisasse disso para dormir com alguém — Marcela murmurou.

— Você pode ter certeza de uma coisa, eu não durmo com ninguém, Marcela. A minha noite é aproveitada de outra forma.

— Que forma? — questionou, me encarando intensamente e eu me aproximei dela.

— Quer descobrir?

— Está disposto a me mostrar?

O tempo parou, a eletricidade parecia flutuar em nosso olhar, eu desejava puxar seu corpo de encontro ao meu e beijar aquela boca deliciosa. Desejava sussurrar em seu ouvido o que eu faria com ela em uma noite, a maneira que ela ficaria e a forma como imploraria por mais.

— Vocês dois deveriam ir para um quarto.

A voz da amiga da Marcela me fez desviar para olhá-la.

— Concordo, o que não falta nesta boate são lugares para aliviar a tensão, se é que vocês dois me entendem — Rômulo completou.

— Eu vou dançar — Marcela anunciou, já se levantando e passando ao meu lado, mas segurei seu braço e ela me olhou.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei.

— Vou me divertir, finja que estou dançando para você — sussurrou próximo ao meu ouvido.

Puxou o braço e andou rebolando até a pista.

— Essa mulher vai me deixar louco — murmurei, sem conseguir tirar os olhos dela.

Então ela começou a dançar.

Sim, aquela deusa estava dançando para mim, pois seus olhos não desgrudaram dos meus por nenhum instante, enquanto seu corpo se movia ao som de *Dangerous Woman*.

Marcela estava jogando, eu conhecia uma jogadora de longe, conhecia uma mulher que queria um desafio e ela gritava isso por todos os lados, uma mulher que sabia o que queria e como queria. Marcela pensava que dominaria

a situação, mas estava muito enganada, pois eu jamais perdia o controle.

Desci meus olhos pelo corpo esguio, a cintura fina, marcada pelo tecido do vestido justo, as pernas torneadas, perfeitamente desenhadas. Subi novamente os olhos, notando meu corpo reagir ao dela.

Fosse qual fosse o feitiço que ela tinha lançado em mim, funcionava muito bem, pois estava cada vez mais difícil me manter apenas assistindo.

— É incrível a química deles dois, não é? — Rômulo perguntou, e eu me virei para ele.

— O que disse?

— Vocês dois — a morena que veio com a Marcela disse —, têm uma química que parece que vai explodir este local inteiro, apenas se olhando, não quero nem ver quando vocês se pegarem de verdade.

Fiquei surpreso com a ousadia da mulher, ela nem me conhecia para dizer algo do tipo.

— Gostei de você — Rômulo disse, e vi meu amigo piscar para ela.

Ele não valia nada, era um puto como sempre.

Voltei meu olhar para a pista e observei que alguns homens se aproximavam da Marcela, mas ela, educadamente, se afastava deles. Porém havia um que não sabia levar um não, pois a cada vez que ela se afastava, indicando que queria ficar sozinha, ele se aproximava ainda mais. Franzi a testa ao ver o homem segurar seus cabelos e colocar a mão em sua cintura, enquanto ela tentava se soltar dele, a todo custo.

Não precisei pensar duas vezes, me levantei rapidamente e caminhei até a pista de dança, puxando o filho da puta pela camisa para que saísse de cima da Marcela e o jogando no chão.

O movimento chamou a atenção de todo mundo e as pessoas se afastaram para ver o que acontecia.

— Parece que você não sabe o que é um “não” quando uma mulher diz isso — falei.

— Qual é, *mermão*? — perguntou, se levantando. — A *mina tava* curtindo, *tu* não deve se meter onde não é chamado, não. Está entendendo, meu *parça*?

— Quem não está entendendo é você — falei, pausadamente. — Quando uma mulher diz não, não tente partir para cima dela à força.

Ele se aproximou de mim e me analisou de cima a baixo.

— E o engomadinho acha que só porque tem dinheiro pode ter a mulher que quiser? Essa daí *tava* no papo, eu sei quando uma mulher gostosa se faz de difícil, ainda mais dançando do jeito que ela estava.

— Seu filho da puta...

Não esperei nada, o soco atingiu o rosto do homem, que cambaleou e colocou a mão no rosto, mas ele veio para cima de mim, devolvendo o soco na boca. Senti o

gosto de sangue imediatamente e encarei o desgraçado, pronto para partir para cima dele de novo, mas fui segurado e ele também.

— Podem parar, os dois, se não quiserem ir para a delegacia — o segurança falou. — Não permitimos brigas aqui dentro.

Não falei nada, apenas encarei o desgraçado e me soltei dos seguranças, me virando e pegando a mão da Marcela, indo em direção à saída.

— O que você está fazendo? — perguntou, quando chegamos do lado de fora.

— Vou levar você para casa — falei.

— Não me lembro de ter pedido carona — argumentou, colocando as mãos na cintura.

— Não estou te dando opção para recusar.

— E se eu não quiser ir agora, vai fazer o quê? Me levar à força?



Lambi os lábios, mas me arrependi no instante seguinte, gemi e coloquei a mão na boca.

Estava cortado, com toda a certeza.

— Droga, você se machucou. — Ela se aproximou de mim e segurou me rosto. — Fica quieto.

Observei seus olhos de perto, sentindo seu perfume, a maciez de suas mãos e a forma como me segurava, delicadamente.

— Vamos ter que limpar isso.

— Eu...

— Aí estão vocês! — Rômulo disse, e eu me virei para o meu amigo.

— O que houve com ele? — a mulher ao lado do Rômulo perguntou, eu havia me esquecido do nome dela.

— É um idiota, que age sem pensar — Marcela resmungou, ao me soltar.

— É assim que você me agradece? — questionei.

— É assim que acha que vai me levar para cama?

— devolveu, e foi impossível não sorrir.

— Marcela, você deve entender que comigo não precisa ser na cama. — Me aproximei de seu ouvido e sussurrei: — Você sabe muito que eu posso pegar você em qualquer lugar, até no meu escritório.

Afastei-me e notei que ficou sem fala, o que me deixou satisfeito. Um celular começou a tocar e o Rômulo se afastou, alegando ser o dele.

— Acho melhor irmos embora, Marcela — a amiga chamou.

— Eu levo vocês — me apressei em dizer.

— Não precisa — Marcela cortou. — A gente chama um Uber.

— Eu não posso deixar vocês duas irem para casa de Uber — falei.

Rômulo voltou até onde estávamos.

— Meninas, foi um prazer encontrar com vocês, mas surgiu um imprevisto e eu tenho que ir agora. Tenho certeza de que o Gustavo vai levar vocês em casa.

Assenti, em pleno acordo com ele.

— Nós vamos de Uber...

— Vocês não vão de Uber.

*Mulher teimosa!*

Olhei para ela, que me encarava como quem pudesse me matar.

— Meninas, é mais seguro — Rômulo interveio, e eu apenas acenei em concordância, o filho da mãe sabia ser convincente às vezes.

— Não faz mal aceitar. Certo, Marcela?

Marcela olhou para a amiga como se fosse matá-la, mas apenas assentiu.

— Uma carona não faz mal a ninguém — falou. — Vamos?

Rômulo se despediu das meninas e eu as levei até o meu carro. O que eu pretendia com isso? Não fazia ideia, mas quando a minha secretária estava no meio, eu passava a agir sem pensar.



Assim que chegamos ao prédio em que elas moravam, Emily — descobri o nome dela enquanto as duas conversavam — se despediu e desceu do carro, nos deixando a sós.

Marcela se virou para mim e suspirou.

— Vamos subir — disse, e abriu a porta do carro.

— Para quê? — falei, segurando seu braço.

— Limpar esse machucado na sua boca, pode ficar infeccionado.

Então desceu e eu fiz a mesma coisa, sentindo meu coração acelerar, à medida que entrávamos no prédio.

*Mas que merda era essa?*

Enquanto esperávamos o elevador, o silêncio nos acompanhava, quando entramos na caixa de metal e ela apertou o botão do seu andar, foi inevitável não pensar no dia em que ficamos presos. Se os técnicos tivessem demorado mais um pouco, eu a teria beijado bem ali.

As portas se abriram e saímos.

— A Emily mora no apartamento da frente — falou, enquanto destrancava a porta.

— Suspeitei — falei, e a segui para dentro do apartamento.

Fui recebido por vários latidos e me abaixei para fazer carinho no cachorrinho que me recebia alegremente.

— Não sabia que gostava de animais — comentei.

— Eu moro sozinha, Adônis é meu único companheiro — falou, enquanto andava até a cozinha, pelo

que percebi.

— O nome dele é Adônis? — questionei, e ela saiu da cozinha. Marcela caminhou até um corredor que eu presumi ser onde ficavam os quartos, abriu uma porta e entrou.

— Sim! — gritou.

— Tenho uma cadela — falei. — Ela se chama Afrodite.

— Está de sacanagem com a minha cara? — perguntou, ao voltar para sala e se sentar no sofá.

— Não, estou falando sério.

— Senta aqui.

Apontou para o local vazio no sofá e eu fui até ela, notei que tinha trazido uma maleta de primeiros socorros. Me sentei em sua frente e fiquei quieto, enquanto ela limpava meu machucado.

— Obrigada — falou, por fim.

— Está agradecendo o quê?

— Sua ajuda mais cedo, na boate. Obrigada, Gustavo.

Sorri de lado e corri os olhos pela sala.

— Não precisa agradecer, eu não conseguiria ficar quieto, de qualquer maneira.

Voltei a olhar para ela, que sorriu abertamente e *puta que pariu*, o sorriso dessa mulher ainda me faria cometer muitas loucuras, pois ele estava virando meu novo vício.

— Na verdade — falei, ainda encarando sua boca —, tem um jeito que você pode me agradecer, sim.

— Gustavo... — Seu tom de voz indicava alerta, mas era impossível resistir.

Avancei sobre sua boca e gemi no processo ao sentir o choque no machucado recém-limpo.

— Você é doido — ela disse, se afastando de mim alguns centímetros.

— Eu aguento — falei e voltei a beijá-la, infiltrando minhas mãos pelos fios dos seus cabelos e sentido que ela queria a mesma coisa.

A linha havia sido ultrapassada, não tinha como voltar atrás. Era tarde demais para se arrepender de alguma coisa.







Conferi a hora no relógio e peguei meu celular, já pronto para ligar para a Marcela, mas parei ao vê-la se aproximar.

— Pensei que tinha dormido demais — falei, quando ela chegou perto o suficiente para me ouvir.

— Peguei o início de um engarrafamento — explicou. — Vamos? Ainda temos que despachar a bagagem.

Assenti e peguei a sua mala, colocando em cima do carrinho que eu havia pegado.

— Vamos, Marcela.

Ela assentiu e me acompanhou.

Nossa viagem seria rápida, cinco dias apenas. E apesar de estarmos indo a trabalho, de ter um cronograma a seguir, algumas reuniões para fazer e uma visita até a sede, fiz questão de pedir que minha agenda fosse organizada de maneira que pudesse ficar com tempo livre todos os dias, e mesmo que a Marcela me acompanhasse nas reuniões, não seria a mesma coisa. O que eu queria era aproveitar o tempo livre para desfrutar dela, queria lhe mostrar tudo que estava disposto a fazer.

Ela queria, isso era mais que nítido e essa viagem seria o momento perfeito para que eu matasse esse desejo que havia dentro de nós dois.

Despachamos as bagagens e caminhamos para o portão de embarque, notei a Marcela começar a ficar nervosa, pois olhava de um lado para o outro e não parava de mexer as mãos.

— O que você tem? — questionei, fazendo-a me olhar.

— Eu? Nada. Por quê?

— Está nervosa — afirmei.

— Não estou — disse, se abanando com um panfleto que havia pegado em uma cafeteria.

— Tem certeza? — Tornei a perguntar.

— Claro que eu tenho.

O nosso voo foi anunciado e notei que ela respirou fundo.

— Vamos? — perguntei, e ela assentiu.

Voltamos a caminhar lado a lado, mas nada me tirava da cabeça que ela estava me escondendo alguma coisa. Quando chegamos perto da entrada do avião, parou de repente e se virou para mim, observei que ela estava suando.

— Eu não consigo... — sussurrou, e eu a puxei para o lado, enquanto as outras pessoas embarcavam.

— Aerofobia? — questionei, e ela assentiu.

— Pensei que não teria problema, mas, pelo visto, ainda não superei — falou, respirando com dificuldade.

Aerofobia era o medo de voar, podia se dar simplesmente pelo fato de ter medo de ficar em locais apertados ou de ter medo de altura. Medo de locais fechados não era, pois já ficamos presos em um elevador.

— Tem medo de altura? — perguntei, e ela assentiu, me aproximei dela e segurei seu rosto.

— Não vou deixar nada acontecer com você — falei.  
— Trouxe algum calmante?

— Sim.

— Nós vamos entrar, você vai tomar, colocar fones de ouvido, ouvir uma música e eu vou segurar sua mão, enquanto a gente estiver ali dentro.

— Desculpa — falou, abaixando a cabeça. — Eu deveria ter contado, desse jeito você teria designado outra pessoa.

— Não, esta viagem é *pra* ser feita com você — falei e segurei sua mão. — Vamos?

Ela assentiu e, devagar, embarcamos.

Marcela tomou o calmante e estava com os olhos fechados com tanta força, que fazia sua testa ficar franzida. Passei o dedo entre seus olhos, para aliviar a tensão, mas ela não os abria. Segurei sua mão e entrelacei nossos dedos, podia ver a tatuagem de um ramo de oliveira subindo pelo seu pulso. Com a outra mão contornei o desenho, devagar, fazendo-a sentir a sutileza do meu toque.

Olhei para o seu rosto e ela me encarava, sem entender o que eu estava fazendo, tornei a repetir o padrão, redesenhando sua tatuagem.

— O que você está fazendo? — ela sussurrou, e eu sorri, mas não respondi sua pergunta.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas quando dei por mim, o avião já tinha decolado e a Marcela havia

adormecido. Sua mão ainda estava segurando a minha, e a ruga entre suas sobrancelhas havia desaparecido.

Encostei a cabeça no encosto do banco e fechei os olhos.

*O que essa mulher está fazendo comigo?*

Eu não sabia a resposta, mas ela estava me fazendo quebrar todas as minhas regras, eu só não tinha certeza se isso era bom ou ruim.



O voo durou quase 16 horas, e a Marcela acordou apenas para comer, ir ao banheiro, tomar outro remédio e voltar a dormir, acordando apenas quando pousamos. Agradei mentalmente por não termos passado por nenhuma turbulência, isso seria bem ruim se acontecesse.

Quando ela pisou em terra firme, parecia que um peso tinha sido tirado de suas costas, pois até seus ombros relaxaram.

— Como você fazia para viajar com seu antigo patrão? — perguntei, enquanto esperávamos nossas bagagens.

— Sempre que viajamos, era de jatinho particular, como meu antigo chefe sabia desse meu problema, ele já providenciava calmantes e remédios para que eu dormisse durante o voo. O quarto do jatinho, que deveria ser dele, era reservado para que eu dormisse durante os voos. Quando era para entrar no jatinho, eu ia de olhos fechados e bem devagar, só decolávamos quando eu estava dormindo.

— Seu patrão era bem dedicado a você — comentei, não gostando do tratamento vip que seu antigo chefe lhe dava.



— Ele era uma boa pessoa, marcou várias consultas para mim em psicólogos, mas nunca consegui descobrir a causa do meu medo de avião.

Dava para perceber que ela estava bem melhor, estava conversando mais animadamente e sorria de vez em quando.

Avistei nossas bagagens vindo e as peguei, colocando-as no carrinho.

— Sei que não é a sua primeira vez em Nova Iorque — falei, e ela me olhou. — Mas espero que aproveite tudo, como se fosse a primeira vez.

Ela sorriu.

— Pode ter certeza de que farei isso.

Assenti e andamos em direção ao portão de desembarque.

Era verão em Nova Iorque, então a temperatura estava agradável, apesar de ser madrugada.

— Movimentada, mesmo à noite — Marcela disse, assim que colocamos os pés fora do aeroporto.

— Sim — concordei, e tirei o celular do bolso. Já pronto para ligar para a pessoa que ficou responsável de nos buscar.

— Gustavo — Marcela chamou —, aquele homem está acenando para gente.

— É o homem que ficou de nos buscar. Vamos.

Ela assentiu e começou a andar. Sorri ao ver que ela parecia tão natural, como se não tivesse passado horas dentro de um avião, dormindo e morrendo de medo.

— Gustavo, Gustavo — murmurei, quando comecei a andar e empurrar o carrinho com as malas. — Você está fodido, companheiro, completamente fodido.



Peguei todos os relatórios que eu havia levado e coloquei em cima da mesa do quarto. Havia levado todos eles para que eu pudesse analisar com calma e anotar possíveis detalhes que pudessem ter ligação, mas eu não conseguia enxergar o que eles poderiam ter em comum.

Estiquei os braços acima da cabeça, sentindo meus ossos estralarem. Eu tinha acordado cerca de uma hora atrás, eram 9h da manhã e eu não consegui mais pegar no sono, por mais que meu corpo estivesse cansado e pedindo por isso.

Meu celular vibrou em cima da mesa, com uma mensagem da minha mãe.

**Mãe:** *Ainda não consigo acreditar que você preferiu uma viagem de trabalho a conhecer o namorado da sua irmã.*

**Gustavo:** *Mãe, conheço o namorado da Mariana, você sabe eu fui a várias consultas dela.*

**Mãe:** *Mas ali ele era médico, tinha que manter uma postura... De qualquer forma, iremos marcar um almoço quando você voltar e nem pense em arrumar uma desculpa para não ir.*

Bloqueei a tela e joguei o celular na mesa. Por conta da viagem, tive que declinar o convite da minha mãe para o jantar com meu futuro cunhado, uma coisa que não me agradava nem um pouco.

Peguei a pasta do contrato da ex-esposa dele e abri, estava prestes a começar a lê-lo, quando uma batida na porta do quarto me chamou a atenção.

Levantei-me e fui atender.

— Bom dia, senhor — um homem, com cerca de 50 anos, me cumprimentou, em um inglês polido e culto. — O senhor Tomás está esperando o senhor para um almoço.

Assenti.

— Obrigado, diga a ele que desço em dez minutos.

O homem acenou e me deixou sozinho, fechei a porta e fui atrás do meu celular.

**Gustavo:** *Deseja almoçar comigo?*

Mande para a Marcela, mas a mensagem nem chegou ao meu celular.

*Será que ela ainda estava dormindo?*

Bloqueei o aparelho, e fui me arrumar para poder descer, deveria estar cansada, não foi uma viagem fácil para ela.

Cheguei à recepção e avistei Tomás, conversando com um casal, assim que me viu, se despediu deles e veio até mim.

— Gustavo Simmons, que honra tê-lo aqui — disse, em português.

— Sem cerimônia — pedi. — Como vai?

Ele era um senhor de cerca de setenta anos, que administrava os hotéis do Daniel desde jovem, e sempre teve um apreço especial por ele.

— Estou ótimo, graças a Deus. E você? Fique sabendo que veio acompanhado de uma linda jovem.

— Minha secretária — expliquei.

— Entendo. Onde ela está? Pedi para prepararem um almoço especial para podermos conversar.

Olhei a hora no relógio e levei a mão para o bolso do terno, a fim de pegar o celular para ligar para a Macela, porém, parei no meio do movimento, vendo as portas do elevador se abrirem e a minha secretária sair ali de dentro.

Usava uma calça jeans, botas e uma blusa um pouco mais comprida que o normal. Os cabelos estavam soltos e a maquiagem estava discreta. Ela caminhou até onde estávamos e sorriu, assim que parou em nossa frente.

— Bom dia — cumprimentou.

— Bom dia, senhorita — Tomás cumprimentou, mas eu fiquei calado.

Por que ela sempre me deixava sem palavras?

— Tudo bem, Gustavo? — Marcela perguntou, e eu pisquei.

— Claro, recebeu minha mensagem?

— Sim, por isso desci.

— Então, vamos almoçar? — Tomás perguntou e assentimos. — Me sigam.

Ele começou a andar e eu puxei Marcela pelo braço, nos aproximando o suficiente para que eu pudesse sussurrar em seu ouvido:

— Você, definitivamente, quer testar meu autocontrole.

— Você ainda não viu nada — sussurrou de volta, e se afastou de mim.

Essa mulher ainda acabaria com minha sanidade.







Ficar ao lado do Gustavo não deveria me deixar nervosa, mas era impossível evitar torcer as mãos uma na outra. Não sabia o que estava acontecendo comigo, estava mexida com ele, era um fato, mas não compreendia o motivo disso me deixar tão desnorteada. Não era como se eu fosse me apaixonar por ele ou algo do tipo. Também não era como eu se fosse uma mulher inexperiente, que não soubesse nada da vida.

Essa situação estava me deixando maluca. Para ajudar, o beijo que ele me deu, um dia antes da viagem, ainda estava fresco em minha memória, me fazendo desejar ainda mais aquele homem.

Eu estava em um beco sem saída, completamente atraída por um homem que era alvo principal da minha investigação, sem saber o que fazer ou como agir.

Em todos esses anos que trabalhava como detetive particular, nunca tinha me envolvido física ou emocionalmente com algum cliente, muito menos, com quem estava sendo investigado. Eu estava em uma corda bamba, preste a cair e sabia que meu tombo seria feio, pois quando toda a verdade viesse à tona, a pessoa que sofreria mais seria eu.

Olhei para o lado e observei Gustavo tomar um gole do vinho, enquanto conversava com o gerente do hotel. Parecia tão natural e dentro do seu próprio ambiente, me recusava a acreditar que ele tinha feito alguma coisa de errado, me recusava a acreditar que desviava dinheiro da empresa e que fraudava plantas de imóveis em construção, me recusava a acreditar que ele era uma pessoa de má índole.

— Está pensativa, Marcela. O que houve, não gostou da comida? — Tomás chamou minha atenção e eu pisquei.

— Não é isso, a comida está deliciosa, estou apenas cansada da viagem, ainda.

— Imagino, uma viagem de 16 horas não é pra qualquer um — falou.

— Verdade — comentei, e olhei para o lado, notando Gustavo me observar atentamente.

Encaramo-nos por alguns segundos, até eu desviar o olhar dele.

— Nosso compromisso está marcado para depois de amanhã, certo? — Tomás perguntou, e eu me apressei para procurar minha agenda que eu tinha guardado na bolsa.

— Isso mesmo — falei, conferindo os compromissos agendados.

— Espero que não se incomode, Tomás — Gustavo disse. — Amanhã iremos visitar a sede da Simmons Architecture and Engineering.

Havia organizado a agenda do Gustavo conforme ele tinha pedido, poucos compromissos durante o dia, com vários horários livres.

Eu sabia que ele planejava algo, e por mais que ele soubesse que não precisava me impressionar, pois já estava atraída suficiente, Gustavo ainda queria me levar para sair, como se fôssemos um casal se conhecendo normalmente. Mas nossa relação não tinha nada de normal.

Tomei um gole do vinho e respirei fundo.

Esse homem colocaria um fim na minha sanidade mental, e eu estava completamente encrocada.



Não tínhamos nada agendado para o dia de ontem, então passei o dia no hotel, dormindo. Estava com muito sono e com dores pelo corpo, a tensão na hora de voar contribuía com o aumento das dores.

Teríamos uma visita a sede da empresa do Gustavo, então levantei cedo e comecei a me arrumar. Optei por usar uma blusa de mangas curtas e uma saia midi de tecido leve, apesar do look ser meio casual, não deixava de ser elegante e passar seriedade. Prendi meus cabelos em um rabo de cavalo e fiz uma maquiagem discreta, peguei um terninho para completar o visual “secretária” e gostei do resultado.

Meu celular tocou, chamando minha atenção e eu me apressei para pegar o aparelho em cima da cama. Respirei ao fundo ao ver quem estava me ligando, eu sabia que ela me ligaria uma hora ou outra.

— Alô — atendi, após o quinto toque.

— *Pensei que iria me ignorar.*

— Pensou errado, eu estava me arrumando para sair, por isso demorei.

— *Não me lembro de ter concordado com essa viagem.*

Sua voz era ácida e eu sabia que ela não estava nem um pouco satisfeita, afinal, eu havia perdido a oportunidade de vasculhar todo o escritório, já que o Gustavo estaria fora.

— Eu me lembro de ter dito que era uma oportunidade para descobrirmos alguma coisa.

— *Marcela, eu te dei três meses para me entregar toda a documentação que eu preciso, tem mais de um mês que você está trabalhando com o Gustavo e até hoje não me trouxe nada de conclusivo.*

— Eu estou procurando evidências, já disse isso. Se realmente houver fraude...

— *Se houver não, está, e sabemos disso. Ele só está escondendo muito bem. Certifique-se de procurar até*

*nos mínimos detalhes.*

— Farei isso.

— *E não deixe que o Gustavo te distraía, sei o quanto ele pode ser sedutor e sei muito o quanto ele pode estar encantado com você. Mantenha o foco, Marcela, sei que consegue.*

Ela encerrou a ligação e eu fechei os olhos.

Foco.

Como se ainda me restasse isso...

Se ela soubesse...



A visita pela sede da SAE foi mais demorada do que eu tinha previsto, visitamos o setor principal, Gustavo conversou com o atual representante da empresa e ainda participou de duas reuniões que não estavam agendadas.

Quando terminamos tudo, já havia passado da hora do almoço.

— Pensei que a visita seria mais rápida — comentei, enquanto íamos para o carro que a empresa disponibilizou para nós.

— Imprevistos acontecem, não podemos fazer nada — Gustavo disse, enquanto colocava o carro na rua.

— Verdade, ainda bem que não tínhamos nenhum outro compromisso marcado.

— Sim.

— É verdade os boatos que rolam na empresa? — questionei.

Gustavo me olhou rapidamente, mas voltou a prestar atenção na rua.

— Que boatos?

— Que seu pai quer juntar a sede e a filial?

— Sim — respondeu e respirou fundo. — Ele quer transformar as duas em uma só, pelo que ele me disse



pretendente levar a empresa para o São Paulo definitivamente.

— Acha que é viável?

— Estaríamos tirando uma referência em engenharia e arquitetura de Nova Iorque, de todo jeito, temos lados positivos e negativos na história.

— Entendi, você concorda com isso? — Eu estava realmente curiosa sobre esse assunto.

— Ainda não sei a resposta para essa questão — falou e então mudou de assunto de repente. — Gostaria de fazer o que agora?

— Como assim?

— O que vai fazer agora? Pensei que poderíamos dar uma volta por Nova Iorque.

— Sim, mas...

— Farei isso com você, se não for um incômodo. Tem muito tempo que não ando pelas ruas de Nova Iorque — me interrompeu, e me virei para olhá-lo.

— Por que está fazendo isso? — questionei.

— Isso o quê? — falou e me olhou, quando paramos no semáforo.

— Agindo como se tivéssemos algum tipo de obrigação um com outro.

— Realmente, não temos esse tipo de obrigação, mas eu quero fazer isso, não posso?

— Não precisa disso para me levar para a cama, se é o que quer.

— Eu sei.

Voltou a olhar para frente e eu fechei os olhos.

*Homem teimoso!*

Gustavo estacionou o carro e me olhou.

— Vamos.

Não esperou minha resposta e simplesmente saiu do carro, me deixando sozinha. Bati a porta, assim que saí, o barulho fez o Gustavo me olhar e vir até mim, ficando na

minha frente, ele se aproximou e prendeu meu corpo contra o carro.

— O que você quer, Marcela?

— Como assim, o que eu quero? — questionei.

— Primeiro, você age como se quisesse alguma coisa comigo, no instante seguinte, você finge que nada aconteceu, depois passa a agir como se me quisesse desesperadamente e depois me ignora. Desde o início eu deixei bem claro que quando eu quero uma coisa, eu pego. E não escondi, nem por um instante, que por você eu quebraria minhas regras de não envolver com minhas funcionárias. Então, Marcela, tornarei a perguntar. O que você quer?

— Me envolver com você pode custar muito — falei baixo.

— Eu sei, mas não temos como fugir disso. Eu não quero fugir disso, mas e você? Vai fugir ou encarar?

Engoli em seco. Já tinha decidido que não teria volta, então por que eu estava hesitando?

*E não deixe que o Gustavo te distraía, sei o quanto ele pode ser sedutor e sei muito o quanto ele pode estar encantado com você. Mantenha o foco, Marcela, sei que consegue.*

Ela não descobriria certo? Não é como se eu fosse falar que me envolvi com ele.

Encarei os olhos castanhos que me tiravam do eixo e o puxei pelo terno, trazendo-o para mais perto de mim.

— Eu vou me arrepender disso depois, tenho quase certeza — sussurrei.

— Vou fazer de tudo para que isso não aconteça — sussurrou, e me beijou em seguida.

Diferente dos outros beijos, esse não foi voraz, como se estivesse prestes a me perder. Gustavo degustou dos meus lábios, da minha boca e da minha língua, foi carinhoso, delicado e parecia não ter pressa.

Afastei-me dele e abri os olhos.

— Por que não me beija de verdade? — questionei.

— Se eu fizer isso aqui e agora, não vou conseguir me segurar, deixarei para à noite.

— Não vamos *pro* hotel agora? — questionei, e ele sorriu, colocando os óculos escuros.

— Nós vamos curtir o dia em Nova Iorque. Não se preocupe, Marcela, a noite é uma criança.

— Você está brincando com fogo — falei, ao passar por ele, mas sorri ao ouvir sua risada próximo ao meu ouvido.

— Eu adoro brincar fogo, não se preocupe — sussurrou.

— Vai acabar se queimando — resmunguei.

— Se for com você, vale a pena.

Piscou e segurou minha mão, me levando para nosso passeio.





Suspirei pesadamente ao me olhar no espelho.

Meus olhos emitiam a pergunta silenciosa sobre o que eu estava fazendo, mas nem eu mesma sabia a resposta, estava cansada de fugir disso e de procurar justificava para não fazer o que queria.

Como eu havia pensado anteriormente, não era como se eu fosse me apaixonar por ele. Eu saberia lidar com isso.

Meu celular vibrou em cima da penteadeira e eu vi o nome do Gustavo brilhar na tela, engoli em seco e atendi ao telefone.

— Alô.

— *Estou na porta do seu quarto* — falou.

Olhei para a porta pelo espelho e sorri.

— Estou saindo.

Encerrei a chamada sem esperar pela resposta dele e me levantei, deixando o celular na penteadeira, eu não precisaria dele essa noite.

Caminhei até a porta, lentamente, pé ante pé. Os saltos ecoando no silêncio do meu quarto, meus olhos focados no objetivo que se encontrava do lado de fora do quarto. Pousei minha mão na maçaneta da porta e respirei fundo antes de girá-la, abrindo a porta por completo, dando de cara com o Gustavo à minha frente.

Engoli em seco ao vê-lo vestido com um terno escuro, que lhe caía muito bem. Os cabelos penteados para trás, a barba por fazer o olhar sedutor e o sorriso cafajeste que eu amava.

Senti meu corpo aquecer e minha pele se arrepiar quando seus olhos desceram pelo meu corpo, e depois



subiram lentamente, como se estivesse vendo através do vestido que eu usava.

— Você está linda — falou.

A voz rouca, o timbre baixo, a entonação em cada sílaba.

*Céus, eu estava perdida.*

— Obrigada — respondi e sorri.

Gustavo estendeu o braço para mim e eu aceitei.

— Aonde nós vamos jantar? — perguntei, assim que começamos a andar.

— Eu queria algo mais particular, por esse motivo pedi que o jantar fosse servido no meu quarto.

Parei de andar e olhei para ele, arqueando uma sobrancelha.

— No seu quarto?

— Sim, no meu quarto.

— Você não é nem um pouco esperto, certo? —

Sorri de lado.

Gustavo se inclinou para mim e ajeitou meu cabelo, deixando meu pescoço com livre acesso.

— Acredite, Marcela — sussurrou em meu ouvido —, estou esperando esse momento há dias, então não se espante se eu quiser começar esse jantar pela sobremesa.

— Eu não me oporia se fizesse isso — sussurrei de volta.

Nossos olhares se encontraram e eu vi apenas uma coisa ali: desejo.

Desejo, puro e carnal.

Voltamos a caminhar lentamente até chegarmos em frente à porta do seu quarto. A vantagem era que o quarto dele era ao lado do meu.

Gustavo abriu a porta e indicou que eu entrasse, fiz o que ele pediu e observei o local, era idêntico ao meu quarto, não mudava nada, eram dois cômodos, como uma sala de jantar e no outro, a suíte. A mesa estava posta

mais à frente, podia sentir o cheiro da comida, mas eu não estava com fome disso, estava com fome de outra coisa.

Virei-me para o Gustavo, que me analisava atentamente. Ele estava parado no mesmo local, apenas tinha fechado a porta.

— Por onde devemos começar? — questionou.

— Que tal pela sobremesa?

Mal terminei de falar, no segundo seguinte ele já estava em cima de mim, seus lábios sobre os meus, me devorando e me fazendo ansiar mais por ele.

Suas mãos em todas as partes do meu corpo, procurando sentir e me fazer desejar pelo seu corpo.

Ele se afastou de mim por poucos segundos, Gustavo girou meu corpo, me fazendo ficar de costas para ele, então lentamente desceu o zíper do meu vestido.

— Essa tatuagem... — sussurrou, e senti seus dedos traçarem o desenho, igual fez com o meu pulso. — Por que lobo?

— Significa astúcia, bravura, força e inteligência. O lobo representa isso — respondi.

— Combina com você — falou.

Suas mãos subiram para as alças do meu vestido, fazendo-as descer pelos meus ombros, me deixando nua da cintura para cima. Optei por não usar sutiã, facilitaria nosso trabalho.

Gustavo me virou de frente para ele novamente, seus olhos queimando sobre os meus.

— Você, Marcela Ferreira, é uma caixinha de surpresas.

Então ele agarrou minha cintura e tornou a me beijar. Subi minhas mãos para o seu pescoço, puxando-o mais para mim, desejando que completasse o que havia começado há dias.

Meu corpo clamava por ele.

Eu estava em chamas e apenas ele apagaria o fogo que havia acendido dentro de mim.

Meu vestido logo foi ao chão, me deixando apenas de calcinha, suas mãos passearam pelas minhas costas, desceram pelo quadril, apertaram minha bunda e foi para o interior das minhas coxas, me impulsionando para cima. Enrosquei minhas pernas em seu quadril, sem deixar de beijá-lo por um mísero segundo.

Eu estava viciada, dependente, e se eu parasse para analisar essa questão, teria parado ali mesmo, pois o vício era um caminho sem volta e o Gustavo me levaria ao limbo com ele.

Fui jogada na cama. Abri meus olhos e o observei se despir. O terno foi para um canto e lentamente ele abriu os botões da camisa, um a um, sem tirar os olhos dos meus.

Minha respiração acelerava à medida que a peça ia sendo removida, meu coração batia tão depressa, que eu tinha medo de sofrer uma parada cardíaca a qualquer

momento, meu corpo ansiava por ele como nunca havia ansiado por qualquer outro.

Gustavo jogou a camisa em qualquer canto do quarto e se inclinou sobre mim, levantando minhas mãos e as prendendo ali, me deixando à sua mercê.

— Está pronta para o que eu vou fazer com você?  
— questionou.

— O que você vai fazer comigo? — Minha voz não era nada menos que um sussurro.

Gustavo se inclinou, beijou meu pescoço e eu me contorci embaixo dele, fazendo-o rir.

— Está ansiosa?

— Eu preciso de você — falei, clara como a água.

— Você vai me ter, Marcela. De todas as formas que quiser.

Beijou meu pescoço novamente, me fazendo fechar os olhos e gemer baixinho.

— Vou te mostrar como é ir ao inferno sem precisar sair desta cama — sussurrou em meu ouvido.

Não tive tempo de dizer nada.

Ele me beijou, me beijou como se não houvesse amanhã, como se eu fosse desaparecer a qualquer instante. Suas mãos soltaram as minhas e me deram liberdade para explorar seu peito, braços e ombros. Suas mãos me tocavam no ponto certo, me fazendo gemer baixinho e ficar cada vez mais desesperada por ele.

Eu sentia como ele ansiava por mim, seu pau me pressionava no ponto certo, me fazendo desejá-lo ainda mais.

Suas mãos passeavam pelo meu corpo, seios, barrigada, coxas, bunda.

— Você vai acabar comigo — sussurrou em meu ouvido, no instante que seus dedos se infiltraram dentro da minha calcinha.

Mordi os lábios e fechei os olhos, quando o senti me estimular.

— Tão molhada e querendo mais...

Gustavo sussurrava em meu ouvido e eu me perdia em seus dedos, enquanto tentava controlar meus gemidos, algo que era impossível. Quando atingi o orgasmo, arregalei os olhos e abri a boca em um grito mudo, amolecendo meu corpo logo em seguida.

— Eu queria apenas parar o tempo para gravar a imagem do que é ver você gozando — falou.

Olhei para ele e ergui o meu corpo, fazendo-o deitar ao meu lado. Montei em cima dele e me abaixei, ficando bem próxima à sua boca.

— Espero que esteja pronto para mim.

— Estou mais que pronto.

Ele se sentou, fazendo com que ficássemos colados, frente a frente. Voltamos a nos beijar intensamente.



Não sei em que momento minha calcinha foi rasgada, muito menos como me liberei do restante da roupa dele, mas quando o senti dentro de mim, soube que ele havia me estragado para qualquer homem.

Eu rebolei em cima dele como se ao fundo, no lugar dos nossos gemidos, houvesse uma música sensual tocando e meu corpo estava sendo guiado por ela, ele falava obscenidades em meu ouvido. Eu sentia seu pau pulsar dentro de mim, enquanto eu o apertava.

Nossos gemidos ecoavam no quarto, assim como o choque dos nossos corpos.

Eu estava chegando ao meu limite e sentia que ele também, suas mãos apertavam ainda mais a minha cintura, e eu segurava firme em seus ombros.

Gustavo gemeu ferozmente em meu ouvido, dando um tapa em minha bunda, me fazendo atingir o orgasmo naquele momento. Me fazendo ir até o inferno, como havia

prometido. Me fazendo deliciar-me em uma experiência única.

Fazendo-me ficar dependente dele e do prazer que seu corpo me proporcionava.



Abri meus olhos e me mexi com cuidado na cama, me sentei e olhei para o Gustavo, que dormia tranquilamente. Fechei os olhos e passei as mãos no rosto, indo para meus cabelos. Fiz um coque e me levantei, procurando pelo meu vestido, o encontrei jogado no chão, mas não achei minha calcinha. Não tinha tempo para procurá-la.

Vesti o vestido e peguei meus sapatos na mão, andando pé ante pé até a porta do quarto, mas parei ao

olhar para a mesa do Gustavo, onde estavam alguns papéis.

Olhei para a cama e o vi se mexer, mas foi apenas isso. Caminhei até lá e tentei ler o que estava escrito neles, então vi um nome que me chamou a atenção.

*Patrícia Braga.*

Coloquei os meus sapatos no chão e peguei o documento que levava o nome da mulher, abri e notei que era um contrato que eu estava procurando para colocar no dossiê que estava organizando.

Olhei novamente para a cama e mordi o lábio.

O que esse contrato estava fazendo aqui? E por que o Gustavo estava mexendo nisso?

— Gustavo, o que você sabe e até onde sabe? — sussurrei, e voltei a olhar para o contrato, me arrependendo de não ter levado o celular para tirar algumas fotos.

Coloquei a pasta de volta na mesa, peguei meus sapatos e saí.

Eu precisava ter cuidado, algo me dizia que o Gustavo sabia de mais coisas do que eu.





Abri os olhos e olhei para o lado, encontrando a cama vazia. Encarei o teto e suspirei. É claro que ela não ficaria até o dia seguinte, era a Marcela. Ela não tinha cara de quem pegava e se apegava, não sei por que eu estava surpreso.

Tomei um banho e em arrumei, tinha uma reunião com o gerente do hotel, iríamos fazer um pequeno tour por todo o local, para eu poder fazer minhas anotações e observações.

Peguei meu celular, minha pasta e conferi o quarto, para ver se não havia esquecido de nada. Saí do quarto

em direção ao elevador e enquanto esperava, aproveitei para responder as mensagens.

Sorri ao ver uma mensagem de Hugo, um velho conhecido, que sabia que eu estava de passagem por Nova Iorque e me convidava para ir até *New Berlin*, para uma pequena competição de motocross. Respondi que se houvesse tempo, iria, sim. Não seria uma má ideia, havia dias que eu não subia em uma moto, seria bom para poder desestressar e gastar adrenalina.

Pensaria a respeito.

O elevador chegou e eu entrei, pensando se deveria mandar uma mensagem para a Marcela, mas achei melhor não. Não era isso que queríamos? Apenas uma noite para matar esse desejo que nos consumia, sem precisar de satisfações?

Guardei o celular no bolso do terno e as portas do elevador se abriram, caminhei direto para o restaurante, o Tomás estava me esperando para o café e logo depois

começaríamos a trabalhar. Pedi informação ao garçom, que me disse onde encontrar o Tomás e segui para lá, parando no meio do caminho ao ver que ele estava acompanhado de Marcela, que sorria lindamente para ele.

Observei atentamente cada detalhe daquele rosto, junto com os flashes da noite passada, que vinham na minha memória. A forma como ela fechava os olhos, como tentava controlar os gemidos, como seu corpo reagia ao meu. Por que eu achava que não seria tão fácil esquecer a noite com ela?

— Bom dia — cumprimentei, assim que cheguei à mesa.

— Bom dia, Gustavo. Estava perguntando para a Marcela se você iria demorar muito — Tomás respondeu.

Sentei-me, me servindo de uma xícara de café em seguida.

— Acabei dormindo um pouco demais — expliquei, e olhei de relance para minha secretária.



— Deve ser o fuso horário — Marcela disse.

— Sim — respondi, e me virei para Tomás. — Quando podemos começar? Tenho certeza de que temos muita coisa para vermos aqui.

— Assim que vocês terminarem de tomar café, não tenham pressa. Eu só preciso resolver um assunto na administração e volto para podermos começar, tudo bem?

— Claro — falei.

Tomás se levantou e nos deixou sozinho, olhei para a Marcela, que parecia alheia à minha presença.

— Não vi a hora que você saiu do quarto.

Marcela me olhou e arqueou uma sobrancelha.

— Era para eu ter te avisado? Pensei que a gente fosse fazer isso apenas uma vez, sem cobranças ou qualquer coisa do tipo.

Sorri e desviei o olhar dela por alguns segundos, voltando a encará-la depois.

— Você é bem diferente das mulheres com quem eu costumo sair.

— Irei te dar dois pontos importantes, Gustavo. Primeiro: nós não estamos saindo. Segundo: eu sei o que significa uma noite, não esperava que eu fosse ficar te perseguindo por isso, certo?

— Você está certa, foi apenas uma pergunta inocente.

— Esqueça a noite de ontem, Gustavo — falou, se levantando. — Assim podemos evitar certos constrangimentos.

O celular dela começou a tocar.

— Vou atender, esperarei na recepção.

Ela se levantou, me deixando sozinho.

— O que está acontecendo com você, Gustavo. Nunca foi de tocar nesse tipo de assunto, por que agora?



Foram cerca de quatro horas andando pelo hotel, a Marcela ficou responsável por anotar os detalhes importantes, como coisas que o Daniel não gostava, até mesmo coisas para não serem colocadas iguais nos dois hotéis. Tomás me explicou que a estrutura do hotel de Nova Iorque foi desenhada para trazer elegância e praticidade, pois recebia várias celebridades e era considerado um dos hotéis mais luxuosos de Nova Iorque.

O Daniel havia dito que queria atender a todas as classes nesse novo hotel, então eu poderia reduzir o tamanho dos quartos, mas deixando o conforto. Reduzindo um cômodo em cada suíte, teríamos mais espaço e poderíamos aproveitar melhor o terreno.

Uma coisa que não havia nesse hotel, mas eu queria colocar no projeto do Daniel, eram passagens

subterrâneas, seriam perfeitas para deslocamento de funcionários de uma ala a outra.

O hotel de Nova Iorque possuía uma área de lazer privada, apenas na cobertura. Que poderia ser alugada para eventos ou festas privadas, assim como o salão do hotel. Isso seria cortado do projeto do hotel em São Paulo, pois a área de lazer seria feita nos fundos e seria livre para todos os hóspedes.

— Acha que podemos colocar isso na área de coisas que não pode haver no projeto? — Marcela falou, chamando minha atenção.

Olhei para o papel em que ela escrevia e vi que a última anotação havia sido garagem subterrânea.

— Sim, eu pensei em colocarmos a garagem na lateral, veja. — Apontei para o rascunho de um desenho que fazia aleatoriamente e para a foto do terreno. — Ele sairia nessa rua, pegando a avenida e a entrada para as

peessoas daria para a recepção de qualquer jeito, entrando pela lateral, funciona como saída de emergência também.

— Sim, vou anotar aqui — falou, e eu conferi a hora no relógio.

— Acham que precisam de mais alguma coisa? — Tomás perguntou.

— Acredito que tudo isso seja suficiente — falei. — Temos anotações, desenhos e fotos também.

— Se precisarem de qualquer coisa, me chamem.

Tomás nos deixou sozinhos e eu coloquei os papéis dentro da pasta.

— Pensei que fosse demorar mais, fizemos tudo em um dia.

Olhei para a Marcela, que estava esticando os braços acima da cabeça.

— Irei esboçar alguns desenhos esta noite, preciso ver se captei a ideia principal, acredito que se eu tiver alguma dúvida, possa ver pessoalmente.

— Certo. Aqui, as anotações — disse, me entregando as folhas preenchidas.

— Obrigado — agradei e guardei tudo dentro da pasta.

— Ainda temos três dias aqui — falou, e eu olhei para ela.

— Sim, tem planos? — perguntei, enquanto erguia o pulso para conferir a hora.

— Planos? Não, mas, Gustavo...

— Prepare uma bolsa pequena, coisa para um dia e uma noite, vamos sair amanhã cedo e voltaremos no dia seguinte.

— Aonde vamos? Não me lembro de ter marcado nenhum compromisso fora de Nova Iorque.

— Lembra quando eu te contei que eu tinha uma paixão?

— Sim — respondeu, depois de um tempo.

— Preciso liberar adrenalina. — Pisquei para ela e me virei para sair, precisava ligar para o Hugo e confirmar que na manhã seguinte eu iria.



Tirei os óculos e passei as mãos no rosto, fechando os olhos. Olhei pela janela do quarto e vi que a lua estava alta. Caminhei até a varanda e admirei a noite em Nova Iorque, mesmo sendo madrugada, a cidade não parava. Podia ver o movimento de carros lá embaixo, fora as inúmeras luzes dos prédios adiante.

Voltei para o quarto e peguei meu celular, abrindo a mensagem do Hugo.

**Hugo:** *Pode passar a noite aqui, sim, mas já adianto que só temos um quarto disponível, tem algum problema para vocês?*

Sorri com a resposta, destino filho da puta.

**Gustavo:** *Problema nenhum, pode nos esperar que amanhã cedo estaremos aí.*

Enviei a mensagem e coloquei o celular em cima da mesa, me encostando na poltrona em seguida.

— Veremos, se você vai fugir de mim ao dormir no mesmo quarto que eu, Marcela — murmurei.

Ao mesmo tempo que eu pensava que ela estava agindo de forma correta, outra parte de mim odiava esse comportamento. O que era uma droga, pois eu não sabia a qual lado dar razão.

Eu estava fodido.







Eu tinha levantado cedo, na verdade, nem tinha conseguido dormir direito. Passei a noite virando na cama, o Gustavo não saía da minha cabeça, de jeito nenhum.

Eu me perguntava como ele queria que agisse depois daquela noite? Ele esperava mesmo que eu passasse a noite com ele? Que eu fosse me comportar feito uma mulher apaixonada? Eu não estava apaixonada por ele, muito menos ficaria.

Fechei a bolsa e bufei, só queria saber aonde o Gustavo pretendia me levar e o que ele estava planejando, porque eu tinha certeza de que ele planejava algo.

Peguei meu celular para mandar uma mensagem para a Emilly, mas ele começou a tocar e eu revirei os olhos ao ver o nome do Gustavo.

— Alô — falei, ao atender.

— *Estou indo buscar o carro, devo chegar ao hotel em 30 minutos. Espero que esteja pronta.*

— Já estou.

— *Ótimo, vamos tomar café no caminho, não se preocupe com isso.*

Dito isso, ele desligou. Passei a língua nos lábios e fechei os olhos.

*Deus, me dê paciência, porque se me der forças, eu mato.*

Balancei a cabeça e voltei a digitar uma mensagem para a Emily.

**Marcela:** *Bom dia, Emilly! Como você está? E o Adônis? Ele tem dado muito trabalho?*

Ela recebeu a mensagem, mas não estava on-line.  
Bloqueei a tela e fechei os olhos, me jogando na cama.

Eu precisava me controlar, apenas isso. Faltavam menos de dois meses, só dois meses.



— Serão cerca de duas horas de viagem — Gustavo informou, assim que entramos no carro.

— Por que eu preciso ir mesmo? — questionei, quando ele colocou o carro em movimento.

— Muito simples, você é a minha secretária.

— Pelo que você disse ontem, essa viagem não tem nada a ver com trabalho.

— Mas pode ter, nunca se sabe.

— O que você está aprontando? — perguntei, olhando para ele.

Gustavo prestava atenção no trânsito, mas desviou o olhar para mim, por segundos, antes de voltar a olhar para a pista e responder:

— Não estou aprontando nada, por que desconfia de mim?

— Tenho a impressão de que não aceita quando uma mulher diz não para você — falei, e desviei o olhar para a janela.

— Marcela, eu sei o que quer dizer um não, se você está pensando que eu estou fazendo isso para te fazer mudar de ideia está muito engada. Estou te levando porque acredito que você possa gostar disso.

Não respondi de imediato e apenas virei meu rosto para ele.

— Por que será que não acredito?

Ele sorriu de lado.

— Acredito que seja porque seu subconsciente queira que eu faça isso.

Acabei rindo do seu comentário.

— Nem nos seus melhores sonhos — falei.

— Não precisa se preocupar — disse, enquanto me olhava de relance. — Nunca vou fazer algo contra a sua vontade, Marcela. Fique tranquila sobre isso.

Fiquei olhando para ele por alguns segundos e desviei o olhar para a janela.

*Marcela, pare de pirar e imaginar situações estranhas, por favor!*

Peguei meu celular, coloquei os fones de ouvidos e selecionei a música *Não era amor* da Giulia Be e fechei os olhos, relaxando ao som da música.



— Marcela, Marcela. Marcela, acorda.

Abri os olhos, piscando em seguida. Olhei para o lado e vi o Gustavo com a mão em meu ombro.

— O que houve? — questionei.

— Chegamos.

Assenti e ele se afastou.

Retirei o cinto e abri a porta do carro, pegando minha bolsa em seguida e saindo do veículo.

Estiquei os braços acima da cabeça, sentindo meu corpo estralar.

— Que local é este? — perguntei, observando tudo ao meu redor.

— New Berlin, estamos um pouco longe de centro da cidade. Essa é casa que vamos ficar. — Apontou para a casa mais à frente.

A casa me lembrava dos filmes antigos, era simples, porém, elegante e passava um certo ar de casa de campo.

— Quem mora aí?

— Um amigo de longa data, sempre que venho para cá, fico na casa dele.

— Ele não vai achar problema se eu tiver vindo?

— Não, eu...

— Gustavo! Nem acreditei quando o Hugo disse que você estava vindo! — uma loira disse, enquanto corria em nossa direção e se jogou, literalmente, nos braços do Gustavo.

— Mary, que saudade — ele disse, abraçando a mulher de volta.

Revirei os olhos, foi automático. Não consegui me segurar.

— Quem é a moça? — perguntou, e apontou para mim com a cabeça.

— Mary, essa é a Marcela, minha secretária. Marcela essa é a Mary, irmã mais nova do Hugo.

— Prazer em conhecê-la — ela disse, esticando a mão.



*Não posso dizer o mesmo.*

— O prazer é meu — falei, contrariando meus pensamentos, e apertei sua mão.

— Vamos entrar, o Hugo foi até a cidade e disse que não iria demorar.

Comecei a andar, levando a bolsa, mas Gustavo a pegou da minha mão e liderou o caminho.

— Ele é tão cavalheiro — a loira disse, com o ar sonhador e tratou de andar atrás do Gustavo.

*Era só o que me faltava!*

Fechei os olhos, para evitar revirá-los novamente e comecei a segui-los. Ainda bem que seria apenas um dia.

A casa era mais linda por dentro, realmente lembrava aquelas casas de campo ou até mesmo fazendas afastadas da cidade.

— O Hugo me avisou em cima da hora que vocês iriam vir, não tive tempo de preparar o café da manhã.

— Não precisa se preocupar, Mary — Gustavo disse —, nós tomamos café no caminho.

— Certo, sentem-se. — Indicou o sofá e nos sentamos, um do lado do outro. — Veio para competir, Gustavo?

— Não, apenas assistir e dar umas voltas, não tenho pulso para competição.

— Pois deveria, você se sai muito bem na pista.

— E como você está? Terminou a faculdade? Está namorando?

— Eu estou bem, terminei a faculdade ano passado, agora estou procurando um emprego, pensei em voltar para o Brasil, mas o Hugo não quer me deixar voltar.

— Se eu fosse você, ficaria por aqui também — comentou.

— E não estou namorado, não tenho tempo para isso — falou, e abaixou a cabeça, sorrindo timidamente.

Ela era apaixonada por ele, estava na cara. Mordi a parte interna da bochecha, me controlando para não rir ou fazer algum comentário desnecessário.

— Vão ficar quantos dias?

— Apenas esta noite, amanhã cedo voltaremos para Nova Iorque.

— Você é um estraga-prazeres, Gustavo. Nem para passar uns dias aqui comigo.

Não pude me conter, arqueei uma sobrancelha para ela, que percebeu e me encarou.

— O que foi? — perguntou, se fazendo de sonsa.

— Nada, eu estava com o pensamento longe, apenas isso — falei, sorrindo e o Gustavo me encarou, rindo discretamente.

A porta da sala se abriu e um homem com a aparência de 30 anos entrou, colocando algumas sacolas no chão.

— Gustavo, até que enfim decidiu visitar os velhos amigos — disse, e o Gustavo se levantou para abraçá-lo.

— Estava difícil vir até Nova Iorque — explicou.

— Imagino que sim — respondeu, e me olhou. — Uau, quando você disse que traria a sua secretária, não imaginei que ela pudesse ser tão linda.

Veio me cumprimentar e todo cortês, beijou o dorso da minha mão.

— Obrigada — agradei, sorrindo.

— Não agradeça, o que é bonito merece ser elogiado e a senhorita está de parabéns.

— Você quer parar de cantar a minha secretária, Hugo? — Gustavo perguntou, sem nenhum traço de humor em sua voz.

— Me desculpe, não pude evitar. Apenas mais uma pergunta, é solteira?

— Sou, sim...

— Não é da sua conta — Gustavo disse, ao mesmo tempo que eu respondia.

Nos olhamos por alguns segundos, até Hugo começar a rir, chamando nossa atenção.

— De qualquer forma, não deixa de ser encantadora. — Se virou para a irmã. — Ainda não os levou até o quarto, certo?

— Não, eu não sabia se...

— Deixa comigo — falou. — Nós nunca recebemos outra pessoa além do Gustavo, ele informou em cima da hora que vocês vinham e não tive tempo de desocupar o quarto que usamos como escritório e...

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, já sabendo muito bem onde essa história terminaria.

— Você pode dormir junto comigo — Mary disse, e olhei para ela, sorrindo em seguida.

Gustavo se aproximou de mim, colocou meu cabelo atrás da minha orelha e sussurrou em meu ouvido, me

fazendo prender a respiração ao sentir o cheiro do seu perfume:

— Ou você pode dormir comigo, talvez seja bem mais divertido.





Sorri ao ver a pele de Marcela se arrepiar.

— Irei dividir o quarto com a Mary — ela respondeu, e me olhou em seguida. — Não se preocupe.

Sorri de lado, essa mulher adorava me provocar.

— Então, vamos colocar as suas coisas lá em cima, sairemos daqui a pouco.

Marcela pegou a bolsa que havia trazido e acompanhou a Mary, enquanto eu a seguia com os olhos.

— Qual era a sua regra principal mesmo? — Hugo perguntou, fingindo pensar. — Ah, sim! Jamais se envolver com funcionárias, especialmente secretárias.



— Não estou me envolvendo com ela — falei, encarando-o.

— E eu acredito em Papai Noel. Conta outra, Gustavo, deu *pra* perceber que tem algo entre vocês dois, só por essa tensão que ficou no ar quando sussurrou algo no ouvido dela.

— Pensou errado, não falei nada de mais.

— Acha seguro ela dormir com a Mary? Você sabe que a minha irmã é apaixonada por você.

— E a Mary sabe que eu gosto dela como uma irmã, Hugo. Ela já deveria ter colocado isso na cabeça.

— Difícil é fazê-la aceitar isso, sabe como ela pode ser teimosa também.

— Sim, eu sei.

Na época que eu era noivo da Bruna, a Mary tinha feito 15 anos e surtou ao saber que estávamos juntos, ela fez um escândalo e disse que eu não poderia namorar com

ninguém além dela. A Bruna não deu muita bola, mas eu tive uma conversa séria com a Mary e expliquei que ela era como uma irmã para mim e que nunca deveria se rebaixar dessa forma para homem nenhum, e que ela deveria conhecer pessoas da idade dela para se relacionar.

Não tive mais problemas com ela depois disso, mas ela já deveria ter se esquecido dessa paixãoite que tinha por mim, já havia se passado tantos anos.

— Acho que você pode estar enganado — falei.

— O pior cego é aquele que não quer ver, mas se você acha que não terá problemas, fica por sua conta e risco.

— Você é irmão dela, deveria alertá-la para não fazer nada.

— Eu já disse isso — falou, levantando as mãos. — Mas eu não posso amarrar minha irmã, ela tem plena consciência do que é certo e errado.

— Então ela não irá fazer nada contra a Marcela.

Hugo apenas assentiu e eu voltei a olhar as escadas.

— Vamos nos preparar? Sei que não vai correr, mas você adora usar a pista antes.

— Não trouxe nada desta vez — avisei.

— Que tipo de pessoa seria eu, se não tivesse os equipamentos que você costuma usar?

— *Tá certo* — falei. — Vamos logo.



— Vai mesmo correr aqui? — Marcela perguntou, assim que chegamos à pista de Unadilla.

Tirei meus óculos escuros e encarei o local, sorrindo em seguida ao olhar para ela.

— Não se preocupe, conheço essa pista como a palma da minha mão.

— O Gustavo é o melhor entre duas rodas — Mary comentou, sorrindo.

— Nunca disse que não era — Marcela disse, olhando para ela. — Mas motocross é considerado um esporte perigoso.

— O Gustavo é amante do perigo — respondeu. — Se ele pudesse, viveria dessa forma, desafiando o perigo constantemente, porque ele ama superar seus próprios limites.

Marcela me encarou e sorriu de lado.

— Boa sorte — falou, e seguiu para a área vip.

Sorri e coloquei os óculos escuros novamente.

— Irei me arrumar — avisei, já saindo.

Hugo logo me levou à sala de equipamentos, pedindo que a equipe preparasse uma moto para mim. Ele me entregou um macacão e um capacete.

— Cuidado, sei que quer impressionar sua secretária, mas...

— Quem disse que eu preciso usar uma das minhas paixões para impressionar alguém?

— Sei disso, mas...

— Não se preocupe, estou fazendo isso porque quero. Sabe como amo o motocross e por causa de um projeto na empresa, não tenho tido tempo para ir até a pista.

Hugo apenas assentiu e indicou o caminho do vestiário.

— Boa sorte.

Balancei a cabeça quando ele me deixou sozinho e fui me trocar.

Ergui os braços acima da minha cabeça, fazendo os ossos estalarem, movi o pescoço de um lado para o outro, depois o tronco. Fechei as luvas e coloquei o capacete, prendendo-o bem.

— Está pronto? — um homem de meia-idade perguntou e eu apenas assenti. — Sua moto já está ali

fora, venha.

O segui e sorri ao ver a moto do Hugo, não dava ponto sem nó.

Subi na moto, girei a chave e acelerei, sorrindo em seguida.

Era hora do show.

Marcela

— Você parece nervosa — Mary comentou, e olhei para ela através dos meus óculos escuros.

— É impressão sua — falei.

— Não se preocupe, o Gustavo é o melhor nisso. É o que ele ama de paixão.

— Sim, eu sei — murmurei.

— Para alguém que é apenas secretária dele, você sabe muita coisa.

Não respondi, eu sabia que ela estava tentando descobrir o que havia entre mim e o Gustavo, nada me tirava da cabeça que ela era apaixonada por ele. Estava tão na cara, que chegava a ser irritante.

— Ele vai começar! — disse, apontando para o telão.

Ao invés de olhar para a tela, olhei para a pista e o observei subir na moto. Foram poucos segundos, quase incontáveis, quando ele acelerou a moto e começou a se mover na pista.

Nunca, em toda a minha vida, eu saberia descrever o que senti ao vê-lo percorrer o circuito. Meu coração acelerava a cada salto que a moto dava, a cada segundo que ela ficava no ar ou que ele fazia alguma curva radical. Eu apertava as mãos umas nas outras e não conseguia relaxar, muito menos gritar, como o restante da plateia fazia ao ter alguma manobra radical.

Quando ele finalmente parou, recebendo aplausos de todos os lados, inclusive da Mary, que gritava mais que um fã-clubes inteiro, ele acenou para todos, descendo da moto e empurrando-a.

Fechei os olhos e coloquei a mão no coração, respirando fundo e tentando acalmar as batidas dele.



— Foi emocionante, não é? — Mary comentou, animada.

— Nossa, sem palavras para descrever.

Não sei se poderia caracterizar a emoção dela sendo a mesma que a minha, não teve um segundo que não senti medo, como se algo de ruim fosse acontecer. Graças a Deus foi apenas uma sensação.

— Vem, vamos falar com ele. Deve ter um monte de meninas no pé dele, neste momento — falou, me puxando.

— O que você quer dizer?

— Carne nova — disse, sem me dar qualquer tipo de explicação sobre o significado disso.

Fomos passando no meio das pessoas, enquanto eu pedia desculpas todas as vezes que esbarrava alguém, a Mary corria como se fosse vencer uma maratona.

Quando chegamos à garagem, pelo menos eu presumia que fosse uma, eu o vi, rodeado de mulheres, igual a Mary disse.

— As *Maria* gasolinas já chegaram. — Bufou e cruzou os braços.

— O quê?

Ela me olhou e apontou para a roda que havia se formado em volta do Gustavo.

— Todas elas querem uma chance com alguém do motocross, seja para namoro ou uma noite mais quente, se é que me entende.

— Como sabe?

— Meu irmão corre nesta pista desde que tenho dez anos, já vi coisa que eu daria um braço para esquecer.

Olhei para a rodinha e suspirei ao vê-lo tirar fotos com as meninas e até mesmo autografar camisetas.

— É o cúmulo ficar vendo, vou voltar para assistir à corrida — falei, ao me virar.

— Tem certeza? — questionou, e eu olhei para ela.

— Sim, por quê?

— Porque ele está vindo em nossa direção.

Virei-me no instante que ela disse isso, vendo o Gustavo caminhar até nós.

O tempo ficou em câmera lenta no instante em que nos olhamos, tudo sumiu e a eletricidade, juntamente com tensão sexual, tomava conta do local, fazendo minha pele ficar arrepiada e um frio se instalar em minha barriga.

— Espero que tenha gostado do show — falou, já perto o suficiente de mim.

— Você até que corre bem — falei, sorrindo de leve.

— Você não dá o braço a torcer mesmo, não é?

— O que quer dizer?

— Vem comigo? — Ignorou minha pergunta, estendendo a mão para mim.

— Para onde?

— Qualquer lugar, só vem. Não vai se arrepender.

Nos encaramos por alguns segundos, até eu descer os olhos para a sua mão.

— Não tente me conquistar. Isso é um jogo perdido  
— falei.

Gustavo abaixou a mão e sorriu.

— Nem eu sei o que estou fazendo. Mas você, Marcela, sabe que o jogo está longe de terminar.

Sim, eu sabia, mas eu tinha a impressão de que se continuasse, eu sairia perdendo.

— Não vamos por esse caminho...

— Tarde demais — disse, me interrompendo.

Gustavo começou a andar em minha direção e parou a centímetros de mim.

— O que está fazendo? — sussurrei, presa ao seu olhar.

— Testando minha teoria.

— Que teoria?

Ele sorriu e aproximou o rosto do meu ouvido, engoli em seco quando senti a respiração em minha pele e me

amaldiçoei quando meu corpo inteiro se arrepiou com esse gesto.

— De que você não é imune a mim — sussurrou.

Gustavo se afastou e segurou a minha mão, me levando junto com ele quando começou a andar.

Chegamos ao lado de fora e ele me estendeu um capacete.

— O que é isso?

— Achei que saberia reconhecer um capacete — disse, ao mesmo tempo que colocava o equipamento em minha cabeça.

— Eu achei que tinha dito que não iria.

— Você disse uma coisa, seu corpo disse outra.

— Por que não entende de uma vez que não vai rolar mais nada entre a gente?

Ele colocou o capacete e subiu na moto, ligando-a em seguida.

— Irei esperar dez segundos — avisou. — Se você não subir, irei sozinho e não vou te incomodar mais sobre esse assunto.

Engoli em seco e fechei os olhos, por que eu não conseguia controlar minhas ações perto dele?

Ignorando todos os alertas vermelhos na minha cabeça, eu subi na moto.

— É bom se segurar.

Pegou minhas mãos e me fez abraçá-lo por completo.

— Não acredito que estou fazendo isso — falei.

— Nem eu. — O ouvi dizer e em seguida a moto ganhou velocidade.





Acho que pela primeira vez desde que eu estava com o Gustavo, eu deixei de pensar nas consequências que nosso envolvimento poderia causar. Aquela tarde, eu não pensei em nada, não pensei que eu poderia me ferrar no final, não pensei na investigação. Apenas me deixei levar.

— Uau!

Eu estava maravilhada com o pôr do sol.

— Esse é um dos meus locais favoritos, gosto muito de vir aqui quando quero pensar — Gustavo disse, se sentando ao meu lado.



Tínhamos pegado uma estrada de terra em determinado momento, depois de trinta minutos, conseguimos chegar ao nosso destino. Era um precipício que proporcionava uma vista maravilhosa, eu estava completamente encantada.

— Disse que vem aqui para pensar — falei, sem coragem de encará-lo.

— Sim, é um ótimo lugar para isso, te traz uma espécie de paz.

— Você não parece ser o cara que gosta de pensar — revelei, e pude ouvi-lo rir baixinho.

— Hoje eu penso muito mais antes de agir, você ainda acha que sou um playboy mimado?

— Não — respondi. — Você se mostrou ser bem mais que isso.

— Pelo menos, mudei seu pensamento em relação a mim.

— O que está planejando? — questionei, tomando coragem e encarando-o.

— Como assim?

— Parece que você não sabe lidar com um não.

— Eu sei lidar, mas não consigo lidar com o seu “não”, não sei por que e por mais que eu saiba que o correto seria esquecer, eu não consigo.

Voltei a encarar o horizonte, abraçando minhas pernas.

— Foi por isso que me trouxe aqui? Para tentar me convencer? — Gustavo não me respondeu de imediato, o que me deixou inquieta. — Gustavo...

— O que você está fazendo comigo, Marcela? — perguntou, e eu fiquei calada, sentindo que meu coração escaparia pela boca a qualquer momento.

— Eu? — Me fiz de desentendia, pois sabia o que ele queria. Eu me fazia a mesma pergunta: *o que você está*

*fazendo comigo, Gustavo?* — O que eu poderia fazer com você?

— É o que me pergunto todos os dias, desde que te vi pela primeira vez. Você, Marcela, tem o poder de me ter em suas mãos, coisa que mulher nenhuma teve. Eu pensei que uma noite seria suficiente, pensei que daria certo e poderia aplacar o desejo que sinto por você, mas não deu. Depois daquela noite, eu só te desejei ainda mais, não consegui parar de pensar em você, de querer você para mim e de me perguntar por que diabos tinha que ser você. De todas as mulheres na face da terra, é a única que conseguiu chamar minha atenção por completo, naquele restaurante, meses antes. Foi como imã, eu me encantei pelo seu sorriso, eu quis descobrir quem era você e desvendar todos os seus segredos, eu quis você naquele instante e depois que apareceu na minha sala para trabalhar como minha secretária, eu quis de novo e até mesmo agora, eu continuo te querendo.

— Gustavo...

— Não é um pedido de namoro, muito menos de casamento. É um fato, não tem como ser mudado e eu não sei mais como agir diante dessa situação.

Não falei nada por um determinado momento, eu me sentia da mesma forma. Desde a primeira que havíamos nos visto, foi como se acendesse um interruptor dentro de mim, me fazendo ficar ligada. Nossa conexão foi imediata, eu havia sentido isso aquele dia e depois me perguntei quem era aquele homem que mexeu com todos os meus sentidos com apenas um simples olhar, olhar esse que acordou todas as células do meu corpo.

— Não vai dar certo — falei, me levantando. Mas no instante seguinte, senti sua mão em meu pulso, me puxando para ele.

— Como pode ter tanta certeza de uma coisa que não aconteceu?

— Não quero relacionamentos, Gustavo. Você é meu chefe! Olha como estamos começando! Você disse que não se envolvia com secretárias!

Eu tentava fazê-lo ver como era errado, tanto para mim quanto para ele. Mas parecia que eu queria convencer mais a mim mesmo do que a ele.

— Por sua causa, eu quebrei várias regras, regras que eu jamais pensei que fosse quebrar. — Balancei a cabeça em sinal de negação. — Não é um pedido de namoro, Marcela. Eu não estou pronto para um relacionamento, há anos que não sei o que é isso, mas pela primeira vez, em anos, estou disposto a tentar algo com alguém, pela primeira vez quero me arriscar em algo diferente do que já vivi.

— A gente vai se machucar, eu sinto isso — falei e pisquei, a vontade de chorar vinha com tudo, mas eu não podia fazer isso.

Gustavo se aproximou de mim. O vento fazia meus cabelos voarem, mas eu não me mexi para arrumar. Meu coração havia dado lugar a uma bateria de escola de samba e parecia que meu corpo havia perdido contato com o cérebro, pois eu não conseguia controlar as reações dele.

Fechei os olhos ao sentir o toque delicado da mão dele em meu rosto, fazendo carinho e me deixando anestesiada.

— Eu também sinto isso — disse, e traçou o contorno da minha boca. — É como se tivesse um alerta gigante na minha cabeça, me avisando que me envolver com você vai me ferrar de vez.

— Por que não escutamos esse aviso? Não seria mais simples e evitaríamos um possível sofrimento?

— Nunca fui bom em ouvir meus próprios conselhos.

Abri os olhos, sendo presenteada com os dele próximos aos meus. Eu podia passar dias assim apenas

olhando-o assim, era um olhar que transmitia paz e confiança, um olhar que acreditava que poderíamos tentar algo e que não tinha medo do futuro. Mas eu tinha medo, muito medo, me machucar não era uma opção, quebrar o coração dele também não.

— Deveria ouvir esse conselho — sussurrei.

— Você acha?

— Sim.

Abaixei os olhos, mas não me afastei dele.

Eu estava em uma batalha interna, dividida entre entrar nessa aventura com ele e manter meu coração intacto. Gustavo estava mais que certo, eu era um perigo para ele, eu o faria sofrer como ele nunca havia sofrido. Mas por que ele insistia nesse assunto?

— Só preciso de uma resposta sua, Marcela. Sim ou não.

— Se eu disser não, você vai me deixar em paz?

Foram longos segundos até que ele assentisse e sussurrasse:

— Irei.

— Eu...

Não consegui concluir, fechei meus olhos e respirei fundo.

Dizer não era mil vezes mais difícil do que dizer sim, era mil vezes pior negar algo que você queria dolorosamente do que aceitar, mesmo sabendo que teriam consequências desastrosas no futuro.

E eu o queria.

Por Deus, eu o queria muito!

E foi por esse motivo, por esse pequeno detalhe, que eu deixei de lado o medo, a insegurança e tentei não pensar no futuro, tentei negar minha razão gritando que quando a verdade viesse à tona seria o nosso fim.

Eu ignorei tudo isso e segui apenas meu coração, que parecia ter ganhado vida própria nos últimos dias.



— Sim — respondi.

Gustavo não proferiu uma palavra, me analisando, verificando se não havia mentira em meus olhos. O assobio do vento era a única coisa que quebrava o silêncio do local em que estávamos.

— Você disse que sim? — questionou, depois de um tempo.

— Sim — falei, com mais convicção. — Se eu não tentar, irei me arrepender mais para frente, tenho certeza disso.

Gustavo sorriu, o que fez meu coração errar todas as batidas possíveis.

— Vamos fazer isso dar certo — sussurrou, enquanto se aproximava de mim, segurando meu rosto.

— Vamos... — falei, querendo acreditar em suas palavras, mesmo sabendo que o desfecho dessa história seria desastroso.

Fechei os olhos e senti sua boca sobre a minha. Entreabri os lábios apenas para senti-lo me beijar com delicadeza e bem lentamente. Gustavo mordeu meu lábio inferior, voltando a me beijar, aprofundando ainda mais. Explorando minha boca com sua língua, me fazendo ficar viciada nesse tipo de beijo.

Ergui minhas mãos para a roupa dele e o puxei para mais perto, fazendo suas mãos agarrarem minha cintura. O beijo passou de lento para desesperado, como se quiséssemos provar a nós mesmos que aquilo era real e não um fruto da nossa imaginação.

Ele se afastou de mim apenas por alguns segundos, voltando a me beijar em seguida.

*Foda-se o amanhã, o que valia era o hoje.*





— Bom dia — cumprimentei Mary e Hugo, assim que desci para tomar café.

— Bom dia, nem vi que horas chegou ontem — Hugo disse.

— Fomos dar uma volta pela cidade, acabamos perdendo a hora — falei, me sentando. — Obrigado por me emprestar a moto.

— Amigo é *pra* essas coisas.

— E onde a Macela está? — perguntei, minha vontade maior era de gritar com ela, me perguntava qual era a dificuldade de dormir comigo uma noite inteira.

Assim que chegamos, eu a levei para o meu quarto, onde fizemos o possível para não fazermos barulhos. Estar com ela novamente foi incrível e como eu suspeitei, só aumentou minha vontade de ficar com ela mais vezes.

Ela dormiu primeiro dessa vez, e eu pude observá-la dormindo de forma serena e única. Devo ter ficado umas duas horas apenas olhando-a, até conseguir pegar no sono novamente. Mas ao acordar pela manhã, ela não estava mais na cama, o que me deixou extremamente frustrado.

— Ela acordou cedo e disse que iria dar uma volta pela propriedade — Mary disse, enquanto mexia no celular.  
— Ela parecia bem pensativa.

— Tem muito tempo que ela saiu? — questionei, tomando o restante do meu café e me levantando em seguida.

— Umas três horas, talvez? — Me olhou. — Você dormiu bastante.

— Obrigado.

Deixei a casa e decidi caminhar um pouco, ela não deveria ter ido longe. Vi uma senhora varrendo o quintal e fui até ela.

— Bom dia, a senhora, por acaso, viu uma mulher bonita, de cabelos pretos e compridos passar por aqui? — perguntei.

— Bom dia, filho. Vi, sim, ela ficou conversando comigo por um tempo e depois foi naquela direção ali — disse, apontando para o bosque que havia na propriedade.

— Obrigado!

Caminhei naquela direção, nem precisei entrar no local. Eu a avistei perto da cerca, o olhar pedido e completamente alheia ao que acontecia ao seu redor. Senti meu coração acelerar de uma maneira completamente errada e ilógica, eu não deveria me sentir assim em relação a ela, não tinha como.

Ignorando esse fato, me aproximei até ficar ao seu lado.

— Pensando no quê? — questionei, fazendo-a se assustar.

— Você deveria ter avisado que estava aí, quase morro do coração — falou, com a mão no peito.

— Você que estava perdida em pensamentos, nem notou que eu estava te observando.

— Mesmo assim — falou.

— O que aconteceu dessa vez? — perguntei.

— Oi?

— Por que não consegue passar uma noite inteira comigo?

— Isso é tão importante para você?

Refleti sobre a sua pergunta, por que eu estava me importando tanto com esse fato? Nunca me preocupei com isso.

— Não, só curiosidade mesmo — falei, por fim.

E ela voltou a olhar para o nada.

— Como vamos fazer quando voltarmos à empresa?

— perguntou, depois de um tempo.

— Sobre?

— Nós dois, não acha que vamos chegar e começar a agir como um casal, certo?

Sorri, essa mulher era completamente diferente de todas as que eu já fiquei. Se fosse outra, estaria se matando para aparecer em público comigo, mas ela não. Ela não queria que ninguém soubesse, por um lado eu gostava disso, mas eu queria poder sair com ela, beijá-la quando tivesse vontade, queria poder ficar com ela a todo momento.

Sorri do meu pensamento, Gustavo Simmons querendo se comportar como um namorado? Sério isso?

— O que foi? Por que está rindo?

— Vamos continuar com as coisas escondidas, dizem que é melhor.



Pisquei para ela e ganhei seu sorriso. Marcela se aproximou de mim, suas mãos foram para o meu pescoço.

— Temos mesmo que ir embora? Está tão bom aqui. Segurei sua cintura, puxando-a para mais perto.

— Queria poder te dizer que a gente podia ficar por tempo indeterminado, mas as nossas vidas reais nos esperam.

Ela beijou meu queixo e sorriu.

— Eu sei, mas perguntar não custa nada.

Sorri e beijei a ponta do seu nariz.

— É, não custa.

Ela sorriu e eu a beijei em seguida.

Seus lábios estavam se tornando meu segundo maior vício, porque o primeiro era o sorriso dela, que me encantava e me deixava sem reação, sendo capaz de me desmontar inteiro.

— Quando vamos voltar para Nova Iorque? — perguntou, quando nossas bocas se separaram.

— Daqui a pouco, não quero demorar muito, ainda tenho alguns pontos para fazer no esboço do hotel e posso precisar perguntar alguma coisa ao gerente.

— Certo. Vou arrumar minhas coisas, então.

— Vamos juntos — falei, e entrelacei nossas mãos.

Marcela olhou para isso e pareceu pensar por um instante, mas em seguida sorriu.

— As pessoas vão desconfiar — alertou.

— Aqui, eu não me importo, não poderei fazer isso quando voltarmos para o Brasil.

Marcela mordeu o lábio inferior e ergui minha outra mão para soltá-lo dali, passando o polegar nele.

— Não faça isso, eu posso não conseguir me controlar e querer fazer o mesmo.

Ela sorriu e assentiu.

— Vamos?

— Vamos.

Apertei sua mão e começamos a caminhar de volta para casa.



Prometi ao Hugo que iria tentar visitá-lo mais vezes, disse à Mary que se ela quisesse, tinha um emprego garantido em minha empresa, ela ficou animada e disse que assim que estivesse tudo certo para que ela fosse para o Brasil, iria me ligar, mas o Hugo vetou qualquer ideia que ela pudesse ter sobre se mudar.

Meu plano era pegar a estrada de volta logo cedo, mas a Marcela quis conhecer a cidade, por isso fomos *turistar*, palavras dela.

— Vai ser divertido — falou, assim que descemos do carro.

— Não estou muito certo disso — murmurei.

— Deixe de ser rabugento e vamos, quero conhecer tudo aqui.

Ela segurou minha mão e me puxou para começar a andar logo. Pela primeira vez, desde que eu havia terminado com a Bruna, anos atrás, eu saí com uma mulher sem esperar que ela fosse parar em minha cama no fim da noite. Tudo que eu queria era ver seu sorriso.

Fizemos tudo que tinha ali e mais um pouco, desde fotos em cabines, passeios em fontes, fotos zoadas e pegar a comida um do outro. Quem nos via, jurava que éramos um casal de namorados que estava aproveitando as férias. Uma mulher chegou a nos perguntar isso, o que nos deixou um pouco sem graça, que se desfez após alguns beijos roubados, da minha parte, claro.

Quando nos demos conta, já era fim de tarde e hora de começarmos a voltar à nossa vida real.

A viagem de volta para Nova Iorque foi tranquila, acho que ela poderia ter durado o dobro de tempo que

durou, pois era estranhamente bom ficar de mãos dadas com a Marcela enquanto eu dirigia.

Decidimos colocar música durante o caminho e descobri que ela era uma péssima cantora, acredito que nunca ri tanto, em tão pouco tempo. Quando já estávamos chegando a Nova Iorque, ela pegou no sono, e observá-la dormir começava a se tornar meu terceiro vício.

Não precisei acordá-la, quando parei o carro ela despertou, se esticando toda.

— Está com fome? — perguntei, e ela negou.

— Tudo que eu quero agora é a minha cama — murmurou e eu sorri.

— Vamos lá.

Eu levaria o carro de volta para a empresa na manhã seguinte. Pegamos nossas coisas e caminhamos para o hotel. Acenei para a recepcionistas e entramos no elevador.

— Se lembra de quando ficamos presos no elevador da sua empresa? — Marcela perguntou, de repente.

— Lembro, eu queria ter te beijado aquele dia — falei.

— Você não presta, Gustavo. Mas você recebeu os relatórios daquele dia?

Procurei na memória se tinha recebido alguma coisa, mas não me recordava de nada.

— Agora que você falou, não recebi relatório nenhum.

Olhei para ela e depois conferi a hora no relógio.

— Pensei que houvesse recebido.

— Acabei me esquecendo de cobrar a empresa responsável. Irei fazer isso, assim que voltarmos ao Brasil.

— Certo.

As portas se abriram no nosso andar e eu coloquei uma mão em suas costas, guiando-a para fora.

— Alguma chance de você acabar na minha cama esta noite?

— Não, sem chance nenhuma — falou, bocejando.  
— Irei dormir.

— Eu tinha que tentar — falei.

— A gente se vê no jantar, ou você vai comer no quarto? — perguntou.

— Eu vou trabalhar na planta do hotel agora à noite e amanhã, durante o dia, quero já deixar tudo pronto para chegar ao Brasil e mostrar para o Daniel.

— Certo, então.

— Vou precisar da sua ajuda amanhã, para organizar minhas coisas, acabei deixando tudo uma bagunça.

Marcela riu e assentiu.

— Certo, me ligue quando eu puder ir até lá.

— Pode deixar.

Ela se virou, mas segurei seu braço e a puxei de volta para mim.

— Não ganho nenhum beijo? — perguntei.

— Não acha que está ganhando beijos demais?

— Nunca vai ser o suficiente.

Beijei-a novamente, lenta e provocadoramente. Adorava fazer isso com ela, degustar dos seus lábios como se degusta a melhor iguaria já feita na terra.

— Até amanhã — sussurrei contra sua boca, e voltei a beijá-la novamente, até ela se afastar e sorrir.

— Até amanhã.

Marcela se virou e caminhou em direção ao seu quarto. Sorri e me virei para entrar no meu.

Joguei a bolsa em qualquer lugar no chão e passei as mãos no rosto.

Eu estava ficando louco, era a única explicação plausível.







Olhei mais uma vez para o aparelho celular, me perguntando onde eu estava com a cabeça, não apenas sobre o fato de ter aceitado me envolver com o Gustavo, mas o motivo de me sentir tão bem quando estava ao lado dele. Ele tinha toda a razão ao sentir que eu iria ferrar com sua vida, fosse direta ou indiretamente.

Fechei os olhos e suspirei, tentando acalmar os sentimentos revoltos que estavam dentro de mim. Acho que tudo isso, a maneira que ele estava se comportando esses dias, era porque estávamos fora do nosso ambiente de trabalho, quando voltássemos para nossa rotina, as coisas voltariam ao normal e eu poderia me afastar dele,

mas a cada a vez que eu pensava nisso, meu coração parecia apertar dentro do peito.

— Marcela, o que está acontecendo com você? — sussurrei.

Mas a resposta não pulou em minha mente e eu não queria imaginar a possibilidade do que poderia ser, na verdade.

Meu celular começou a tocar e eu olhei para a tela, vendo o nome do Gustavo. Mordi o lábio, pensando se deveria atender ou não, mas eu não tinha outra opção.

— Oi — falei.

— *Está ocupada?*

— Não, já tem um tempo que terminei de arrumar minhas coisas.

— *Ótimo, pode me ajudar? Eu realmente queria saber de onde brotou tanto papel neste quarto.*

Sorri.

— Estou indo.

— Ok.

Encerrei a chamada e coloquei o celular dentro do bolso da calça, já indo em direção à saída do quarto. Tranquei tudo e bati na porta do quarto dele.

— Bom dia — falou, e me deixou entrar.

— Bom dia! No que precisa de ajuda? — perguntei, e me arrependi no mesmo instante, ao ver a bagunça que estava o quarto dele. — Passou um terremoto por aqui?

— Não necessariamente — explicou.

— Nem seu escritório fica tão bagunçado.

— Lá eu sei onde estão todas as minhas coisas, em viagens assim, é difícil encontrar tudo que preciso.

— Entendi — murmurei. — Vamos começar?

— Vamos.

Fui para a mesa dele, juntando notas e perguntando o que deveria ser jogado fora e o que deveria ser guardado. Peguei as pastas com as anotações que fizemos

enquanto andávamos pelo hotel, grampeei documentos e cálculos feitos sobre terrenos.

Cheguei às pastas que vi na noite em que ficamos juntos pela primeira vez.

— Por que trouxe esses contratos? — perguntei, aproveitando a oportunidade para olhá-los um pouco.

— Isso é confidencial — respondeu, e tomou as pastas da minha mão.

— Deve ser algo importante, já que eu não posso nem ver — comentei, e me virei para organizar as outras coisas, torcendo para que ele mordesse a isca.

— São apenas alguns contratos que preciso analisar, nada de mais.

— Você os trouxe para uma viagem internacional e diz que não é nada de mais?

— Eu preciso descobrir algumas coisas e...

— Se quiser, eu posso ajudar — ofereci. — Sei que não estou no cargo há tanto tempo para saber de tudo,

mas...

— Não quero te envolver nisso — explicou.

— Entendo, mas se precisar, sabe que pode me procurar — falei e sorri.

— Tome. — Me entregou os documentos. — Preciso que guarde esses contratos de volta aos arquivos, pode fazer isso?

— Claro.

Peguei a pasta, isso tinha sido mais fácil do que eu planejava.

Gustavo olhou a hora no relógio e me encarou.

— Vamos tomar café? Depois podemos subir, pegar nossas coisas e ir direto para o aeroporto.

— Vamos, vou só guardar isso na minha bolsa — falei, levantando a pasta.

— Certo.

Assim que cheguei ao meu quarto, tranquei a porta e me sentei na cama, abrindo a pasta. Era o contrato que

eu procurava. O documento original, estava no nome de Patrícia Braga, ex-esposa de Afonso Braga. Passei os olhos pelo documento e achei o arquiteto responsável pela obra, *Gustavo Simmons*.

Peguei meu celular e procurei o contato da minha chefe, mas não liguei. Era esse documento que eu procurava, por que eu não conseguia avisar que ele estava em minhas mãos agora?

Balancei a cabeça e liguei para ela, mas quem atendeu foi um homem.

— *Alô?* — A voz era dura e direta, fazendo um arrepio involuntário subir pela minha coluna.

— Depois eu ligo, acredito que tenha ligado errado...

— *Eu sempre quis conversar com você, Marcela, mas até então eu ainda não tinha tido a oportunidade de fazer isso.*

— Do que você está falando?

Tentei controlar o tremor em minha voz e escutei a risada dele em seguida.

— *Acha que não sei quem você é? Ou o que anda fazendo? Só irei falar uma vez, portanto, escute com muita atenção o que eu vou te dizer. Cuidado, não faça nada precipitado, porque isso vai custar caro.*

— O que você...

— *Isso significa o seu envolvimento com seu chefe, se eu souber que você está fazendo algo fora do que foi combinado sobre a investigação, eu não vou pensar duas vezes em fazê-la pagar. Espero que tenha uma boa viagem de volta.*

A ligação caiu, junto com meu celular. Minhas mãos tremiam e meu coração estava acelerado, o medo corria pelas minhas veias.

Eu sabia que tinha alguém por trás da minha chefe, sempre soube, mas eu tratava todos os assuntos referente a investigação através dela, ele nunca tinha ousado entrar



em contato comigo, muito menos atender a alguma ligação minha.

Eu não sabia quem ele era, mas eu tinha uma suspeita muito forte. Olhei para o documento que o Gustavo havia me entregado.

*Patrícia Braga.*

O que estava acontecendo, afinal?

Ele queria justiça ou vingança?



O voo de volta para o Brasil foi cansativo, apesar de ter tomado calmantes para controlar meu medo de avião, era impossível não sentir meu coração martelar e um frio na barriga. Dormi a viagem quase inteira e o Gustavo não soltou minha mão nem por um instante.

Assim que pisamos em São Paulo, a realidade caiu em mim como uma bomba.

— Irei pedir um Uber para nós dois — ele falou, enquanto mexia no celular.

— Não precisa, eu peço do meu e você pede do seu.

— Irei te levar — disse, me encarando e eu neguei, sorrindo.

— Não precisa, você deve estar cansado, eu também estou. Amanhã nos vemos no trabalho.

— Marcela...

— Por favor — pedi. — Eu preciso de um tempo para mim, para assimilar tudo que aconteceu com a gente nesses últimos dias.

— Por que eu tenho a impressão de que vou levar um fora?

Apenas sorri para ele e me virei, mas sua voz me fez parar.

— Me avise quando tiver chegado em casa.

— Avisarei — falei, sem voltar a olhá-lo e segui meu caminho.

Assim que pisei fora do aeroporto, peguei meu celular e solicitei o Uber, que não demorou a chegar.

Conforme o carro ganhava as ruas de São Paulo, as lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu tentava pensar no que fazer para sair dessa situação em que eu mesma me meti.

Eu estava em uma encruzilhada e precisava decidir qual caminho percorrer, mas eu sabia qual era o caminho mais fácil. Eu precisava seguir o plano que havia sido traçado desde o início, dessa forma ninguém se machucaria.

Cheguei em meu apartamento e fui direto para meu quarto, tirando a roupa para tomar um banho, meu celular apitou indicando uma mensagem e eu peguei o aparelho no momento que vi de quem era.

*“Espero que você faça a coisa certa, pois não quero ter que recorrer a outro plano, caso tudo dê errado.”*

Joguei o celular de volta na cama e fui para o banheiro.

A única certeza que eu tinha era de que precisava terminar o que tinha com o Gustavo e isso precisava ser feito o mais rápido possível.



Cheguei à empresa, já organizando a agenda da semana, confirmando e remarcando compromissos. O Gustavo ainda não tinha chegado e nem avisado que iria se atrasar.

Olhei a hora no relógio do computador e fiquei em dúvida, se mandava ou não mensagem para ele, acabei

não mandando no dia anterior. Ignorei totalmente meu celular depois daquela mensagem.

Precisávamos conversar, mas ainda não sabia como eu tocar nesse assunto, sem levantar suspeita. As portas do elevador se abriram e eu me levantei, paralisando no lugar ao ver a Mariana entrar na recepção, vestida impecavelmente e caminhar até mim.

Engoli em seco ao ver que o Gustavo estava ao lado dela e que ele não tinha uma cara muito feliz.

— Você deve ser a secretária do meu irmão — Mariana disse, e tirou os óculos escuros, sorrindo em seguida. — Muito prazer, sou Mariana Simmons.

Fiquei calada por alguns segundos, até piscar e falar.

— É um prazer conhecer você, Mariana.

— O prazer é meu, espero que faça um ótimo trabalho, irei tratar de observar isso.

— Vamos logo, Mariana — Gustavo disse, sem olhar para mim, e se apressou em ir para sua sala.

Mariana continuou me olhando por alguns segundos, antes de colocar os óculos escuros e seguir o irmão.

Sentei-me na cadeira e olhei para a porta que havia acabado de se fechar.

*O que ela estava fazendo ali?*





Eu pensei que o dia seria menos estressante, lido engano. Assim que estava saindo do meu apartamento, recebi uma ligação da Mariana, avisando que ela estava no saguão do meu prédio e que queria conversar comigo.

Falei que poderíamos ir tomar café em alguma cafeteria, mas ela insistiu em ir para a empresa, que estava com saudade e que seria legal visitá-la depois de um tempo.

Durante o caminho, ela tocou no assunto do almoço, e eu logo cortei a ideia. Eu era contra esse namoro e pretendia deixar isso bem claro.



— Não irei a esse almoço, Mariana — falei, logo depois que entramos em minha sala.

— Por que não? Você prometeu que iria, assim que voltasse de Nova Iorque.

— Mariana, serei sincero com você, não apoio seu namoro com esse médico.

— Gustavo, ele não é qualquer médico, ele cuidou de mim nos meus piores momentos, ele me ouviu quando ninguém me ouvia, me apoiou e me deu uma direção do que fazer depois que recebi alta. Eu o amo, será que você pode aceitar isso?

— Essa é sua definição de amor? — questionei.

— E você queria que fosse qual? Eu passei o meu casamento inteiro pensando que o Fellipo era apaixonado por mim, mas não era, acredito que nunca tenha sido! Hoje ele está feliz, está com uma família, casado com uma mulher que foi sua aluna, e quanto a mim? Eu tenho que ficar presa em minha mente? Tenho que ser infeliz?

— Não estou dizendo isso, Mari. O que eu quero dizer é que algumas coisas mudam.

— E eu não posso mudar? Não posso ter um relacionamento? Não posso ser feliz?

— Você deve ser feliz, mas com uma pessoa que se preocupa de verdade com você, Mariana.

Aproximei-me dela e segurei seus ombros.

— Sei que você é a minha irmã mais velha e, muitas vezes, me deu vários conselhos sobre relacionamentos, me ajudou a seguir na vida e a me tornar uma pessoa melhor. Eu só quero o melhor para você, Mari, mas não sei se ele é o melhor.

— Como você pode ter tanta certeza, se você não deu uma chance para conhecê-lo? Você está julgando a situação toda. — Ela tirou minhas mãos dos seus ombros e as segurou. — Por favor, Gustavo.

Fechei os olhos e respirei fundo, assentindo em seguida.

— Ok, eu vou a esse almoço.

— Obrigada! Obrigada! — Ela se jogou em meus braços e eu a abracei novamente.

— Eu quero ver você feliz, Mari. E se tiver que ser com ele, irei te apoiar até o fim.

— Obrigada — sussurrou novamente.

Afastei-me dela e sequei as lágrimas em seu rosto, nem tinha notado que ela estava chorando.

— Desculpe se dei a impressão de que não me importo com você, eu me importo e muito. Amo você, maninha, acima de qualquer coisa.

— Eu também te amo.

Abracei-a de novo.



— *Cancelar o almoço?* — Marcela perguntou ao telefone.

— Sim, diga ao Daniel que surgiu um imprevisto de última hora.

— *Certo, direi a ele* — falou, e eu apoiei o queixo na mão.

— Não está curiosa para saber que imprevisto é esse? — questionei.

— *Se sua intenção foi me fazer ciúme, você falhou miseravelmente, Gustavo.*

— Você me desaponta, Marcela — falei, balançando a cabeça negativamente.

— *Sei disso. Sinto muito por não ser igual as outras.*

— Nos vemos à noite? Que tal um jantar? — perguntei.

— *Jantar? Onde?* — Sua voz se tornou mais baixa e eu sorri.

— Meu apartamento.

— *Não sei se é adequado.*

— Eu que preciso considerar essa hipótese, melhor do que fazermos alguma coisa em público, não acha?

— *Certo, no seu apartamento, então.*

— Eu vou te buscar, te mando mensagem quando estiver saindo de casa.

— *Não precisa, eu pego um Uber.*

— E se eu quiser buscar você? — questionei.

— *Sinto em dizer que vai passar vontade, vou desligar, preciso trabalhar.*

A ligação caiu e eu sorri, essa mulher estava fazendo uma bagunça na minha cabeça.

Levantei-me indo até o quadro de desenho, pronto para terminar o esboço do hotel. A viagem realmente me ajudou e eu entregaria para o Daniel o melhor projeto que já fiz em toda a minha vida.



O almoço estava ocorrendo apenas entre a Mariana, o namorado dela e eu. E por mais que eu tentasse ficar confortável diante da situação, era difícil. O silêncio era palpável na mesa e eu bebi um gole do meu suco, enquanto contava os minutos mentalmente para que aquilo acabasse.

— O Gustavo é um dos melhores arquitetos de São Paulo, Afonso — Mariana disse, puxando assunto.

— Eu li algo a respeito, parabéns.

— Obrigado — agradei.

— Não quer perguntar nada, Gustavo? — minha irmã indagou.

— Fiquei sabendo que já foi casado — soltei, sem pensar, e me repreendi mentalmente.

*Parabéns, Gustavo. Ótimo assunto para trazer à tona.*

— Sim, mas o casamento não deu certo, infelizmente nos separamos há cinco anos. Hoje sou agradecido por esse fato, pois eu tenho a Mariana em minha vida.

Ele beijou a mão da minha irmã, que sorriu prontamente para ele.

— Espero que faça minha irmã feliz — falei.

— É o que eu mais quero nesta vida, Gustavo. A Mariana foi a luz que me tirou da escuridão, devo a minha vida a ela.

Eles se olharam e eu respirei fundo.

Será que eu estava pegando pesado demais e ele realmente tinha boas intenções com minha irmã? Por que eu estava tão paranoico em relação a esse namoro?

— Fiquei sabendo que já foi noivo também — Afonso comentou.

— Sim, há uns oito anos, mas não era para ser.

— Infelizmente a mulher que meu irmão gostava não era para ele.

— A Bruna sempre foi uma pessoa sensata, e quando vimos que nossa relação não estava passando de amizade, decidimos terminar — defendi.

— E nesse momento ela decidiu fisgar meu ex-marido — Mariana comentou.

— Mari... — alertei.

— Não vá por esse caminho, querida — Afonso disse. — Algumas coisas não podem ser explicadas.

— Se ele sentisse um pingão de amor por mim, ele teria ficado ao meu lado — falou. O olhar estava perdido, como se ela estivesse presa em memórias do passado, memórias que para ela eram dolorosas.

— Mari, não pense nisso — pedi. — Como você mesma disse, é hora de seguir em frente e, pelo que vejo,



tem alguém que está disposto a ficar com você, independente de qualquer coisa.

Mari se virou para o Afonso e sorriu.

— Você não vai me abandonar, não é? Vai ficar comigo sempre?

— Claro, meu amor. Eu não seria louco de deixar de você, eu jamais faria uma coisa dessas.

— Obrigada. — Ela me olhou e sorriu. — Vou ao banheiro e volto já.

Afonso beijou a testa dela, que sorriu para ele e deixou a mesa em seguida.

— Você parece gostar muito da minha irmã — falei.

— A Mariana é diferente.

— Por que ela? Dentre todas as mulheres que você poderia ter, por que a minha irmã?

— Ela chamou a minha atenção como nenhuma outra, desde a minha separação.

— Espero que não se importe com o que eu vou dizer, mas eu pesquisei sobre você — falei.

— Imagino que tenha feito isso — comentou.

— E eu espero, sinceramente, que não esteja com a minha irmã para impor qualquer tipo de vingança pela morte da sua filha.

Notei o Afonso ficar tenso e olhar que ele me dirigiu em seguida foi duro.

— É uma situação conflitante — falou. — Eu não imaginava que a Mariana fosse a herdeira Simmons, muito menos, que o destino fosse filho da puta ao fazer eu me envolver com uma pessoa da família que assassinou minha filha e foi responsável por arruinar meu casamento.

— Irei dizer a mesma coisa que foi dito, anos atrás, quando você veio acusar a empresa de ter sido negligente com a construção da sua casa. Foi uma fatalidade e como consta nos documentos apresentados, não temos nenhuma responsabilidade sobre isso.

— Você se lembra — comentou.

— Demorei um pouco para associar as coisas, mas eu me lembro perfeitamente desse caso, chocou São Paulo, na época que aconteceu.

— Você foi o arquiteto responsável, você que me disse que a casa sairia perfeitamente, você me disse que era segura.

— E era, eu não poderia prever que acontecesse aquela fatalidade — expliquei.

— Claro que não, quem vai imaginar que o telhado de uma casa vai desabar, matar uma criança de cinco anos e deixar minha ex-mulher de cadeira de rodas? Isso nunca passaria pela cabeça de alguém.

Sua voz era baixa, eu podia notar a raiva em cada palavra.

Nos encaramos por alguns segundos, até que minha irmã se sentou novamente ao lado do Afonso.

— O que aconteceu? Vocês parecem tensos.

— Mari, tenho que ir embora, surgiu um compromisso de última hora — falei, e me levantei.

— Mas já? Você nem terminou de comer.

— Desculpa, maninha. Marcamos outra coisa depois, pode ser?

— Está bem, já que não temos alternativa.

Levantei-me e fui até ela, beijando sua testa.

— Amo você, Mari. Não se esqueça disso.

— Também te amo, Gustavo.

Olhei para o Afonso, mas não falei nada e então saí do restaurante.

Entrei no meu carro e respirei fundo, a história do Afonso não me convencia nem um pouco. Alguma coisa estava muito errada nessa história toda e logo eu iria descobrir o que era.





A pasta que o Gustavo tinha me entregado, ainda em Nova Iorque, pesava dentro da minha bolsa. Tirei cópia de todas as folhas que estavam ali dentro e coloquei no dossiê, agora eu só precisava devolver a pasta para o local dela.

Tinha voltado do almoço mais cedo, exatamente para isso, iria aproveitar a oportunidade para procurar mais alguma coisa, mas eu não sabia exatamente o que, meus superiores só diziam que eu precisava procurar por provas que incriminassem o CEO da empresa.

Entrei na sala do Gustavo e fechei a porta, estava cada vez mais difícil fazer isso. Nunca pensei que algum

dia ficaria em dúvida sobre o meu trabalho, mas naquele momento ela batia forte e, pela primeira vez, eu perguntava se estava fazendo a coisa certa.

Levei a pasta até a estante e guardei no local que indicava o ano, me encostei na prateleira e corri os olhos pelo escritório, sem saber exatamente por onde começar.

A verdade era que eu estava em um beco sem saída, não tinha para aonde correr ou se esconder.

Fechei os olhos ao mesmo tempo que respirava fundo, tentando encontrar uma solução para os meus problemas, algo bem difícil ultimamente.

Virei-me para procurar algum outro documento que pudesse me ajudar e ouvi a porta se abrindo, rapidamente me escondi atrás da estante. Coração acelerado, com medo de ser pega, apesar de que se fosse o Gustavo, não haveria problema, pois ele havia me mandando guardar a pasta com o documento.

Mas a voz que ouvi me fez ficar quieta no meu canto.

— *Eu tenho certeza de que ele não está namorando a Mariana porque achou a minha filha bonita. Eu sabia que aquele desgraçado não ficaria quieto por tanto tempo, agora eu sei por que ele resolveu agir. Achou na minha filha uma ótima desculpa para se aproximar da família. Filho da puta, desgraçado.*

Eu reconheceria a voz do pai do Gustavo em qualquer canto e naquele momento ele não parecia tão feliz.

— *Lógico que ele quer vingança, mas a culpa não pode recair em cima da gente, você está me entendendo? Por isso preciso achar o desenho feito pelo Gustavo, preciso fazer a troca pelo falsificado. Eu não posso ter nenhuma responsabilidade com isso.*

Ouvi alguns passos se aproximando de onde eu estava e fechei os olhos, desejando que algo acontecesse



para que eu pudesse sair dali sem ser pega.

— *Você acha mesmo que eu não sei? Aquele filho da puta tem um plano muito bem traçado e pode ter certeza de uma coisa, tem gente dele dentro da empresa, eu só não sei quem é ainda, mas vou descobrir.*

Meu coração batia ferozmente dentro do meu peito, minha cabeça fervilhando com informações e teorias.

Quando tudo começou, meses antes, eu pensei que estava apenas investigando fraudes em uma empresa de engenharia e arquitetura, mas parecia ser bem mais que uma simples investigação, parecia ser vingança e não qualquer vingança.

Os passos se aproximavam cada vez mais e eu fechei os olhos, esperando o momento para ser pega, mas ouvi a porta do escritório ser aberta novamente. Fiquei ainda mais tensa, até ouvir a voz do Gustavo.

— *O que faz na minha sala?* — Gustavo perguntou.

— Estava te procurando, mas aquela mulher que você chama de secretária não estava na mesa dela, então resolvi entrar.

— Se você não sabe, estamos em horário de almoço, por isso ela não está.

— Sua irmã saiu de casa, decidida a te encontrar hoje, querendo te apresentar o namorado.

— Sejam sinceros, pai — Gustavo disse. — O que você acha desse namoro? Realmente concorda com ele?

— Não concordo, mas não posso proibir a Mariana de fazer alguma coisa, ela é maior de idade e se acha que o Afonso é o homem certo para ela, o que posso fazer contra?

— Acredito que você esteja ciente de quem é o Afonso.

— Sim, estou, e é por isso que estou de olho em cada passo que ele dá. Pode ter certeza de se algo acontecer com a sua irmã, ele vai sofrer as consequências.

Ouvi passos e o barulho de porta fechando, então respirei fundo, mesmo assim, não saí do meu esconderijo, precisava esperar o Gustavo sair da sala e estava torcendo para que fosse logo.

— Posso saber por que está escondida?

A voz do Gustavo me assustou e me fez bater a cabeça na parede.

— Ai! — gemi e coloquei a mão na cabeça.

— Vem aqui. — Gustavo me puxou e me sentou no sofá. — Por que estava escondida?

— Eu vim guardar a pasta que você tinha pedido e ouvi a porta abrindo, então me escondi.

— Era apenas o meu pai — falou.

— Eu sei, mesmo assim. Seu pai não vai muito com a minha cara.

— Entendo. Está tudo bem? — perguntou, colocando a mão na minha cabeça.

— Sim — respondi, olhando para ele.

— O que foi? Por que está me olhando assim?

— Não sei, talvez porque você seja muito lindo —  
soltei, sem pensar, o que o fez rir.

— Você também é linda, mais linda do que pode  
imaginar.

Sua mão foi para o meu rosto e ele se aproximou de  
mim.

— Pode parecer estranho, mas já estou sentindo  
sua falta.

Sorri, eu também sentia falta dele. Os dias em Nova  
Iorque me deixaram mal acostumada.

— Acho que estou do mesmo jeito.

Ele se aproximou de mim, me dando um selinho  
demorado.

— Irei resolver algumas coisas fora da empresa —  
falou, e eu apenas assenti, sabia que ele tinha  
compromisso.

— Nos vemos à noite, então — falei, me levantando.

— Leve roupas para vestir amanhã de amanhã — disse, e eu me virei para ele novamente.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Eu quero dormir com você esta noite e acordar na manhã seguinte, tendo você ao meu lado.

Sorri e abaixei a cabeça.

— Até à noite.

Fechei a porta do escritório ao sair e encostei as costas ali, fechando os olhos.

— Cuidado, Marcela. Quando tudo isso acabar, o tombo maior será o seu, pois quanto mais alto chegar, maior será a queda.



A campainha tocou, fazendo o Adônis latir, terminei de prender meus brincos e fui ver quem era.

— Nossa, como você está linda! — Emilly disse, assim que eu abri a porta.

— Obrigada.

Ela já foi pegando o Adônis no colo e eu revirei os olhos.

— Não acredito que esse cachorro ingrato me trocou — murmurei.

— É claro que trocou, sou muito mais linda e mais carinhosa, não é? Não é?

Adônis latiu e eu balancei a cabeça, não acreditando na cara de pau desse cachorro.

— Ele parece que realmente me trocou — falei, e fui para o meu quarto, tendo a Emilly me acompanhando.

— Isso tudo é para sair com o seu chefe?

— Emilly, queria que as coisas fossem mais simples.

— E por que você acha que não são? Pelo que vi, aquele dia da viagem, vocês dois têm uma química impressionante.

— Antes fosse só a química, sabe quando sente que tem algo a mais? E não é apenas um relacionamento de algumas noites, como pensei que seria.

— Você está se apaixonando.

— Isso não deveria acontecer — murmurei, e me sentei na cama.

— Por que não? Vocês são adultos, Marcela.

— Emily, o meu relacionamento com ele tem um prazo de validade, quando esse prazo vencer e a verdade vier à tona, nossas vidas serão abaladas e ele nunca vai me perdoar.

— Se ele gostar de você de verdade, ele vai perdoar, sim.

— Não vai, Emily. — Meus olhos se encheram de lágrimas e não consegui evitar que elas caíssem. — Ele

nunca vai me perdoar.

Ela me puxou para um abraço.

— Vai ficar tudo bem, calma. Não adianta se preocupar antecipadamente.

— Estou apenas constatando os fatos. — Me afastei e sequei os olhos. — É por esse motivo que hoje eu vou terminar com ele.

— Marcela...

— É o melhor, Emilly, desse jeito ninguém sofre.

— Mas pelo que estou vendo, você vai sofrer — apontou.

— Mas ele não, e quando a verdade for revelada, não vou sentir tanta culpa.

— O que você está fazendo é tão grave assim, que está abrindo mão da felicidade?

Não respondi de imediato, mas não tinha o que pensar. Sim, era grave, muito grave. Quebra de confiança



era a pior coisa para um relacionamento, pois depois de quebrada, ela jamais voltaria a ser o que já foi um dia.

— Não quero mais falar sobre isso — declarei. — Irei fazer o que tem que ser feito, sem arrependimentos ou mágoas. Preciso cortar tudo isso antes que vire uma bola de neve gigante.

— Se você está dizendo, não irei mais opinar.

— Obrigada — agradei. — Por tudo, você é a única pessoa que eu posso considerar como minha amiga.

— Pode contar sempre comigo.

Ela me abraçou novamente e eu voltei a chorar, havia momentos que eu não conseguia me controlar e o peso que eu carregava era insuportável para lidar sozinha.





— Uau, que apartamento lindo — Marcela falou, assim que entrou.

— Gostou?

— Adorei, combina com você. — Sorriu para mim.

Afrodite não perdeu tempo e começou a latir nos pés dela.

— Essa é a Afrodite? — perguntou.

— Sim — respondi, e a vi pegando minha cachorrinha nos braços, fazendo carinho.

— Ela é muito linda!

— Sim, minha companheira fiel, apesar de eu passar a maior parte do tempo fora de casa, mas quando

estou aqui, ela não deixa eu me sentir sozinho.

— Que fofo — murmurou. — Você precisa conhecer o Adônis, vai adorar *e/e*. Quem sabe vocês não se casam?

— Ei! Minha cadela é de família, acha que vou deixá-la se casar, assim? Sem mais nem menos?

— E você acha que eu deixaria meu cachorro casar com uma cadela tão cheia de frescura?

Ela colocou a Afrodite no chão e veio até mim.

— Quem propôs a ideia do casamento foi você, não eu.

— Pois eu retiro a ideia!

Segurei sua cintura e a puxei para mim.

— Você é fofa até quando tenta se estressar.

— Quem disse que estou sendo fofa? Neste momento, estou com muita raiva, tanta raiva que...

Beijei seus lábios, sorrindo sem seguida.

— Tanta raiva que...?

— Você é um idiota, Gustavo — sussurrou.

— Acho que não era isso que você ia dizer.

— Foda-se o que eu ia dizer.

Ela me beijou de volta.

Nossos lábios dançavam um pelo outro em uma sincronia absurda, me fazendo ficar cada vez mais envolvido. Eu sabia desde o início, quando a vi pela primeira vez, que ela seria a única mulher capaz de entrar na minha vida sem precisar de muito esforço. Eu não sabia dizer se era obra do destino, se foi apenas uma coincidência ou qualquer outra coisa, só sabia que eu aproveitaria esses momentos da melhor forma possível, pois da mesma forma como senti que ela entraria na minha vida de um jeito simples, eu sentia que quando ela saísse, seria fazendo um estrago irreparável.

Afastei-me dela e beijei sua testa.

— Vamos comer? — perguntei.

— Vamos, estou com fome mesmo.

Dei outro selinho nela e a levei para a cozinha.

Nos últimos anos, minha vida se resumia a empresa, festas e algumas mulheres aleatórias, sempre foi assim. Eu não acreditava que um amor predestinado estaria à minha espera, na verdade, não sabia se isso que eu sentia podia ser considerado amor, mas estava no caminho. Nunca quis tanto cuidar de uma pessoa como queria dela, me sentia na responsabilidade de saber se ela estava bem, o que a deixava triste, o que a deixava pensativa, quais seus anseios.

Eu queria saber tudo sobre ela, os mínimos detalhes, queria saber o que se passava em sua cabeça apenas de olhar para ela.

É, eu estava me apaixonando por ela. Pela primeira vez na vida, eu experimentava uma avalanche de sentimentos que podiam ser considerados a destruição de um homem e eu não estava com medo, pelo contrário, eu enfrentaria tudo isso se fosse para ficar ao lado dela.

— Então, sua mãe é uma aventureira? — perguntei, enquanto fazia carinho em seus cabelos, já tínhamos comido e agora estávamos deitados no tapete da sala, apenas conversando.

— Minha mãe é maluca, isso, sim — Marcela respondeu. — Mas é a melhor pessoa que eu conheço, queria poder passar mais tempo ao lado dela, sinto muita saudade.

— Ela disse que vinha te visitar, certo?

— Sim, mas não tem dia específico, vou apenas esperar, como sempre faço.

— E seu pai? — questionou.

— Meu pai largou minha mãe quando eu tinha cinco anos; e quando eu tinha dezoito anos recebemos a visita de um advogado, ele dizia que meu pai havia deixado um dinheiro para mim, um bom dinheiro, para falar a verdade, algo que eu poderia usar para garantir meus estudos e tudo mais. Ele disse que meu pai mora na Alemanha e que

se eu tiver interesse, poderia procurar por ele, mas não quero fazer isso, não tenho vontade de procurar o homem que me abandonou.

— Espera, você é rica? — perguntei, e ela riu.

— Eu seria, se usasse o dinheiro.

— E por que não usa? Você tem direito.

— Não quero nada que venha dele, sabe. Eu sofri por não ter um pai presente, por ver minha mãe se desdobrando para cuidar de mim e trabalhar ao mesmo tempo. Então, um dia eu descobro que ele simplesmente me deixou uma quantia alta em dinheiro e que se eu quisesse, poderia procurá-lo, mas eu não quis, é algo muito relativo. Quando precisamos do dinheiro, ele não fez nada a respeito, hoje eu posso conseguir meu próprio sustento. Minha mãe casou com um homem que não tem tanto dinheiro, mas o que tem sustenta os dois e eles estão felizes.

— Você tem uma história interessante — comentei.



Marcela se sentou e me encarou.

— Qual a sua história, Gustavo? A sua história de verdade, não o que a mídia fala sobre você ou sua família.

— Eu não sei quando as coisas na minha família começaram a desandar — comecei, olhando para o nada.

— Acho que foi depois que tivemos certeza de que a Mari tinha esquizofrenia, nossa vida deu um giro de 180 graus em um piscar de olhos.

— Imagino que tenha sido um período difícil.

— Foi, na época, ela ainda estava casada, o marido até tentou cuidar dela, mas não deu conta. Minha irmã ficou debilitada, passou por diversos tratamentos e acompanhamentos, então ela voltou para o Brasil e a coisa toda explodiu novamente, ela atirou na atual namorada do ex-marido.

— Que era a sua noiva — falou, e olhei para ela.

— Sim, a Bruna era minha noiva, mas não demos certos, éramos mais amigos que qualquer coisa. Não

importa quanto as pessoas digam, o Fellipo sempre será o errado da história, por ter deixado a Mariana em um momento delicado, mas acredito que o ser humano só aguenta pressão até um determinado ponto. O ponto dele já tinha passado, ele precisava seguir com a vida.

— Sinto muito por tudo que passou.

— O casamento dos meus pais já não era dos melhores, depois que a Mariana veio se tratar no Brasil, tudo desandou e eles hoje vivem apenas de fachada, pois não se suportam nem por instante.

— Por que viver desse jeito?

— Status, dinheiro, tem muita coisa envolvida. É a maneira que eles querem viver, não posso fazer nada para impedi-los.

— E você? Onde entra nessa história? Já me falou dos seus pais e da Mariana, mas não disse nada sobre você.

— Eu já disse sobre mim.

— O quê?

Não respondi, segurei sua mão e entrelacei nossos dedos, gostava de fazer isso, parecia me deixar mais calmo.

— Quero ser alguém que meu pai tenha orgulho, quero ser o filho que ele sempre pediu. Nunca tive interesse nos negócios da família, nunca almejei o cargo mais alto da empresa, muito menos ser reconhecido pelos meus desenhos.

— É por isso que tenta ser alguém que você não é?

— Sim, é por isso que me formei em duas faculdades, é por isso que uso um terno praticamente 24 horas por dia, é por isso que eu quero ser reconhecido pelas empresas e tornar meu nome conhecido, porque minha irmã não pode. O sonho do meu pai era que ela fizesse tudo isso, mas...

— Você está tentando preencher o lugar da sua irmã.

— Basicamente, mas não sei se estou fazendo isso da maneira correta.

— Quem pode dizer o que é correto ou não? — perguntou. — O que é correto para mim, pode não ser correto para você. Você faz o que acha correto, eu não me submeteria a isso para agradar meu pai, mas você pensa diferente de mim, então quem pode dizer o que é correto ou não?

Ela sorriu de lado e eu a puxei para um abraço. Marcela me abraçou de volta, enquanto eu buscava um consolo que nem sabia que precisava.

— Agora você não está sozinho — falou, se afastando de mim.

— Não?

Marcela se ergueu e se arrumou para se sentar em meu colo, ela segurou meu rosto e sorriu, aquele sorriso que me deixava louco.

— Não, eu vou estar com você. Não sei por quanto tempo, mas eu vou estar do seu lado.

Puxei seu corpo contra o meu e beijei a ponta do nariz dela, depois o queixo e o canto da sua boca.

— Obrigado por isso — declarei, olhando em seus olhos. — Eu não sabia que precisava ouvir isso, até você dizer.

Ela abaixou o olhar e sorriu.

— O que você está fazendo comigo? — questionou.

— Eu faço essa mesma pergunta, o que você está fazendo comigo?

Puxei seu rosto para mim e beijei seus lábios lentamente, fazendo com que ela sorrisse no processo.

— Dorme comigo esta noite — pedi.

— Dormir?

— Sim, a noite inteira, e quando eu acordar amanhã, quero ter você nos meus braços.

Ela me beijou e se afastou em seguida.

— Durmo.

Então eu a beijei novamente, dessa vez com mais intensidade, pois antes de dormir, eu queria poder desfrutar dela novamente.



Acordei com a claridade do sol no meu rosto, demorei um pouco para abrir os olhos e quando o fiz, fui contemplado com uma visão de uma deusa em minha cama.

Marcela ainda dormia profundamente, o lençol cobria da cintura para baixo e ela estava vestida em uma camiseta minha. Passei alguns minutos contemplando sua beleza, que parecia aflorar ainda mais enquanto ela dormia.

Levantei-me da cama com cuidado e fui para o meu banheiro, me olhei no espelho e sorri. Pela primeira vez, em muito tempo, eu tinha acordado feliz e o meu motivo tinha nome, sobrenome e o sorriso mais perfeito que já vi em toda minha vida.







— Isso está impressionante, Gustavo. Você captou exatamente o que eu tinha em mente.

Sorri, extremamente aliviado por ele ter gostado.

— Fico feliz que tenha ficado do seu agrado, é dessa maneira que você realmente quer? — perguntei.

— Sim, não mudo uma vírgula do que está nesse desenho.

— Então podemos nos preparar para começar a obra? — meu pai questionou.

— Sim, vocês podem começar.

Olhei para a Marcela, que piscou para mim e voltou a mexer no notebook, fazendo a ata da reunião.

Daniel levantou e apertou a mão de todos.

— Obrigado pela confiança em nossa empresa — falei.

— A Simmons Architecture and Engineering é reconhecida no mercado por conta da sua competência, vocês têm toda a minha confiança.

Sorri e assenti.

Daniel deixou a sala e me virei para a equipe que seria responsável pelo projeto.

— A partir de agora, é com vocês, o engenheiro responsável será o Roberto — falei, apontando para o meu pai. — E ele dará todas as coordenadas necessárias para que o projeto saia do papel.

— É uma honra trabalhar com vocês novamente. Sei que não se levanta um prédio do dia para a noite, mas vamos dar nosso melhor para que esse hotel seja concluído antes do prazo estipulado.

Todos aplaudiram meu pai.

— Qualquer dúvida que tiverem, basta me chamar, estarei à disposição para esclarecê-las.

Todos aplaudiram e eu dei a reunião por encerrada.

Fui para a minha sala e ouvi a Marcela fechar a porta.

— Que bom que ele gostou do projeto! Eu achei incrível, apesar de não ter entendido nada.

Ri do seu comentário e fui até ela.

— Sabe o que faria meu dia se tornar ainda melhor?  
— questionei, segurando sua cintura.

— Gustavo, nós estamos no trabalho! — falou, tentando se soltar, mas eu puxei mais forte, fazendo-a arregalar os olhos.

— Ninguém vai entrar aqui, sempre batem na porta antes.

— E se não baterem?

— Não estamos fazendo nada de errado... — falei, beijando o canto da sua boca em seguida.

— Gustavo...

— Oi — falei, nossas bocas quase encostando.

— Você é louco, meu Deus.

— Eu sei.

Beijei-a. Marcela passou os braços pelo meu pescoço e correspondeu ao beijo com entusiasmo, me fazendo desejar que ela tivesse trancado a porta.

— O que acha de trancar a porta? — sussurrei contra sua boca.

— Você é pervertido — falou.

— Você gosta, eu sei.

A porta da minha sala foi aberta e eu soltei a Marcela imediatamente, que se afastou de mim em um pulo.

— Então é aqui que sua secretária fica ao invés de estar trabalhando — meu pai disse, entrando no meu escritório.

— Pai...

— Pensei que você não se envolvia com suas funcionárias, Gustavo — me cortou e se aproximou.

— Não é da sua conta com quem me envolvo ou deixo de me envolver, minha vida amorosa não te diz respeito.

— Tem razão — falou, e olhou para a Marcela. — Só tenha cuidado para não sofrer um golpe, conheço bem o tipo dela.

— Olha aqui... — Marcela se apressou para ir pra cima dele, mas segurei sua cintura.

— A gatinha tem garras, que fofa.

— Já chega, pai, por favor — pedi, e ele assentiu.

— Vim apenas avisar que o prazo para me entregar a presidência está se esgotando. Você tem menos de um mês.

Ele se virou e nos deixou sozinhos, soltei a Marcela e ela se virou para mim.

— O que ele quis dizer?

— Meu pai quer voltar à presidência, já está morando definitivamente no Brasil, então não tem motivos para não ficar no maior cargo.

— Mas você está aqui há tanto tempo, por que isso agora? — questionou.

— Não sei, mas daria tudo para descobrir.

Ela se aproximou de mim e segurou em meu rosto.

— Vou te ajudar com isso.

— Vai mesmo? Posso saber como?

Ela sorriu e me deu um selinho.

— Irei pensar em uma maneira, não se preocupe.

— Certo. — Ergui o pulso para conferir a hora. — Quer almoçar comigo?

— Terei que declinar o convite, marquei de almoçar com a Hellen, estou com saudade dela.

— Sendo assim, eu te libero. — Pisquei para ela, que revirou os olhos, me fazendo sorrir. — Diga que sinto

falta dela e que ela foi a melhor secretária que eu arrumei em todos os tempos e... AI!

Ganhei um belo tapa no braço.

— Você diz que ela foi sua melhor secretária na minha frente, não acredito nessa sua cara de pau! — falou.

— Acontece.

— Idiota, vou trabalhar.

Puxei-a novamente e beijei sua boca, sorrindo em seguida.

— Você é a melhor, não precisa ficar com ciúme.

— Quem disse que estou com ciúme?

— Essa sua carinha linda diz tudo.

Marcela balançou a cabeça, negando minha fala e me beijou mais uma vez.

— Vou trabalhar, bom almoço — falou, enquanto saía da sala.

— Bom almoço *pra* você também.

Ela piscou para mim e fechou a porta.

Sentei-me no sofá e peguei meu celular, havia várias mensagens da Ariella e cinco ligações perdidas.

Rapidamente liguei para ela novamente.

— Ariella, o que aconteceu? — Ouvi atentamente o que dizia. — Certo, estou indo. Obrigado.

Levantei-me, peguei a chave do meu carro e saí.

Isso não era bom, nada bom.



Cheguei ao prédio em que a Ariella morava e subi direto para o apartamento dela. Peguei a chave reserva dela que eu tinha guardado e abri a porta, entrando em seguida.

— Ariella?

Entrei no apartamento, mas ela não estava na sala, muito menos na cozinha. Fui para o seu quarto e abri a



porta, a encontrando deitada na cama e toda machucada.

— Ariella! — Corri até ela, me sentando ao seu lado. — Ariella, por favor, me diz como você está?

— Gustavo? — sussurrou.

Seus olhos estavam tão inchados que ela mal conseguia abri-los.

— Você precisa ir para o hospital, por que veio direto *pra casa*?

Ela não respondeu. Peguei meu celular e liguei para emergência, solicitando uma ambulância.

— Agente firme, Ariella. A ambulância está chegando, calma.

— Gustavo...

Ela tateou a cama em busca da minha mão e eu a segurei.

— Não se esforce, por favor...

— Na minha bolsa, os papéis estão na minha bolsa, você precisa pegá-los agora.

Levantei-me e fui até bolsa, encontrando uma pasta escura.

— O que tem aqui dentro, Ariella? — questionei.

— Tudo que você vinha procurando nos últimos dias. Eu não sei como me descobriram, mas tudo que você precisa, está aí dentro.

Olhei para a minha amiga, ela havia se ferido apenas para conseguir esses documentos para mim, eu não conseguia acreditar nisso.

— Você não deveria ter se arriscado assim, olha *pra* você. Toda machucada, se acontecer algo, não vou me perdoar, Ariella.

— Vou ficar bem.

A cada vez que ela falava era um gemido de dor que saía de sua boca.

— Fica em silêncio, a ambulância deve estar chegando.

— Avisa o Rômulo, por favor...

— Vou avisar, prometo.

Ouvi batidas na porta e corri para abrir, os paramédicos chegaram e levaram a Ariella para o hospital Amorim.



Eu estava esperando os exames ficarem prontos, já tinha ligado para o Rômulo várias vezes, mas o celular dava na caixa de mensagem. Eu estava ficando impaciente e andava de um lado para o outro.

— Quem está acompanhando a senhorita Ariella Bonato?

— Eu! — Corri até o médico que estava chamando.

— Sou o doutor Akim, médico geral e estou com o resultado dos exames dela, quer me acompanhar, por favor?

— Claro!

Caminhei ao lado dele, indo em direção à sua sala, pelo menos, foi o que eu presumi, mas entramos no quarto em que a Ariella estava.

— Ariella... — sussurrei e fui até ela, segurando sua mão em seguida.

— Ela está medicada, tenho certeza de que vai acordar logo.

— Qual o resultado dos exames?

— Ela teve duas costelas fraturadas, arranhões pelo rosto, braços, ombros e mãos, pelo inchaço no rosto do lado direito ela bateu a cabeça no chão, do lado esquerdo ela teve algo acertado ali.

— Ela vai ficar bem?

— Sim, foi uma surra e tanto que sua amiga levou, não sei como ela conseguiu chegar em casa.

— Eu também não sei.

— Ela precisa ficar em observação aqui no hospital, qualquer coisa, basta chamar.

— Certo, obrigado, doutor.

— Disponha, com licença.

Voltei meu olhar para a Ariella e respirei fundo.

— O que você aprontou, sua maluca?

— Gustavo... — sussurrou.

— Sim?

— Cuidado, muito cuidado. Se eles descobrirem que você está com esses papéis, vão atrás de você também.

— Que papéis são esses?

— Logo você vai saber...

Então ela voltou a dormir e eu peguei meu celular para ligar para a Marcela.





Terminei de organizar uma pasta de relatórios que precisavam ser assinadas pelo Gustavo quando o Rômulo apareceu na minha mesa.

— Boa tarde, gatinha, como vai?

— Bem que o Gustavo diz que você não presta — falei, olhando para ele.

— Nossa, já está desse jeito? Me insultando dessa forma?

Revirei os olhos.

— Estou pensando em chamar sua amiga para sair, será que ela vai aceitar?

— Você só vai saber se tentar, não é?

— E se ela me der o fora? — questionou.

— Você está com medo de levar um fora? Sério isso?

— Posso dizer que sim? A Emilly é muito linda e não merece ficar esperando por um babaca como o delegado.

— Deixa o delegado ouvir isso — falei e ri. — Mas a chame *pra* sair, sim, a Emilly precisa espairecer.

— Irei pensar no caso, mas mudando de assunto, onde está o seu chefe? — perguntou.

— É uma ótima pergunta — falei, e olhei para a porta do escritório dele. — Quando eu saí para o almoço, ele ainda estava na sala dele, quando cheguei, ele ainda não tinha voltado e até agora não deu notícias.

— Estranho, ele não costuma sumir assim. Será que aconteceu alguma coisa?

— Não sei, espero que não.

Meu celular começou a tocar e eu vi o nome do Gustavo.



— Gustavo, onde você está?

— *Eu estou bem, não se preocupe. Poderia entrar em contato com o Rômulo para mim, por favor.*

— Ele está na minha frente — falei.

— *Pode passar o telefone para ele, por favor?*

— Claro. Rômulo, o Gustavo quer falar com você.

Entreguei o telefone para ele, que rapidamente atendeu.

— Fala, meu celular descarregou e... Como é que é? Como ela está? Estou indo para hospital agora, certo.

Rômulo me entregou o celular e saiu correndo, coloquei o aparelho na orelha novamente.

— O que está acontecendo? — questionei.

— *A Ariella sofreu um acidente e está em observação no hospital.*

— Meu Deus! Ela está bem?

— *Ela vai ficar bem — falou.*

— Que tipo de acidente ela sofreu? — questionei.

— *Deram uma surra nela, Marcela.*

Cobri a boca com a mão.

— Meu Deus.

— *Ela vai ficar bem, não se preocupe, vou só esperar o Rômulo chegar e volto para a empresa.*

— Vou esperar, e tenha cuidado — falei.

— *Pode deixar.*

Ele encerrou a ligação e eu respirei fundo, apoiando a cabeça nas mãos. Isso era muito estranho, muito mesmo.



Eu andava de um lado para outro, buscando entender a demora do Gustavo. Rômulo havia me mandado mensagem, avisando que ele tinha saído do hospital há mais de uma hora, dizendo que vinha direto

para o escritório, mas até agora nada e o telefone dele só dava caixa postal

As portas do elevador se abriram, chamando minha atenção e eu corri até lá quando vi o Gustavo, com o rosto machucado e caminhando lentamente, sair dali.

— Gustavo, o que aconteceu? — questionei, fazendo-o se apoiar em mim e indo até a sala dele.

— Assalto — falou.

Entramos e eu o levei até o sofá, indo para o banheiro procurar kit de primeiros socorros. Voltei até ele e comecei a limpar os ferimentos, enquanto ele gemia.

— Como assim um assalto, onde? Você precisa ir até a polícia!

— Não, está tudo bem.

— Não está, não! Olha o seu estado, e se tivessem feito mais alguma coisa com você? Meu Deus!

— Marcela, eu estou bem!

Ele segurou gentilmente meus pulsos e eu percebi que minhas mãos estavam tremendo. Fechei os olhos por um instante e então senti o gosto salgado de lágrimas e percebi que estava chorando.

— Que droga — murmurei.

— Ei, vem aqui.

Ele me puxou e me abraçou, nem eu sabia por que estava chorando e muito menos como parar.

— Nem sei por que estou assim — murmurei.

— Está tudo bem, deusa — falou em meu ouvido e eu me afastei dele, tocando seu machucado no canto da boca.

— Deusa? Essa é nova.

— Sabe o que eu pensei quando te vi pela primeira vez?

Neguei e ele sorriu, gemendo em seguida. Gentilmente ele tirou os fios de cabelos que ficaram grudados em meu rosto e me fez um carinho ali.

— Que eu você era uma deusa, uma deusa vinda diretamente do Olimpo para testar minha sanidade.

Sorri da comparação dele.

— Estou longe de ser uma deusa — falei.

— Eu sei, mas para mim, vai continuar sendo, porque você é a única mulher que me fez quebrar todas as regras, que me deixa feliz apenas com uma ligação e essa preocupação me deixa cada vez mais em perigo.

— Que perigo? — questionei, sentido o coração acelerar a cada vez que sentia o toque de seus dedos em minha pele.

— Perigo de me apaixonar por você e, se isso acontecer, Marcela, não vai existir nada neste mundo que vai me fazer te esquecer.

Era o que faltava para as lágrimas voltarem a escorrer pelo meu rosto, meu coração se quebrou bem ali, pois eu tinha o mesmo pensamento que ele. Quando a verdade fosse revelada, nossos corações iriam guardar

todas as lembranças, todos os momentos, os beijos, as risadas, as declarações implícitas e explícitas, tudo ficaria registrado e quando estivéssemos longe um do outro, elas seriam o combustível que alimentaria essa paixão desenfreada que queimava dentro de nossos peitos, fazendo-nos cometer atos que jamais cometeríamos.

— Eu corro um sério risco de me apaixonar por você, Marcela, e eu não tenho medo de enfrentar esses sentimentos, a pergunta é: você tem medo deles?

Eu tinha.

Tinha pavor, na verdade.

Tentei parar de chorar e olhei para ele.

— Você, Gustavo, é o homem que me fez quebrar todas as minhas regras, que me fez passar por cima do meu trabalho. Eu não tenho medo, eu tenho pavor, porque essa paixão vai significar a nossa destruição e eu não quero ver você destruído.

— Então, não deixe que isso aconteça.

— É impossível mudar algo, quando está predestinado a acontecer — sussurrei.

— Se for *pra* ficar com você, Marcela, eu faço o dia virar noite, eu movo céus e terra, eu faço o impossível se tornar possível, então, não duvide de mim e nem do que eu sinto.

Segurei seu rosto e coloquei minha testa junto com a sua.

— Não quero sofrer por antecipação — sussurrei, de olhos fechados.

— Não vamos, prometo.

Ele se afastou e beijou minha testa, em seguida me deu selinho, depois outro, e outro, e mais outro, até me fazer sorrir e me beijar de verdade.

— Deixa eu terminar de limpar esse machucado, pode inflamar.

— Ok, doutora — falou, e eu sorri.

Terminei de limpar os ferimentos e fui guardar as coisas, quando voltei ele estava mexendo na pasta que havia pedido para que eu guardasse.

— O que você está procurando? — questionei.

— A Ariella foi espancada porque havia pegado uma pasta com documentos que eu deveria ver, eles bateram nela, mas não conseguiram levar a pasta, felizmente ela fez um tempo de artes maciais e os deixou machucados, mas não conseguiu fugir a tempo.

— Meu Deus!

— Eu aproveitei que estava esperando o Rômulo chegar e dei uma olhada no conteúdo, tirei algumas fotos e mandei para o e-mail. Pode imprimir para mim?

— Claro.

Fui até o seu computador e abri o e-mail, mandando os anexos para impressão.

— Aqui — falei, entregando para ele os papéis.



Ele já havia colocado os desenhos da pasta presos no quadro e fez a mesma coisa com os desenhos impressos há pouco.

— Sabia — murmurou.

— Sabia, o quê?

— Esses desenhos são os mesmos, mas são diferentes.

— Como assim?

— O alvo dos ladrões não era me roubar diretamente, eles queriam a pasta.

— Levaram?

— Sim. Infelizmente, eram cinco contra um, pegaram a pasta e foram embora.

— O que tem esses desenhos? — questionei, voltando a olhá-los.

— Esses — apontou para os desenhos que estava na pasta —, eu desenhei anos atrás, para a reforma da casa de Patrícia e Afonso Braga.

Arregalei os olhos e olhei para ele.

— Esses — continuou ao apontar para as fotos impressas —, são uma fraude do meu desenho, pode perceber que as medidas estão erradas e que algumas coisas não batem com o desenho original.

— Mas como?

— Não sei, mas de uma coisa eu tenho certeza.

— Do quê?

Ele olhou para mim por um tempo e depois voltou a encarar o desenho.

— Alguém está fraudando as plantas das casas que eu sou responsável, e se algo acontecer com elas, no período de dois anos, tenho que responder judicialmente, pois pode haver consequências graves.

Encarei os desenhos, me lembrando de tudo que já havia juntado.

Patrícia Braga, ex-esposa de Afonso Braga, um casal que se separou quando a filha morreu, vítima de um

desabamento. A mesma casa, cujo desenhos estavam alterados.

Vingança.

Olhei para o Gustavo e engoli em seco. O cerco estava se fechando e logo a verdade seria descoberta.

Meu celular vibrou e eu peguei dentro do bolso, sentindo um frio em minha barriga ao ler a mensagem.

*“Vamos nos encontrar. Imediatamente.”*

— Gustavo — chamei, e ele olhou para mim.

— Sim?

— Eu preciso resolver um problema, posso sair? Vai ficar bem?

— Pode, sim, qualquer coisa eu te ligo.

— Certo, obrigada. Me liga mesmo — pedi e dei um selinho nele, saindo em seguida.



Cheguei ao endereço que estava na mensagem e entrei, era um café afastado da empresa. Corri os olhos pelo local e avistei um casal sentado de costas para a entrada.

Engoli em seco e caminhei até eles, me sentei na cadeira vazia e olhei a pasta que havia em cima da mesa, no mesmo instante eu abri e vi que o conteúdo era o mesmo que eu havia feito a impressão para o Gustavo.

— Vocês não fizeram...

— Sim, nós fizemos. Não acredito que essa pasta estava na empresa daquela lambisgoia ruiva — ela disse.

— Você tem noção do que fez?

— Você tem noção de que essa pasta estava em mãos erradas? — A voz do homem se sobressaiu. — Está sob sua responsabilidade, espero que não caia em mãos erradas novamente, é bom colocar todas as informações aí no dossiê.

— Eu não quero mais — falei. — Não quero mais trabalhar para vocês!

— Você não tem escolha, não quando estamos quase finalizando tudo para entregar à polícia.

— Isso não vai trazer sua filha morta de volta! — falei, e ele me olhou ameaçadoramente.

— Cuidado com a língua, se não quiser ficar sem ela — ameaçou, e se levantou, nos deixando sozinhas.

— Escute aqui, Marcela, é tarde demais para voltar atrás.

— Vocês machucaram duas pessoas inocentes para ir atrás dessa pasta, um deles era o seu irmão! — sussurrei, mas minha vontade era de gritar.

— Isso é para você saber que não estamos brincando, Marcela, faça o seu trabalho e todos vão sair ganhando.

— Você sabe que ele é inocente, não é, Mariana? — perguntei, quando ela se levantou.

— Você sabe que seu irmão jamais faria uma coisa dessas.

— O que eu sei, Marcela, é que você vai continuar seguindo nossas ordens, se não quiser parar em uma cama de hospital ou melhor, em um caixão.

Então ela me deixou sozinha.

Encarei a pasta que eles haviam deixado e fechei os olhos.

Mariana Simmons e Afonso Braga não queriam justiça, eles queriam vingança e fariam qualquer coisa para conseguir.





## UM MÊS DEPOIS

Terminei de passar o café e coloquei um pouco na xícara para tomar. Os latidos me fizeram olhar feio para a Afrodite e o Adônis.

— Vocês dois querem parar de latir, o Gustavo vai acordar desse jeito — sussurrei, tentando soar autoritária.

A verdade era que depois que esses dois se conheceram, passaram a ignorar minhas ordens, como se eu não fosse dona deles.

Sorri e me encostei na pia, deixando minha mente viajar em tudo que aconteceu no último mês. Tudo parecia



ter acontecido tão rápido e ao mesmo tempo tão devagar. Eu não sabia dizer se isso era bom ou ruim, apenas estava aceitando o curso que as coisas estavam tomando.

Estava tudo tão bagunçado, que eu não tinha ideia de como colocar as coisas em ordem.

Meu relacionamento com Gustavo era uma incógnita em minha vida. Estávamos juntos, mas não era um namoro oficial. Dormíamos um na casa do outro, saíamos juntos do trabalho, sem levantar suspeitas, almoçávamos e jantávamos juntos. Saíamos para ir ao cinema, passear no shopping, fazíamos palhaçadas um com o outro e, no final do dia, deitávamos na cama, abraçados, como se fôssemos um casal de verdade.

Esses acontecimentos contribuía para que meu coração se enchesse de esperança, para que o final de tudo isso fosse feliz. Eu sei que deveria ter terminado com ele aquele dia, mas não consegui. Meu coração resolveu

gritar no último instante para que eu tentasse, de todas as formas, e aqui estávamos nós.

Mas a cada dia que se passava, a cada momento em que estávamos juntos, nos curtindo, eu sabia que poderia ser o último, eu sentia que o nosso fim estava próximo.

Todas as vezes que ele ia à minha casa, eu morria de medo de que ele descobrisse a pasta que haviam roubado dele. Eu mantinha aquele escritório trancado a sete chaves, meu coração faltava sair pela boca quando eu estava mexendo nos arquivos para anexar ao dossiê, que estava quase pronto.

Por mais que eu soubesse que ele não tinha culpa, por mais que ele fosse inocente, aqueles documentos apontavam para ele, todos eles.

Tomei um gole do café e voltei a olhar os dois cachorros brincarem, depois que eles se conheceram

tínhamos que trazê-los para nossos encontros, pois eles eram “namorados”.

Adônis e Afrodite, que clichê.

— Uau, ainda não me acostumei com essa visão sua usando a minha camisa no meio da cozinha. É muito sexy.

Sorri e coloquei a xícara em cima da pia, indo até o Gustavo.

— Bom dia — falei, dando um selinho nele.

— Bom dia, deusa. Acordou cedo hoje, o que houve?

— Esse dois não paravam de latir, você não ouviu?

— Não mesmo — falou, e eu sorri.

— Você tem o sono muito pesado, Gustavo. Já pensou se fosse algum ladrão?

— A possibilidade de um ladrão entrar neste prédio é bem baixa, não acha?

— Besta — falei, e ganhei outro selinho. — Que horas vamos sair?

— Dentro de uma hora, não precisamos chegar tão cedo.

— Estou ansiosa para te ver correr novamente.

— Está, é? — Colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sim, a última vez foi em Nova Iorque, gostei do esporte, apesar de ter ficado com o coração na mão.

— Ficou preocupada comigo, foi?

— Claro que não! Por que eu ficaria?

Gustavo agarrou minha cintura e me puxou para perto dele.

Estava usando apenas uma calça de moletom, então aproveitei para correr as unhas em seu peito.

— Não provoque, Marcela...

— Por quê? Seria muito ruim?

— Marcela...

Ele me beijou, prensando minhas costas no balcão que dividia sala e cozinha. Ouvi a campainha tocar.

— Gustavo... — falei, tentando fazer com que ele me soltasse, mas estava impossível. — A campainha...

— Foda-se a campainha.

Ele me pegou no colo, me fazendo ficar sentada em cima do balcão e voltou a me beijar. Seus lábios famintos, sua língua possessiva, seu gosto, tudo me deixava inebriada e completamente rendida.

— *Gustavo Simmons, eu sei que você está em casa, pode abrir essa porta, já!*

Ele se afastou de mim rapidamente e olhou a porta.

— Merda!

— Quem é? — perguntei, descendo do balcão.

— Minha mãe — respondeu, e foi abrir a porta, enquanto eu arregalei os olhos.

— Sua mãe?

— Fica tranquila, ela é um amor de pessoa!

— Claro, como se fosse normal ela encontrar a secretária do filho dela na casa dele, usando uma camisa dele, em pleno sábado de manhã!

Ele se virou para mim e piscou, abrindo a porta em seguida.

— Finalmente, eu vi seu carro na garagem e o porteiro disse que você estava em casa, por que demorou tanto para me atender e...

Dona Pillar Simmons parou de falar no instante que me viu, abri um sorriso amarelo e respirei fundo.

— Bom dia — falei.

— Bom dia, que surpresa! — falou, olhando de mim para o filho.

— Mãe, essa é Marcela, ela é minha ...

— Secretária — completei.

Ela me encarou com um olhar questionador e me olhou de cima a baixo.

— O jeito que as secretárias trabalham está diferente hoje em dia, não é?

Senti meu rosto esquentar.

— Mãe, quer um café? — Gustavo perguntou, colocando as mãos nos ombros da mãe e a levando para a cozinha.

— Eu vou trocar de roupa! — avisei, e corri para o quarto, encostando as costas na porta, assim que a fechei.

Jesus, o que foi aquilo? Meu coração estava acelerado e eu respirava fundo para acalmá-lo.

Fui até a minha bolsa e peguei a roupa que tinha separado para usar, me vesti e fui até o banheiro. Lavei o rosto e passei um hidratante no rosto, mas eu não deveria ter feito isso, no instante que senti o cheiro do creme, me estômago embrulhou e eu corri para o vaso, vomitando o que havia comido no dia anterior.

Dei descarga e fui para pia, lavei o rosto e a boca, e escovei os dentes. Me olhei pelo espelho e tentei entender

o motivo de ter ficado enjoada de repente, eu não adoecia fácil, muito menos enjoava com cheiro de comida ou de produtos.

Fechei os olhos e balancei a cabeça, deixei o hidratante de lado e fui terminar de me arrumar, afinal, a mãe do Gustavo ainda estava lá fora.

Saí do quarto e encontrei o Gustavo e a mãe rindo, sorri ao observá-los.

— Você está aí, querida! — dona Pillar disse ao me ver.

— Não queria atrapalhar vocês — falei.

— Marcela, fica aqui conversando com a minha mãe, vou me trocar *pra* gente poder sair.

Ele deu um beijo na testa da mãe e, ao passar por mim, beijou minha bochecha.

— Está linda!

E nos deixou sozinha.



— Sente-se aqui, Marcela, vamos conversar um pouco.

Ocupei o lugar em que o Gustavo estava e olhei para ela.

— Você é muito bonita — ela disse, e eu sorri.

— Obrigada.

— Me desculpe por mais cedo, é a primeira vez que eu chego *na* casa do meu filho e me deparo com uma mulher junto com ele.

— Não precisa se desculpar, eu entendo.

— Mas é claro que preciso. — Pillar sorriu e segurou minha mão. — Acho que nunca vi meu filho sorrindo tanto, o Gustavo está com uma expressão mais alegre, parece outra pessoa, até. Eu fico feliz que ele esteja assim, tudo que uma mãe quer é ver seu filho feliz.

— Eu sei disso.

— Você parece ser a pessoa correta para isso, Marcela.

— Dona Pillar, eu...

— Eu só espero que você faça meu filho feliz, o Gustavo não se envolve com ninguém há anos, ele é um homem maravilhoso e eu digo não só porque é meu filho, mas por tudo aquilo que ele construiu ao longo dos anos. Se ele acha que você é a mulher certa para a vida dele, eu preciso apoiá-lo. Só peço que não machuque o coração do meu filho.

Engoli em seco, e olhei para nossas mãos juntas.

— O Gustavo e eu somos uma incógnita ainda.

— Ele parece estar bem certo do que quer, mas se você tem dúvidas, eu entendo, só peço que não o machuque. Sabe sexto sentido de mãe? Então, eu tenho a impressão de que você vai ser a maior felicidade do meu filho, mas também será a causa da sua destruição por completo.

Ela não estava errada.

— Me prometa que pode fazer o meu filho feliz, e eu ficarei tranquila.

— Eu...

— Estou pronto! Quer uma carona, mãe? — Gustavo perguntou ao aparecer na sala.

— Não precisa, eu vim de carro e você disse que vão sair, não quero atrasar o passeio de vocês. Um beijo, querido.

Ela beijou e abraçou o filho e em seguida fez o mesmo comigo.

— Marcela, irei marcar um jantar para que você e o Gustavo possam ir, quero meus dois filhos com seus namorados, para fazermos uma refeição em família.

Abri a boca para negar, mas o Gustavo foi mais rápido e respondeu no meu lugar.

— Vamos marcar isso depois, mãe.

— Certo, certo. Até mais, querida. — Veio até mim e me deu um beijo. — Esperarei ansiosa para o nosso

próximo encontro.

Gustavo foi abrir a porta para a mãe e eu fiquei parada no mesmo lugar, pensando em tudo que ela havia me dito.

— O que você disse para a sua mãe? — perguntei, quando ele voltou e parou na minha frente.

— Nada de mais.

— Nada de mais?

— Sim, vamos? Vou pegar os capacetes.

Assenti e ele me deu um selinho. Respirei fundo e fechei os olhos.

Estava cada vez mais difícil me manter indiferente aos meus sentimentos.



Chegamos à pista e Gustavo entrelaçou a mão na minha, enquanto íamos para onde a multidão estava. Esse gesto era comum quando estávamos andando, acontecia naturalmente e quando víamos não tinha motivo para soltar.

— O Rômulo e a Ariella estão logo ali, tudo bem para você, se formos até lá?

— Tudo bem, não é como se eles não soubessem o que rola entre a gente — falei, e ele piscou para mim.

— Vamos.

Ariella ainda estava com o braço enfaixado por conta da surra que levou no mês passado, mas já estava bem melhor, os cortes e machucados em seu rosto estavam quase imperceptíveis. Gustavo me contou que ela não quis denunciar, ela disse que queria pegar as pessoas que fizeram isso, mas primeiro precisava descobrir o motivo da pasta que foi roubada ser tão importante.

Gustavo mostrou a ela todas as comparações dos desenhos que havia no arquivo da empresa e do desenho contido na pasta, e disse que iria investigar para saber se havia algum outro desenho alterado. Como ela estava afastada do trabalho, não havia tido tempo de fazer isso, ainda.

— Olha, se não é o nosso casal 20 — Rômulo disse, tirando os óculos e piscando para mim.

— Não podemos dizer que eles são um casal, Rômulo. Como ficaria a reputação do senhor Gustavo Simmons? — Ariella debochou.

— Podem parar, vocês dois — Gustavo falou, e eu revirei os olhos.

— Como vai, deusa? — Rômulo me perguntou.

Infelizmente o apelido pegou, pois ele ouviu o Gustavo me chamando assim outro dia.

— Vou bem e vocês? — dirigi à pergunta aos dois.

— Eu estou muito melhor agora que você chegou, meu bem — Rômulo respondeu, e beijou o dorso da minha mão.

— Um soco não está a fim de levar, não é? — Gustavo perguntou.

— Como se você não soubesse que ele faz isso para te provocar — a ruiva disse, e retirou os óculos escuros. — Afinal, está na cara que a Marcela está caidinha pelo chefe.

— Parece que não sou apenas eu — alfinetei, e a ruiva sorriu.

— Não se preocupe, querida, eu conheço bem o parque de diversões que você frequenta.

Impulsionei-me para frente, mas o Gustavo segurou meu braço e o Rômulo entrou na minha frente.

— Por mais que eu ache sexy duas mulheres brigando, não vamos dar assunto para as pessoas —

Rômulo disse. — Vamos procurar seu irmão, ruiva. A gente se vê no final da corrida, Gustavo.

E ele saiu junto com a Ariella, que não deixou de me lançar um olhar ameaçador. Definitivamente o nosso santo não batia.

— Você e a Ariella precisam aprender a se dar bem.

Gustavo me abraçou por trás e eu encostei a cabeça em seu ombro.

— Apenas em outra vida, acredite, nosso santo não bate.

— Uma hora vai ter que bater, sabe disso, não é?

Fiquei calada, eu sabia o que ele estava querendo dizer. Um frio subiu pela minha barriga e eu respirei fundo, tentaria a todo custo adiar o pedido que ele queria fazer.

Eu não me tornaria namorada de Gustavo Simmons.







Depois da corrida, levei a Marcela para casa, ela insistiu que não queria dormir no meu apartamento de novo, porque estava ficando mal acostumada a acordar ao meu lado todos os dias.

Eu não reclamava, gostava do rumo que nosso relacionamento estava tomando, gostava de estar com ela, de acordar ao lado dela, de observá-la dormir.

O último mês foi surpreendente, na verdade, mais que surpreendente, foi um mês de descobertas e aprendizados. Passei os dias me segurando para não a pedir em namoro logo, pois eu queria fazer algo especial, algo que ficasse marcado em nossas memórias. contei

isso à minha mãe e ela ficou feliz, dizendo que o maior desejo dela era ver os filhos felizes, e se a Marcela me fazia feliz, eu tinha o seu apoio incondicional.

Cheguei em casa e me joguei no sofá, já sendo recebido pelo Adônis e pela Afrodite, que ficaram latindo nos meus pés. Eu sabia que eles queriam comida, então me levantei e fui colocar ração para eles. Marcela e eu decidimos fazer uma guarda compartilhada dos cães, ou seja, um fim de semana comigo, outro fim de semana com ela. Já que esses dois decidiram “namorar” depois que se conheceram.

— Amanhã vamos levar vocês para passear, não fiquem afobados.

Fiz carinho na cabeça dos dois e me levantei, conferi a hora no relógio de pulso e resolvi tomar um banho, eu estava cansado nos últimos dias.

A obra do hotel havia começado há cerca de vinte dias e apesar de ser o arquiteto, parecia que eu era o

engenheiro.

Entrei debaixo do chuveiro e deixei a água quente escorrer pelo meu corpo, sentindo os músculos relaxando. Fechei os olhos e deixei que a água levasse embora o cansaço dos últimos dias.

Eu precisava de férias, apenas isso.

Sorri ao me lembrar das inúmeras vezes em que dividi esse box com a Marcela, nossas brincadeiras, risadas, o companheirismo que nasceu em pouco tempo. Eu não tinha dúvidas sobre o meu pedido e a minha decisão, queria ficar com ela a qualquer custo, sem precisar esconder dos outros a nossa relação.

Desliguei o registro e enrolei a toalha na cintura, saindo do box e parando em frente ao espelho, passei as mãos no cabelo, penteando com os dedos e depois passei a mão na barba, me perguntando se deveria tirá-la ou não. Olhei para o balcão da pia e sorri ao ver alguns produtos da Marcela organizados ali.

Para algumas pessoas poderíamos dizer que foi precipitado todo o nosso relacionamento, mesmo que não estivéssemos namorando oficialmente, mas pareceu tão natural como as coisas começaram a andar, eu não tinha do que reclamar, ela era tudo que faltava na minha vida, meu alívio em dias de estresses, a mulher que me escutava quando eu queria desabafar, ela me fazia sorrir em dias tristes.

Resistir foi impossível, eu havia me apaixonado completamente por ela e eu duvidava que esse sentimento pudesse ser mudado.

Espalhei o creme de barbear no rosto, em seguida peguei o barbeador e comecei o processo, sorrindo enquanto pensava na mulher que havia mudado minha vida.



Terminei de vestir a camisa polo, arrumei a gola e conferi se não havia me esquecido de nada. Conferi a hora no relógio de pulso e fui atrás da minha carteira e da chave do carro, coloquei tudo no bolso e, quando estava saindo do carro, meu celular tocou, pensei ser a Marcela, mas sorri ao ver o nome da Ariella no visor.

— Boa tarde, ruiva, como você está?

— *Entediada, e você?*

— Me arrumando para sair com a Marcela — falei, saindo do quarto e fechando a porta.

— *Você realmente está namorando a sua secretária, incrível!* — murmurou.

— Não estamos namorando, ainda — expliquei.

— *Você é inacreditável, Gustavo* — disse, e riu em seguida, mas foi muito rápido. — *Não confio nela, você sabe disso.*

— Você realmente está bem? — perguntei, mudando de assunto.

Não era a primeira vez que ela me dizia que não confiava na Marcela, pensei que pudesse ser ciúme de amiga, mas não parecia ser apenas isso. Ariella agia como se soubesse de algo, mas nunca me falava o que era.

— *Sim, não sinto mais dor em lugar nenhum e parei de tomar os antibióticos, te disse isso, na semana passada* — apontou.

— Mesmo assim, ainda estou preocupado com você.

— *Não precisa se preocupar, eu estou bem. Inclusive, volto ao trabalho amanhã.*

— Quero que tenha cuidado, Ariella. Sei que você quer investigar isso, mas é perigoso.

— *Não basta o Rômulo me falando para tomar cuidado, você também vem com esse assunto.*

— Ele não está errado e você sabe disso.

— *Sim, eu sei, mas sei o que estou fazendo.*

— Nós não sabemos o que estamos fazendo, Ariella. Estou realmente preocupado, por conta daquela pasta, você levou uma surra e eu fui assaltado. Tem alguma coisa que não querem que descubramos.

— *Eu sei disso e prometo tomar cuidado a partir de agora, mas não me peça para parar, não conseguirei fazer isso depois de descobrir tanta coisa.*

— Só quero descobrir quem faria isso para prejudicar a empresa. — Me sentei no sofá e respirei fundo.

— *Sério que você não desconfia de ninguém, ninguém mesmo?*

— Meu pai não faria isso — falei, ele poderia não ser o melhor pai, mas ele não roubaria a própria empresa.

— *Não consigo pensar em outra pessoa, Gustavo.*

— Me recuso a acreditar nisso — falei, convicto.



— *Não te culpo, apesar de tudo, ele é o seu pai.* —  
Ouvi-a suspirar. — *Eu vou desligar, o Rômulo ficou de  
passar aqui mais tarde.*

— Certo. Vocês dois parecem estar bem mais  
próximos nesse último mês — comentei, sorrindo.

— *Ele se preocupou muito comigo, está mais  
preocupado que você, com a minha segurança.*

— Você sabe que ele gosta de você, certo? —  
questionei.

— *Gustavo...*

— Não adianta nada negar, Ariella, você sabe disso  
tão bem quanto eu. Quero saber se já rolou algo entre  
vocês.

— *Se tiver rolado, você ficaria mal?*

— Pelo contrário, eu ficaria feliz, acho que vocês  
combinam muito como casal.

— *Eu cansei desse assunto, estou desligando, beijos e tchau.*

Ariella encerrou a chamada e eu dei um meio sorriso, jogando o celular em cima do sofá. A campainha tocou em seguida e eu me levantei para atender. Ao abrir a porta, vi a Marcela, me recebendo com um sorriso lindo.

— Que sorriso é esse? — perguntou, se aproximando e me dando um selinho. — Felicidade ao me ver?

— Sempre fico feliz quando vejo você.

Dei mais um beijo nela e a puxei para dentro.

— Onde estão os meninos? — perguntou, mas nem precisei responder.

Afrodite e Adônis vieram correndo até a Marcela, que se abaixou e começou a fazer carinho na cabeça deles.

— Oi, meus amores! Como vocês estão? Animados para passear?

Encostei-me à parede e sorri ao ver a interação entre eles, principalmente do Adônis, que sentia falta da dona, pois havia ficado essa semana comigo, mas ele não queria largar a Afrodite, por nada.

— O que foi? — ela perguntou, sorrindo.

— Incrível como a cada dia que passa você fica ainda mais linda, como é possível?

Ela se levantou e veio até mim, ergueu os braços e segurou em meu pescoço.

— Você só está me bajulando, pode falar a verdade.

Virei-me com ela e encostei suas costas contra a parede

— Você é linda e sabe disso, não tem um momento sequer que eu não consiga parar de pensar em você.

— Por que tirou a barba? — perguntou, e levou as mãos até meu rosto.

— Gostava dela?

— Gostava, agora está parecendo um bebê.

Acabei rindo e aproximei meu rosto do dela.

— Ela vai crescer de novo, não se preocupe. —

Pisquei para ela e roubei um selinho, me afastando.

— Ei!

— Vamos colocar as coleiras nos cachorros, se quisermos sair antes do sol se pôr — falei, indo para a área de serviço.

— Idiota!

— Eu ouvi isso! — gritei, e sorri em seguida.

Eu não podia querer vida melhor, com toda a certeza.



Tranquei o carro e guardei as chaves no bolso.

— Quer só andar em volta? — questionei.

— Sim, é só para eles fazerem exercícios —  
Marcela explicou.

— Então, vamos.

Segurei sua mão, entrelaçando nossos dedos e ela me encarou, como um sinal de interrogação na testa.

— O que foi? — perguntei.

— Por que isso agora?

— Acho que seria legal — falei, e apertei a mão dela.

— Gustavo, eu não sei se...

— Gustavo, que surpresa te encontrar aqui!

Olhei para frente e vi minha irmã e o namorado dela.

— Mariana e Afonso, que surpresa!

No mesmo instante, a Marcela soltou a mão da minha e eu olhei para ela, mas seu semblante era de puro pavor, e sua pele estava pálida.

— Marcela, o que houve? — Segurei sua mão e senti como se houvesse gelo em seus dedos. — Marcela, o

que está aconteciendo?





Eu tinha perdido o controle de todos os movimentos do meu corpo, minha mente tentava criar uma rota de fuga, mas nada daria certo.

Afonso e Marcela disfarçaram bem o espanto ao me virem com o Gustavo, mas podia ler a pergunta em seus olhos e podia sentir que as ameaças sofridas no último mês se tornariam reais.

— Que coincidência esse encontro — Afonso disse.

— Verdade. — Mariana sorriu e olhou para mim. — Não vai apresentar sua amiga, Gustavo?

— Mariana, essa é a Marcela, minha...



— Secretária — falei de uma vez, impedindo que ele falasse outra coisa.

— Secretária, que interessante.

— Sim, mas vocês já se conheciam, aquele dia que você foi até lá — Gustavo disse.

— Verdade — Mariana disse, sorrindo. — Tenho uma memória um pouco ruim.

— O que fazem aqui? — Gustavo perguntou.

— Nós estávamos passeando, curtindo o fim de tarde. E vocês?

A pergunta da Mariana foi feita diretamente para mim.

— Nós...

— Nos encontramos por acaso — falei, sorrindo e torcendo para o sorriso ser verdadeiro e não de medo. — Vim trazer meu cachorro para passear e encontrei o meu chefe aqui, pura coincidência.

— Marcela... — Ele segurou minha mão, mas me afastei dele.

— Eu tenho que ir agora, foi muito bom conhecer vocês dois — falei para o Afonso e a Mariana. — Nos vemos amanhã no escritório, chefe.

Peguei o Adônis no colo, dei meia volta e saí correndo.

Quando estava distante o suficiente, me sentei em um banco, coloquei o Adônis ao meu lado e deixei as lágrimas caírem.

O que tinha acabado de acontecer?

Eu estava ferrada, muito ferrada.

Cobri o rosto com as mãos e chorei ainda mais, não estava nem um pouco preocupada com o que as pessoas pensariam, eu só precisava colocar para fora toda a tensão que havia explodido há pouco.

*Marcela, aonde você foi se meter?*

Meu celular tocou e eu me assustei, sentindo o coração disparar. Peguei o aparelho e vi o nome do Gustavo na tela, ignorei a chamada e guardei o aparelho dentro da bolsa.

— Vamos, Adônis, vamos para casa.

Ele latiu e se aconchegou em meus pés, inclinei o tronco e fiz carinho em seus pelos.

— Vou ficar bem, prometo.

*Ou pelo menos eu ia tentar ficar bem.*



Coloquei o miojo no meu prato e sentei para comer, mas eu não tinha nem um pouco de fome.

Não sabia que ignorar uma pessoa podia ser tão difícil, a tela do meu celular se acendeu novamente eu vi outra ligação do Gustavo. Encarei o prato e comecei a

comer, mas foi engolir a comida que eu senti uma vontade de vomitar, me levantei correndo e quase não consegui chegar ao banheiro.

Dei descarga no vaso e me apoiei na bancada da pia.

O que estava acontecendo comigo? Eu não era de enjoar fácil das coisas, simplesmente não era.

Olhei através do reflexo do espelho, meus olhos foram para a minha barriga e como se um fosse um filme, várias cenas se passaram rapidamente na minha cabeça. Há mais de um mês eu não menstruava e eu era completamente certa.

Os enjoos, que havia sentido no dia anterior e agora, a primeira vez que dormi com o Gustavo e não usamos preservativo, o inchaço que eu sentia no meu corpo.

— Não, não, não — murmurei para mim mesma.

Saí do banheiro e fui atrás do meu celular, procurei o contato da Emilly e liguei para ela, mas chamou até cair na

caixa postal. Tentei novamente e nada. Peguei minhas coisas e fui até o apartamento dela, onde toquei a campainha várias vezes, até a porta ser aberta pelo Antônio.

— Marcela? — questionou.

— Antônio? Me desculpe, eu não sabia que você estava aqui, eu preciso falar com a Emilly, ela está? — perguntei, desesperada.

— Marcela, o que houve? — Minha amiga apareceu na porta e notei seu olhar preocupado, mas também notei que ela estava chorando.

— Eu preciso da sua ajuda, é urgente, por favor — pedi.

— Claro. — Ela se virou para o Antônio. — Eu vou ajudar a Marcela.

— Sim, eu já vou embora. Só pegar minhas coisas.

Ela ficou parada e observei-o entrar no apartamento e voltar em seguida, com o terno dobrado no braço.

— Nos vemos depois — falou para ela, que apenas assentiu e percebi a hesitação dele em beijar a testa dela, até que ele se afastou e me olhou. — Melhoras, Marcela.

— Obrigada — agradei, e ele nos deixou sozinha.

Emilly respirou fundo e me aproximei dela.

— O que aconteceu? — questionei.

— Não quero falar sobre isso agora. Do que você precisa?



Eu andava de um lado para o outro, o nervosismo me consumia e eu tentava a todo custo me controlar e pensar em diversas causas para que minha menstruação estivesse atrasada, poderia ser o estresse, o medo, mas não podia ser gravidez, em hipótese nenhuma.

A campainha tocou e eu corri para atender, a Emily havia sido rápida na compra do teste, foi o que pensei enquanto ia até a porta, mas não foi ela que eu encontrei no momento que abri a porta.

— Afonso — falei seu nome em um sussurro, e dei dois passos para trás.

— Marcela, estava esperando outra pessoa? — perguntou, entrando.

— Nã... Não... O que você está fazendo aqui?

— Eu precisava ver pessoalmente como as coisas estão andando, você parecia bem desocupada no seu passeio com o Gustavo.

— Que passeio, nós nos encontramos por acaso e...

— Bati as costas no encosto do sofá e o Afonso se aproximou mais.

— Acha mesmo que a Mariana e eu acreditamos nessa sua desculpa esfarrapada?

— Não é desculpa, é apenas...

— Marcela, Marcela...

Afonso se aproximou tanto de mim que seus dedos tocaram meu rosto, traçando todo o contorno dele.

— Você acha que nós somos burros? Ou que não sabemos o que você faz?

— Eu posso...

— Calada! — falou, apertando meu queixo. — Você se distraiu, Marcela, perdeu o foco, você não agiu conforme todos os seus clientes se gabavam, você não foi nem um pouco profissional. Nós pedimos relatórios, atualizações sobre como estava a investigação, e o que você fez durante a última semana? Você simplesmente inventou as desculpas mais toscas para dizer que não tinha nada pronto.

— Eu não menti, eu...

Ele apertou minha garganta e eu arregalei os olhos.

— Nós já esperamos demais, Marcela. Você tem dois dias, contando a partir de hoje, para entregar o dossiê



que incrimina o Gustavo nas mãos da polícia ou eu mesmo acabo com você. Nós não iremos avisar mais.

Então ele me soltou e eu comecei a tossir, enquanto buscava o ar.

— Mas não está pronto — falei, rouca, e ele jogou um *pen drive* no chão.

— Isso deve ser mais que o suficiente para colocar aquele homem na cadeia.

Então ele se afastou, mas voltou a me olhar.

— E termine com o Gustavo, acho que você sabe muito bem o que pode acontecer se não terminar com ele.

— Nós não...

— Chega de negar, nós sabemos que vocês estão juntos, sabemos que começou antes da viagem para o Estados Unidos, nós sabemos de tudo.

— Vocês mandaram alguém me seguir?

— Tire suas próprias conclusões a respeito disso, até amanhã à noite espero receber uma ligação da

Mariana, contando como o irmão está arruinado após o término.

— Vocês são uns monstros — falei.

— Você ainda não viu nada, tente fazer algo diferente do que estamos ordenando, para descobrir do que somos capazes.

Então ele deixou a sala e eu me sentei no chão, abraçando minhas pernas.

*Deus, o que eu vou fazer?*

Eu sabia que tinha que terminar com o Gustavo, que tinha que concluir o dossiê, mas não conseguia fazer nenhuma das duas coisas.

Nos últimos dias eu pensei tanto sobre isso, sobre o Gustavo ser inocente, no motivo que levaria Mariana a desconfiar do próprio irmão e não do pai, do Afonso incentivar a prosseguir com essa história.

Sequei algumas lágrimas que escorreram pelo meu rosto e me levantei, eu precisava fazer alguma coisa. Eu

não podia entregar uma pessoa inocente para a justiça.

— Por que a porta estava aberta? — Emilyly perguntou, e eu olhei para ela.

— Eu esqueci — falei.

Ela se aproximou de mim e me analisou.

— Estava chorando?

— Estou com medo — falei, e não deixava de ser verdade.

— Vai dar tudo certo, você vai ver. Aqui, comprei logo três testes, são todos confiáveis.

Ela me entregou uma sacola com os testes de gravidez e eu a abracei.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer, vai lá fazer, enquanto eu preparo um chá para você.

Assenti e fui para o banheiro.

Em toda a minha vida, nunca tinha pensando que a primeira vez em que eu faria um teste de gravidez, seria

em um momento de medo e com uma falsa esperança de que desse negativo.

Eu nunca tinha sonhado com a maternidade, nunca tinha sonhado que eu poderia ser mãe, mas quando existe a possibilidade parece que brota dentro de você um instinto protetor por conta de um bebê que ainda nem nasceu, eu faria qualquer coisa para protegê-lo, qualquer coisa, mesmo.

Os minutos nunca pareceram tão longos, eu andava de um lado para o outro e apertava uma mão na outra a todo momento. Quando o tempo de espera acabou e eu olhei o resultado do primeiro teste, não acreditei. Peguei o segundo e havia o mesmo resultado e no terceiro também.

Fechei os olhos, mas isso não impediu as lágrimas de caírem. Apenas uma palavra piscava na minha mente.

*Positivo.*





A Marcela passou o dia me evitando, eu tinha certeza disso. A cada vez que eu ia pedir para conversarmos sobre o que aconteceu no dia anterior, ela inventava alguma desculpa e desaparecia ou, então, parecia que havia combinado com alguém para aparecer a cada vez que eu me aproximava dela.

Ela agiu muito estranho, eu não iria apresentá-la como namorada, eu queria fazer o pedido primeiro, ia dizer que ela era uma amiga e que estávamos passeando juntos, mas ela pareceu tão nervosa ao ver minha irmã e o Afonso, que me fez pensar que ela estava fugindo deles.

Eu tinha acabado de chegar da construção do hotel, a estrutura estava sendo erguida a todo vapor e eu contava os dias para que ficasse pronta. O projeto, em termos teóricos, nos dava uma margem de nove meses para que tudo ficasse pronto, mas como na prática as coisas aconteciam de maneira diferente, tínhamos uma margem de erro de três meses para mais, ou seja, o hotel seria finalizado apenas daqui a um ano.

A porta do meu escritório se abriu e o Rômulo entrou, com vários papéis nas mãos.

— O que foi? — perguntei.

— Tem alguma coisa errada aqui, você sabe que sempre fui muito cauteloso com os cálculos para obras, mas claramente eu não me lembro de ter feito os cálculos assim.

Ele veio até a minha mesa e me entregou a pasta, analisei os cálculos e franzi o cenho, eu podia não entender muito de engenharia, mas da última vez que o

Rômulo havia me mostrado os cálculos do projeto arquitetônico, eles eram outros.

— Tem certeza de você não fez isso? — perguntei, apenas para ter certeza, pois eu sabia que ele não tinha alterado os cálculos.

— Claro que eu tenho, eu te mostrei as contas!

— Eu sei.

Joguei a pasta em cima da mesa e passei as mãos no rosto, me lembrando das plantas alteradas que estavam na pasta que foi roubada de mim.

Eu andava muito frustrado com tudo que estava acontecendo nos últimos dias, alteração de plantas, o prazo que meu pai havia me dado para ceder a presidência para ele, o namoro da minha irmã, A Ariella se arriscando para descobrir algo a mais na imobiliária e agora meu relacionamento com a Marcela. Eu não sabia mais o que pensar ou qual situação entender primeiro.



— Eu estou cansado, Rômulo. Cansado de lidar com tudo isso, com prazos, com minha vida. Só queria um descanso.

— Eu tenho um pouco menos de problemas que você, mas me sinto cansado também.

— Você me ligou ontem, dizendo que estava com problemas — falei.

— Sim, eu estava, mas você parecia com mais, só que agora, independente da nossa vida amorosa, temos um caso de fraude dentro da empresa. E precisamos fazer algo a respeito.

— Eu sei disso, mas está cada vez mais difícil pensar em alguma coisa — desabafei. — Só queria que todos os problemas sumissem.

— Eu também.

O silêncio permaneceu por alguns segundos no ambiente, até nossos celulares tocarem ao mesmo tempo. Olhamos um para o outro e pegamos nossos aparelhos.

— Ariella — falamos ao mesmo tempo.

Ela ligava de uma chamada de vídeo feita pelo *WhatsApp*. Atendi a ligação e o Rômulo veio para perto de mim.

— *Vocês dois estão juntos, que bom — falou, e pelo local que ela estava, podia jurar que era alguma cafeteria.*

— O que aconteceu? — questionei.

— *Preciso que vocês venham para cá, eu descobri uma coisa e ainda não consigo acreditar.*

— O que você descobriu? — Rômulo questionou.

— *Venham para cá, não é seguro contar por telefone, vou mandar o endereço do local onde estou para o celular de vocês, beijos.*

Ela encerrou a chamada e eu olhei para o meu amigo, que tinha várias perguntas estampadas no rosto.

— Vamos até ela — anunciei.

— Vamos.

Levantei e fechei meu terno, a porta foi aberta em seguida e a Marcela entrou, com algumas pastas nas mãos.

— Não sabiam que estavam aqui — falou, e deu meia volta. — Volto depois.

— Marcela, pode parar aí — pedi, e ela parou, mas não se virou para me olhar, me virei para o Rômulo. — Vai na frente, eu preciso resolver uma coisa.

— Certo — concordou, e deixou a sala, fechando a porta em seguida.

— Venha até aqui, Marcela — a chamei.

Demorou um pouco até ela se virar e caminhar até a mesa, colocando as pastas ali e assumindo uma postura profissional.

— Sobre o que aconteceu ontem... — comecei, mas ela me interrompeu.

— Estamos em um ambiente de trabalho, não acredito que seja o melhor momento para que possamos

falar sobre o assunto.

Ela disse tudo isso olhando para frente, como se fosse um robô e não a secretária afetuosa que sempre foi. Caminhei até ela e fiz olhar para mim.

— O que está acontecendo, Marcela?

— Não está acontecendo nada, só não acho que devêssemos falar sobre o nosso caso aqui e...

— Caso? — questionei, incrédulo. — É isso que eu sou para você? Um caso?

Pela primeira vez, desde que iniciamos a conversa, ela me encarou.

— Sim, um caso. E pensei que eu fosse isso para você também.

— Você não pode estar falando sério, não é? Você está brincando comigo, Marcela! Você sabe muito bem que para mim você nunca foi um caso, desde o início!

Segurei seus ombros e vi seus olhos marejarem.

— Pois eu deveria ser, você não é claramente conhecido por ter fama de se apaixonar.

— O que está acontecendo com você?

— Você pode me soltar, por favor? Está me machucando.

Soltei seus ombros e me virei de costas para ela, tentando entender o que estava acontecendo.

— Acho melhor nós dois terminarmos — falou, e me virei para ela.

— O que disse?

— Eu percebi que nosso caso já foi longe demais, Gustavo, não quero estender isso por mais tempo, nós dois não precisamos disso.

— Isso tudo é porque encontrou com a minha irmã, ontem, no parque? Não faz sentido, Marcela...

— Já era algo que eu deveria ter feito há muito tempo. Não tem nada a ver com a sua irmã, tem a ver comigo e com você. Então, eu vou falar pausadamente

para que fique bem claro: nós não podemos mais ficar juntos, eu não quero mais nada com você. Acabou.

Vi o momento que uma lágrima solitária escorreu pelo seu rosto, mas ela logo a secou, tentando manter a pose de mulher durona.

— Por que isso? — questionei.

— Porque nunca daríamos certo, nunca. Você sabe disso, e sabe que eu não queria esse relacionamento desde o início, sabe quantas vezes eu te disse que isso não era *pra* acontecer!

— Sim, eu sei, deveria ter te escutado, mas até para alertas, eu sou teimoso, mas eu quero uma explicação sobre isso e não suposições! Nós dois estávamos bem ontem! O que aconteceu de diferente?

— Eu não posso simplesmente querer terminar? Largar você? Gustavo, esse caso já durou mais do que deveria, já era para ter acabado. Eu sabia desde o início que nosso relacionamento tinha prazo de validade e agora

é hora de terminar de uma vez, porque tudo que acontecer daqui *pra* frente, só vai servir para magoar você mais ainda.

— É só isso que você tem para me dizer? —  
questionei, me perguntando o porquê de tudo isso, tentando encontrar algum motivo plausível, mas nada me vinha na cabeça.

— Sim, não quero ter mais nada a ver com a sua vida, não quero ser sua namorada, amante, peguete, nada. Apenas sua secretária e por tempo determinado também, pois eu estou pedindo demissão.

— Como é?

— Não quero mais trabalhar aqui, vai ser o melhor a ser feito.

Assenti, me sentindo perdido e sem saber o que fazer.

— Certo, eu não posso te obrigar a ficar com o cargo, a ficar comigo, tudo que preciso fazer é aceitar.

Virei-me para ir embora, mas parei antes de abrir a porta e apoiei as mãos na madeira, sentindo a textura fria contra a pele e respirando fundo para me acalmar.

— Eu pensei que você era diferente das outras, mas pelo jeito, não. E pensar que eu estava quase me apaixonando por você.

Sequei uma lágrima que insistiu em cair dos meus olhos, abri a porta e saí, batendo-a em seguida. Caminhei para o elevador e apertei o botão da garagem.

Eu sentia minha garganta apertar, afrouxei a gravata e me encarei pelo reflexo do espelho. Como ela disse, era apenas um caso, mas por que estava doendo tanto dentro de mim?



Marcela

No instante que a porta bateu, eu desabei, as lágrimas escorreram livremente pelo meu rosto e eu caí no chão.

Xinguei-me de todos os nomes possíveis por não ser tão forte quanto pensei que era, por ceder tão facilmente às ameaças que o Afonso fez, por não pensar na minha felicidade em primeiro lugar.

Nessas horas, o medo era nosso pior inimigo, mas eu precisava ser racional, se eles descobrissem que eu estava grávida, ameaçariam a vida do meu filho e eu não podia arriscar até esse ponto.

Cada palavra dita pelo Gustavo foi como uma faca sendo cravada em meu coração, e todas as vezes que eu me lembrava delas, eu o sentia sangrar como nunca tinha sangrado antes.

— *Eu pensei que você era diferente das outras, mas pelo jeito, não era. E pensar que eu estava quase me apaixonando por você.*

— Ah, Gustavo, se você soubesse o quanto sou apaixonada por você, jamais diria essas palavras — murmurei, enquanto sentia o sabor salgado das minhas lágrimas, que não queriam parar de cair por nada neste mundo.

Levantei-me e caminhei devagar até a porta, parei ao segurar a maçaneta e olhei novamente o escritório.

— Acho que paixão é pouco para explicar o que sinto — falei. — Acho que amor seria o mais correto.

Sorri tristemente ao constatar o fato, pela primeira vez na vida eu havia me apaixonado, só que diferente dos livros que eu tanto lia, eu não teria um final feliz. Eu era a vilã e como tal eu precisava seguir meu caminho sozinha e sofrendo por tudo que fiz.





Dobrei minha carta de demissão e deixei em cima da minha mesa, guardei todas as minhas coisas ao mesmo tempo que me acabava de chorar. Como as coisas poderiam terminar assim? Como um sonho poderia virar um pesadelo tão rápido?

Enxuguei minhas lágrimas e respirei fundo. Ir embora era o correto a se fazer, a verdade viria à tona mais cedo ou mais tarde e seria melhor se eu estivesse bem longe. Mas antes, eu precisava fazer apenas uma coisa, precisava terminar o dossiê que revelava toda a verdade

sobre a corrupção que ocorria dentro da empresa. Só que diferente do que me foi pedido, eu entregaria o verdadeiro culpado.

Não era surpresa para ninguém que eu sempre desconfiei do pai do Gustavo e, no último mês, eu fiz de tudo para que ficasse provado que ele era o responsável por todos os roubos e fraudes.

Muito discretamente, fiz a instalação de um programa espião no computador do Roberto, e diariamente eu acompanhava tudo que ele fazia, desde e-mails trocados a arquivos modificados, descobri muita coisa nesse meio tempo, coisas que eu jamais podia imaginar. Inclusive, a fraude que havia no projeto do hotel. Projeto esse, em que se algo desse errado, a culpa cairia em quem projetou o hotel do início, Gustavo, e em quem fez os cálculos na base, Rômulo.

Infelizmente, antes que eu pudesse conseguir a cópia de todo o arquivo, meu programa foi removido do

computador do Roberto, o que significava que eu teria que ir até a sala dele procurar por essas informações, não era o método mais seguro, mas eu precisava disso para conseguir provar que ele era o responsável por tudo, do mesmo modo que ele era responsável pela fraude na planta da casa do Afonso, anos antes, e mandou que todas provas fossem destruídas, o que não aconteceu.

A imobiliária que foi responsável pela venda da casa guardou os desenhos alterados e esses desenhos estavam em minhas mãos, depois de duas pessoas terem se machucado por conta deles. Com esses desenhos alterados e os originais, poderíamos provar que a casa foi reformada de maneira errada.

Além do mais, nessa pasta estava a relação de materiais usados na construção, que indicava uma péssima qualidade, o que aumentava o risco de moradia. Esses papéis, o Gustavo não havia conseguido fotografar, mas

eles continham provas cruciais para incriminar os responsáveis pela obra na época, ou seja, ele.

A conversa que escutei do Roberto, logo depois que voltei de Nova Iorque, foi o empurrão que eu precisava para poder começar a investigá-lo, e eu havia coletado provas mais do que suficientes para comprovar que ele estava tentando incriminar o próprio filho.

Esse era um dos motivos de ele querer tanto a presidência de volta, ele sempre soube que o Gustavo iria relutar em entregar o cargo, quando tudo explodisse, usaria essa relutância para dizer que o filho queria mais tempo na empresa para continuar roubando e prejudicando a vida das pessoas.

Todas às vezes que ouvia o Roberto falar com tanto desprezo do filho, me dava um ódio, uma repulsa, que eu poderia matá-lo com minhas próprias mãos. Minha vontade era contar toda verdade ao Gustavo, mas não era possível. Imagine a dor de um filho ao saber que o pai quer vê-lo

pelas costas e passou anos cometendo crimes e tirando a vida de pessoas inocentes por pura ganância, e que se tudo viesse à tona o culpado seria ele mesmo?

Eu não podia fazer o Gustavo passar por isso, por esse e vários outros motivos, eu tive que terminar com ele, quando ele descobrisse a verdade sobre mim, sobre o que eu pretendia fazer, ele ia me odiar ainda mais. O mínimo que eu podia fazer naquele momento era entregar o Roberto para a polícia e acabar de vez com o plano de vingança do Afonso e Mariana contra o Gustavo, pois não tinha cabimento algum.

Olhei para a mesa mais uma vez, apenas para conferir se não havia esquecido nada e conferi a hora no relógio, era quase horário de almoço. O Roberto não deveria estar na empresa naquele instante, eu só precisava ir até a sala dele e pegar o arquivo alterado no computador, apenas isso.



A sala dele ficava no andar de baixo, pois a cobertura era ocupada pela sala presidencial e sala de reuniões. Peguei uma pasta qualquer e fui para o elevador.

Eu estava muito mais nervosa que antes, não sabia o motivo, mas precisava me acalmar, não era a primeira vez que eu fazia isso.

As portas do elevador se abriram e eu saí, indo direto para a mesa da secretária, que estava falando ao telefone. Para a minha sorte, ela sempre foi distraída.

— Simone! — chamei. — Sabe me dizer se o Sr. Roberto está na sala dele?

Ela apenas negou com a cabeça e não me deu moral, ergui a pasta indicando que precisava colocar isso na sala e ela assentiu.

Virei-me e caminhei para a sala dele, assim que entrei, fechei a porta e corri para o computador, que no instante em que mexi no mouse vi que estava bloqueado. Descobrir a senha dele não tinha sido difícil, era tão óbvio

que chegava a ser ridículo. Desbloqueei o computador e fui direto para os e-mails dele, copiando todos para o meu *pen drive*, pois ali havia a conversa de como seria feita a modificação nos cálculos no projeto do hotel.

Bloqueei o computador novamente e comecei a mexer na mesa e nas gavetas, buscando o documento alterado, mas eu não encontrava nada.

— Não é possível que ele já tenha levado esse documento embora — murmurei para mim mesma.

Conferi a hora e vi que não podia ficar ali por mais tempo, peguei minha bolsa e minhas coisas e me virei para sair, quando fiz isso a porta se abriu e o Roberto entrou, juntamente com mais dois homens, provavelmente engenheiros que trabalhavam na empresa, mas eu não conhecia nenhum de vista.

— Ora, ora, o que temos aqui — Roberto comentou, ao entrar e eu engoli em seco. — Posso saber o que faz aqui?

— Eu... eu...

Droga, odiava não ter a resposta na ponta da língua.

— Você? — insistiu.

— Vim entregar esses documentos, precisam da sua assinatura.

Ergui a pasta para que ele pudesse ver e fui até a mesa colocá-las ali.

— Eu preciso ir agora — falei, tentando passar por ele, mas sua mão agarrou meu braço, me fazendo parar.

— Eu ainda não descobri qual o seu objetivo, Marcela. Você parece ser certinha demais, perfeita demais, tem algo que não bate com tudo que você diz ser.

— Do que você está falando? — questionei, e ele me soltou.

— Eu ainda vou descobrir o que você está aprontando, a perfeição não existe, menina. Você não pode usar uma máscara para sempre.

Desviei o olhar dele e saí do escritório, só consegui respirar fundo quando entrei no elevador e apertei o botão do térreo. Faltava pouco, bem pouco para que tudo fosse parar nas mãos da polícia.

Gustavo

Fisicamente, eu estava ali, mas minha mente estava em outro lugar, eu queria desaparecer, queria esquecer um pouco minha vida e tudo o que aconteceu nos últimos meses. Mas do que adiantava tudo isso, se nada poderia apagar esse sentimento do meu coração?

Se eu pudesse voltar atrás e mudar o passado, não teria insistido tanto nesse relacionamento. Se eu pudesse mudar alguma coisa, seria isso, apenas assim eu conseguiria seguir minha vida.

Estacionei o carro e olhei para a cafeteria onde a Ariella e o Rômulo estavam conversando, mas não consegui descer, minha cabeça testava mil teorias para o motivo real que a fez querer colocar um fim no nosso relacionamento, mas nada vinha na minha cabeça, não existia um motivo plausível.

Eu queria ter perguntado mais vezes o que a fez mudar de ideia, mas do que adiantaria? Eu sofreria ainda mais e eu não estava pronto para isso.

Meu celular começou a tocar, peguei o aparelho no bolso do terno e vi o número do Rômulo. Atendi no terceiro toque.

— *Onde você está?* — perguntou, de uma vez.

— Acabei de estacionar, estou descendo.

— *Ok!*

Desligou e eu guardei o celular, era hora de descobrir o que a Ariella queria conosco, mesmo não estando com cabeça para isso.

Desci do carro e acionei o alarme, enquanto caminhava para a cafeteria. Assim que entrei, avistei os dois sentados em uma mesa mais afastada. Me sentei em frente a eles e sorri rapidamente.

— O que aconteceu com você? — Ariella questionou.

— O você que descobriu? — Desviei o foco da pergunta, não queria falar sobre isso.

Minha amiga abaixou a cabeça rapidamente e logo voltou a me olhar, pude notar por esse simples gesto que não era algo que me agradaria.

— Eu passei o fim de semana pensando em algo que poderia nos ajudar com a investigação, que poderia nos auxiliar na descoberta das fraudes e de tudo. O Rômulo me contou o que houve com os cálculos feitos para o hotel do Daniel.

— Sim, ainda não sabemos o que aconteceu — falei e respirei fundo, me lembrando de que ainda tínhamos essa bomba para resolver, assim que voltássemos para o escritório.

— Bom, eu pensei em contratar um detetive particular para nos auxiliar com esse caso, hoje em dia eles são muito comuns para ajudar a descobrir possíveis fraudes na empresa, eles se infiltram, viram funcionários e

vasculham tudo que podem para descobrir se tem mesmo algo de errado.

— Certo, realmente é uma boa ideia — falei, já tinha ouvido falar desses detetives, mas nunca me passou pela cabeça contratar um.

— Eu fui procurar indicações de pessoas que trabalham com isso e você não vai acreditar no que eu achei.

— O que você achou?

Ela me estendeu uma pasta preta, que eu peguei e abri imediatamente. Meus olhos correram por todo o papel, não acreditando no que eu estava vendo. Olhei para a foto e depois para o nome da pessoa.

*Marcela Ferreira – Detetive particular.*

— Não pode ser... — sussurrei.

Naquele instante meu mundo desabou pela segunda vez.







A pasta caiu da minha mão, fiquei sem reação por alguns segundos, até que olhei para a Ariella.

— Isso é alguma pegadinha? — questionei.

— Eu não brincaria com algo tão sério, você sabe disso — falou.

— Isso pode ser antigo — falei, tentando encontrar uma saída, mas não fazia sentido, não havia detetive particular em seu currículo, isso certamente chamaria a minha atenção.

— Eu entrei em contato com o último cliente dela, para procurar referências, ele disse que ela é a melhor detetive particular que já conheceu, ela tem uma

experiência vasta em descobrir as coisas, é comprometida com o trabalho e cem por cento responsável.

— Ela está na empresa porque precisava do emprego — falei, mais para mim mesmo do que para eles.

— Ela disse que o último patrão dela iria embora do Brasil, me contou que queria recomeçar e...

— Ela não mentiu sobre isso — Ariella disse, e me entregou alguns papéis grampeados. — A última pessoa que ela trabalhou foi para um senhor chamado Carlos Fernandes, ele tem origem canadense. Um senhor muito simpático, morava há anos no Brasil e queria voltar para o país dele, mas não podia deixar os negócios nas mãos da nora, de acordo com ele, ela traía o filho na época que ele estava vivo e acreditava que ela tinha algo a ver com a morte dele. O Carlos não tinha mais ninguém, além da nora, então contratou os serviços da Marcela e, dentro de três meses, ela descobriu a traição, que foi o amante dela quem matou o filho dele, para ficarem com a herança. O

caso repercutiu muito no Rio de Janeiro, mas pelas matérias que eu li, o nome dela não foi divulgado.

Eu ouvia tudo enquanto tentava assimilar o cargo dela na empresa, ela não poderia estar ali para investigar os casos de fraude, poderia? Mas quem tinha contratado?

— Acha que a Marcela sabe dos casos de fraudes?

— Rômulo perguntou.

— Eu contei a ela, quando colocamos as mãos naquela pasta — relatei.

— Acho que a Marcela não está na empresa para ser apenas sua secretária, Gustavo — Ariella concluiu, me fazendo encará-la.

— Eu não sei...

— Vai continuar negando o que está na sua frente, até quando? — perguntou, irritada. — Eu sempre te alertei sobre ela, falei que não confiava nela, algo nela era estranho, mas você estava hipnotizado e encantado demais para notar algo de errado!

— Ariella...

— Não me peça para ficar calada, porque agora você vai me ouvir! — falou, e apontou o dedo para mim. — Eu te disse para tomar cuidado, te disse para não se envolver e te disse que não confiava nela, mas você preferiu me ignorar e sempre achou que eu estava exagerando.

— Ariella, não é hora para isso — Rômulo interveio, mas eu ergui a mão em um sinal para que se calasse.

— Deixe-a continuar a falar — pedi, encarando a ruiva. — Continue, Ariella.

— Tudo começou a desandar depois que ela apareceu, já percebeu? Não tínhamos problemas antes dela.

— Acha mesmo que uma hora não íamos descobrir as sujeiras feitas na empresa? — questionei.

— A gente ia, mas seria diferente, e sabe por quê? Porque você iria confiar no meu julgamento.

— Eu sempre confiei, Ariella — falei.

— Não quando se trata de mulher, Gustavo. A Marcela sempre foi um alvo para você, porque não podia tê-la e isso te deixou cego de uma maneira que se tornou irreversível, nem mesmo agora, você consegue acreditar que ela já sabia de tudo isso e não te contou!

— Você está presumindo que ela sabia — falei, com uma calma que não sabia de onde tinha surgido.

— Exato, estou presumindo e partindo desse ponto, de ela saber de todos os podres daquela empresa, é que eu te pergunto, se não foi você quem a contratou, quem foi? E se essa pessoa que a contratou, sabe disso, ela só pode querer uma coisa, Gustavo.

— Que a culpa recaía sobre você — Rômulo concluiu, e eu olhei para ele.

— Preciso voltar para a empresa — Ariella disse, e se levantou. — Quando vocês perceberem que eu estou certa, me liguem.

Ariella deixou a mesa e eu fechei os olhos, tentando assimilar tudo que ela havia dito. Eu queria acreditar nela, sabia que estava certa, mas alguma coisa dentro de mim gritava para eu conferir essa história, para confrontar a mulher que havia acabado de terminar comigo e exigir toda a verdade.

— O que vai fazer? — Rômulo perguntou.

— Eu estou tão confuso, que não sei — confessei.  
— Tem ideia do que é ter essa história despejada em sua cabeça assim, do nada?

— No que você acredita?

Desviei o olhar para a janela do estabelecimento e observei o céu se fechando, notificando que a qualquer momento iria chover. Olhei para as minhas mãos e as fechei, respirando fundo em seguida, tentando acalmar a onda de sentimentos que me invadia.

— Sabe o que eu descobri também? — perguntei, ainda sem olhá-lo.

— Não.

— O significado da palavra amor, passei a vida inteira apenas tendo relacionamentos rasos, saindo com mulheres aleatórias e curtindo a vida da minha maneira, era cômodo para mim, até eu ver a Marcela pela primeira vez, naquele restaurante, foi como se eu soubesse que ela seria diferente. Eu só não esperava ser nocauteado por ela, apesar do pouco tempo de convívio, eu estou apaixonado, Rômulo, eu amo aquela mulher e faria qualquer coisa para vê-la bem, mas...

Não consegui concluir, parecia que meu peito explodiria a qualquer momento se eu continuasse.

— Mas... — Rômulo insistiu.

— Mas eu jamais conseguirei perdoá-la, se eu descobrir que ela sabia das fraudes, que entrou na empresa com o propósito de investigar tudo isso e que...

Eu não precisava concluir, o Rômulo sabia, ele podia ler o medo e a aflição em meus olhos.



— Você não vai perdoá-la se ela estiver atrás de provas que incriminem você — completou por mim e eu apenas afirmei.

Um trovão cortou o céu e eu olhei para ele, já estava completamente cinza, igual o meu interior. Quando a verdade é descoberta, quando você descobre que existe a remota possibilidade de a pessoa que você ama estar agindo contra você, tudo perde a cor. Eu me sentia vazio e sem cor, tudo aquilo que fazia sentido na minha vida não tinha mais valor nenhum, e isso me deixava completamente perdido.

— O que você vai fazer?

Olhei para o meu amigo e me levantei.

— Irei descobrir toda a verdade, custe o que custar.



Eu havia ligado na empresa e me informaram que a Marcela não estava lá, liguei no celular dela e caía direto na caixa postal, sendo assim, fui direto para a casa dela, mesmo tendo a oportunidade de ela não estar ali.

Assim que estacionei o carro em frente ao prédio da Marcela, as nuvens já haviam se transformado em uma tempestade. Passei o caminho inteiro absorvendo tudo que a Ariella havia me dito, tudo que ela havia jogado na minha cara. Se tudo fosse verdade, ela tinha todo o direito de sentir raiva de mim.

Eu ia ficar louco, tinha certeza disso. Quando minha vida havia virado esse caos todo?

Era como se houvesse uma balança, de um lado estava a história da Ariella e, do outro, estava a minha convivência com a Marcela, e por mais que eu sentisse que conhecesse a mulher por quem me apaixonei, o lado da Ariella estava pesando mais, tinha mais sentido.

Eu não queria acreditar mais na minha amiga do que na mulher que eu amava, mas o que eu podia fazer? Eram dois lados lutando, tentando ver qual prevalecia, mas a verdade era apenas uma e o medo que eu tinha de descobrir qual era, me deixava completamente impotente.

Desci do carro e entrei no prédio, indo direto para o elevador. Enquanto subia os andares, sentia meu peito apertar, meu coração acelerar e minhas mãos estavam incontroláveis, tanto que eu apertava uma na outra, a todo instante, para me manter ocupado.

O elevador parou no andar da Marcela e eu saí. A porta da casa dela estava aberta e eu caminhei direto para lá.

— Marcela, você está em casa? — perguntei, já entrando.

Adônis veio correndo em minha direção, abanando o rabinho e sorri tristemente para ele.

— Como vai, amigão? — falei, me abaixando para fazer carinho em sua cabeça.

— Gustavo, o que faz aqui? A Marcela não está. Levantei-me e sorri para a Emily.

— Pensei que ela já tinha chegado, marcamos de nos encontrar aqui, mas não estávamos juntos — menti.

— Ah, sim, eu vim colocar a comida para o Adônis, você vai querer ficar aqui?

— Claro, se não tiver problema.

— Acredito que não tenha, você e a Marcela são quase namorados. Eu já vou indo, até mais, Gustavo.

— Até.

— Tchau, garotão! — falou, e se abaixou para fazer carinho no Adônis, em seguida saiu do apartamento e fechou a porta.

Respirei fundo e tentei pensar em algum lugar para começar a procurar, não sabia o que exatamente, mas se encontrasse, eu saberia.

Sala era muito óbvio, eu vivia ali. O quarto dela também não, então meu olhar foi para o quarto que vivia trancado.

*— Por que esse quarto vive trancado? — perguntei, logo após o café.*

*— Esse quarto? — Marcela gritou da cozinha. — É apenas um quarto que eu uso para guardar bagunça, não tem nada de mais!*

Quando isso aconteceu, não achei estranho, mas parando para pensar, por que ele permanecia sempre trancando? Caminhei até lá e girei a maçaneta, trancada.

*— Depois eu pago por isso — murmurei.*

Então bati com o ombro na porta com toda a força que eu tinha, foram necessárias três tentativas, até que a porta cedesse.

Quando eu consegui visualizar o que havia dentro do quarto, não acreditei, parecia ser uma sala de algum serviço secreto. Havia computador, notebook, uma estante

organizada com caixas, várias anotações pregadas em um mural, fotos estendidas em um varal improvisado.

Muito devagar, eu entrei no ambiente, notando que tudo ali apontava para a profissão que a Ariella tinha jogado mais cedo na mesa: detetive particular. Mesmo assim, vendo aquilo, eu não conseguia acreditar. Fui até a mesa e comecei a mexer nos papéis, eram conversas impressas, e-mails da empresa, tudo relacionado a SAE.

Abri as gavetas, tirando pastas e anotações feitas por ela, foi nesse momento que eu achei a pasta que havia sido roubada de mim, há mais de um mês, a mesma pasta que fez a Ariella levar uma surra e ir parar no hospital.

— Não pode ser — sussurrei.

Sentei-me na cadeira e conferi os papéis ali dentro. Todos os que eu havia lido enquanto estava no quarto do hospital com a Ariella. Peguei a outra pasta que estava junto e abri. Naquele momento, eu agradei por estar sentado, minha vida inteira estava descrita na primeira

página, passei algumas folhas e concluí que aquilo era um dossiê, tinha todas as minhas informações pessoais, do trabalho, da faculdade, absolutamente tudo.

Sabe a balança? Naquele instante o lado da Ariella havia ganhado, tudo pendia para o que minha amiga havia dito.

Ouvi a porta da sala se abrindo e o Adônis começar a latir, mas eu não tinha forças para me mover.

— *Calma, meu amor, eu vou fazer as malas, precisamos ir embora daqui o mais rápido possível* —  
Marcela disse.

Então ela apareceu na porta, o sorriso que carregava no rosto sumiu completamente ao me ver sentado ali. A bolsa que carregava caiu no chão e ela arregalou os olhos.

— Gustavo, o que você... — Ela não conseguiu concluir ao ver o que eu tinha nas mãos.

Eu me levantei, levando a pasta comigo, e parei na frente dela.

— Eu só tenho uma pergunta — falei, tentando manter a calma —, você iria ter a decência de me contar sobre tudo isso algum dia?







Meu coração batia ferozmente dentro do meu peito, parecia que todo o ar do ambiente havia ido embora, eu não conseguia formular uma resposta coerente para dar a ele. Minha mente fazia várias perguntas ao mesmo tempo e eu tentava, a todo custo, não cair no chão, pois minhas pernas haviam perdido a força.

Pisquei, incapaz de controlar as lágrimas e caminhei vagorosamente até o Gustavo.

— Gustavo... — falei.

Minha voz tremia e eu engoli em seco. Ele não se moveu um centímetro de um onde estava. Me aproximei o

suficiente para segurar em seus braços e conseguir olhá-lo direito.

— Por favor, me escuta...

— E o que você vai dizer? — perguntou. Sua voz estava dura e seu olhar em mim era frio.

— Me deixa explicar, por favor — pedi.

— O que você quer explicar, Marcela? O fato de você ter entrado na minha empresa para me investigar e descobrir sobre as fraudes que ocorrem ali dentro? Ou fato de ter se aproveitado dos meus sentimentos por você para fazer um dossiê sobre a minha vida? Ou ainda, de ter mentido para mim, durante todos esses meses, sendo que, na verdade, era uma detetive particular contratada por alguém que quer me ver na cadeia?

— Eu não te conhecia quando aceitei esse trabalho! Eu não fazia ideia de que a gente ia se apaixonar e...

— Apaixonar? — Ele riu e se afastou de mim. — O que você está pensando? Que isso aqui é amor?

Olhei para a pasta que ele segurava e engoli em seco.

— Eu não tinha intenção de dizer que você era o culpado ...

— Claro que tinha! — gritou, e se afastou de mim. — Você sempre teve a *porra* do intenção de me prejudicar! Você só queria saber do dinheiro que seria pago no final, você não estava nem aí para mim ou para o que eu sentia, você foi baixa e mesquinha! Você pensou apenas em si mesma, esse tempo inteiro!

— Eu ia te contar, ia falar a verdade! — falei, já chorando. — Mas como eu podia contar a verdade, como você iria acreditar em mim?

— Porque quando a gente ama, a gente confia! Independente de qualquer coisa ou situação! Eu confiei em você! Eu jurei que você era diferente, que você...

Ele se calou, mas se virou e jogou meu notebook na parede, me fazendo arregalar os olhos.

— Gustavo...

— Você não iria me contar a verdade — constatou, e voltou a me olhar.

— Eu ia...

— PARA DE MENTIR!

Cobri a boca, me impedindo de chorar mais alto. Comecei a andar para trás, até bater as costas na parede. Ali mesmo eu escorreguei até o chão, cobrindo o rosto com as mãos.

— Eu deveria ter te escutado. — Ouvi-o dizer, mas não consegui olhar para ele. — Você me alertou em Nova Iorque, disse que eu deveria ouvir meu próprio conselho, mas eu não quis. Eu quis arriscar, eu quis ver aonde isso ia dar. E esse é o meu maior arrependimento.

— Eu nunca quis te enganar! — falei, me levantando e ficando de frente para ele. — Por isso eu nunca quis me

envolver com você, mas como negar o que rolava entre a gente? Como eu podia fugir dos meus sentimentos, se você estava comigo 24 horas por dia? Como eu podia não me apaixonar por você? Me explica!

— Como eu posso acreditar em você? — perguntou, se aproximando ainda mais de mim. — Como eu posso confiar em você? Como posso acreditar nesse amor que você diz sentir por mim?

— Sei que é difícil, mas...

— Não quero ouvir mais nada, Marcela. — Se afastou de mim — A única coisa que eu quero de você é distância, eu nunca mais quero te ver na minha frente. Se certifique de sumir da minha vida, de se esquecer da minha existência, porque eu vou fazer o mesmo com você.

— Gustavo, por favor!

Caminhei até ele e segurei seu braço, mas ele não olhou para mim. Meu coração sangrava e eu sentia que a qualquer momento o teto desabaria sobre a minha cabeça,

eu não conseguia acreditar que a verdade poderia ser tão devastadora.

— Me solta, por favor — pediu.

A voz dele, a voz de quem queria sofrer sozinho, me fez soltá-lo. A voz dele fez meu coração se quebrar milhares de vezes.

Nunca pensei que ver uma pessoa indo embora da sua vida fosse doer tanto. A porta se fechou e eu gritei, gritei o mais alto que eu conseguia, gritei porque a dor dentro de mim era impossível de ser sentida, eu precisava colocá-la para fora, de alguma forma.

— Gustavo, me perdoa... — sussurrei, e fui para o chão de novo.

As lágrimas banhavam meu rosto, uma dor sufocante em meu peito e meu coração quebrado em milhões de pedaços.

Eu sempre soube que a verdade iria nos destruir, mesmo assim, arrisquei. Sabia que quando tudo fosse

revelado, eu sairia perdendo, mas não imaginava que fosse tanto.

Coloquei a mão em minha barriga e chorei ainda mais. Por que o amor tinha que doer tanto? Por que eu precisava sofrer dessa forma?

Levantei-me e fechei a porta da sala, caminhando para o escritório, peguei meu celular dentro do bolso da calça. Disquei o número da minha mãe e torci para que ela atendesse, mas caiu na caixa postal. Fechei os olhos com força, como se aquilo pudesse me fazer parar de chorar. Liguei novamente, mas o resultado foi o mesmo.

— Pela primeira vez na vida — sussurrei, indo me sentar na cadeira em frente à minha mesa —, eu não sei o que fazer, que direção tomar e a quem recorrer. Pela primeira vez, eu me sinto completamente perdida.

Olhei para o computador e respirei fundo, levei minha mão até o mouse, eu queria desesperadamente que o Gustavo acreditasse em mim, mas eu precisava contar



toda a verdade, eu só esperava que ele fosse forte o suficiente para acreditar que a irmã estava por trás da minha contratação.

Abri um arquivo em Word e comecei a digitar o texto. Eu mandaria tudo para o e-mail dele, desde o dossiê que eu havia feito sobre ele, ao que fiz sobre o pai dele. Todas as provas coletadas por mim, e-mails, conversas, vídeos, até mesmo meu contrato de trabalho, assinado por mim e pela Mariana.

Quando eu tinha tudo pronto, mandei para o seu e-mail, torcendo para que ele acreditasse em mim.

Peguei meu celular e liguei para a Emily.

— *Marcela, está tudo bem? Ouvi gritos vindo da sua casa.*

— Vai ficar tudo bem, será que você podia pedir para o delegado vir até a minha casa, por favor? Eu tenho algumas coisas para entregar a ele.

— *O que está acontecendo?*

— Só faz o que eu pedi, por favor.

— *Vou ligar para ele. Estou indo até aí, assim que ligar.*

Encerrei a chamada e me levantei, indo até o meu quarto. Abri a gaveta da mesa de cabeceira e tirei o dossiê que incriminava o Roberto, eu só precisava entregar para a polícia.

— Marcela! — Ouvi a Emilly gritar e as lágrimas voltaram a escorrer, eu não conseguia parar de chorar e isso era horrível, porque quanto mais eu chorava, mais doía. — Marcela!

Olhei para a porta do quarto e a Emilly veio correndo até mim, me abraçando.

— O que aconteceu?

Mas eu não conseguia parar de chorar. Eu só queria sumir naquele instante, sumir para sempre.

Gustavo

Eu nunca tinha experimentado a dor do amor, mas eu não desejava isso nem ao meu pior inimigo. Parecia que meu coração havia sido esmagado sem um pinga de piedade. Ele doía tanto, tanto, que eu sentia que ele poderia parar de bater a qualquer instante.

A parte mais difícil disso tudo era saber que a mulher que eu amei, a única que foi capaz de entrar no meu coração, me enganou dessa forma, mentindo e manipulando. Doía saber que para ela tudo não passou de uma brincadeira e de um jogo, em que o plano era me colocar na cadeia.

Entrei no carro e desfiz o nó da gravata, que parecia me sufocar a cada segundo. As lágrimas que eu segurei por todo esse tempo caíram com tudo, eu queria apenas sumir e esquecer tudo, a empresa, as complicações, queria

deixar de ser Gustavo Simmons pelo restante da minha vida.

Seria pedir muito? Uma vida normal?

Meu celular tocou e vi o nome da minha mãe no visor, mas ignorei a chamada, não queria falar com ninguém naquele instante. Olhei mais uma vez para o prédio de onde eu havia acabado de sair e fechei os olhos, encostando a cabeça no volante em seguida.

Meu celular voltou a tocar e eu olhei o aparelho, vendo o nome do Rômulo dessa vez, mas novamente eu ignorei a ligação.

Infelizmente eu não podia fugir da minha vida, ainda tinha muita coisa que eu precisava descobrir, como quem havia contratado a Marcela e quem estava por trás das fraudes; mas as fraudes, eu tinha um suspeito.

Depois de tudo que aconteceu na minha vida e de ter descoberto que a mulher que eu amava queria me colocar na cadeia, eu não duvidava que meu pai poderia

estar envolvido nos roubos da própria empresa. Isso seria fácil demais de aceitar, conhecendo meu pai como conhecia, infelizmente eu não duvidava de que fosse verdade.

Liguei o carro e saí dali, precisava ir para a empresa. Precisava colocar as coisas em pratos limpos.

Enquanto percorria o caminho até a empresa, o céu desabava do lado de fora do carro. Parecia que o céu havia se entristecido com tudo que tinha acontecido e resolveu chorar junto comigo.

Meu celular voltou a tocar e eu vi o nome do Rômulo novamente, não ignorei a ligação, mas apenas deixei que tocasse até cair na caixa postal. Quando isso aconteceu, ele voltou a tocar imediatamente e eu vi o nome da Ariella, isso me deixou em estado de alerta. Atendi no terceiro toque.

— Ariella, o que....

— *Gustavo, a estrutura do hotel desabou, por conta da tempestade!*





O caos reinava no andar presidencial, as pessoas andavam de um lado para o outro tentando resolver a situação, pessoas transitavam com o celular no ouvido, tentando conversar com repórteres e vários engenheiros corriam em direção à sala de reuniões.

Avistei a Ariella e o Rômulo conversando e fui até eles.

— O que aconteceu? — perguntei, assim que me aproximei deles.

— Meu Deus, você pegou chuva? Está todo molhado! — Ariella disse.

— Não importa, o que exatamente aconteceu?



— A estrutura caiu com a chuva, estamos tentando entender o motivo de ter acontecido, uma estrutura de ferro e concreto não pode cair por conta de uma tempestade. Sabe o que isso significa?

— Eu vou ficar louco — murmurei. — Tinha alguém na hora que isso aconteceu?

— Metade dos trabalhadores ainda estavam no local — Rômulo disse. — Os bombeiros foram acionados, a polícia foi chamada também, querem, inclusive, falar com você.

— A entrada do prédio está lotada de repórteres — Ariella disse. — É impossível passar por lá. E onde está a sua secretária, que não estava aqui, quando todo esse auê começou?

— Ela não é mais minha secretária — falei, e eles me encararam.

— Não me diga que...

— Vamos cuidar disso o mais rápido possível — falei, cortando a fala da Ariella e me virando para o meu amigo. — Procure saber como andam as coisas no local do desabamento, Rômulo. Saia pela garagem, pode usar o meu carro, se o seu não estiver lá.

— Eu estou com meu carro, não se preocupe, e eu ligarei assim que possível.

Ele deixou a recepção e eu me virei para a Ariella.

— Você não está bem.

— Tem como estar bem em meio a esse caos? Eu não sei mais o que fazer, Ariella, não sei para aonde correr! Minha vida desmoronou completamente.

— Vem aqui.

Ariella me abraçou e por alguns minutos me deixei ser consolado por ela.

— Sinto muito por tudo isso, Gustavo. Mas vamos tentar pensar lá na frente, tudo isso vai fazer de você um

homem forte e que não vai se abalar por nada neste mundo.

— Eu queria ter essa sua certeza, mas é difícil acreditar nisso, depois que o mundo desaba sobre sua cabeça, eu não consigo ver meu futuro, entende? Tudo se resume ao aqui e agora, infelizmente o agora está me destruindo.

— Você vai passar por tudo isso, vai ver! E estarei ao seu lado hoje e sempre, daqui a um tempo iremos nos lembrar disso apenas como um dia ruim em sua trajetória, que será grandiosa.

Afastei-me dela e sorri tristemente, agradecido por tê-la como amiga.

— Hoje eu perdi a única mulher que eu amei de verdade, a empresa que tanto lutei para me encaixar pode sofrer a pior crise e não conseguir se reerguer jamais. O que falta para fechar o dia?

— Gustavo!

Fechei os olhos, me arrependendo de ter feito essa pergunta.

— Daniel — falei, ao ver o homem vindo até mim.

— Posso saber o que aconteceu? Posso saber como aquela estrutura caiu? Como isso pode acontecer?

— Nós vamos investigar e...

— É claro que vão investigar! Eu exijo uma resposta coerente e espero que não tenhamos nenhuma morte, porque se tiver, irei processar você e sua empresa.

Ele se virou e foi embora.

— Calma, Gustavo — Ariella disse, e colocou a mão em meu ombro. — Vamos torcer para que não tenhamos óbitos.

— Vou *pra* minha sala, peça para a secretária do Rômulo marcar uma reunião com todos os engenheiros e arquitetos, dentro de 40 minutos.

— Irei pedir, daqui eu vou para a imobiliária.

— Certo, cuidado ao passar pelos repórteres —  
pedi.

— Pode deixar, qualquer coisa, me liga.

Ela me deu um beijo no rosto e eu caminhei para o escritório. Tranquei a porta e fui para a minha mesa, tirei o celular do terno e vi apenas as chamadas perdidas, mais de 50. Eu tinha colocado o celular no silencioso, pois queria evitar perturbação. Tirei o terno que estava molhado e deixei em cima do sofá, indo para a minha cadeira em seguida.

Abri o computador e entrei nos meus e-mails. O primeiro que vi foi um da Marcela.

Encostei na cadeira e olhei para a página aberta no computador, criando coragem para abri-lo, ao ler o nome dela senti como se tivesse me faltado ar, minha mente entrou em conflito, me trazendo imagens dela e de tudo que descobri. *Será que foi tudo uma grande mentira? Será que é assim que me sentirei todas as vezes que me*

*deparar com algo relacionado a ela? Voltei minha atenção para a tela do computador à minha frente e o assunto no e-mail chamou minha atenção.*

## **A VERDADE.**

Levei o cursor do mouse até o e-mail e abri, havia um documento no Word e um link que levava para o drive. Abri o documento e comecei a ler.

*“Gustavo, nem sei se você vai ler isso, mas não custa nada tentar te explicar tudo por aqui.*

*Quando eu fui contratada, não imaginava que fôssemos ficar juntos, até porque eu não misturo trabalho com vida pessoal, eu tentei a todo custo não ter nada com você, não me envolver, mas você foi insistente. Se não tivesse sido, sinceramente não sei dizer se seria diferente ou se seria inevitável me apaixonar por você.*

*Durante todo esse tempo, enquanto eu investigava as fraudes, eu sempre soube que você não estava*

*envolvido com isso, não fazia sentido uma pessoa como você sabotar a empresa que aprendeu a amar.*

*Mas eu não podia contar nada a você, eu não podia simplesmente chegar para você e dizer que era detetive particular e estava atrás de provas que comprovassem fraude e lavagem de dinheiro, você não acreditaria em mim de imediato, além do mais, existe uma cláusula no meu contrato, que me impedia de contar toda a verdade, a questão é que eu já não cumpro esse contrato a partir do momento que me envolvi com você.*

*Eu fui avisada tantas vezes que não deveria ficar com você, mas fui teimosa e, mesmo assim, ficamos juntos. Não me arrependo, foram os melhores dias da minha vida. Obrigada por me proporcionar isso, mesmo que você não acredite em mim, você foi a melhor coisa que me aconteceu nos últimos anos.*

*Depois que voltamos de Nova Iorque, eu decidi inverter o foco da minha investigação, você não era o*

*culpado que meus patrões queriam pegar, então comecei a investigar o próximo suspeito, seu pai.*

*Sei que pode ser difícil de acreditar que ele tenha feito tudo isso, mas fez e eu tenho provas, estão todas anexadas nesse link que mandei para você, juntamente com o contrato no nome da pessoa que procurou meus serviços.*

*Irei fazer o que era para ser feito desde o começo, entregar o culpado para polícia, reuni tudo que eu podia para provar sua inocência.*

*Mais uma vez, me desculpe por tudo, nunca tive a intenção de te machucar e te amar não estava nos meus planos, mas o amor é o sentimento mais inesperado que podemos sentir e fico feliz que meu amor seja por você.*

*Vou embora do Brasil, não irei te procurar mais e espero que sua vida seja boa, porque farei o possível para que a minha seja, mesmo sabendo que felicidade de verdade só terei ao seu lado, antes eu tinha uma ideia*



*diferente sobre o que era ser feliz, obrigada por mudar isso também!*

*Eu te amo.*

*Com carinho, Marcela Ferreira.”*

Terminei de ler o documento com lágrimas nos olhos, eu queria poder fazer alguma coisa, mas não havia nada a ser feito. Absolutamente nada.

Eu amava aquela mulher, mas a confiança havia sido quebrada e eu não sei se conseguiria perdoá-la algum dia, queria dizer a ela que a minha versão de ser feliz também se resumia a nós, que ela me ensinou o que era o amor, me deu a oportunidade de degustar, mesmo que por pouco tempo, o sabor do paraíso.

Sequei o rosto e fechei o documento, abrindo o link anexado no e-mail. Eu suspeitava do meu pai, não queria acreditar nisso, mas devido a todas as circunstâncias não conseguia pensar em outra pessoa que tivesse tanto poder do que ele dentro da empresa.

O link abriu e eu cliquei na pasta “DOSSIÊ ROBERTO”. Li cada detalhe do que tinha ali dentro e não conseguia acreditar a cada e-mail que eu abria, a cada áudio que eu escutava, a cada relatório passado. Como meu próprio pai podia fazer isso comigo? Como ele poderia querer me incriminar daquela forma? Qual o motivo?

Eu não conseguia encontrar a resposta para os meus questionamentos, sentia uma pressão na nuca, como se alguém tivesse me acertado com alguma coisa. Fechei meus olhos por um momento e busquei por ar, as lágrimas que corriam pelo meu rosto eram só uma amostra de como estava por dentro, era como se estivesse me afogando em dor, a mesma pressão que sentia na nuca, eu sentia também em meu peito.

Respirei fundo uma, duas, três vezes e abri meus olhos. Precisava ser forte e terminar de ler tudo.

Voltei uma página e abri a pasta “CONTRATO”, havia apenas um arquivo em PDF, esperei o arquivo

carregar e procurei o nome da pessoa que havia contratado a Marcela.

Meu coração, que já estava em pedaços, terminou de se quebrar de vez, quando eu vi o nome assinado.

Aproximei-me da tela do computador, incapaz de acreditar naquilo tudo, mas era nítido. E a dor era indescritível, não era só uma pressão no peito e na cabeça, agora era como se uma mão grande estivesse apertando meu pescoço.

Mariana Simmons tinha uma assinatura muito distinta e eu não conseguia acreditar que poderia ser falsificada tão facilmente, era a mesma caligrafia, os mesmos traços.

Minha irmã havia contratado a Marcela para descobrir sobre as fraudes e me colocar na cadeia, mas por que desconfiar de mim? O que eu tinha feito para que ela pensasse algo desse tipo a meu respeito?

A não ser que não fosse ela por trás de tudo, a não ser que ela fosse apenas mais um fantoche nas mãos de uma pessoa que realmente queria vingança contra tudo.

Peguei meu celular e procurei pelo número dela, liguei e chamou até cair, tentei novamente e nada. Me levantei rapidamente, discando novamente para ela, peguei meu terno e saí da minha sala, mas fui parado pela secretária do Rômulo.

— A reunião foi confirmada para daqui a dez minutos e...

— Cancele — pedi, e passei por ela.

— Cancelar? — gritou.

Guardei o celular no bolso e chamei o elevador.

— Sim, tenho um assunto urgente para resolver.

O elevador chegou e eu apertei o botão do subsolo várias vezes, como se isso fosse fazê-lo descer mais rápido, mas era apenas um reflexo do meu nervosismo.

Entrei no meu carro e disquei o número da minha mãe.

— *Meu filho, graças a Deus você ligou, o que está acontecendo?*

— Depois, mãe. Onde a Mariana está?

— Ela não está em casa, o Afonso veio buscá-la para o almoçarem juntos e ainda não voltaram.

*Inferno!*

— Obrigado, mãe. Se ela aparecer por aí, me avise, por favor.

— *Gustavo, o que está...*

Encerrei a chamada e liguei novamente para minha irmã, quando eu estava quase desistindo, a ligação foi atendida.

— Alô — falei, mas não ouve resposta, eu podia apenas ouvir a respiração pesada do outro lado da linha. — ALÔ! — tornei a falar, mas nada.

Eu estava perdendo a paciência, completamente.

— Olha aqui...

— *Pensei que tivesse bons modos, Gustavo.*

A voz do Afonso soou baixa em meus ouvidos e eu tive que contar até dez para não gritar com ele.

— Onde está a Mariana? — perguntei.

— *Está dormindo, ela estava muito cansada...*

— Se você tiver feito alguma coisa com a minha irmã...

— *Acha mesmo que eu faria alguma coisa com a minha namorada, a não ser cuidar dela?*

— Você não me engana, Afonso — falei, completamente irritado. — A minha irmã não contrataria uma detetive particular para investigar fraudes e roubos na empresa se tudo isso começou quando ela estava internada.

— *Parece que alguém descobriu o meu segredo.*

— Eu te avisei que se descobrisse que você estava usando minha irmã para fazer sua vingança, eu mataria

você! — gritei.

— *E o que você está esperando para vir cumprir a sua promessa, Gustavo. Eu estou te esperando e a Mariana também, só não sei por quanto tempo ela estará assim.*

— Seu filho... Alô! Alô!

Aquele filho da mãe tinha desligado, no instante seguinte uma mensagem chegou em meu celular, nele havia um endereço e apenas uma ordem.

*Venha sozinho.*

Filho da puta, eu mataria esse desgraçado com minhas próprias mãos.







— Você tem certeza de tudo que está me entregando aqui, Marcela? — Antônio perguntou e eu assenti.

— Sim, isso é tudo que eu procurei durante os últimos meses, acha que consegue fazer algo a partir disso?

— Com toda a certeza — falou, olhando os papéis que eu havia entregado para ele. — A partir disso, vamos abrir uma investigação muito maior, não se preocupe, Marcela. Isso é mais que suficiente para conseguirmos um mandado de prisão para o Roberto.

— Fico mais aliviada.

— Eu preciso ir agora, se precisar de qualquer coisa, pode me ligar — disse, se levantando.

— Farei isso, obrigada por vir.

— Que isso, até mais.

Acompanhei-o até a porta e a abri, a Emily estava ali e os dois se encararam por um tempo, mas não disseram nada um ao outro, minha amiga apenas deu passagem e o delegado seguiu o caminho dele.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Nada, por quê?

— Vocês dois estão estranhos, desde aquele dia que eu fui à sua casa, desesperada, você não quis me contar o que estava acontecendo.

— A descoberta da sua gravidez era o mais importante naquele momento, Marcela — explicou, e entrou no meu apartamento.

— Emily, não fuja. Me diga, o que está acontecendo?

Ela se sentou no sofá e eu me sentei ao lado dela.

— Aquele dia, que você foi ao meu apartamento, o Antônio chegou de surpresa e me pegou beijando o Rômulo.

— Como é que é, Emilly? Você e o Rômulo? O mesmo Rômulo que é amigo do Gustavo?

— Esse mesmo — sussurrou.

— Meu Deus, ele pegou vocês apenas se beijando?

— Sim, mas se ele não tivesse chegado, teria acontecido mais coisas. O que mais me incomoda, é o fato de ele ter agido como se fosse meu namorado! Quase saiu aos socos com o Rômulo!

— Ai, amiga! O Rômulo é um cara incrível, de verdade, ele é maravilhoso, cuidadoso, gentil, tudo que você imaginar, mas ele gosta de outra mulher, que, por sinal, não o merece, mas não podemos mandar no coração.

— Eu sei disso, a gente se aproximou muito no último mês, eu sei por quem ele é apaixonado, como

também sei por que ele não fez nada para ir atrás dela, na minha opinião, ele deveria parar de ter medo e assumir os sentimentos dele.

— Ele sabe sobre o Antônio? — questionei.

— Sabe, eu acabei contando.

— E como, diabos, rolou o beijo?

— Não sei, foi natural, quando vi a gente, já estava se beijando. Isso me deixou mega confusa.

Ela encostou a cabeça no sofá e respirou fundo.

— Pelo que vi agora há pouco, você e o delegado têm uma história para ser resolvida, assim como o Rômulo e a Ariella.

— O problema, Marcela — ela disse, se virando para me olhar —, é que não tem espaço para mim na vida do Antônio, a cada vez que eu penso que estamos progredindo, na verdade, recuamos cada vez mais, não tenho como esperar esse tempo todo.

— Por quê?

— Porque o passado dele ainda assombra o seu presente e, com isso, interfere no futuro. É por esse motivo que eu não quero me envolver com ele, não mais. Temos mais de um ano de amizade e eu sinto que durante todo esse tempo quem se doou mais fui eu, não quero um relacionamento o qual eu precise amar por nós dois.

Segurei a mão dela e sorri.

— Eu espero, de todo o meu coração, Emilly, que você esteja tomando a decisão mais sensata neste momento.

Ela enxugou as lágrimas e sorriu.

— Você, falando de decisões sensatas? Sendo que está com as malas prontas para ir embora de São Paulo, sem contar para o Gustavo que ele vai ser pai.

— O Gustavo não quer me ver nem pintada de ouro e não tiro a razão dele, Emilly. Se eu soubesse que as coisas chegariam a esse ponto, teria feito tudo diferente.

— Ainda dá tempo de consertar algumas coisas.

Sorri tristemente para ela e me levantei.

— Infelizmente, minha amiga, é tarde demais para ser feito qualquer tipo de reparo. Vou pegar minhas coisas, pode colocar o Adônis na casinha de viagem, por favor?

Emilly assentiu e eu caminhei para o quarto, aproveitei o tempo antes que o Antônio chegasse para arrumar minhas coisas. Infelizmente, eu teria que mexer no dinheiro que jurei nunca colocar as mãos, eu teria que usar o dinheiro deixado pelo meu pai, mas seria apenas essa vez, não queria fazer disso um hábito.

Peguei minhas malas, minha bolsa que havia todos os meus documentos, incluindo passaporte e cartões de crédito. Peguei meu casaco que havia separado e vesti.

— É, Marcela — sussurrei para mim mesma, enquanto olhava o quarto. — Parabéns por ter estragado a melhor coisa que já aconteceu na sua vida.

Pisquei, porque eu não queria chorar novamente, já havia ultrapassado minha cota.

Voltei para a sala e a Emilly veio me ajudar, o Adônis latindo atrás dela.

— Ele não quer entrar, de jeito nenhum — falou.

Abaixei-me e peguei meu pequeno no colo, fazendo carinho na cabeça dele.

— Acho que ele não quer ir comigo — constatei.

— E cachorro tem isso, de querer?

— Claro que tem! Não é, meu amor? Não é? Me escuta, Adônis — falei, erguendo-o. — Mamãe vai te dar uma missão muito importante, tudo bem? Você vai cuidar muito bem da Emilly, *tá* bom? E vai protegê-la e não a deixar ficar triste. Estamos combinados?

— Marcela...

— Acho que é a melhor opção, por enquanto, não posso forçá-lo a fazer uma viagem que ele não quer.

Entreguei o cachorro para ela e sorri.

— Obrigada — agradeceu.

— Eu sei que você é a melhor pessoa para cuidar dele neste momento. Agora, eu preciso ir.

— Mas para aonde você vai? — perguntou.

— Ainda não sei, vou decidir isso quando eu chegar ao aeroporto. Minha mãe está incomunicável, então, estou por minha conta mesmo.

— Não queria que você fosse embora.

— Algumas coisas são maiores do que a gente.

Peguei meu celular e solicitei um Uber.

— Me ajude a descer, sim?

Ela assentiu e pegou uma mala, enquanto eu puxei outra.

Deixaria o apartamento mobiliado, depois ligaria para a dona e explicaria a situação, primeiro eu só precisava ir embora. Quando chegamos ao térreo, o carro ainda não havia chegado, mas a chuva tinha passado e apenas o céu estava nublado.



Meu celular começou a tocar no instante que o Uber estava estacionando. Olhei pelo visor e vi um número residencial.

— Alô — atendi, enquanto sinalizava para o motorista ajudar com as malas.

— *Marcela, você pensa que pode contradizer nossas ordens e achar que vai ficar tudo bem?*

Essa voz, eu reconheceria em qualquer lugar.

— Afonso, o que você quer?

— *Eu queria vingança, em primeiro lugar, apenas isso. Mas você não consegue manter a língua dentro da boca.*

— Fiz o que eu achei correto — falei.

— *Claro que fez, agora o Gustavo fará de tudo para salvar a irmãzinha querida dele, mas no final, nenhum deles vai sobreviver para contar o encerramento dessa história.*

— Do que você está falando?

— *Por que não vem salvar seu querido namorado, Marcela? Acredito que ele precise muito da sua ajuda.*

— Se você o tiver machucado...

— *Acha mesmo que sou um homem capaz de machucar alguém? Eu mato sem machucar, não se preocupe com isso. Te esperarei.*

Ele encerrou a ligação e olhei para todo os lados, parecia que o mundo girava ao meu redor.

A mensagem chegou em seguida, era um endereço, com apenas uma ordem.

*Venha sozinha.*

Afonso

Gargalhei sozinho ao constatar que era muito fácil atraí-los para o que eu queria.

Levantei-me e fui até o sofá, onde eu me abaixei e tracei o rosto da Mariana, que dormia serenamente. Nada que uma dose alta de remédios para fazê-la dormir como um anjo.

— Você fez muito bem, querida. Nossa vingança está quase completa, meu amor. Logo eles vão sentir o que nós dois sentimos, toda aquela dor será dissipada e poderemos viver felizes.

Levantei-me e voltei a me sentar na cadeira, olhando para o computador que mostrava imagens das câmeras de segurança. Sorri ao ver o carro do Gustavo chegando.

— Isso, Gustavo. Venha se encontrar com a morte,  
ela está te esperando, sedenta.





Desci em frente à clínica, que parecia ser abandonada, o local tinha mato ao redor e eu podia ver que dentro estava completamente sujo.

Ativei o alarme e caminhei até o portão de entrada, notando que estava apenas encostado. Eu havia tentado ligar para a Ariella e para o Rômulo, precisava avisá-los que estava aqui, caso algo acontecesse, mas chamava até cair a ligação e, conforme fui me aproximando do lugar, o sinal de celular sumiu completamente.

Entrei no local, observando todos os lados com total atenção.

Eu não estava errado quando disse que esse lugar parecia abandonado, ele realmente estava. O chão estava coberto de mofo e as paredes estavam pichadas, caminhei até um quadro de avisos que tinha ali e tentei enxergar algo, mas não havia nada. Fui até o local onde deveria ter sido a recepção na época em que funcionava e procurei por algo que pudesse me servir de arma, mas não havia nada, porém, tinha um jornal meio amassado, mas que poderia me ajudar em alguma coisa.

A manchete que mostrava era de 2017, a qual dizia que uma mulher havia sido internada naquela clínica sem ter problemas mentais, de acordo com a matéria, ela estava em pleno uso de suas faculdades mentais e, mesmo assim, foi internada pelo ex-marido, que dizia que a esposa estava vendo a filha morta em um desabamento, cerca de um ano antes.

Afastei-me e arregalei os olhos, não podia ser. Procurei pelo nome da mulher no meio de tantas palavras,

até que encontrei: Patrícia Braga. Mais abaixo dizia que ela estava desaparecida há cerca de dois anos, mandando todos tomarem cuidado, pois era extremamente agressiva e perigosa.

O Afonso era mais louco do que eu tinha pensando, chegar ao ponto de internar a própria esposa?

Deixei o jornal em cima do balcão e voltei a caminhar, tentando descobrir onde aquele louco estava mantendo minha irmã presa. Se ele tivesse tocado em um fio de cabelo dela, eu iria acabar com a vida dele.

Caminhei em direção às escadas e subi lentamente.

— Onde você está seu desgraçado? — murmurei.

Quando cheguei ao topo, notei certa diferença em relação ao térreo, estava mais bem cuidado, podia dizer que não fazia muito tempo que alguém havia limpado. Caminhei pelo corredor do meu lado esquerdo e mais à frente vi uma placa que dizia: “DIRETORIA”.

— Mariana, você está aqui? — gritei.



Pude ouvir o eco da minha pergunta soar no local e no instante seguinte um trovão cortou o silêncio do ambiente.

— Mariana! Mariana! Mariana!

— *Gustavo!*

Parei no instante em que ouvi a voz dela, caminhei até o próximo corredor que virava à direita e entrei na ala escrita como internação. Engoli em seco.

— Mariana, onde você está?! — gritei novamente, já abrindo porta por porta.

— *Gustavo, me tira daqui! Me tira daqui, por favor!*  
*Socorro!*

Abri mais uma porta e parei quando a vi em cima de uma cama, presa em uma camisa de forças.

— Mariana!

Corri até ela, enquanto tentava tirá-la dali.

— Fique calma, porque eu vou te tirar daqui — falei.

— Você está aqui mesmo? — ela perguntou, dobrando o pescoço.

Sua fala estava arrastada e os olhos vermelhos, como se tivesse tomado vários tipos de medicamentos.

— É tudo culpa sua — murmurou.

— Eu vou te tirar daqui, só preciso desatar esse nó e...

— É sua culpa! — gritou, e eu olhei para o seu rosto.

— Do que você está falando?

— O Afonso me colocou aqui por sua culpa!

Sentei-me na cama e segurei em seus ombros.

— Não, Mari, não é minha culpa! Ele é louco, ele só está te fazendo mal e...

— Por que você quer tudo que é meu? — gritou. — Por que você não pode simplesmente desaparecer? Por que você tinha que querer tomar o meu lugar?

— Mariana...

— Por que você não some da minha frente?

— Eu não posso fazer isso, eu sou seu irmão, eu não posso simplesmente deixar você aqui e...

— Você não é meu irmão! — gritou, e eu parei, olhando para ela.

— Do que você está falando? É claro que eu sou seu irmão.

— Não, você só chegou para roubar tudo de mim, a empresa, meus pais, tudo. Você é um monstro e eu te odeio!

Ela começou a se debater em cima da cama e eu me afastei.

— Se você não tivesse terminado com a Bruna, ela não tinha ficado com o Fellipo, se você não tivesse aparecido na minha vida, a empresa seria minha, se você não tivesse começado a namorar aquela mulher, você estaria preso agora! Por que você não pode simplesmente sumir da minha vida?

— Mariana...

— É difícil ouvir a verdade da boca da própria irmã, não é?

Olhei para trás e dei de cara com o Afonso encostado no batente da porta.

— Seu filho da mãe, o que você fez com a minha irmã?

— Eu? Não fiz nada, isso é apenas o verdadeiro reflexo da personalidade dela. Espantoso, não? Há alguns minutos estávamos conversando alegremente e, de repente, ela surtou. Não tive outra escolha, a não ser colocá-la na camisa de força.

— Você é um louco — afirmei, me levantando da cama e indo até ele. — Não sei como pode se considerar médico, agindo dessa forma.

— Já ouviu falar que todos nós temos um pouco de loucura dentro de nós? Em alguns casos, essa loucura aflora mais, em outros, nem tanto, mas todos somos loucos.

— Tudo isso para quê? Me diz? *Pra* quê meter minha irmã nisso?

Ele se aproximou de mim, o semblante mudando de calmo para irado, em um piscar de olhos, as pupilas dilatadas, a respiração ofegante.

— Vocês tiraram o que era mais importante na minha vida! — bradou. — Vocês mataram a minha filha!

— Foi um acidente — falei.

— Não foi um simples acidente, eu vi o projeto da casa alterado, eu vi que os materiais usados eram de segunda mão. Eu vi tudo! Eu só quero justiça pelo que vocês fizeram com a minha família.

— E você acha que é assim que vai conseguir sua justiça? Isso não é justiça, é vingança.

— Entenda como quiser, eu só quero que vocês sofram na mesma proporção que eu sofri, quando descobri que minha menina estava morta. Eu passei anos investigando por conta própria, tentando descobrir uma

brecha no sistema corrupto de vocês, mas qual não foi minha surpresa ao ver que a solução dos meus problemas estava na minha frente, esse tempo todo?

— Você usou a minha irmã da forma mais baixa que alguém poderia.

— Saber unir o útil ao agradável? Foi muito simples ganhar a confiança da Mariana, ela me contava tudo que eu queria saber e, com isso, um plano começou a se formar na minha mente, muito simples. Ela sempre soube de tudo, sabe por quê? Porque seu querido pai contava tudo *pra* ela durante as visitas, ele contava que desviava dinheiro da empresa, dinheiro destinado às obras, que manipulava as plantas. Tudo isso de acordo com a vontade dele e da imobiliária que ele tem negócios.

A imobiliária que a Ariella trabalhava.

*Deus, isso era um pesadelo.*

— Foi em uma das muitas conversas que tive com a Mariana, que descobri que você era adotado. Colocar a

Mariana contra você foi fácil, dizer que o irmão mais novo dela era o responsável por tudo que tinha acontecido na vida dela, que ele queria a empresa, o lugar dela. Começar o plano foi a melhor parte, eu criei a Mariana que você conhece hoje, eu controlo a sua irmã cem por cento, ela me obedece em tudo.

— Você é um psicopata — sussurrei, completamente chocado com todas as palavras que saíram daquela boca.

Afonso riu.

Ele riu como se eu tivesse contado a piada mais engraçada do mundo.

— Eu não estava nem aí se era você ou seu pai que iria para cadeia, eu só queria ver aquela empresa cair no buraco, mas seu pai confidenciou para a Mariana que se algum dia tudo viesse à tona, você seria o responsável, porque tudo apontava para você. Por isso, contratamos a Marcela, uma excelente detetive, e já que seu pai fez as

coisas sem deixar rastros, tudo cairia em cima de você, seria como matar dois coelhos com uma cajadada só, a empresa se afundaria e a Mariana iria se livrar do irmão, que, de acordo com ela, era o culpado por estar internada em um sanatório.

— Se você acha que vai se safar dessa, está muito enganado — falei. — Se tem alguém nessa história que precisa se ferrar, esse alguém é você.

— Será? — questionou e se afastou de mim. — Vamos descobrir o que uma pessoa morta pode fazer.

E, com isso, ele apontou uma arma para mim.

— Diga olá à morte por mim, Gustavo.

Então, ele apertou o gatilho, no instante em que ele fez isso, eu me movi e segurei o seu braço, fazendo com que ele apontasse em outra direção. O barulho do tiro soou alto e meti o cotovelo no estômago dele e, em seguida, dei um murro em sua cara, fazendo sair sangue.



Parti para cima, enquanto tentava fazê-lo soltar a arma.

— Você vai morrer, hoje — ele urrou, enquanto tentava se livrar de mim.

— Se eu morrer, você morre junto comigo — sussurrei.

Ele se soltou de mim e apontou a arma na minha direção novamente, só que dessa vez eu fui mais rápido e o empurrei contra a parede, fazendo-o bater a cabeça.

Eu podia ouvir os gritos da Mariana, mas não podia ir até ela, não enquanto eu não desarmasse esse monstro. Por fim, depois de mais dois murros, ele soltou a arma e eu a peguei, acionado a trava de segurança.

— Eu vou ficar com isso, por enquanto — sussurrei, e o deixei ali, indo correndo até a minha irmã.

— Mariana, Mariana.

Segurei seu rosto, enquanto ela se debatia na cama.

— Vai ficar tudo bem, vou te tirar daqui.

Ela estava assustada e as lágrimas banhavam seu rosto.

— Mariana, Mariana, olha para mim — pedi, e ela o fez.

— Vou te tirar daqui, confia em mim.

Ela apenas assentiu, ainda receosa.

Eu precisava de uma faca, olhei para trás e quando o fiz, o Afonso não estava mais ali.

— Seu desgraçado, aonde você foi...

Então, ouvi o barulho de algo rolando pelas escadas.





O motorista do Uber quase não quis me deixar ali, eu tive que apelar muito para que isso acontecesse, de acordo com ele, o local era considerado uma clínica fantasma, onde os espíritos dos pacientes vagavam pelos corredores, se lamentando por tudo que sofreram ali dentro.

Antes de chegar, mandei uma mensagem para Ariella e para o Rômulo, avisando aonde eu estava indo e atrás de quem, não sei se eles chegaram a ver, pois, em determinado momento, fiquei sem sinal de celular, a clínica era praticamente no meio do nada.

Assim que desci do carro e entrei pelo portão que estava entreaberto, ouvi o som de um tiro sendo disparado. Foi naquele instante que eu corri, cheguei a escorregar algumas vezes, mas não caí.

Entrei em um local que parecia ser a recepção e olhei ao redor, tentando descobrir de onde tinha vindo o tiro. Avistei as escadas e corri para lá, conforme eu subia, pedia a Deus que o Gustavo estivesse bem.

Assim que cheguei ao primeiro andar, eu parei, olhando de um lado para o outro, então eu avistei o Afonso andando em minha direção. Ele tinha o rosto coberto de sangue e um olhar assassino, dei dois passos para trás por puro instinto, o medo tomou conta de mim e eu ergui as mãos.

— Se você tivesse feito tudo como eu tinha ordenado, isso não estaria acontecendo — falou, conforme se aproximava de mim.

— Afonso, nós podemos conversar — pedi, notando minha voz trêmula.

— Eu não vou conversar com você, nós vamos resolver isso de uma maneira bem simples — disse, se aproximando mais.

— Você vai se arrepender — falei, e dei mais um passo para trás. — A polícia já está a caminho, acha que vai escapar dessa?

— E você acha que eu tenho medo da polícia? Vocês me subestimam demais, espero que tenha dito para o Gustavo o quanto você o amava — falou, com deboche. — Porque você não vai ter essa oportunidade, nunca mais.

Aconteceu tudo em câmera lenta. Afonso avançou em minha direção e eu travei no local, minhas pernas não obedeciam aos meus comandos e eu arregalei os olhos quando suas mãos apertaram meu pescoço.

— Isso é para vocês aprenderem, que jamais deviam ter tirado a pessoa mais importante da minha vida.

Eu segurava as mãos dele, tentando fazê-lo me soltar.

A busca por ar se tornou sufocante e eu pude vê-lo sorrir diante do que me causava.

— A morte vai te dar boas-vindas, Marcela — sussurrou, então ele me empurrou.

Abri a boca em um grito mudo e me apavorei quando não senti nada sob meus pés. O medo me dominou completamente e eu caía, meu corpo entrou em contato com o chão. Depois disso, tudo que eu senti foi dor e, então, a escuridão me deu boas-vindas.

Gustavo

Saí do quarto, correndo em direção às escadas, olhei para o lado e pude ver o Afonso fugindo pela porta de entrada, assim que pisei no primeiro degrau, parei ao olhar para o térreo e ver a Marcela estirada no chão, meu coração errou várias batidas e por questão de segundos eu fiquei paralisado, enquanto meu cérebro tentava processar o que estava acontecendo.

— Marcela... — sussurrei, acordei do meu estupor e descí as escadas o mais rápido que pude.

Abaixei-me e tirei o cabelo do seu rosto, observando cada traço.

— Marcela, fala comigo, por favor — pedi, enquanto passava os olhos pelo seu corpo.

Havia manchas roxas em seu pescoço; toquei a pele, com cuidado, eu não podia mexer nela, a



probabilidade de causar alguma lesão era grande.

— Por favor, Marcela. Agente firme, por favor. Por favor — pedi, completamente desesperado.

Tateei o meu bolso em busca do meu celular, peguei o aparelho e só então percebi o quanto eu estava tremendo. O desbloqueei, vendo que ainda estava sem sinal, um acesso de raiva tomou conta de mim e eu joguei o aparelho na parede.

Eu não sabia o que fazer, buscava alguma saída ou alguma que podia fazer, mas eu estava de mãos atadas e completamente à mercê do destino e da sorte.

— Marcela, Marcela por favor, não me deixe — pedi, as lágrimas embaçando minha visão. — Você está proibida de me deixar, está ouvindo? — ordenei.

Olhei para os lados e depois para o topo da escada. Minha irmã estava parada ali em cima, eu tinha conseguido soltá-la da camisa de força e agora ela me encarava tristemente.

Voltei a encarar a Marcela e segurei em seu pulso, certo alívio tomou conta de mim, ao sentir que seu coração estava batendo.

— Por favor, Marcela... — sussurrei, completamente desesperado, enquanto olhava para ela. — Eu te amo, Marcela, eu te amo e não vou conseguir viver sem você, eu deveria ter dito isso antes, ter acreditado em você, eu deveria ter feito tanta coisa, mas eu estava cego de ódio, não consegui enxergar que você não tinha culpa. Eu quero que fique ao meu lado pelo resto das nossas vidas, eu preciso de você na minha vida!

Infelizmente, eram declarações para o vento, pois ela não me responderia, muito menos, me ouviria.

Se existia um Deus, naquele momento, Ele me odiava, com todas as forças, como podia deixar aquilo acontecer, como Ele podia me fazer sofrer dessa forma, depois de tudo?

— Por favor... — implorei, não sabia mais a quem.

Supliquei para que uma providência fosse enviada, supliquei para que, pelo menos, naquele momento, tivéssemos algum tipo de esperança de que no fim tudo daria certo.

Eu gemi incontáveis vezes, enquanto eu segurava a mão da mulher que eu amava e implorava para que ela aguentasse mais um pouco, pois ela sobreviveria.

Foi então que eu ouvi sirenes, estavam distantes, mas definitivamente eram sirenes.

Olhei para o alto, será que pela primeira vez na vida Deus havia atendido ao meu pedido?

Voltei a olhar para a Macela e apertei sua mão, fechando os olhos.

Tudo ficaria bem.

Tudo tinha que ficar bem.



Eu estava esgotado.

Tudo que eu queria era que o dia terminasse e que tudo se resolvesse, mas quanto mais eu desejava isso, as horas se passavam ainda mais lentamente.

Em toda a minha vida, eu nunca tinha sentido tanto medo, como no momento que vi a Marcela estirada no chão, se essa era a dor do medo de perder alguém que se ama, eu nunca queria perder alguém na minha vida.

Quando a polícia chegou, imediatamente fizeram os primeiros socorros e ligaram para ambulância. Eles colocaram uma equipe atrás do Afonso, mas ainda não tinham conseguido encontrá-lo, porém, disseram que ele não devia ter ido muito longe e que uma equipe seria colocada atrás dele.

Levantei-me da cadeira que eu estava sentado e fui até a cama da Mariana, os médicos resolveram deixá-la em

observação durante à noite e, no dia seguinte, ela receberia alta.

Segurei sua mão e comecei a traçar círculos na palma dela.

— Se eu tivesse te dado mais atenção, nada disso teria acontecido — sussurrei, e respirei fundo, não conseguindo controlar as lágrimas. — Queria tanto que você tivesse contado comigo, para tudo, Mariana. Queria que você tivesse confiado em mim e me contado o que estava acontecendo, eu teria feito de tudo para te ajudar, qualquer coisa para que você ficasse feliz.

Fechei os olhos e sequei as lágrimas, eu já havia tido a cota de lágrimas para o dia.

A porta do quarto se abriu e minha mãe entrou, juntamente com meu pai.

— Minha menina! — minha mãe gritou, e foi até a filha. — Como ela está?

— Fisicamente bem, mentalmente é outra história — respondi.

— Ah, minha princesa. Gustavo, como isso tudo aconteceu? Como o Afonso pôde fazer isso, como ele...

— Depois eu explico tudo para a senhora, prometo. Eu preciso ver como uma pessoa está, qualquer coisa, pode me chamar.

— Claro.

Virei-me e olhei para o homem que se dizia meu pai, que me encarou de volta, mas sem dizer uma palavra, passou por mim, indo até a Mariana.

Olhei para trás e o vi segurando a mão da filha. No final das contas, talvez o que a Mariana disse sobre a adoção, não foi delírio da cabeça dela. A cada minuto que se passava, eu tinha mais certeza de que podia ser verdade.

Saí do quarto e caminhei para a recepção.

Havia algumas coisas que eu precisava resolver, mas eu não sairia do hospital antes de receber notícias da Marcela, ela foi submetida a uma bateria de exames e eu só pedia para que ela não tivesse lesões, pois uma queda naquela proporção poderia causar lesões sérias.

Cheguei à recepção e vi Emilly, Ariella e o Rômulo sentados no sofá, caminhei até eles e me sentei também.

— Como você está? — a ruiva perguntou.

— E a Marcela? — Emilly perguntou logo em seguida, e eu respirei fundo.

— Estou me sentindo o personagem principal de um livro de drama, onde não tenho um minuto de sossego.

— Esse pesadelo vai acabar logo, você vai ver. — Minha amiga apertou meu ombro.

— Eu ainda não tenho notícias da Marcela — falei para a Emilly. — Ela foi levada direto para fazer vários exames. Eu não sei como ela está, mas ela rolou escada

abaixo e isso está me deixando muito preocupado e com muito medo.

— A Marcela é forte, eu tenho certeza de que nada vai acontecer com ela.

— Assim eu espero — falei e olhei para o Rômulo.  
— Como está a situação do local do desabamento?

— O resgate terminou há pouco a mais de duas horas — Rômulo disse. — Eram cerca de 100 homens no local, na hora do desabamento havia 50 pessoas ali, nem todas tinham chegado do almoço ainda. Os bombeiros me passaram que tinham dez pessoas feridas e foram confirmadas cinco mortes.

Fechei os olhos e respirei fundo. Meu Deus, esse pesadelo não tinha fim, não?

— Quero que me empreste sua secretária — pedi.

— Claro — concordou.

— Peça para ela marcar uma coletiva de imprensa amanhã pela manhã, irei falar sobre o que aconteceu e



fazer um anúncio.

— Que anúncio? — Ariella perguntou.

— A partir de agora, a Simmons Architecture and Engineering irá fechar as portas, para sempre.

Os três se entreolharam, voltando a me encarar em seguida.

— Gustavo...

— Não vou voltar atrás, Rômulo — falei, interrompendo sua fala. — Nós iremos arcar com todas as responsabilidades exigidas por lei, mas depois que o escândalo do meu pai explodir, não temos como manter a reputação da empresa.

— Quem você pensa que é para decidir uma coisa dessas?

Olhei para trás, vendo Roberto Simmons em pessoa.

— CEO da empresa e no momento a pessoa com maior capacidade para tomar essa decisão.

Meu pai sorriu e se aproximou de mim, como se pudesse me bater a qualquer momento.

— Você não vai fechar a Simmons Architecture and Engineering, eu não vou permitir que você cometa essa burrice — rosnou.

— Quero ver o que você vai fazer para me impedir — desafiei.

— Seu moleque, não me desafie, você não sabe do que eu sou capaz...

— Mas nós sabemos do que você é capaz.

Roberto olhou para trás ao ouvir a voz do delegado da polícia federal, apenas cumprimentei o Antônio com um aceno de cabeça e me afastei.

— Roberto Simmons? — o delegado perguntou.

— Sim, sou eu.

— Polícia federal, nós temos um mandado de prisão para você — falou, mostrando o distintivo e um papel com a ordem de prisão.

A presença da polícia tinha chamado a atenção das pessoas, a voz de prisão fez com que todas ficassem em choque.

— Não é possível...

— Você tem o direito de permanecer calado e de procurar um advogado.

Observei o delegado algemar o meu pai, que ainda não estava acreditando em tudo que estava acontecendo. Então, ele me olhou.

— Seu moleque, isso é coisa sua, não é? — perguntou, enquanto era levado para fora do hospital. — Isso não vai ficar assim, pode ter certeza!





A claridade que havia no quarto não me deixou abrir os olhos, me mexi na cama e gemi ao sentir dor por todas as partes. Abri os olhos e pisquei várias vezes para me acostumar com a luz.

— Graças a Deus, você acordou.

Olhei em direção à voz e vi a Emily.

— O que aconteceu? — questionei, fechando os olhos e respirando devagar, parecia que um caminhão havia passado em cima de mim. Não era normal um ser humano sentir tanta dor.

— Você não se lembra? — perguntou.

— Eu... — Forcei minha cabeça a trabalhar, mas não vinha nada, apenas o branco. — Não consigo me lembrar de nada.

Ela respirou fundo e segurou minha mão.

— Vou chamar o médico para examinar você — falou e se levantou.

Foi então que me dei conta de que estava em um hospital. Meus ouvidos começaram a capitar o *bip* das máquinas, olhei para a mão que a Emilly tinha segurado e vi uma agulha para soro introduzida ali.

Tentei me lembrar do que tinha acontecido, mas era como se houvesse um apagão na minha mente. Eu sabia que eu tinha recebido uma ligação do Afonso, e que ele tinha ameaçado o Gustavo, fui atrás dele e o encontrei em uma clínica que parecia estar abandonada, mas depois disso, não tinha mais nada na minha cabeça.

Ouvi a porta do quarto se abrir.

— Nossa paciente acordou — ouvi uma voz feminina dizer. — Como você está se sentindo?

— Confusa e com dor — falei, e ela começou a me examinar, primeiro jogando aquela luz torturante nos meus olhos.

— Sinais vitais estão ok. O efeito da anestesia passou e vamos medicar você para a dor diminuir. Consegue sentir os dedos dos pés?

Respirei fundo e mesmo com dor, me forcei a mexê-los.

— Sim, sinto — falei, aliviada.

A médica sorriu e anotou algo no prontuário.

— Irei sentar sua cama um pouco, certo? Se sentir dor ou qualquer tipo de desconforto, pode me avisar.

— Tudo bem — falei.

A cama começou a se mexer, me deixando em uma posição meia sentada.

— A sua amiga disse que você não se lembra de nada, certo?

— Sim, já tentei buscar na memória o que aconteceu, mas não consigo.

— Certo, irei lhe informar sobre o seu caso. Pelos hematomas que apresentou no pescoço, você sofreu uma tentativa de estrangulamento, ficará com algumas manchas, que vão sumir dentro de algumas semanas. Sua queda da escada foi algo que deixou todos os médicos preocupados, porque geralmente um paciente não sai sem uma lesão grave na coluna, mas você foi uma exceção, não havia nada de errado, de acordo com os exames feitos. Infelizmente você quebrou um braço no processo e pode sentir fraqueza nas pernas, por isso, vamos recomendar que faça reabilitação, apenas para fortalecer a musculatura.

Eu ainda estava tentando assimilar tudo que tinha acontecido, quando meu olhar parou na minha barriga.



Lentamente levei a mão até ali e olhei para a médica.

— Doutora? — chamei, minha voz estava trêmula, a médica olhou para mim e depois para onde minha mão repousava.

— Marcela...

— Eu havia descoberto há alguns dias, não tinha nem uma semana direito. Foi domingo, com um teste de farmácia. Eu não posso ter perdido esse bebê. Eu ainda estou grávida, não é? Eu ainda vou ter esse filho, não vou?

— Eu sinto muito, Marcela, infelizmente quando você chegou ao hospital, não havia mais nada a ser feito.

— Não, não pode ser. Eu nem pude contar que estava grávida, não consegui falar sobre o meu bebê, eu não consegui...

— Grávida?

Olhei para a porta e vi o Gustavo parado ali.

— Gustavo... — sussurrei, sem consegui controlar as lágrimas.

Ele se aproximou de mim lentamente, enquanto eu tentava assimilar o que havia descoberto.

— Você estava grávida, Marcela? — questionou.

— Eu tinha descoberto esta semana, eu... eu... perdi meu filho, eu perdi meu bebê.

Comecei a chorar sem parar, a dor era tanta, que eu pensei que não seria capaz de suportar.

Senti os braços do Gustavo em volta de mim e chorei ainda mais.

— Vai ficar tudo bem — ele sussurrava em meu ouvido, mas eu podia ouvir a dor em sua voz também e isso me partia o coração, por vários motivos; primeiro, porque eu não contei para ele que estava esperando um filho; segundo, por ele saber da notícia dessa maneira.

Ouvi a porta do quarto se fechando, mas não consegui assimilar quem havia entrado ou saído.

Quando consegui me acalmar, depois de um tempo, ele me soltou e secou as lágrimas do meu rosto.

— Marcela — sussurrou, me fazendo encará-lo.

— Sim?

— Você pretendia me contar sobre a gravidez?

Pisquei incontáveis vezes.

— Gustavo, eu ia te contar, mas...

— Você me mandou um e-mail, avisando que ia embora e você já sabia que estava grávida, eu não sei o que pensar, sinceramente.

— Por favor, me escuta — pedi, segurando o braço dele com a mão boa. — Eu não fazia ideia do que eu estava pensando, tivemos uma briga feia, você havia dito que não queria mais me ver, como eu poderia contar que estava grávida naquele momento?

Estava desesperada para que ele me entendesse. Eu não ia deixar de contar para ele, só esperaria as coisas se acalmarem mais, não queria ser tachada de aproveitadora ou nada do tipo, mas naquele momento eu não podia simplesmente jogar a gravidez na cara dele.

— Por que não me contou quando descobriu? —  
questionou.

— Eu tinha acabado de ser ameaçada pelo Afonso, não sabia o que fazer. Eu estava morrendo de medo de que ele fizesse alguma coisa com você, e depois você descobriu tudo, eu não consegui contar aquele dia. Por favor, não me condene por isso, eu já estou sofrendo demais porque não tem mais um bebê dentro de mim, não me deixe com mais esse peso na consciência.

— Eu preciso pensar, Marcela. Não quero que você se culpe, eu só preciso assimilar tudo que aconteceu. Vou voltar logo para podermos conversar, ok?

— Ok — falei, e senti-o beijar minha testa.

— Qualquer coisa, me liga — disse, e se levantou, me deixando sozinha no quarto.

As lágrimas voltaram a cair com força, porque a sensação de perda agora era dupla. Fechei os olhos com

força e pedi para que esse pesadelo acabasse, eu só queria um final feliz, era pedir muito?

— Marcela, o que aconteceu? O Gustavo estava chorando no corredor.

— Eu estraguei tudo, Emilly — falei, sem conseguir controlar as lágrimas. — Acho que perdi o Gustavo para sempre, perdi e/e, perdi meu filho. Eu perdi tudo.

— Amiga...

Ela veio e me abraçou, me deixando chorar tudo que eu precisava chorar, quem sabe assim, essa dor não diminuía um pouco?

Gustavo

A dor era tanta, que eu mal conseguia respirar, parecia que algo apertava minha garganta, enquanto eu tentava controlar minhas emoções.

Meu celular tocou e eu peguei o aparelho no bolso do terno, vi o nome da minha mãe.

— Oi, mãe.

— *Gustavo, meu filho, será que podemos conversar?*

— Claro, mãe. Onde a senhora está?

— *Estou em casa.*

— Chego aí daqui a pouco — falei, e encerrei a chamada.

Levantei-me e olhei mais uma vez para a porta do quarto da Marcela, meu desejo lutava ferozmente contra a

minha razão e, pela primeira vez na vida, eu tinha medo da decisão que eu precisava tomar.



— Como a senhora está, mãe? — questionei.

— Ainda tentando assimilar tudo que aconteceu — falou, ao me abraçar.

— E a Mariana? — perguntei.

— Ela passa o dia deitada na cama, não fala nada desde aquele dia, os médicos diagnosticaram como estresse pós-traumático.

— O que pretende fazer?

— Irei procurar outra clínica para ela, não consigo ver minha filha daquele jeito, os médicos aconselharam também.

— Quer ajuda para procurar alguma clínica?

— Querido, eu tomei uma decisão. Depois de tudo que aconteceu e de tudo que descobri sobre o Roberto, eu não consigo mais ficar no Brasil. Eu vou voltar para os Estados Unidos e levar a Mariana comigo. Acredito que uma casa à beira mar será o ideal para nós duas, mesmo que a Mari não fique muito comigo por lá.

Segurei as mãos dela e sorri.

— A senhora tem todo o meu apoio, em qualquer decisão que tomar.

— Obrigada, meu filho, fico muito feliz por isso. E você, como está? E a Marcela?

— Ela acordou mais cedo e...

— Vocês se acertaram? Meu filho, não deixe essas pessoas estragarem o amor que você sente por essa mulher, não vale a pena.

— A Marcela estava grávida, mãe — falei, de uma vez. — Ela tinha descoberto, não tinha uma semana. Quando ela disse que ia embora e ia me deixar, ela já



estava grávida. Mãe, ela ia embora sem me falar sobre o nosso filho, e agora eu descobro que ela perdeu essa criança, eu não sei assimilar o que estou sentindo.

— Sei que é difícil assimilar qualquer coisa nesse momento, mas tente se pôr no lugar dela. — Ela piscou inúmeras vezes. — Perder um filho, não importa em qual momento, é doloroso. Você precisa ficar ao lado dela, Gustavo, esse é o momento em que ela mais precisa de você.

— Mãe...

— Uma vez eu perdi um bebê, seu pai não ficou ao meu lado e isso me doeu tanto, tanto. Você não sabe o que se passa na cabeça de uma mãe que perde um filho. Por mais que ela tenha errado, ela fez tudo por amor. Olha tudo que ela enfrentou para provar que você não era culpado, todas as ameaças que sofreu. — Ela apertou minha mão e sorriu. — Meu filho, deixe o orgulho e o medo de lado, a

insegurança. Se aquela mulher não te amasse, não teria ido atrás de você.

Assenti, ela estava certa. Ela sempre estava certa em todos os conselhos que dava.

— Obrigado, mãe.

— É para isso que mães servem, abrir os olhos dos filhos.

— Mãe, posso perguntar uma coisa? — questionei, me lembrando do surto da Mariana.

— Claro, querido.

— Quando estávamos naquela clínica, a Mariana surtou e disse que eu era adotado. No início, eu não acreditei, mas parando para pensar, não é impossível. Eu sou adotado?

Ela soltou as mãos da minha e abaixou olhar.

— Eu jurei que você nunca saberia disso — sussurrou, e pude perceber que ela havia começado a chorar.

— Mãe, eu preciso saber — pedi.

— Eu queria tanto ter outro filho, queria poder gerar mais uma vida, antes de ter a Mariana, eu engravidei uma vez e perdi, meu corpo não tinha forças para segurar um bebê. Quando descobri que estava grávida da Mariana, foi uma luta para conseguir mantê-la, ela nasceu prematura e teve que ficar meses na incubadora. Eu queria um menino, mas engravidar novamente estava fora de cogitação, foi então que recorremos à adoção. Quando eu te vi, pensei que não poderia existir um menino mais lindo que você, foi amor à primeira vista. Eu sabia que precisava ser sua mãe. Eu pensei que seu pai estava feliz, mas por tudo que vem acontecendo nos últimos anos, não era o que ele queria.

— Não é sua culpa, mãe. Não podemos prever o que as pessoas irão fazer.

— Eu nunca me arrependi de ter adotado você, Gustavo — disse, segurando meu rosto. — Posso não ser

sua mãe de sangue, mas sou sua mãe de coração, eu te dei todo o meu amor e carinho, criei você para se tornar esse homem sensato e maravilhoso que se tornou e agradeço, de coração, por você ter se tornado uma pessoa honesta e responsável.

— Obrigado, mãe — falei, com lágrimas nos olhos.  
— Obrigado por ter me escolhido. Eu tenho muito orgulho de ser seu filho, muito orgulho.

Ela me abraçou e deixei as lágrimas caírem, não me importava quem havia me colocado no mundo, minha mãe era e sempre seria a dona Pillar Simmons.





Cheguei ao hospital novamente por volta das oito da noite, eu sabia que o horário de visitas havia encerrado, mas o que eu tinha para falar com a Marcela era muito importante. Pelo menos, na minha visão.

— Como ela está? — perguntei para a Emily, que faltava me fulminar com os olhos.

— Estaria melhor, se você não tivesse ido embora, deixando-a naquele estado.

— Estou arrependido.

— Claro que está, consigo ver isso nos seus olhos — falou, e tomou o restante da água que tinha no copo.

— Está indo embora? — perguntei.

— Sim, a Marcela praticamente me expulsou daqui. Disse que eu tinha que ir para casa descansar, para poder trabalhar amanhã.

Sorri e respirei fundo, mesmo deitada em uma cama, continuava autoritária.

— Quer que eu peça um Uber para você? — questionei.

— Não precisa, eu vou levá-la.

Emilly se virou para trás imediatamente ao ouvir a voz do delegado.

— Antônio?

— Precisamos conversar, por favor — pediu, e eu me senti meio invasivo de estar ali, já havia visto os dois antes e sempre suspeitei que tinha algo, mas a Marcela dizia que era coisa da minha cabeça.

— Tudo bem — respondeu, e voltou a me olhar. — Se você a fizer chorar, eu te mato.

Sorri e concordei.

— Como estão as coisas, Gustavo? — Antônio perguntou.

— Não estão nada fáceis — falei. — Alguma notícia do paradeiro do Afonso?

Ele estava desaparecido desde aquele dia e a polícia ainda não tinha conseguido nenhuma pista sobre seu paradeiro, mas as buscas estavam a todo vapor.

— Nada ainda, seu pai também não está colaborando, mas ele não tem como negar as acusações.

— Só quero que ele pague por tudo que fez.

— Pode ter certeza de que o farei fazer isso.

— Quero te pedir mais uma coisa também — falei.

— O quê?

— Marque um horário para eu conversar com ele amanhã, por favor.

— Considere feito. — Ele se virou para Emily e sorriu. — Vamos?



Ela assentiu e se despediu de mim, observei os dois saindo do hospital e tomei coragem para ir até o quarto da Marcela.



Infelizmente, coragem não se vendia em um potinho, que você poderia comprar em qualquer farmácia.

Demorei cerca de duas horas para conseguir chegar à porta do quarto dela e ensaiei todos os discursos possíveis e impossíveis para fazer, mas não sabia se seria suficiente.

Por fim, decidi apenas entrar, pois a necessidade de vê-la estava sobrepondo o medo.

Quando abri a porta do quarto, imediatamente ela me olhou.

— Gustavo, o que faz aqui? — questionou.

— Procurando a melhor forma de te pedir perdão, por tudo que eu te disse aquele dia e por hoje, não sou a melhor pessoa do mundo, Marcela, eu tento melhorar a cada dia, mas nem sempre eu tenho o resultado que quero.

Fechei a porta e me aproximei da cama.

— Eu deveria ter ficado aqui e apoiado você, independente de qualquer coisa — continuei. — Eu também perdi um filho e não sabia que ele existia, isso me deixou nervoso e acabei falando o que não devia. Me perdoa?

— Eu devia ter contado para você — sussurrou.

— Você fez o que julgou certo em um momento que eu pedi para você sumir da minha vida, não sei o que eu teria falado, se você tivesse me contado naquele instante sobre a gravidez, eu poderia ter sido muito pior. Você fez bem em esconder.

— Eu queria ter te contado — disse, com lágrimas nos olhos. — Eu nem tive tempo de pensar se seria

menino ou menina, se iria puxar para mim ou para você, eu só conseguia amar aquela criança de uma forma que eu não julgava ser possível. Eu também errei com você, se eu pudesse voltaria atrás e te falaria toda a verdade, independente de qualquer coisa.

Segurei a mão dela e apertei.

— Sabe por que eu me apaixonei por você? — perguntei.

— Não, por quê?

— Porque você é o que as outras não são e nunca vão ser, você é diferente em todos os sentidos, é forte e sensível ao mesmo tempo, é carinhosa e durona, não tem medo de dizer a verdade, doa a quem doer.

— Eu queria ter dito a verdade.

— O amor muda as pessoas — falei. — Ele me mudou muito desde que te conheci e eu não pensei que isso fosse possível, mas isso é bom, porque apenas com amadurecimento conseguimos entender certas coisas e eu

consegui compreender que não posso viver sem você, não quando meu coração te pertence por completo, não quando minha cabeça só pensa em você e minha alma se sente vazia se você não está por perto. Eu amo você, Marcela. Você é a mulher da minha vida e eu não sei se vou conseguir viver sem você. Me perdoa e me aceita de volta?

A pergunta tinha ficado no ar, ficamos presos olhando um para o outro, enquanto a angústia me matava por dentro.

— Você me ama mesmo? — perguntou, e eu sorri, levei minha mão até seu rosto.

— Amo, amo como nunca pensei que eu fosse ser capaz de amar alguém. — Sorri ao constatar isso. — Eu te disse que você me faria quebrar todas as minhas regras, Marcela, e essas regras quando fossem quebradas me levariam à ruína. Você não mentiu quando disse que nosso envolvimento levaria o meu coração ao extremo dele, eu

nunca senti tanto medo como no dia em que a vi estirada no chão, desacordada e sem saber se você sobreviveria.

— Como pode ter certeza de que isso é amor e não remorso? — questionou.

— Porque o medo mudou de “ela vai morrer sem saber do meu amor” para “ela vai sobreviver, mas não vai estar ao meu lado”.

Ela sorriu, o mesmo sorriso que me deixou viciado e apaixonado em proporções extremas.

— Eu te amo, Gustavo — declarou, e pela primeira vez na vida, eu sabia o efeito que aquelas palavras tinham dentro do meu peito. Foi como um reboião, me fazendo respirar mais rápido e sentir meu coração acelerar de uma maneira praticamente impossível.

— Você tem certeza do que está me dizendo? — perguntei.

Ela sorriu ainda mais, me fazendo sorrir também. Senti sua mão acariciar meu rosto e fechei os olhos, então

sua voz doce preencheu meus ouvidos.

— É a única certeza que eu tenho agora.

Abri os olhos e aproximei nossos rostos.

— Eu te amo — falei, bem baixinho.

— Eu te amo, eu te amo e eu te amo — ela repetiu, como se não quisesse me deixar esquecer.

Sorri e beijei seus lábios rapidamente, me afastando e beijando todo o seu rosto, enquanto ela sorria.

— Você pode repetir? É só *pra* eu ter certeza de que ouvi direito.

— Eu te amo e quero passar a vida inteira com você. Você aceita? — perguntou.

— Não precisava nem perguntar, eu quero ser sua vida, Marcela.

Tomei seus lábios para mim, um beijo que expressava tudo que eu sentia e que significava promessas silenciosas.

Um beijo de amor.



— Tem certeza de que quer fazer isso? — Rômulo perguntou, assim que chegamos à delegacia.

— Sim, eu preciso saber da verdade — falei, conforme entrávamos. — Mesmo que ela doa em mim.

— Estarei aqui quando você terminar.

Assenti e respirei fundo, era uma conversa necessária.

Quando entrei na sala que foi reservada para essa conversa, o Roberto já estava lá, algemado e encarando a mesa. Fechei a porta atrás de mim e me sentei na frente dele.

— Não acreditei quando disseram que você queria me ver, mas quando o assunto é idiotice, você consegue se

superar.

— Por que está fazendo isso? — perguntei.

— Você foi um erro, desde o início, Gustavo — falou, me encarando.

Seus olhos estavam frios e cruéis, ele parecia um assassino falando daquela maneira, e, na verdade, ele não deixava de ser um.

— Deveria manter a empresa aberta. — Mudou de assunto e eu senti vontade de rir.

— Não tenho condições de deixá-la aberta e você sabe muito bem o motivo — falei.

— Meu trabalho de toda uma vida e você está jogando fora, dessa maneira.

— Quem jogou o trabalho fora foi você, que queria mais do que deveria ganhar e fez com que pessoas inocentes pagassem com suas vidas o crime que você cometeu.

Ouvi-o rir.



— Você se acha o correto, não é? — perguntou.

— Não, estou longe de ser a pessoa mais correta do mundo, até porque erro como todo mundo, só estou colocando os fatos na mesa. Você acabou com a sua empresa, você destruiu o nome da nossa família e nos jogou no buraco, espero que você colha tudo que está plantando.

— Seria tudo tão diferente, se a Pillar não tivesse te adotado. A Mariana seria a presidente como eu sempre almejei, mas você tinha que aparecer e mudar nossas vidas completamente.

— E você acha que a Mariana permitiria todo esse roubo? Tenho certeza de que não.

— E você acha que eu precisaria roubar, se ela estivesse bem? — questionou. — Não precisaria, pois ela me ajudaria. Ela era a única compatível, mas ela não podia doar. Eu não precisaria fazer tudo isso, se ela estivesse bem!

— Do que você está falando? — questionei.

— De qualquer maneira, você continua sendo fraco, Gustavo. Nunca vai passar de um homem medíocre que cresceu na vida, apenas porque foi adotado por mim e usa meu sobrenome, mas nunca vai ter o meu sangue.

— E eu dou graças a Deus por isso, não preciso de um pai como você.

Levantei-me, disposto a ir embora, mas a voz dele me parou.

— Como está a Mariana?

Ponderei se deveria responder ou não, mas optei por fazer isso e me virei para ele.

— Graças ao Afonso, que manipulou a cabeça dela, de um modo que eu não consigo imaginar, ela está pior do que quando foi diagnosticada com esquizofrenia. Sua filha não fala mais, mal se alimenta e está presa na própria mente.

— Esse filho da puta... — sussurrou, e cerrou os punhos.

— Mas ele vai ser pego — falei. — Ele vai pagar por tudo que fez.

Roberto riu e me encarou.

— Realmente, vocês ainda subestimam a inteligência dele. Afonso é um psicopata, ele não tem dó, ele mata sem pensar duas vezes. Quando perceberem isso, ele já estará longe daqui.

Ele sabia de alguma coisa, mas tinha certeza de que não falaria tão facilmente. Me virei para ir embora, mas parei com a mão na maçaneta.

— Eu só queria saber de uma coisa, apenas uma questão.

— Pergunte. Eu não tenho nada a perder, mesmo.

— Algum dia você me viu como seu filho?

Não olhei para trás nenhuma vez, eu só precisava confirmar a minha resposta.

— Nunca.

— Era só isso que eu precisava saber.

Abri a porta sem nenhum arrependimento e fui embora. Eu estava cansado de buscar a aprovação dele, não faria isso de novo.

Era hora de ser eu mesmo.





Depois de conversar com o Roberto, fui até a sala do delegado, precisava saber como estavam as buscas, mas as notícias não eram nada animadoras.

— Eu não consigo entender, sinceramente!

Antônio estava visivelmente nervoso e não era para menos, um psicopata como Afonso, solto por aí, não era um bom sinal.

— Nossas equipes estão há cinco dias vasculhando o local e nada, absolutamente nada! Ele não pode simplesmente ter desaparecido.

*Quando esse pesadelo teria fim?*

— Ele tinha um plano muito bem bolado — falei. —  
Era como se soubesse que a qualquer momento as coisas  
dariam errado.

— Sim.

— Alguma coisa sobre a esposa dele? — questionei.

— Não, ela simplesmente sumiu do mapa, como  
isso pode acontecer?

Era uma pergunta que eu gostaria de ter a resposta.  
O celular dele começou a tocar e o observei atendê-lo.

— Delegado Antônio falando. Como é? Estamos  
indo, agora mesmo!

Ele me encerrou a chamada e me encarou.

— Encontraram uma passagem subterrânea que  
leva para debaixo da clínica, acharam o esconderijo do  
Afonso.



— Não acredito que aquele cretino estava fazendo isso — Ariella disse.

— É inacreditável mesmo — Rômulo concordou.

Eu apenas tentava absorver a notícia dada pelo delegado, há cerca de cinco minutos. Parecia coisa de filme, mas não, era real.

Antônio relatou que o Afonso mantinha a ex-esposa trancada naquele esconderijo, há anos. A mulher estava morrendo e não havia ninguém que pudesse lhe socorrer.

— É um filho da puta, mesmo, e ainda conseguiu fugir, inacreditável.

— A polícia não vai sossegar até colocar as mãos nele — falei, e olhei para eles. — A esperança é de que a Patrícia consiga depor contra o Afonso, estamos torcendo



para que ela fique boa, mas pela voz do Antônio, o caso dela é grave.

— Esse homem não é humano — Ariella falou.

— Tem razão, bruxa — Rômulo disse. — Ele é um psicopata e não tem um pinga de remorso pelas vidas que tira, é um verdadeiro monstro.

Olhei para o relógio e já se passavam das 18h, estávamos na empresa, terminando de preencher os relatórios para o seu fechamento, os setores jurídicos e financeiros estavam uma verdadeira bagunça, mas eu precisava deixar tudo certo, demissões, rescisões de contratos, devolução de dinheiro, indenização. Fechar diversas empresas no Brasil e uma no Estados Unidos não era fácil, era uma verdadeira burocracia que só estava me dando dor de cabeça.

— Vamos embora? — Rômulo perguntou para Ariella, que assentiu e se levantou, colocando a bolsa no ombro. — Ligue, se tiver notícias, Gustavo.

— Pode deixar, vão pela sombra.

Eles começaram a andar e percebi que deram as mãos no meio do caminho. Sorri.

— Quando vocês casarem, eu quero ser o padrinho!  
— gritei.

— Vai se foder, Gustavo! — Ariella gritou de volta e eu sorri, os dois não eram meus melhores amigos à toa.

Meu celular tocou e eu sorri ao ver o nome da Marcela.

— Eu ia te ligar agora — falei, assim que atendi.

— *Então, estou adivinhando pensamentos agora?* — perguntou.

— Merece até um prêmio por causa disso — falei.

— *Se for alguma comida bem gordurosa e com sal, eu aceito.*

Caí na gargalhada, apenas ela para me pedir algo desse tipo.

— Pensei que gostasse de comida do hospital —  
alfinetei.

— *A primeira vez, estava ótimo, da segunda em  
diante, eu como para não passar fome.*

— Sabe que não posso levar nada disso para dentro  
do hospital, vai ter que esperar receber alta para poder  
comer tudo isso.

— *A médica não quer me dar alta agora, disse que  
ainda preciso ficar em observação. Eu posso ficar em  
observação em casa, você podia falar isso para ela.*

— Meu amor, não sou louco de ir contra as ordens  
de um médico.

— *Pensei que estava do meu lado!*

— E eu estou, por isso preciso que se recupere  
logo, estou morrendo de saudade.

— *Também estou saudade.* — Ouvi-a suspirar e  
esperei que ela falasse mais alguma coisa.

— Não vai dizer mais nada? — perguntei.

— *Gosto de ouvir sua respiração* — respondeu, me fazendo sorrir.

— Vou passar em casa, tomar um banho e vou te visitar, em seguida.

— *Te espero. Te amo.*

Sorri, eu amava ouvir isso dela.

— Eu também te amo, muito.

Encerrei a chamada e me levantei. Apesar de tudo, eu tinha certeza de que dias melhores viriam, eles sempre vinham.

Marcela

## Um mês depois

Afrodite e Adônis latiam nos meus pés, conforme eu me movimentava pela cozinha, era impossível mexer com comida quando eles estavam por aqui.

— Meu Deus, eu vou matar o Gustavo por sugerir que vocês ficassem comigo este fim de semana. — Me virei para a Afrodite. — Você deveria dar o exemplo para o folgado do seu marido, além do mais, você está grávida, como consegue andar *pra cima e pra baixo* desse jeito?

— Meu Deus, Marcela! Você costuma gritar com eles desse jeito, de manhã?

Virei-me para a entrada da cozinha e suspirei ao ver minha mãe ainda com cara de sono e de pijama.

— Bom dia para a senhora também, mãe. Pensei que fosse dormir mais.

— Era o plano, até ser acordada pelos latidos dessas coisinhas fofas, seguidos dos seus gritos.

Sorriu, como se pudesse voar em cima do meu pescoço.

— Desculpe, mãe, mas com esses dois aqui, eu fico louca!

— Querida, você está acostumada a morar sozinha é por isso que não se importou em gritar com os cachorros.

Ela foi até a garrafa de café e se serviu.

— Sua sorte é que o Rogerio tem o sono pesado e seus gritos para ele são canções de ninar.

Rolei os olhos e fui atrás da ração para os meus cachorros.

Minha mãe resolveu passar uma semana comigo, já havia três dias que ela estava hospedada no meu apartamento e eu estava para ficar louca.

— Quais seus planos para o dia de hoje? —  
questionei, me fingindo de desinteressada.

— Combinamos de visitar algumas cidades histórias,  
aqui de perto de São Paulo, vamos voltar só amanhã —  
respondeu, e sorri em seguida. — Você não me engana,  
Marcela. Está doida para ir encontrar o namorado.

— Mãe!

— Querida, já tive a sua idade, sei como as coisas  
funcionam e sei muito bem o que fazem quando estão  
sozinhos.

— Mãe!

Sério, algumas vezes a dona Diana desconhecia o  
significado da palavra limites.

— Mas eu gostei do seu namorado, ele parece ser  
um cara bem responsável, na verdade, ele provou isso com  
todo o escândalo envolvendo a família dele.

— Sim, eu sei.

O Brasil inteiro ficou sabendo do caso de roubo e fraude do CEO fundador da Simmons Architecture and Engineering, Roberto Simmons, e mesmo um mês depois de tudo acontecer, ainda negava as acusações e dizia ser inocente, vítima de uma armação do filho com a namorada, eu, no caso. Mesmo que todas as provas dissessem o contrário.

O Afonso continuava foragido, era incrível como ele tinha conseguido desaparecer dessa forma e o Antônio seguia com esperança de que a Patrícia, ex-mulher do Afonso, acordasse e nos ajudasse com alguma coisa, mas o estado dela era complicado, ele não me deu detalhes, mas podia perceber que era bem mais grave do que dizia.

Quanto mais o tempo se passava, mais orgulho eu tinha do Gustavo, ele vinha se mostrando tão responsável e maduro com tudo que vinha acontecendo, isso me deixava ainda mais apaixonada por ele.



Eu estava me recuperando do acidente, sentia dores e precisava ir à fisioterapia duas vezes na semana, mas estava reagindo bem, pelo menos, havia saído daquele hospital, não aguentava mais ficar deitada naquela cama. Minha mãe quase teve um ataque cardíaco quando soube o que tinha acontecido comigo e disse que viria para o Brasil imediatamente, tive que acalmar seu pobre coração e dizer que estava tudo bem e que ela não precisava se preocupar, mesmo assim, ela não sossegou e aqui estava ela, em carne, osso e sem um pinga de vergonha na cara.

Meu celular começou a tocar, chamando minha atenção. Sorri ao ver o nome do Gustavo.

— Bom dia — falei, assim que atendi.

— *Bom dia, minha deusa. Estou saindo do circuito agora, quais seus planos para hoje?*

Dei as costas para a minha mãe e sorri.

— Minha mãe vai sair em uma pequena viagem hoje e só volta amanhã.

— *Isso é música para os meus ouvidos, quer que eu passe aí para buscar você?*

— Eu nem falei o que eu queria fazer.

— *Passar o dia comigo, assistindo a alguma coisa na televisão e comendo besteira o dia inteiro?*

— Isso é perfeito — falei e sorri.

— *Chego aí em uma hora.*

— Ok, beijos.

— *Beijos, amor.*

Ele encerrou a chamada e eu me virei para minha mãe, que me olhava desconfiada.

— Ah, os amores jovens — murmurou, enquanto saía da cozinha.



— Está tudo aqui, amor? — minha mãe perguntou para o marido e eu sorri.

— Claro, gatinha! Tudo pronto! — Rogério respondeu e eu sorri, achando muito interessante a forma que eles se tratavam.

— Querida, nós vamos voltar amanhã, depois do almoço. — E se virou para o Gustavo que estava ao meu lado. — E não se preocupem, iremos ligar quando estivermos chegando, para dar tempo de vocês vestirem alguma roupa.

— Mãe! — Arregalei os olhos e dei um tapa no ombro do Gustavo, que havia começado a rir.

— Beijos, querida.

Dona Diana me abraçou e em seguida abraçou o Gustavo.

— Cuida bem da minha princesa, rapaz — disse, e apontou o dedo para ele, que apenas sorriu e piscou para mim.

— Com a minha vida, se for preciso — falou, me fazendo sorrir. Eu não tinha dúvidas disso.



## **DOIS MESES DEPOIS**

Abracei o Rômulo bem forte.

— Cuida da Emily por mim, por favor — sussurrou em meu ouvido, e eu me afastei dele.

— Está preocupado com ela, não é?

— Sim, aquele delegado só é nota 10 na delegacia, em questão de relacionamentos ele reprovou várias vezes.

— Irei cuidar dela, não se preocupa.

— Obrigado, deusa.

Piscou para mim e foi até o Gustavo.

Ariella se aproximou de mim e sorriu.

— Ainda não vou com a sua cara — falou, e eu sorri.

— Nem eu com a sua, ruiva falsificada.

Ariella sorriu e me abraçou.

— Cuida bem do Gustavo.

— Não precisa pedir duas vezes — falei, e nos afastamos.

Ariella e Rômulo deram as mãos e eu sorri, eles estavam indo embora do Brasil de vez, iriam construir a vida em outro lugar, juntos, mesmo depois de passarem um mês negando o sentimento.

Eles deram tchau mais uma vez e caminharam para o portão de embarque.

— Acha que eles vão conseguir? — perguntei, apesar de tudo, eu ainda tinha minhas dúvidas.

— Eles vão tentar se matar algumas vezes, mas vai dar certo.

Gustavo me abraçou e beijou o topo da minha cabeça.

— E você, minha deusa, está pronta para começar uma vida ao meu lado, do zero?

Olhei para ele e sorri.

— Estou e sempre vou estar.

— Te amo — sussurrou.

— Também te amo — falei.

Ele me beijou e nos viramos para ir embora do aeroporto.

Algumas pessoas sempre acreditaram em destino, eu não era uma delas, longe disso. Mas quando eu iria imaginar que o homem que atraiu a minha atenção, meses antes, em um restaurante do hotel do Rio de Janeiro, fosse virar o homem da minha vida?

Quem não acreditaria em destino, quando eu falasse que a atração naquele dia foi mútua? Quem não acreditaria que o amor nasceu lentamente e foi se formando conforme convivíamos e conhecíamos mais um do outro? Quem não

acreditaria que fomos feitos um para o outro, como almas gêmeas?

Porque o amor é esse sentimento inexplicável e confuso ao mesmo tempo, é um sentimento que não pode ser medido, muito menos contado. Ele não pode ser contrariado, muito menos, esquecido.

O amor é para ser vivido intensa e completamente, e eu me certificaria de que faríamos isso pelo resto de nossos dias.







## **5 anos depois**

— Felícia, se você sair correndo, vai se machucar!

Ouvi a Marcela gritar para a nossa filha e apenas ri, enquanto acendia a fogueira, a noite seria longa e fria pelo que estava previsto.

Sentei-me ao lado do Fred e mexi nos cabelos dele.

— O que foi, garotão?

— Papai, *tô* com frio — falou, e eu sorri.

— Vem aqui, que eu vou te esquentar.

Coloquei-o sentado no meu colo e o abracei.

Felícia e Fred eram gêmeos, e estavam com três anos de idade. Eram duas crianças com personalidades completamente diferentes, enquanto a Felícia era animada e extrovertida, o Fred era mais quieto no canto dele. Mas os dois eram muito unidos em suas peculiaridades e isso nos deixava feliz.

— Essa garota parece ter mola nos pés! — Marcela reclamou, e se sentou ao meu lado, enquanto Felícia gargalhava no colo da mãe.

Depois que a empresa fechou de vez, decidi procurar outra coisa para fazer, queria algo que pudesse ser do meu gosto e que me deixasse feliz ao mesmo tempo, sem cobranças e estresse.

Então decidi abrir uma espécie de colônia de férias. A parte da cobrança, eu não tinha, já o estresse veio em dobro, pois cuidar de 30 crianças na casa dos 8 aos 12 anos não era fácil, mas eu amava o que eu fazia.

A Marcela era minha sócia no negócio, ela usou o dinheiro que o pai dela havia deixado como herança, para investir na minha ideia maluca e havia dado certo, estávamos há 4 anos no mercado e éramos referência na cidade de São Paulo e modéstia à parte, as crianças me adoravam.

— Papai, você vai contar uma história? — Fred perguntou baixinho.

— Claro! Fica sentado aqui com a mamãe! — falei, colocando-o na perna livre dela.

A gravidez da Marcela veio como uma grata surpresa, foi maravilhoso acompanhar passo a passo do desenvolvimento dessas duas preciosidades que são os meus filhos.

Ainda bem que foram dois, pois nossos amigos entrariam em briga na hora de ser os padrinhos, por esse motivo, a Ariella e o Rômulo eram padrinhos da Felícia e o Antônio e a Emilly, padrinhos do Fred, e deu muito certo,

parecia que a personalidade deles casaram completamente. Queria nem imaginar quando eles tivessem filhos.

— Papai, conta da Valente! — Felícia gritou, batendo palmas.

— Mas eu quero Peter Pan — Fred resmungou.

— Papai vai contar dos dois, que tal? — Marcela falou, abraçando os dois e eu sorri para ela.

Eles bateram palmas e eu gargalhei, os dois, sem dúvidas, eram a melhor parte do meu dia.



— Coloquei as crianças para dormir, pensei que não fossem pegar no sono, nunca.

Marcela se sentou ao meu lado e eu a puxei para mais perto.

— Olha como as estrelas estão lindas — falei.

— Estão mesmo. Faz tempo que não consigo contemplar um céu assim, tão lindo.

Virei-me para olhá-la e acabei sorrindo, fazendo-a me questionar apenas com um olhar.

— Eu me apaixono por você todos os dias, sabia?

Sua mão veio para o meu rosto, fazendo carinho.

— Pensei que enjoaria de mim com um ano de namoro.

— Quase aconteceu — falei, e levei um tapa, ri e a puxei para um abraço.

— Obrigada por não desistir de mim — falou baixinho.

— Desistir de você não era uma opção, era como desistir da minha própria vida e eu não consigo fazer isso.

— Gustavo — chamou, se afastando de mim.

— Sim?

— Você quer casar comigo?

Pisquei e franzi o cenho.

— Pensei que eu tinha que fazer esse pedido.

Ela revirou os olhos e sorriu.

— Com a gente, nada é do jeito convencional, certo? E eu estou esperando esse pedido há anos!

Sorri e beijei a ponta do seu nariz.

— Você é bem apressada, senhorita — falei, enquanto mexia no bolso do casaco que estava usando e tirava uma caixinha de dentro dele.

— O que é isso...

— Bom, eu estava esperando o momento certo, sabe? Mas você decidiu me pedir primeiro, então eu tive que adiantar.

— Você iria me pedir quando? — questionou, os olhos brilhando.

— Durante o nascer do sol, mas acredito que durante a noite estrelada também dê.

— Ah, Gustavo, você não existe.

— Existo e você sabe disso. — Me afastei dela e abri a caixinha, pegando um anel e segurando sua mão. —  
Marcela Ferreira, aceita se casar comigo?

— É logico que eu aceito!

Ela me beijou e eu sorri.

— Te amo, sabia?

— Eu também te amo, para sempre e sempre, sempre.

Voltamos a nos beijar, com apenas a lua e as estrelas para registrarem o nosso amor.

Eu não poderia ter escolhido companheira melhor para passar o restante dos meus dias, ela era a mulher da minha vida e a dona das minhas realizações,

Quem me dera aquele ser o fim, era só o começo de muitas histórias que viveríamos juntos!









— Esses são os resultados dos exames da paciente Patrícia Braga — Ester disse, me entregando um envelope branco.

— Como ela está? — questionei.

Sim, eu estava preocupado, tinha mais de três semanas que havíamos resgatado ela do cativeiro onde passou muito tempo presa, em condições deploráveis, sem assistência básica e alimentação. Desde então ela tem estado internada e dormindo, seu corpo estava fraco e falta de nutrientes causou uma anemia profunda, fora outras doenças que ela adquiriu ali.

— Dormindo — Ester respondeu e podia notar a preocupação em seu rosto.

— O que diz os exames? — questionei.

— É isso que está me deixando pensativa. — Ester me encarou por alguns segundos até voltar a dizer. — Realizamos nela todo o tipo de exame possível, descobrimos incisões inflamadas em algumas partes do seu corpo, como se fosse um procedimento cirúrgico, mas sem requisitos mínimos. Em um dos exames, percebemos a falta de um rim, partes do fígado e do pâncreas.

Franzi o cenho.

— Isso é possível.

— No estado que ela se encontra? Não, as chances de ela acordar são baixas, o corpo dela está fraco, os sinais vitais são quase inexistentes.

Fechei os olhos, Patrícia era a única testemunha que podia me dizer o possível paradeiro de seu ex-marido.

— Obrigada, Ester. Estarei voltando para a delegacia, qualquer coisa me liga.

— Pode deixa, bom trabalho delegado.

Assenti e me virei para ir embora, ainda com as frases da médica em minha cabeça. O quão psicopata um homem poderia ser? Torturar a ex-mulher e além de mantê-la em cárcere privado por meses, no caso dela, anos.

Entrei dentro do carro, mas não saí de imediato. Tinha algo que eu não estava pegando, algo muito sério, a peça que faltava no quebra-cabeça. Só precisava colocar a mente para funcionar.



Cheguei na delegacia e já se passavam das sete da noite, haviam poucas pessoas, cumprimentei algumas e fui

direto para a minha sala. A fuga do Afonso era algo que estava me tirando o sono no último mês, o caso era notícia em todos os jornais e descobrir como ele tinha fugido e com a ajuda de quem era primordial.

Eu tentei conversar com a Mariana, a mulher que ele usou para chegar na família Simmons, mas de acordo com os médicos ela estava em uma espécie de transe e dificilmente falaria alguma coisa naquele momento.

O que me deixava de mãos abanando, porque eu não sabia mais onde procurar ou o que procurar.

Uma batida na porta chamou minha atenção e em seguida ela foi aberta.

— Posso entrar?

Olhei para a Emily e respirei fundo, assentindo em seguida.

— Pensei que estaria na faculdade agora — falei.

— Tenho a primeira aula livre, então resolvi passar aqui antes de ir para lá.

— Certo.

O clima entre nós dois estava estranho e eu não sabia dizer se era por conta da crise de ciúmes que tive no último mês com ela, ao pega-la com um homem, ou por dizer que nós dois não teríamos nada além de uma amizade.

— Como você está? — perguntou.

— Cansado, eu só queria no mínimo uma noite de sono sem preocupações.

— Você me parece tenso — comentou e eu concordei.

Ela ficou calada, como se não soubesse bem o que dizer. Observei seu olhar percorrer toda a sala antes de focar em mim novamente e sorrir timidamente.

— Não quero atrapalhar você, irei pra faculdade agora.

Ela se virou e eu me levantei indo até ela, segurando sua mão.

— Espera, Emilly — pedi, fazendo-a me olhar.

— Eu vou me acabar me atrasando, depois a gente conversa.

Ela soltou a mão da minha e eu a observei deixar a sala, fechei os olhos e respirei fundo. Além dos meus problemas como delegado, minha vida amorosa estava em constante batalha entre o certo e o errado.

Voltei a sentar na minha mesa e abri a primeira gaveta, pegando a foto que foi tirada no dia do meu casamento, tracejei o rosto da minha falecida esposa e sorri tristemente. As vezes a saudade apertava tanto que era impossível suportar.

— Helena, sinto tanto sua falta, porque você tinha que me deixar tão cedo?

Eu fui feliz no meu casamento, até receber a notícia de que a minha esposa havia sido assassinada, até meu mundo cair e eu decidir que não poderia envolver as pessoas que eu amava dentro do meu trabalho.

Meu trabalho era perigoso por vários motivos, eu abria mão de várias coisas por esse trabalho e uma dessas coisas era a minha felicidade, eu não podia ser feliz, muito menos fazer uma pessoa feliz. Por esse motivo não queria que a Emilly entrasse na minha vida como mais que uma amiga, não poderia deixa-la correr esse risco, não suportaria perder mais uma pessoa que eu amo.

Liguei o computador e esperei o sistema iniciar, peguei meu celular para mandar uma mensagem para a minha mãe, mas parei ao ver uma mensagem uma mensagem da Emilly.



*Não sei se consigo ser sua amiga dessa forma, Antônio, estou tentando de todas as formas, procurei não dar razão aos meus sentimentos, mas continuar olhando para você e saber que nunca poderei ficar com você da maneira que eu quero é a pior coisa do mundo. Por isso tomei uma decisão, pode não ser a mais certa, mas é necessário para mim no momento, não quero mais te ver, preciso esquecer o que sinto por você e o que você representa para a minha vida. Obrigada por ter sido o meu amigo, por todos os momentos que me consolou e por ter me ajudado em várias coisas, mas agora preciso caminhar com minhas próprias pernas. Espero que entenda isso e não me procure mais. Até um dia.*

Olhei para a foto no aplicativo e a vi sumir, assim como o status de online desaparecer.

Bloqueei a tela e fechei os olhos, acho que realmente meu destino era ficar sozinho.

Sozinho e com todos os meus fantasmas.



Passei parte da madrugada na delegacia, depois que sai ainda fiquei dirigindo sem rumo, chegando em casa apenas ao amanhecer. Eu não tinha um pingô de sono, a mensagem da Emilly martelava na minha cabeça a todo instante enquanto eu tentava não dar importância a isso, mas eu dava, não era algo que eu poderia ignorar com facilidade.

Sai da cozinha e peguei as chaves do meu carro, eu ia até o apartamento da Emilly, precisava conversar com ela, conversar não, precisava contar a verdade para ela, precisava que ela soubesse o que eu sentia por ela.

Havia deixado o carro do lado de fora, então me apressei em entrar e ligar o veículo, foi nesse momento

que eu olhei para frente e tudo pareceu parar. Pisquei inúmeras vezes para ter certeza de que eu não estava vendo uma miragem ou que aquilo era fruto da minha imaginação.

— Helena... — sussurrei e desci do carro.

Bati a porta sem tirar os olhos do outro lado da rua, na figura da minha falecida mulher que me olhava pacientemente.

Estava pronto para atravessar a rua, mas um caminhão passou, me fazendo quebrar o contato com a mulher parada do outro lado, quando ele passou, ela havia sumido, desaparecido sem deixar rastros.

— Helena — chamei. — Helena!

Fiquei olhando para o ponto onde eu a tinha visto. Eu não estava ficando louco, eu tinha certeza disso, eu tinha acabado de ver a minha esposa, a mesma que foi dada como morta anos atrás.

A minha Helena.

*Continua em **MEU DELEGADO ENVOLVENTE...***





Primeiramente a Deus, por ter me dado a oportunidade de escrever e mostrar a vocês o meu trabalho.

Aos meus pais por todo o apoio, carinho e compreensão, sem vocês eu não teria terminado este livro.

Josilene, minha melhor amiga, obrigada por aguentar meus surtos de vez em quando, te amo!

Autora Ana Caroline e Carla Freitas que betaram esse livro e me deram dicas incríveis.

Bah Pinheiro, um anjo em forma de revisora na minha vida, obrigada por ter dado o toque final que esse

livro precisava!

Mari Sales que fez esta capa perfeita, obrigada!

Minhas leitoras do wattpad, do grupo do face, do whats, obrigada por não terem desistido de mim, espero que tenham valido a pena no final.

E a você leitor, que esperou ansiosamente por esse livro, muito obrigada!

Juju Figueiredo!







Juju figueiredo, pseudônimo de Alice Lima, tem 22 anos, ex estudante de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Apaixonada por romances e pela escrita. Escreve desde os 14 anos de idade, porém só se aventurou a publicá-los quando tinha 17 anos. Publicou seu primeiro livro na Amazon, Apenas mais um CEO, em março de 2019. Possui mais obras completas e sendo escritas na plataforma wattpad.





## **Duologia CEO**

Um CEO em busca do amor -

<https://amzn.to/2ZU4e0w>

Um CEO em busca do amor -

<https://amzn.to/2ZU4e0w>

## **Trilogia Recomeços**

Simplesmente amor - <https://amzn.to/2tzDgQ4>

Entre Girassóis - <https://amzn.to/2ZSjMBY>

Sobre cacos de Vidro: <https://amzn.to/2Flw5O3>

## **Serie Envolvente**

Meu Professor Envolvente - <https://amzn.to/2Qr6rxw>

Meu Juiz Envolvente - <https://amzn.to/2ZR9G4s>

Meu Médico Envolvente - <https://amzn.to/35vGNMB>

Meu Policial Envolvente - <https://amzn.to/35jBJL2>

Combustão: <https://amzn.to/39V51mb>

## **Livro único**

Meu Conto de Fadas - <https://amzn.to/2sQ8p1l>

O concerto: <https://amzn.to/2xAw1Jo>

Maktub – Estava escrito: <https://amzn.to/2VwKu2u>

Sempre te Amei: <https://amz.run/3O3O>

## **SÉRIE INTENSOS**

Apenas um Contrato: <https://amz.run/3O3P>

